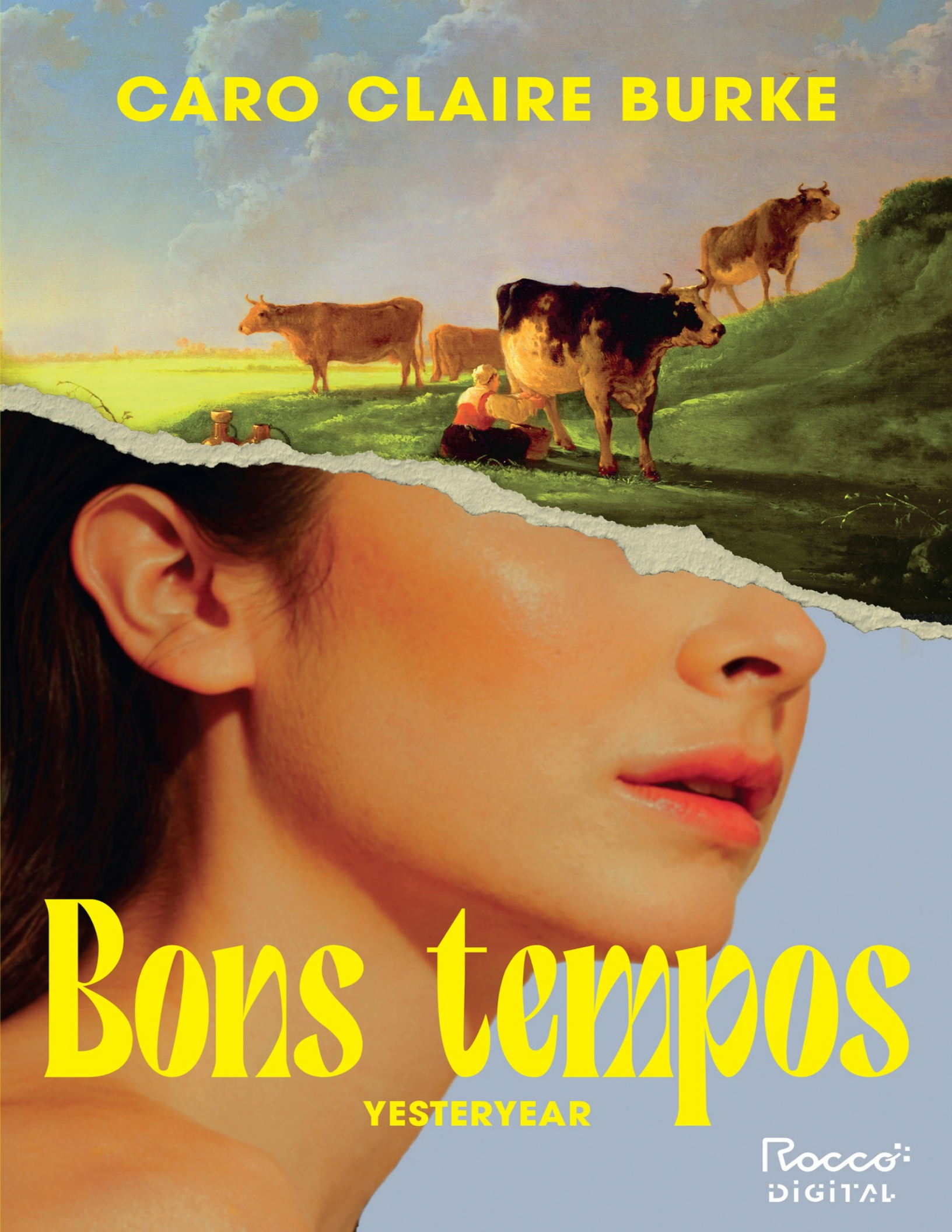
CARO CLAIRE BURKE



Bons tempos

YESTERYEAR

Rocco DIGITAL

CARO CLAIRE BURKE

Bons tempos

YESTERYEAR

Tradução de Anna Carla Castro

Rocco DIGITAL

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Parte um: O passado

Parte dois: O presente

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Parte três: O futuro
Epílogo: Cinco anos depois
Agradecimentos
Créditos
A Autora
Índice

PARTE UM

O PASSADO

ESSE É O ÚLTIMO DIA da vida que imaginei para mim.

Como de costume, acordei dois minutos antes do alarme: 5h58 e *pronto* — olhos bem abertos, pronta para encarar o dia. Nunca tive dificuldade para acordar de manhã. Nunca apertei o botão de soneca, nem uma vez sequer. A sobriedade ajuda. Não bebo. A disciplina também. Nasci com disciplina de sobra, praticamente transbordo disciplina, o que explica por que nunca tive muita dificuldade com nada na vida. Nem a maternidade, nem o casamento, nem meu próprio negócio ou minha devoção a Ele. Tudo se colocava como uma série de tarefas a serem cumpridas a cada dia, na hora certa, na ordem certa. Sei que não é tão fácil para os outros, mas, para mim, é.

Por isso todos aqueles desconhecidos gostavam tanto de mim.

Por isso, e pela grana. A grana com certeza ajudava também.

Estávamos no inverno. Janeiro. Uma frente fria tinha acabado de chegar. Perto da janela do meu quarto, o aquecedor soprava ar quente. Lá fora, o céu estava preto como piche e continuaria assim por algumas horas. Nossa fazenda ficava em um vale entre duas montanhas em Idaho, o que significava que não víamos o sol até umas nove da manhã durante o inverno. Estávamos localizados ao fim de uma viagem de oito quilômetros por uma estradinha rural de cascalho. Nem mesmo aviões sobrevoavam a região.

No escuro, eu podia ouvir os mugidos distantes da Sassafrás, nossa amada vaca leiteira. Pelo tom e timbre de seus gemidos era possível saber que meu marido, Caleb, estava tirando leite dela. Bem na hora. Ele era bom.

Meu marido não era nada disciplinado antes de a gente se conhecer. Era o caçula de cinco meninos, o último da ninhada de uma dinastia americana. Seu pai era senador em uma longa linhagem de senadores americanos e estava em plena campanha presidencial (agora vai!); sua mãe era uma dona de casa que passou a

maior parte da vida afogando-se em Chardonnay. Juntos, com uma combinação quase fatal de negligência paterna e piedade materna, eles criaram Caleb para ser frouxo, mimado e doce. Mas a única coisa mais valiosa do que alguém que já nasce com dádivas divinas é uma pessoa aberta ao aprendizado, e meu marido, *aquele homem*, era aberto a isso.

E quem eu era?

Uma cristã sem defeitos. A fantasia da garota americana que povoa os sonhos mais profundos e obscuros da nação. A mãe que toda mulher deseja ser e a esposa que todo homem queria encontrar em casa ao fim de um dia. Assim como uma freira em um filme pornô, isso não fazia sentido, mas também, juro por Deus, funcionava.

Meu nome é Natalie Heller Mills, e eu era perfeita vivendo.

No silêncio, entre os gemidos quase humanos de prazer que Sassafrás dava (às vezes eu brincava on-line que a amante do meu marido era uma vaca, *haha*!), era possível ouvir ao longe o cacarejar do galinheiro, aquele *có-có* meditativo que era praticamente uma máquina de ruído branco na fazenda. Eu amava nossas galinhas. Eram tão domesticadas quanto cachorros e tão inofensivas quanto bebês. Às vezes eu ia para o galinheiro só para ficar lá sentada com elas. Gostava de acariciar o pescoço sedoso e deixava que bicassem a comida na palma da minha mão.

Em breve seriam abatidas. Na escuridão, minha boca se encheu de água. Estava morrendo de vontade de tomar um caldo de ossos de galinha fresquinho. Depois que a gente passa a fazer o próprio caldo do zero, aqueles prontos do mercado parecem nojentos.

Pela fresta da porta do quarto entrou o som de um risinho de menino. As crianças estavam no fim do corredor, tomando café da manhã. Fechei os olhos, sentindo o ritmo da casa como uma batida de coração. A babá Louise, "um presente de Deus para nossa família", estava no fogão preparando panquecas. Shannon, minha produtora, "braço direito", estava na pia da cozinha montando o equipamento de vídeo para um longo dia de trabalho. Stetson e Samuel, "meus homenzinhos queridos", estavam sentados à mesa, empurrando e puxando um ao outro como dois bobos. Clementine, "minha mais velha, aquela que me fez mãe", estava sentada à cabeceira, ignorando os irmãos enquanto lia um livro. A babá Aimee, "a segunda no comando", se movia pela casa, acordando os pequenos, beijando suas pálpebras sonolentas, forçando com gentileza meus dois bebês a encarar o dia. Ela trazia um para a cozinha, entregava para a babá Louise, depois voltava para pegar o outro.

Fechei os olhos e fiz meu agradecimento diário a Deus por tudo que ele me

deu.

Obrigada, Pai, por Caleb. Obrigada pela herança. Obrigada por Clementine, Samuel, Stetson, Jessa, Junebug e o anjinho cujo nome ainda não escolhemos.

Por instinto, pus a mão sobre a barriga. Estava com trinta e dois anos. Grávida de seis meses de nossa sexta filha. Estava sendo a gestação mais tranquila até ali, embora todas tenham sido relativamente calmas. Nasci para ser mãe. O momento em que eu me sentia mais ligada a Ele era quando recebia a tarefa de carregar uma de Suas criações.

(Viram o que eu disse? Perfeita.)

Sob a palma da minha mão, minha bebezinha virou. Minha criaturinha marinha. Eu a amava tanto!

Obrigada por cuidar dos animais da fazenda, Senhor, e obrigada por termos passado de cinco milhões de seguidores no Instagram esta semana. Faltam poucas almas para alcançarmos um milhão no YouTube, Senhor. É graças a Você, e apenas a Você, que alcancei tantas mentes e corações. É em Seu nome que trabalho e espalho Sua palavra.

Um enjoo percorreu meu corpo, e me senti mal. Às vezes minha vida perfeita e o jeito como eu me saía bem no papel principal me davam náusea.

Na mesa de cabeceira, o despertador do telefone começou a tocar. Eu me estiquei e o silenciei, depois afastei os lençóis e me levantei.

Nem sempre tivemos tanta ajuda. Nos primeiros anos, éramos apenas nós, as crianças e a fazenda. Quando engravidei pela quarta vez, contratamos a babá Louise. Na quinta vez, contratei a babá Aimee e, pouco depois, contratamos a produtora Shannon. O que tínhamos agora, em termos de apoio, era mais que o suficiente por enquanto. Isso permitia que eu estivesse presente para meus filhos e meus seguidores de todas as formas que desejava em diferentes momentos do dia. Essa é a questão em ser mãe, esposa e influenciadora, tudo ao mesmo tempo: é como amamentar três bebês de uma só vez. É como seduzir três pessoas ao mesmo tempo.

> Por que você não mostra a ajuda que recebe por trás das câmeras?
>
> — Amamos nossos funcionários, são como família, então fazemos de tudo para manter a privacidade deles, como nos pediram. Jamais me perdoaria se meu perfil aqui acabasse os prejudicando de alguma forma.

Quando entrei na cozinha, a produtora Shannon estava no canto, ajeitando um tripé, enquanto meus quatro filhos mais velhos tomavam café sentados à mesa, todos usando um suéter grosso de lã. A babá Louise estava ajudando Jessa, nossa

filha de três anos e meio, a servir suco de laranja no copo.

— Eu consigo sozinha — resmungou Jessa.

A babá Louise, que também atuava como professora em casa, assentiu e respondeu:

— Claro que consegue. Olha, você está fazendo isso agora. Sozinha. Que mocinha.

Jessa sorriu. A mera menção de sua autonomia foi o bastante para fazê-la esquecer que as mãos da babá Louise nunca soltaram a caneca.

— Que mocinha — repetiu ela.

A babá inclinou o copo, e minha menininha bebeu com vontade. Observei com olhar de aprovação enquanto a polpa escorria por seu queixo. Era suco caseiro. O tutorial iria ao ar esta semana.

— Bom dia! — falei para todos.

Cinco cabeças se viraram em minha direção. Em resposta, ouvi um coro alegre:

— Bom dia, mamãe.

Rodeei a mesa, beijando cada bochechinha perfeita, bagunçando cada cabelinho perfeito. Todos os meus filhos, até os meninos, tinham cabelos compridos. As meninas se pareciam comigo: tinham sardas, rosto fino, cabelos escuros, expressões que tendiam a uma seriedade penetrante. Se você nos pegar contrariadas, não seria surpresa se viesse à mente a imagem de um mártir do século XVI fazendo greve de fome. Já os meninos se pareciam com Caleb: bochechas coradas e sorriso largo. Quando andavam juntos (e isso acontecia bastante; os meninos idolatravam Caleb), pareciam um trio de políticos enfileirados durante alguma campanha, vasculhando o país em busca de bebês para beijar.

Eu mal prestava atenção às diferenças entre as crianças. As duas meninas e os meninos falavam de forma parecida, riam de forma parecida. Suas roupas eram um arco-íris de tons neutros. A mesma pilha de tons oliva, castanho e ocre vinha se acumulando a mais de uma década em nossa crescente árvore genealógica.

É impressionante o quanto um bom algodão pode durar.

Fui até meus meninos, Stetson e Samuel. Stetson tinha oito anos, um a menos que Samuel, mas desde o último verão eles tinham a mesma altura e peso. Com os cabelos batendo nos ombros e sua forma brusca e destrambelhada de fazer tudo — correr, brincar, realizar as tarefas, enfiar a comida na boca —, os dois lembravam pôneis de competição.

Pus as mãos na cabeça deles enquanto comiam o cereal com a voracidade de

meninos e os senti se mexendo sob minhas palmas como dois tratores possuídos.

— Qual a programação de hoje, meninos?

— Precisamos fazer um cercado novo para a Sassafrás — disse Stetson, com a boca cheia.

— Hum, muito importante. O papai vai adorar a ajuda — respondi.

— O papai falou que posso usar a pistola de pregos.

Samuel empurrou Stetson, derrubando da mão do irmão a colher, que caiu tilintando no chão:

— É a *minha* vez de usar a pistola.

— Os *dois* vão usar a pistola de pregos — afirmei. — Babá Louise…?

Ela concordou com a cabeça, limpou a polpa das bochechas e do queixo de Jessa, e se levantou para limpar a bagunça.

As pessoas se recusavam a acreditar que meus bebês eram tão tranquilos quanto pareciam on-line. "Não tem como essa ser a vida deles de verdade!!!!", escreviam as mulheres raivosas (era assim que eu e Caleb as chamávamos: mulheres raivosas). E minha resposta era: não mesmo, é claro. A principal missão da mãe é proteger seus filhos do mundo. Não havia motivo para uma bruaca raivosa em Manhattan saber como Samuel poderia ser bruto com seu irmão (e às vezes com as irmãs) nem testemunhar a pirraça diária de Stetson por causa de aritmética (eu amava aquele menino, mas ele não tinha sido agraciado com uma mente muito sagaz). Se as mulheres raivosas soubessem de qualquer falha dos meus filhos, iam pirar com sua sede por sangue. Também ficariam arrasadas. É lógico que não se davam conta disso, mas precisavam tanto de mim quanto eu delas. Era uma relação simbiótica. Eu era um tubarão, e elas eram cinco milhões de peixinhos que se alimentavam dos nutrientes que caíam da minha boca.

Aquelas idiotas. Elas estavam doidas para me devorar. Não faziam ideia de que era eu quem as mantinha vivas.

> Como se sente sabendo que milhões de pessoas no mundo conhecem detalhes íntimos sobre seus filhos?
>
> — Mostro apenas fragmentos bem limitados da vida deles. Além disso, nenhum deles tem qualquer acesso a telas, você já leu as pesquisas sobre isso? Sobre o que o tempo de tela pode fazer com os cérebros das crianças? Se quer saber, meus filhos estão muito melhor nesta casa, onde às vezes aparecem em alguns vídeos do meu perfil, do que estariam em outra, com a cara no iPad a noite toda. É sério. — Som de cacarejos solidários. — É uma epidemia. É tão triste! Você devia ler sobre isso.

— Acordou cedo — falei para a produtora Shannon enquanto servia meu café.

— Não consegui dormir.

Ela estava franzindo o rosto para um dos botões da câmera, movendo numa direção, depois na outra, com uma expressão ranzinza. Quando chegou ao rancho, Shannon tinha dezenove anos, havia abandonado a faculdade Barnard, pintava o cabelo de rosa, usava um piercing no nariz e estava disposta a prestar serviço profissional pelo valor de um estagiário. Agora estava com vinte e um anos. O piercing continuava lá; o cabelo rosa deu lugar a seu castanho natural. Eu não sabia se isso era sinal de uma mudança de identidade ou se era apenas por questões práticas, já que estávamos a uma hora da cidade mais próxima. Não havia muitas opções de coloristas perto de uma fazenda de duzentos hectares.

Fiz uma pausa, depois disse com delicadeza:

— São aqueles sonhos de novo?

Ela me olhou:

— Quem contou para você sobre os sonhos?

Nos sonhos, Shannon ficava no alto da encosta mais próxima vendo a fazenda pegar fogo. A casa, o galinheiro, os jardins: tudo em chamas. Bolas de fogo do tamanho de carros caíam do céu violeta. Conforme o fogo se espalhava pelos campos, ela corria — ou tentava correr — enquanto o celeiro desabava, os animais berrando nos destroços. Às vezes, conseguia nos ver acenando para ela de longe. Dizendo algo. E às vezes, quando o sonho durava esse tanto, conseguia ver raios de luz vindo dos céus, iluminando com graça meus filhos, Caleb e eu. Salvando todo mundo, menos ela.

— A babá Louise está preocupada com você — comentei, o que era mais diplomático do que dizer o que pensei: *A babá Louise está cansada de acordar no meio da noite com seus gritos*. Todos os funcionários da fazenda viviam em quartos em cima dos estábulos, perto da sala de aula.

— Estou bem. Não é nada.

Ela se debruçou por cima de mim para plugar um carregador. Por um momento ficamos quietas, lado a lado no canto da casa onde passávamos quase todas as horas do dia juntas.

Você deve ter a cozinha mais amada dos Estados Unidos hoje em dia. Pode nos falar um pouco sobre isso?

— Meu Deus… Não sei nem por onde começar.

Pelo olhar astuto da câmera, o espaço onde eu cozinhava parecia uma bagunça, perfeitamente abarrotado: um pote de vidro com água pela metade, um pouco de

farinha derramada ali, alguns caules de flores espalhados em uma tábua gasta de cortar. Parecia a estação de trabalho de uma mãe; uma cozinha do mundo real, só que bem melhor do que qualquer coisa que o mundo real tinha a oferecer, claro. As pessoas acham que querem o minimalismo, acham que querem uma casa sem coisas, quando na verdade uma casa imaculada faz com que elas queiram se matar. Um lugar precisa parecer habitado para alguém querer viver nele. É uma conclusão bem óbvia, quando se tira um tempo para pensar nisso, mas a maioria não tira um tempo para pensar em nada. A maior parte das pessoas é idiota.

Outra vantagem dessa área da cozinha era que ficava perto de várias janelas, então a iluminação, depois que o sol nascia, era perfeita a qualquer hora do dia. Só de ficar parada nesse canto da cozinha, eu parecia e me sentia seis anos mais jovem. Cirurgia plástica divina, era como chamava particularmente, mas jamais sonharia em dizer isso on-line. As mulheres raivosas me comeriam viva.

> Você já fez alguma plástica?
>
> Risos, risos e mais risos.
>
> — *Meu Deus*, não. Desculpa, sem querer ofender quem já fez, mas eu? Pessoalmente? Jamais faria isso.

Inexpressiva, Shannon olhava as janelas, que nesses inícios de manhãs de inverno pareciam um portal para um mundo coberto de preto. Eu sabia que ela estava pensando nos sonhos. Estava claro que não fazia a menor ideia do que aquilo significava. Como podia ser tão burra? Deus estava claramente tentando falar com ela. Da forma mais direta possível, estava mandando sinais de fumaça, pombos-correio e escrevendo mensagens no céu, e ela estava ignorando tudo. Ia acabar marcando uma chamada de vídeo com algum intérprete de sonhos trambiqueiro antes de pelo menos considerar que seu cérebro pudesse lhe oferecer uma visão sem metáforas. Era triste ver essa revelação passar batida por ela, mas não chegava a ser uma surpresa. O cérebro de Shannon, educado em parte por Barnard, era um instrumento grosseiro, mundano e flácido; era uma ferramenta tão apropriada para se comunicar com Deus quanto um par de espátulas de silicone para fazer uma cirurgia cardíaca.

E por que Deus queria tanto falar com ela?

Bem. Ela tinha se comportado mal.

Shannon se virou para mim, e nossos olhos se encontraram. Meu rosto corou por ter sido flagrada olhando para ela com uma expressão tão clara de julgamento.

— Ah, aliás, meu celular novo chegou hoje — comentou. — Obrigada mais

uma vez por me deixar escolher a entrega rápida.

— Claro.

Uma das crianças aparentemente derrubou o telefone de Shannon em uma poça na semana anterior. E, como eu era uma ótima chefe, resolvi isso no mesmo instante: dei o cartão de crédito da empresa para que ela pedisse um novo e ainda fiz uma piadinha leve: "Não quero te deixar presa aqui, sem acesso ao mundo real!"

— Você não ia usar o avental roxo hoje?

— Ih! *Ops*. Cérebro de grávida — falei, rindo.

Eu odiava essa expressão, *cérebro de grávida*, mas era uma forma ótima de fazer as pessoas se identificarem comigo. Eu estava usando um avental azul-marinho. A ideia era aproveitar esses vídeos para anunciar uma nova opção de cores para os aventais em nossa loja on-line (35,99 dólares, 100% algodão, botões de plástico reciclado, feitos na Espanha).

— Vou buscar.

Quando eu estava deixando a cozinha, a babá Aimee entrou com minha neném, Junebug. Jessa se levantou da mesa, o copo agora vazio, e começou a me seguir, toda graciosa como um dente-de-leão. Agarrou a mão de Junebug quando passou por ela, e logo as babás estavam melancolicamente chamando pelas meninas enquanto as duas me seguiam escada acima.

— Não tem problema — eu disse, olhando para trás. — Elas podem vir comigo.

Era uma dádiva de Deus que tivéssemos sido abençoados com três meninas em sequência. Todas as crianças eram dádivas divinas, é claro, mas *grupos de meninas*, pequenos conjuntos de duas ou três joias? Já era outro nível. Uma menina era adorável, um menino era ótimo, mas *meninas*, *no plural*, eram a própria personificação de arco-íris e fofura. Bolas radiantes de deleite. Eram criaturas tão voltadas para a vida em comunidade; a cada nova adição de uma mocinha para sua tribo de mocinhas, parecia que todas cresciam um pouco mais, brilhavam um pouco mais. Uma carregava a outra como boneca. Uma trançava o cabelo da outra. Elas se beliscavam, arrumavam e cutucavam com obsessão maternal.

Eu gostava de dizer que os meninos iam nos alimentar quando estivéssemos velhos e debilitados, mas as meninas? Elas iam dançar em volta de nossas cadeiras de rodas, jogar pétalas sobre nossos túmulos. Além disso, devo admitir: era mais fácil treiná-las. Os meninos às vezes resistiam e se frustravam ou se entediavam, mas as meninas não. Elas podiam passar horas atuando sem reclamar, como a mamãe.

— Mãe.

Fiz uma careta por instinto, depois suavizei minha expressão.

— Sim, meu bem?

Eu estava parada na frente do espelho do quarto, ajeitando o avental novo, e minha filha mais velha, Clementine, estava na porta. Tinha feito doze anos no verão e parou de me chamar de mamãe poucos dias depois. Meus olhos tremiam toda vez que eu a ouvia me chamar de "mãe"; eu detestava essa palavra. Tinha um som tão feio, tão brusco e masculino, bem menos musical que minha alternativa favorita. Mas não encrenquei. Clementine era pré-adolescente, o que significava que estava me testando. E a pior coisa que eu poderia fazer era revidar.

Pelo espelho, vi Clementine atravessar o quarto e se sentar na minha cama, perto das meninas.

— O que é uma esposa tradicional?

Som de disco arranhando.

— Quem te ensinou essa expressão?

— Por quê? É feia?

— Esposa tradicional — Jessa pronunciou e deu um risinho. Jogou a cabeça para trás e repetiu: — *Esposa tradicionaaaaal!*

Era quase como se Clementine pudesse ouvir as engrenagens do meu cérebro se movendo a toda velocidade, pensando nas quinhentas respostas possíveis para aquela pergunta. Minha primogênita era igual a mim, não só na aparência, mas também na personalidade: a mente era afiada feito uma faca. Agora que estava começando a se tornar mulher, eu achava nossas semelhanças um pouco inquietantes. Como se assistisse ao meu clone vindo de longe na minha direção: o que aconteceria quando me alcançasse?

Sei bem que esse não é o tipo de coisa que devemos sentir pela própria filha. Mas a maternidade tem curadoria própria. Isso significa que toda mulher que conheço mentiu para mim sobre como era ser mãe, antes de eu me tornar uma.

Se seus filhos um dia se tornassem influenciadores, você teria orgulho?

— Só quero que meus filhos sejam felizes.

Sorriso bem grande.

Escolhi a ambivalência casual. A pior coisa que se pode fazer é deixar uma criança ver que você se incomodou com algo.

— Sei que faz referência à tradição. Algumas pessoas se referem a mulheres iguais a mim como esposas tradicionais por motivos óbvios.

Por algumas pessoas, eu queria dizer as mulheres raivosas. Eram elas que me chamavam de esposa tradicional, que usavam essa expressão como se fosse algo maligno, como se tradição não fosse uma palavra positiva para qualquer pessoa com um mínimo de sanidade. Mas elas não eram sãs nem felizes, nem acreditavam muito em responder pelos próprios erros. Em vez de se perguntarem por que gastavam tanto de seu tempo precioso consumindo a vida de outras pessoas, quando poderiam estar fazendo as próprias refeições ou até mesmo fazendo algum contato visual com os próprios filhos; em vez de se perguntarem por que passavam tanto tempo mergulhadas em sua inveja nojenta — quando poderiam se dedicar a construir uma vida de que se orgulhassem. Pelo visto, estavam mais interessadas em tomar uma garrafa de vinho toda noite e depois desabafar, em salas de bate-papo, tudo que sentiam sobre mim. Acho que estou presumindo que sejam alcoólatras, mas, considerando a quantidade de erros de digitação de suas mensagens, não me parece que seja um pensamento infundado. Aparentemente, as esposas tradicionais estavam *arrunando* o país por continuarem *cassadas* com seus maridos. As esposas tradicionais estavam *desturindo* os Estados Unidos porque gostavam de passar o tempo com seus *filohs*.

A isso eu respondia, com uma das seis contas anônimas que tinha: *Nossa, que Deus nos proteja disso!*

Antes de me chamarem de esposa tradicional, essas mulheres me chamavam de fanática religiosa, líder de seita e parideira. Comparado a isso, o termo "esposa tradicional" parecia até leve.

— Eu, particularmente, não acho que celebrar tradições seja algo ruim. E vocês?

As duas meninas menores balançaram a cabeça.

— Não, mamãe. Nós te amamos, mamãe.

Mas Clementine só ficou parada me olhando.

— Então quer dizer que você é?

De repente, senti como se estivesse prestando um depoimento.

— Clementine, quem te falou que eu sou uma esposa tradicional?

— Ninguém — respondeu e, do nada, parecia entediada. — Credo, foi só uma pergunta.

Quando ela se levantou, voltei a encarar meu reflexo e me concentrei no laço do avental. Já não estava sorrindo.

— Peça à babá Louise que acompanhe a previsão do tempo — orientei Clementine. — Deve chover hoje. É melhor as crianças usarem botas.

Minha filha não respondeu e, quando me virei, já tinha sumido.

As babás. Só podiam ser elas. Viviam deixando o telefone nos balcões ou nas almofadas dos sofás, mesmo eu repetindo diversas vezes para não fazerem isso. Era um trabalho árduo tentar proteger seus filhos do mundo. Jessa e Junebug ainda eram muito pequenas e influenciáveis, mas Clementine? Era praticamente uma mulher. Não dava para confiar nela.

Seus filhos gostam de ser filmados?

— Ah, eles adoram.

O plano desse dia de conteúdo era fazer um pão artesanal com meu famoso *levain* e criar na massa um desenho de um presépio usando as ervas que eu mesma tinha colhido do jardim. Com o perdão do trocadilho, era o pão nosso de cada dia. Além disso, o fim de ano sempre fazia as vendas de nossa loja on-line dispararem (tábua de corte de cerejeira do Rancho Bons Tempos, 120 dólares, feita no Brasil; sal temperado francês do Rancho Bons Tempos, 45 dólares, feito na França; galões de tinta para interiores patenteados do Rancho Bons Tempos nas cores Fazendeiro, Pioneiro e Vaqueira, oitenta dólares cada, todos feitos nos Estados Unidos). O pão artesanal não era a atração principal, mas a porta de entrada para drogas mais fortes: menino Jesus feito de lavanda em uma manjedoura de alecrim, os três reis magos de ramos de tomilho e *trá-lá-lá*, então os seguidores iam começar a clicar, clicar, clicar, até encherem o coração — e os carrinhos de compra. Eles iam implorar — *eles sempre imploravam* — por mais.

O pão de ervas levou quatro horas. O tempo padrão, que seria editado e cortado por Shannon num vídeo de trinta segundos, meus dedos se movendo com rapidez na tela, amassando, sovando e acariciando uma massa pálida.

A segunda parte do dia era o Jantar Natural. Eu ia preparar um assado de domingo (*ou devo dizer um assado tradicional de domingo?,* pensei em escrever isso na legenda com uma carinha piscando, o que faria as mulheres raivosas subirem pelas paredes). Todos os ingredientes eram da nossa fazenda, menos a carne, que tecnicamente vinha da rede de supermercados do outro lado das montanhas.

A certa altura, no início da tarde, notamos que estávamos sem ovos frescos, então decidimos ir até o galinheiro. O céu e as montanhas estavam lindos. Andei toda alegre até o galinheiro, com Jessa e Junebug agarradas à minha saia enquanto a gente se demorava na lama e dava olá para nossas mocinhas — era como eu chamava as galinhas sempre que estava filmando, *as mocinhas*.

— Olá, mocinhas. Como vocês estão?

Atrás de mim, Shannon tropeçou no fio da câmera e soltou um palavrão.

— Desculpa. Pode repetir essa parte?

Claro que podia. Eu podia fazer tudo que me pediam, um milhão de vezes, de várias formas diferentes.

— Olá, mocinhas. Como vocês estão?

— Ótimo. Vamos agora filmar uma cena sua pegando os ovos.

— Peraí — alguém disse atrás de mim. — É a Marilyn Monroe que está no galinheiro?

Bem que podia ser! Revirei os olhos e ri, dei uma ajeitada na saia e torci para que Shannon ainda estivesse filmando antes de Caleb entrar no galinheiro, me agarrar pela cintura e me inclinar para trás. Ele me beijou enquanto nossas filhas davam gritinhos felizes. Depois me levantou de volta, rindo enquanto eu dava um tapinha de leve em seu ombro.

— Você sujou minha bota toda!

— Uma sujeirinha não mata ninguém. — Ele tirou o chapéu de caubói e deu uma piscadinha.

Eu ri e revirei os olhos outra vez.

— Estamos filmando, Caleb.

Como se ele não soubesse.

— Na verdade — falou Shannon —, não estamos. Pausei antes do Caleb começar a falar. Então está tudo bem. Se quiserem dar uma pausa, posso ir tomar um café.

— Ah — comentei, desolada. — Está bem. Bom, a gente não precisa…

Mas Shannon já estava saindo com a câmera, andando depressa em direção à casa.

Caleb deu dois tapinhas carinhosos na minha bunda. Enquanto víamos a produtora abrir a porta da frente com uma força desnecessária, ele perguntou:

— Ela ainda está chateada?

Uma onda de emoção me atravessou.

— Sim, Caleb. Ela ainda está chateada.

— Bom, é melhor isso passar logo. Quando a gente…

Olhei para ele, que se calou.

— Você não entende nada de mulher mesmo.

Ele estava prestes a responder; e eu, a interrompê-lo com uma frase ainda mais ríspida, quando nos demos conta ao mesmo tempo de que estávamos sendo observados.

Jessa e Junebug. Duas menininhas, duas fofuras, estavam nos olhando. Sempre de olho. Onde diabos estava a babá Aimee?

Não importava. Era bom praticar, de toda forma. Era isso que eu dizia quando me via sendo vigiada por uma criança que deveria estar sendo vigiada por outra pessoa: é bom praticar. Uma performance perfeita, afinal, não vinha da noite para o dia. Era preciso ter anos e anos e anos de muita prática.

Eu me inclinei para a frente na ponta dos pés e dei dois beijinhos rápidos em Caleb.

— De volta ao trabalho, caubói.

As meninas riram e aplaudiram, e corei com a recompensa. Caleb tirou o chapéu para nós três e caminhou de volta para o celeiro, onde provavelmente ia passar uma ou duas horas organizando alguns fardos de feno. Ele era muito bom em se manter ocupado. Também era muito bom em apenas fazer as tarefas da fazenda de que gostava: ordenhar a Sassafrás, fazer círculos no pasto com o trator John Deere, ficar até tarde da noite com uma porca em trabalho de parto. Quanto às tarefas de que não gostava — limpeza, plantio, colheita, limpeza das baias —, deixava tudo para os funcionários da fazenda.

Pera. Você também tem funcionários na fazenda?

Pausa.

— Eu não tinha falado antes?

Merda. Considere mencionar o cérebro de grávida.

— No geral, temos dois ou três. Só para trabalhos sazonais. Depende do que está acontecendo na fazenda. Precisamos de toda ajuda possível!

Mas por que você não…

— Cérebro de grávida!

A gravação do Jantar Natural atrasou. Os ânimos pela casa foram piorando. Shannon e eu começamos a nos desentender sobre como fazer uma filmagem do alto, e nossa discussão nos custou dez preciosos minutos de luz da tarde, o que nos obrigou a fazer tudo apressadamente e levou a mais discussão. Aí, o ensino domiciliar das crianças mais velhas acabou quinze minutos mais cedo porque a babá Louise, ao que parecia, não estava disposta a fornecer um ensino abrangente hoje, e de repente a cozinha estava inundada de choros os meninos discutindo com Clementine sobre o que jogar antes do jantar, e as babás — que a agência tinha garantido que eram a nata do ramo, mas que às vezes me davam a sensação de que eu estava pagando valor integral por um trabalho de meio período — estavam sentadas no sofá, mexendo no celular, enquanto rolava uma guerra por causa da peça do cachorro do Monopoly.

(O único jogo de tabuleiro permitido em nossa casa, pedido explícito do meu sogro. Era importante, disse Doug, que as crianças soubessem o valor do livre mercado quanto antes.)

As babás. Ah, as babás. Elas costumavam ser inúteis nesse horário. Não esperava nada menos da babá Aimee. Era uma garota burrinha de Los Angeles com um rosto simétrico e capaz de manter as crianças vivas, basicamente só isso. Mas da babá Louise, que era cinco anos mais velha e tinha mestrado em educação, eu esperava mais. Era como se fosse da família.

Você disse que as babás são praticamente parte da família?

Silêncio.

Sei que você deve estar ciente de que há um longo e controverso histórico de mulheres brancas chamando as pessoas que trabalham para elas de "parte da família".

Pausa maior. Sorriso gentil de quem compreende.

Não, não está certo.

Sorriso gentil, mas confuso.

Melhor.

— Próxima pergunta, por favor!

— Garotas, posso falar com vocês um instante?

As babás tiraram os olhos da tela.

— Clementine está usando o telefone de alguém sem supervisão. Ela me perguntou hoje o que é esposa tradicional.

— Bem… — A babá Aimee começou a falar, mas depois parou.

Dirigi um sorriso para ela.

— O quê?

— Quer dizer…

Outra pausa. Ela parecia um Muppet com a mandíbula travada. Tive que resistir à vontade de me levantar e abrir eu mesma aquela boca, à força.

— Vamos tomar mais cuidado daqui para a frente — afirmou babá Louise.

Ela lançou um olhar para a babá Aimee, o equivalente a um chute por baixo da mesa, e a outra concordou.

— Aham. Não vai se repetir mais.

Respirei fundo e soltei a raiva toda que estava sentindo.

— Vocês podem cuidar da janta hoje? Pensei em dar um pulo na Target.

Pelo canto do olho, vi que Clementine se animou.

Na mosca.

Era uma extravagância rara quando eu levava as meninas comigo para a Super Target que ficava a trinta minutos de casa. No Starbucks dentro da loja, Clementine pediu um *frappuccino* com adicional de chantili, e não dei um pio sobre tomar tanta cafeína e açúcar tão tarde. Dei um *cake pop* e um suco de maçã para Jessa e Junebug e pedi um cappuccino descafeinado light com leite de aveia. Tentava limitar esses passeios a uma vez por mês; geralmente a babá Aimee é quem saía para fazer compras para nós. Mas até que achava legal vir aqui de vez em quando e flutuar sob a luz entorpecente — embora deva dizer que me surpreende o tanto de gente que vem aqui toda semana. Passar mais de trinta minutos em uma Target era como um tratamento de canal para mim.

Enquanto eu empurrava o carrinho devagar pelo corredor principal, as meninas iam e vinham saltitando em círculos desajeitados ao meu redor, pulando de distração a distração: a parte de joalheria; as araras de roupas; as prateleiras de hidratantes em embalagens coloridas, rosa-chiclete, cor de tangerina, de caqui. *Viram como as coisas pequenas podem ser boas, meninas? Viram como a onda do açúcar pode ser ótima se você escolher de forma consciente, após dias de…*

— Natalie?

Parei e me virei. Fingi estar confusa, quando na verdade estava pensando: *Ai, Jesus. Você não.*

Vanessa e eu estudamos juntas no ensino médio. Ela também fazia atletismo, mas só tinha entrado no time principal no último ano, então não chegamos a passar muito tempo juntas. Estava usando um uniforme de hospital, parada perto de dois carrinhos lotados, a filha pré-adolescente atrás, me encarando com a mesma expressão de decepção que Vanessa tinha em toda competição de atletismo. Dei uma espiada no carrinho mais próximo. Lâminas de barbear descartáveis, caixas de lenços de papel descartáveis, meia dúzia de fatias de presunto cheias de produtos químicos e envoltas em três camadas de plástico. Quase dava para sentir o fedor do aterro sanitário onde tudo aquilo, aqueles produtos feitos para serem lixo, ia acabar parando dali a um mês. Olhei outra vez para Vanessa, que agora me encarava com a mesma cara amarga da filha, e meu coração se abrandou com a nostalgia. *Coitadinha.* Ela nunca venceu uma corrida na vida.

— Que bom te ver — falei. — Faz quanto tempo? Uns dez anos?

Ela fungou e olhou meu carrinho vazio.

— Não sabia que você frequentava a Target.

— Claro que frequento. Sou humana, não sou? — Sorri para a filha dela. — E quem é essa?

Vanessa olhou para a própria filha com uma expressão estranha, como se tentasse imaginar de que jeito a menina parecia aos meus olhos.

— Essa é a Zoe.

Zoe parecia ser alguns anos mais nova que Clementine. Se ela reconheceu seu próprio nome, não demonstrou. Apenas ficou me encarando com uma expressão que era um trampolim de tristeza profunda.

— E imagino que essas sejam suas filhas, né?

Acompanhei o olhar de Vanessa e vi Clementine agachada no corredor e folheando um livro ilustrado, enquanto as pequenas observavam por cima do ombro, ansiosas. Senti uma onda de prazer, mais intensa do que qualquer onda que o açúcar artificial poderia me dar.

— Isso, essas são minhas meninas. A mais velha é Clementine, e as menores são Jessa e Junebug.

Quando voltei o olhar para Vanessa, ela estava com um sorriso maldoso no rosto. Quando foi a última vez que vi uma mulher adulta com essa expressão?

— Sabe, eu admiro de verdade seu compromisso com os velhos tempos ao escolher esses nomes.

Meu sorriso diminuiu. *Lá vamos nós*.

Vanessa cresceu numa família rígida e devota, muito mais que a minha, mas se libertou dos pais e agora gostava de publicar no Facebook sobre como sua criação foi *terrível*, postagens que recebiam três ou quatro curtidas. Vanessa queria que o mundo soubesse que ela era moderna agora. Que tinha mudado. Que comia comida orgânica (*menos quando comprava na Target, pelo visto!*). Mulheres que se diziam progressistas, como a Vanessa, tinham vício em odiar mulheres como eu. Eu sabia disso. Sabia que ela enchia a cara em festas da família e abria meu Instagram para mostrar a qualquer pessoa que fosse idiota o bastante para passar por ela que *ela conhecia essa pessoa, que estudou com ela*, antes de começar um discurso repetitivo e ofensivo sobre como todos os tradicionais são idiotas, como todo religioso é idiota, como todo mundo que escolhe viver de forma diferente da dela é idiota, idiota, idiota, idiota, quando o que ela realmente queria dizer é: *Morro* de *inveja dessa mulher que conheci*.

Mulheres iguais a Vanessa, com suas testas esticadas e seus adesivos feministas? Elas não tinham a menor ideia do que queriam. Eram incapazes de manter um ponto de vista íntegro mesmo se alguém o esfregasse na cara delas. Só Deus sabe o quanto não conseguiam assumir responsabilidade pela própria vida, então me culpavam pela infelicidade delas. A esposa tradicional idiota, ignorante, retrógrada. Não importava que eu tivesse me formado entre os três melhores da minha turma

do ensino médio. Não importava que eu tivesse tirado nota máxima em Harvard estudando história geral da religião, enquanto Vanessa zanzava pelos quartos do time de rúgbi da Universidade de Michigan. (Sim, confesso, também olhava o Instagram dela de vez em quando.) Não importava que eu vivia a vida *seguindo* os princípios dos quais elas adoravam se gabar no Instagram: *Consumir comida local! Apoiar os pequenos negócios! Gerar menos lixo!*

As mulheres raivosas podiam falar o que quisessem, mas contra fatos não há argumentos. Eu era uma mulher de princípios. Uma mulher *definida* pelos princípios. Dinheiro nenhum do mundo me faria provar o presunto cancerígeno daquele carrinho lotado. Aceitação social nenhuma me faria dar um nome tão comum para minha filha, um nome como Zoe, que gritava desesperadamente: "Eu! Eu! Me escolham."

Vadia.

Perdão, Senhor. Estava sendo consumida pela raiva, nos últimos tempos. Era um problema que precisava ser resolvido e que eu pretendia consertar, de verdade! Se tivesse mais tempo, juro que teria consertado.

— Foi ótimo ver você — falei suavemente. — Leve as crianças para visitar a fazenda qualquer dia desses!

Olhei para a filha dela, que parecia um ogro de cara amarrada.

— Aposto que você ia adorar ver de onde vem o presunto, né?

Vanessa deixou escapar um gemido baixo. Algo tão íntimo e vergonhoso quanto um pum acidental na frente dos outros. Seu rosto ficou corado. Eu tinha certeza de que era o tipo de coisa que a deixaria desconcertada. Ela sabia que a oferta não era sincera, mas consideraria a possibilidade de todo jeito, porque Vanessa devia morrer de vontade de ver minha fazendinha pitoresca ao vivo. As galinhas, *minhas mocinhas*. O grande celeiro vermelho, que ficava ótimo em fotos, independentemente da iluminação. Os jardins, nossa, os jardins! A fantasia pseudoerótica de nós duas assando juntas meu bolo de raspas de limão-siciliano, a gente rindo de algo idiota, nossas crianças brincando em paz no fundo. Nada disso iria acontecer, mas ainda assim: a ideia desse dia impossível ia ficar ali, espalhando-se como bactéria em sua garganta pela próxima semana, ou mês, ou ano. Um desejo bastante humilhante, forte, confuso e primitivo, como aqueles que a faziam ver pornô lésbico em volume baixo, enquanto o marido dormia ao lado. (Ela com certeza era o tipo de mulher que via pornô lésbico em volume baixo, enquanto o marido dormia ao lado.)

Pode se remoer, Vanessa, pensei, com um sorriso puro. *Anda, vai. Pode se torturar pensando em mim*. Era uma sensação tão gostosa, que valia a culpa embutida, como

uma guloseima barata. Ela ia passar um ano pensando na minha famosa fazendinha, ia acabar não aguentando e comprando um dos meus jogos de panela de ferro fundido (250 dólares, feito em Taiwan) e pedindo para entregar no endereço de uma amiga, cujo nome eu desconhecia, só para eu nunca descobrir que foi ela quem me deu dinheiro. Esse era o tanto que essa mulher me odiava. Esse era o tanto que essa mulher se odiava.

— Promete que um dia você passa lá — falei uma última vez, com um sorriso enorme. — Por favor, vai.

— Obrigada — respondeu Vanessa brevemente. — Eu vou.

Ela parecia ter engolido um pote inteiro de Advil. Dei um sorriso enorme.

A gente falou mais umas amenidades, tempo o suficiente para Vanessa lançar mais uns olhares óbvios para meu corpo (notando, sem dúvidas, que a saia que caía por meus quadris era a mesma que eu usava na escola, uma década antes) e tempo o suficiente para eu ignorar seu corpo como um todo (preciso mesmo dizer?). Nós nos despedimos. Quando virei no corredor com minhas meninas, Vanessa me mostrou o dedo do meio. Eu não *vi*, mas senti. Juro que senti. E quem poderia culpá-la? Eu tinha a vida que ela sempre quis, a vida que ela *ainda* queria, mas que era incapaz de admitir. Vanessa era livre, claro, mas eu era feliz. E era uma pena, não é? A forma como algumas mulheres se empenham para construir uma vida de que elas nem sequer gostam.

Passei outra vez pela Vanessa na fila do caixa e acenei alegremente para ela, mas ela não viu. Estava discutindo com a filha por causa de alguma coisa no carrinho. A essa altura, eu tinha recobrado minha compostura e não sentia mais nada por aquela mulher além de pena.

O que seus amigos acham do seu sucesso on-line?

— Ficam felizes por mim. Por que não ficariam?

Pena. Eu sentia pena dela.

Mas também: *ela que se foda.*

Perdão, Senhor, mas, sério, ela que se foda…

Quando chegamos ao carro, já estava escuro, e eu estava quase espumando de raiva. Vanessa, *aquela puta*, com certeza vai correr para casa e postar sobre mim em um daqueles fóruns idiotas e irritantes: "Aposto que vocês não imaginavam que alguém igual à Natalie faz compras na Target!!!" E depois eu vou ter que aguentar uma semana inteira de comentários on-line, e a Shannon! Que audácia! É

inacreditável o tamanho da cara de pau dessa mimada sem educação, moralmente falida, essa filha da…

Respira, Natalie. Respira.

Clementine estava atrás, acomodando as irmãs nas cadeirinhas do carro. Fiquei no banco do motorista, olhando para a frente, com as mãos agarradas no volante. Olhei para o celular no console do carro. Meu ânimo se acalmou.

Sim. Era uma boa ideia. Eu podia apenas postar sobre isso e cortar as asinhas da Vanessa.

Peguei o telefone e apertei para começar a gravar bem na hora que Clementine se sentou no banco do carona.

— Meninas — falei, sorrindo para a tela acesa —, o que vocês ganharam durante nosso passeio especial para a Target hoje?

Jessa e Junebug responderam com as vozes finas:

— Um bichinho de pelúcia.

— Uma loção cheia de glitter.

— E você, Clementine?

Pus a câmera em uma posição na qual aparecesse tanto eu, sorrindo, quanto Clementine no banco do carona. Ela ganhou um esmalte novo, mas não respondeu. Estava olhando em outra direção.

— Clementine, o que você ganhou na…

— Para de me filmar.

Eu travei. Meu rosto estava quente.

Ela nunca tinha feito isso antes. Nunca.

Dei uma olhada rápida pelo retrovisor: Jessa estava brincando com uma pulseira no braço de Junebug, e Junebug estava balbuciando quietinha sobre seu novo bichinho de pelúcia. Interrompi a gravação e coloquei o telefone na perna, com a tela virada para baixo. Minhas mãos tremiam. Dei partida no carro, e nos direcionamos para a saída do estacionamento.

— Não sabia que você não gostava de ser filmada, Clementine — comentei, enquanto seguíamos para casa, pela estrada silenciosa nas montanhas. — Sempre falei para me contar caso se sentisse assim, não é?

Não era verdade.

Clementine estava com a testa encostada na janela.

— Estou contando agora.

— Justo.

Nenhuma das meninas estava olhando para mim, e, por algum motivo, eu sorria. *Para com isso*, disse para mim mesma de forma ríspida. *Para de rir assim.* Mas

eu não conseguia. Eu não parava.

Quando o assunto é consentimento, você acha que as crianças são capazes de…

— Ah, pelo amor de Deus.

Pausa.

Posso terminar a pergunta?

Pausa maior.

— Sim, claro.

Quando o assunto é consentimento e uso da imagem infantil nas redes sociais …

— Na verdade, preciso de um tempinho para ir ao banheiro. Tudo bem?

Mais tarde naquela noite, Caleb entrou em nosso quarto e contou:

— Falei com meu pai de novo hoje.

— Hum?

Eu estava lendo e-mails e deletando mensagens de spam, enquanto as babás preparavam as crianças para dormir. Naquele momento, um novo e-mail apareceu em minha caixa de entrada. Era de Shannon. O assunto dizia: **Pedido formal de demissão.**

Parei. Fiquei encarando a caixa de entrada por uns instantes. Depois abri o e-mail.

Natalie,

Estou escrevendo para informar que não continuarei mais trabalhando para vocês. Entre o que aconteceu no verão e todos os pesadelos, está claro que esse trabalho não está mais fazendo bem para minha saúde mental. Comprei uma passagem de ônibus para hoje à noite. Não preciso de carona; a babá Aimee vai me deixar na rodoviária.

Apenas para constar: não acho que você seja má pessoa. Só acho que está confusa.

Por favor, diga às crianças que as amo.

Shannon.

P.S.: Desculpa por acabar com seu cronograma de postagens.

— Natalie? *Alôôô*, tem alguém aí??

— Desculpa — respondi. — Eu só… Só preciso ver uma coisa rapidinho, um segundo.

Li o e-mail uma segunda vez, e uma terceira. Depois olhei para Caleb.

— O que você estava dizendo?

— Está tudo bem?

Ri de forma um tanto forçada.

— Só uns e-mails de publicidade. Agora, *pronto*, sou toda ouvidos: fala do seu pai.

— Bem — continuou, fazendo uma pausa dramática. *Que rufem os tambores, por favor.* — Ele acha que agora vai.

Fiz que sim com a cabeça, impaciente, já sabendo o que ele ia revelar, antes de lembrar que era para isso ser uma grande revelação. *Entre no jogo, Natalie. Diga suas falas.*

— Agora vai o quê, meu bem?

Eu sabia muito bem o que vinha pela frente. Na verdade, previ tudo isso *antes*: meu sogro pressionando Caleb para entrar na política, a carta de demissão de Shannon… eu tinha, de certa forma, orquestrado tudo aquilo, mas ainda fiquei bastante impressionada por estar finalmente acontecendo. *Lá vamos nós. Os dominós estão começando a cair.* E mesmo assim: como ela ousa? Acho que foi o tom do e-mail que mexeu comigo, mais do que o e-mail em si. Aquele falso senso de maturidade. Toda aquela condescendência não merecida que transbordava do texto. Bem o tipo de mensagem que se esperaria de uma pessoa de vinte e um anos. Exatamente o tipo de mensagem que se esperaria da Shannon, aquela ovelha desgarrada, aquela vaca idiota.

Perdão, Senhor. Perdão, perdão, perdão.

— Chegou a hora de me candidatar — declarou Caleb. — Numa eleição.

— Ah, meu Deus. Uau.

O pai de Caleb não era apenas um senador. Era um verdadeiro ícone político. Estava no poder havia quatro décadas, concorrendo a cada seis anos com folga. Era veterano de guerra, defensor dos valores da família, o tipo de cara que, com uma sinceridade abjeta, as pessoas descreviam como um *John Wayne da vida real*. E não estavam erradas. Doug Mills era durão e confiante. Um verdadeiro patriarca. Quase todo comentário que fazia com outro homem era acompanhado por um tapinha cordial no ombro. Se as pesquisas estavam minimamente corretas, ele estava prestes a se tornar o próximo presidente dos Estados Unidos. Também era meu aliado mais próximo. O que meu sogro e eu sabíamos era que não havia outra possibilidade. Só existia um plano, um bem delicado, em que duas variáveis — meu marido e minha produtora — eram resolvidas de uma só vez.

> Última pergunta, sra. Heller Mills: a senhora gostaria de dizer alguma coisa sobre as denúncias terríveis de agressão no Rancho Bons Tempos?
>
> — Infelizmente não posso falar sobre uma investigação que ainda está em andamento.

Queria apenas parar aqui e dizer: qualquer outra mulher teria sucumbido anos antes.

Não acho que você seja má pessoa.

Algo bastante ousado de falar para a esposa do cara com quem você está transando. Era essa a palavra que eu estava procurando: ousada. O e-mail todo era tão ousado que teria feito uma mulher mais fraca ter um colapso, jogar o telefone longe, gritar "Olha só o que você fez" com o inútil e estúpido do marido que não consegue manter o pau dentro da calça. Mas eu não. Enquanto olhava meu marido idiota e mulherengo, dei um tapinha mental nas minhas próprias costas, por todo o trabalho que fiz ao longo dos anos me protegendo do mundo. Estávamos prestes a encarar nosso primeiro desastre de relações públicas. Eu já conseguia ver as manchetes: ACUSAÇÕES ABALAM FAMÍLIA DE INFLUENCIADORA FAMOSA. Ou ainda pior: NATALIE HELLER MILLS É UMA LÍDER DE SEITA? EX-PRODUTORA ABRE O JOGO.

Uma chamada dessas poderia destruir uma carreira política em ascensão? Com certeza não. Os Estados Unidos não estavam nem aí para moral, quando se tratava de políticos. Na verdade, era até esperado que eles fossem meio sórdidos. Isso poderia até melhorar as chances do mimado do meu marido na região central. Poderia até me fazer conseguir mais seguidores. Coitada daquela grávida, fazendo de tudo para manter a família unida. Sério, se você parar para pensar: a situação toda daria uma baita publicação no Instagram.

Mas eu estava colocando a carroça na frente dos bois. Não era preciso pensar nisso agora. Ainda não era preciso nem falar para Caleb sobre o e-mail. Não era o tipo de coisa com a qual meu marido era capaz de lidar. Não era o tipo de coisa que ele poderia resolver — apesar de seus esforços, ostentava masculinidade de uma forma tão tosca e artificial que parecia um suéter com caimento ruim que eu o forçara a vestir. Se ele soubesse, acabaria apenas piorando as coisas. Ia acabar fazendo alguma idiotice, como ir até o ponto de ônibus e implorar pelo perdão de Shannon na frente de um monte de estranhos.

— Acho uma excelente ideia — respondi, igual ao ensaiado. — Aposto que um dia você será presidente. Assim como seu pai.

O rosto de Caleb se iluminou de alívio. Ele jamais admitiria, tinha passado metade da vida tentando fugir disso, mas essa era a única coisa que desejava de verdade: ser como seu velho pai.

— Agora vamos rezar — falei.

Nós nos ajoelhamos aos pés do sofá. Apoiei a testa nas mãos entrelaçadas e

tentei respirar para deixar a raiva sair, mas não consegui. Era como um germe que ficava se replicando em meu estômago. Geralmente era fácil perdoar as falhas do meu marido, mas hoje minha vontade era matá-lo. Quase dava para ver suas orações insípidas flutuando por mim, dentro de balões de diálogo com fonte *Comic Sans*.

Por favor, proteja as crianças, Senhor, bem como as galinhas. Ajude minha mulher a continuar me amando. Um boquete também seria legal, Senhor, e, se não for pedir muito, gostaria de ter força para me tornar alguém memorável. Queria me tornar uma lenda.

Todos os homens queriam se tornar lendas. Era constrangedor.

E o que eu queria? Essa é fácil. Queria ter mais do que já tinha. Queria que o mundo inteiro se visse através dos meus olhos. Um novo nível de influência. Mas não é o tipo de coisa que se pede, então me contentei com algo mais simples.

Por favor, faça esse plano dar certo, Senhor. Por favor, não a deixe vencer. E, por favor, dê colhões para meu marido. Não aguento mais ter que emprestar os meus para ele.

Amém.

PARTE DOIS

O PRESENTE

1

FOI UM DIA, UMA SEMANA ou um mês?

Só sei o seguinte, acordei numa manhã e pensei: *Jesus, puta que pariu, que frio.*

E então: *Perdão, Senhor.*

Xingar feito uma adolescente escrota não é a melhor forma de começar o dia. Ainda assim: *está frio*. Mais que o de costume.

E está mais escuro que o de costume?

Calma, Natalie. Um friozinho nunca fez mal a ninguém.

Quando eu e minha irmã éramos pequenas, minha mãe tinha uma tradição de véspera de Natal de contar histórias sobre nossos ancestrais: como eles chegaram à América pela Ilha Ellis, depois cruzaram o oeste à moda antiga e se estabeleceram na terra mais fértil que puderam encontrar.

— Os tempos antigos não eram para os fracos — minha mãe falava com um olhar distante e saudoso. — Pensem no quanto seus tataravós eram corajosos. Imaginem encarar índios com arcos. Ter que defender os rebanhos dos lobos. Pegar peixes direto do riacho. Beber leite direto da teta da vaca. Imaginem só, meninas, tentar continuar vivo durante os invernos mais frios, longos e sombrios, sem ao menos sonhar com eletricidade para nos manter aquecidos.

Comecei a fazer o mesmo com meus filhos. Falava sobre os tempos antigos como se fosse algo com que eu pudesse me identificar, quando a verdade é que nunca passei frio de verdade na vida.

Até agora.

A luz com certeza tinha acabado. Por que o gerador não ligou?

Relaxa.

Mas não consigo. Meus pensamentos estão agitados. Estou bem desperta por causa do frio, fazendo uma lista mental de todas as pessoas que poderíamos chamar para restabelecer a energia, de quem posso culpar por isso — *eu devia verificar a garantia do gerador, ele só tem cinco anos* —, e então por fim lembro de novo: *Para,*

Natalie, respira. Esse não é o melhor momento do dia para ficar pensando em tarefas. É o momento para direcionar a mente para agradecimentos espirituais; para me centrar antes do caos de outro dia.

Dou uma leve sacudida na cabeça e tento recomeçar.

Obrigada, Pai, por Caleb. Obrigada pela herança. Obrigada por Clementine, Samuel, Stetson…

Eu tento puxar a coberta para me aquecer melhor. Então fico petrificada.

Não é minha coberta. Meus dedos não estão tocando o edredom de flanela e linho que comprei no verão passado. Em vez disso, estou tremendo sob uma colcha fina e áspera. Cautelosa, ponho a mão para fora da coberta e passo os dedos por cima dela, sentindo o que parecem ser os traços de desenhos bordados à mão. Um primeiro arrepio de medo atravessa meu corpo.

— Caleb — sussurro.

Nenhuma resposta.

Se meu relógio interno está certo — e ele sempre esteve, cada dia da minha vida —, são quase seis da manhã. Com certeza Caleb já deve ter se levantado e está no celeiro, fazendo sua ordenha diária. Com certeza essa colcha estranha é só um trapo do armário de linho que a faxineira escolheu até nosso edredom estar limpo.

Mas então por que meu despertador não tocou?

O pânico me invade. Eu me estico para a mesa de cabeceira, onde deixo o telefone carregando toda noite. Minhas mãos tocam o ar em vez de nogueira lisa. Caio da cama, machucando os joelhos na madeira. Grito no escuro e cubro a boca com a mão, com medo de fazer barulho.

Merda. Merda. Merda.

Dessa vez não paro para me desculpar com o Senhor. Não tenho tempo para me desculpar. Pensamentos afiados passam por minha mente, e cada um me faz suspirar no silêncio gélido.

Fui abduzida.

Raptada.

Deve haver alguém aqui comigo.

Alguém vai me matar.

Sou jovem demais para morrer.

Bonita demais para morrer.

É sempre a pessoa jovem e bonita que acaba morrendo.

No exato momento em que estou prestes a desmaiar de medo, ouço algo familiar: riso de crianças.

Eu paro. Inclino a cabeça na direção do som.

Mais risos. Várias crianças. Meninas pequenas, ao que parece. *Minhas meninas?* Então ouço outro sussurro, uma voz mais velha, mandando-as calar a boca.

Clementine? É você?

E então: outra risada alta. Dez anos de maternidade me fazem perceber que é o riso de uma criança de quatro ou cinco anos.

Jessa? Junebug?

Eu me sento no assoalho, olhando na direção do som. Devagar, meus olhos se acostumam ao escuro. Em pouco tempo consigo identificar o contorno de uma porta.

Vai, fala alguma coisa, penso comigo.

— Oi? Tem alguém aí?

Escuto uma resposta na mesma hora, vinda do outro cômodo.

— Mamãe, a gente está tomando café da manhã.

Uma onda nauseante de alívio toma conta de mim. Eu me levanto, ignorando a informação sensorial que meus pés enviam para o cérebro — *esse chão gelado, nodoso e irregular não é aquele piso de madeira importada do Brasil* —, e caminho em direção ao som, tateando a parede até identificar a porta e a maçaneta, *minha maçaneta*.

Abro a porta, expondo o corredor escuro.

Essa é minha maçaneta, e aquela era minha colcha, e esta é minha casa. Está frio porque caiu uma tempestade e a luz acabou. As coisas parecem diferentes porque está um breu e você está assustada, e tudo parece diferente quando se está no breu e assustado.

Caminho pelo corredor, que também está escuro mas não tanto quanto o quarto. Ando depressa, confiando que conheço a casa. Passei tantas noites em claro nela, tão morta e exausta de amamentar o tempo todo, que bem podia ser um zumbi. Conheço esta casa como a palma da mão. E, a cada passo correto, vou ficando mais aliviada e passo a caminhar um pouco mais rápido. *Que forma estranha de acordar*, penso, começando a me sentir alegre. *Que sonho horrível!* Quando estou dando os últimos passos antes de entrar na cozinha, penso como isso daria um bom vídeo mais tarde. *Boa tarde, pessoal. Passei por uma experiência bem estranha hoje cedo, tenho certeza de que todas as mamães atarefadas vão me entender…*

Viro no corredor, entro na luz quente da cozinha e então paro de forma abrupta.

É minha casa.

Não é minha casa.

Estou vendo minha cozinha, que de certa forma também não é minha

cozinha. O tamanho, o desenho e as decorações são quase os mesmos — é a mesma mesa de jantar, as mesmas cadeiras, os mesmos balcões de madeira —, mas as tábuas do chão são maiores e mais irregulares, e não existe nenhuma lâmpada no teto. Não existe nenhuma luz, percebo aos poucos, a não ser a da lareira. Na minha casa, a lareira da cozinha não funciona. Nesta, as chamas estalam e crepitam no frio, sendo a única fonte de luz no ambiente. Iluminando os demais.

Perto do fogo, vejo meus filhos, que também não são meus filhos.

Quatro deles. Duas meninas, dois meninos, todos vestindo roupas esfarrapadas que mais parecem uma encenação histórica dos pioneiros. A mais velha, uma menina de olhos escuros, parece adolescente e está com o cabelo preso e trançado. Parece a Clementine, mas não é ela. É também a única que não está olhando diretamente para mim. Está arrumando o cabelo da menina menor com uma atenção inabalável.

Pela aparência, essas crianças todas poderiam ser minhas. Mas nenhuma delas é minha de verdade.

Dou um passo para trás, depois outro. Uma tábua range sob meus pés.

A menina mais velha olha para cima, e nossos olhares se encontram.

Conheço o medo. Já o senti mais de uma vez na vida de forma tão intensa que me paralisava.

Uma semana antes de deixar minha casa pela primeira vez e ir para a faculdade, nasci de novo em minha igreja. Assim que o pastor ia mergulhar minha cabeça na água morna da piscina, meus joelhos cederam de medo. Ali estava, enchendo meu corpo enquanto o pastor me segurava pelas axilas: um sufocante senso de inadequação humana. Um medo profundo do que seria do mundo se não fosse a graça redentora que Ele nos oferecia. Durante aqueles três segundos antes de mergulhar na água, tive uma clareza absoluta do quanto tudo estava quebrado. Minha vida, minha família, meu país, meu planeta. Nós, a humanidade inteira, estávamos sozinhos, não é? Será que Ele um dia viria nos salvar? Ou estávamos abandonados, presos nessa rocha desolada, girando vertiginosamente na escuridão rumo ao nada?

Então mergulhei na água, e o medo se foi, e o calor — e o amor — me invadiu.

Senti medo de novo quando estava dando à luz pela primeira vez. Tinha vinte anos, estava no hospital, e as enfermeiras diziam umas tolices que eu mal conseguia ouvir por conta dos meus suspiros apavorados: "Você é tão forte, só mais uns empurrões agora, você consegue, mamãe…"

No momento que antecedeu o primeiro grito de minha filha no mundo, senti, pela segunda vez na vida, uma certeza debilitante do quanto a situação estava errada. *Mamãe*, pensei. *Quem é mamãe*? *Sou a Natalie. Meu nome é Natalie.* Não estava pronta para ser mãe. Senti essa certeza nas minhas entranhas, então parecia inevitável que Ele fosse intervir antes que o erro da maternidade fosse adiante. *Ela vai nascer azul.* Ou talvez Ele fosse me punir de outra forma: Caleb ia escorregar, cair e bater a cabeça na quina da cama, minha mãe ia sofrer um acidente de carro fatal a caminho do hospital. *Uma troca deve ser feita para que esta vida chegue ao mundo*. Enquanto meu corpo se rasgava aos poucos, percebi que era eu quem estava perdendo a vida; era eu quem desapareceria do mundo para dar espaço a essa nova criança.

Nunca mais serei a Natalie. Serei apenas "mamãe".

Por um breve instante, desejei que a criança sumisse. Não só que saísse de dentro de mim, mas do mundo. Que fosse apagada. Então o quarto foi preenchido por seu choro, e o medo se dissipou, e o amor — ou algo parecido — voltou a me invadir.

Eu achava que conhecia o medo de verdade. Mas isso, o que sinto agora, não é como nenhum medo que já senti. É um sentimento imenso, sombrio e sem fim. É como se estivesse despencando no inferno.

— Mamãe — fala a menina mais nova.

Ela é pequena, tem as bochechas repletas de sardas, está com a metade do cabelo perfeitamente trançada, a outra metade, longa e despenteada, bate na cintura. Nunca a vi antes na vida, ainda assim ela repete aquele chamado sagrado:

— Mamãe?

Foi ela quem riu e depois me chamou. Fico olhando para ela, sentindo o enjoo nas entranhas. Ela é minha, e não é. Tão próxima, tão parecida, mas *ainda assim*. A dissonância faz minha mente sair dos trilhos. Penso em bonecas de plástico. Penso em alienígenas, em falsa pele. Penso — *ai, Deus* — nos meus próprios filhos arrancando o rosto e o entregando para estranhos usarem como máscaras de borracha. Acabo soltando um ruído. Soa como um gemido, parece uma arfada, e finalmente digo:

— Quem são vocês?

As crianças se entreolham.

— Mamãe — repete a caçula.

Minha voz se torna mais aguda.

— Onde estou?

— Ah, não! — resmunga um menininho. Tem oito anos, talvez nove. Ele se parece com meu Samuel, meu Stetson, mas não é nenhum dos dois.

— Somos nós, é claro — responde o mais velho.

Ele parece ter por volta de treze anos.

— Para o celeiro — diz a menina mais velha.

Ela está olhando para mim, mas suas mãos parecem ter vida própria, trançando o cabelo da mais nova com uma força que faz até minha cabeça doer. A menininha não diz nada, só fica me olhando com olhões de bebê enquanto sua cabeça é puxada de um lado para o outro.

— Vai para o celeiro — ordena a menina mais velha, impaciente.

Saio tropeçando pelo ambiente até a porta da frente. Minha mão envolve a maçaneta quando vejo algo que me paralisa.

No batente da porta há uma série de gravações e rabiscos. Dezenas deles. Nomes e números dispostos em uma linha vertical. Uma lista. Não, um registro.

Na altura da maçaneta noto uma série de gravações bem nítidas. MAEVE, 1852; MAEVE, 1853; MAEVE, 1854. São marcações de altura. Isso significa… não, *não* pode significar que…

Vou acompanhando a linha com medidas, meu olhar subindo inquieto. Na altura do primeiro painel da janela: NOAH, 1853. Depois no segundo: ABEL, 1854. Então, na exata linha dos meus olhos: uma gravação recente.

MAMÃE, diz a gravação. 1855.

Não. Não, não, não, não, não, não…

Escancaro a porta e vou para a varanda, tropeçando pelas escadas e dando alguns passos rumo à escuridão, até que paro de repente. De novo: uma cena que reconheço bem, mas que aos poucos se desintegra em algo assombroso. Como uma irmã malvada da nostalgia. Está tudo ali: o celeiro vermelho, o galinheiro, a estrada serpenteante que desaparece por trás de uma colina. Ali está o mundo que construí para mim, debruçando-me sobre cada planta de arquitetura, levando anos até tudo ficar pronto, exceto, exceto, *exceto*: não há nenhuma iluminação na garagem. Nenhuma luz no alto da entrada do celeiro. Tudo está mergulhado na escuridão sob o céu preto. Enquanto meus olhos se acostumam à escuridão, vejo como o celeiro parece velho, gasto e malcuidado. O telhado está deformado. O galinheiro não é aquela maravilha tecnológica de trinta mil dólares que compramos anos antes, com um portão automático que abre e fecha com o nascer e o pôr do sol para proteger as aves das raposas, dos leões-da-montanha e dos ursos. Em vez disso, é um abrigo pequeno com um monte de palha no teto. Até as galinhas parecem diferentes sob a luz da lua. Mais magras. Menos amigáveis.

Olá, mocinhas.

Meu corpo está tão inundado de cortisol que me sinto paralisada.

Ai, Deus, me ajuda.

— Natalie.

Eu me viro. Uma pessoa está parada perto do celeiro, o celeiro que é e não é meu. Ele começa a andar em minha direção, e de repente seu rosto é iluminado pela lua.

É Caleb. Diferentemente das crianças, que parecem versões de cera minhas, *esse* é meu marido, com o rosto delicado, a camisa xadrez e os olhos de…

Cachorrinho.

Dou um passo para trás. Ele continua andando. Ficamos os dois ali, parados, em silêncio, a cerca de três metros de distância.

Os olhos desse homem não são os de meu marido. São olhos pretos, frios e mortos. Quanto mais olho para ele, menos familiar me parece. Ele é o Caleb, e então é um parente distante de Caleb, e então é um estranho, um homem mais velho, que está me encarando no meio da noite. Percebo, ao longe, o quanto estou com frio. Olho para baixo e noto a camisola estranha que estou vestindo. Uma coisa floral de algodão que nunca vi antes.

— Natalie — diz ele outra vez.

Considero começar a correr. Mas minhas pernas não se movem.

Acorda, Natalie. Está na hora de acordar.

— O que está acontecendo? Onde estou?

— Deus do Céu — o homem resmunga.

Ele revira os olhos e joga o chapéu no chão, o que levanta um pouco de poeira no ar gélido e me faz dar um pulo.

— Você está em casa, Natalie. Agora, pelo amor de Deus, entra logo, antes que acabe pegando um resfriado.

— Qu… quem é você?

— Sou a droga do seu marido — responde com rispidez. — Caleb.

Deve ser um sonho. É tão sem nexo quanto um sonho, tão assustador quanto um pesadelo, mas, se isso é coisa da minha cabeça, por que meus joelhos estão tão doloridos da queda da cama? Por que consigo sentir meus pulmões tão pesados no peito, o pavor vibrando em meu corpo como se fosse algo preso e que precisa escapar desesperadamente?

— Me leva para casa. O que você quiser eu dou. Tenho dinheiro. Muito. Você deve saber disso, não é? É por isso que me trouxe aqui? É dinheiro que você quer?

— Natalie…

Algo em mim parece se quebrar.

— Para de repetir meu nome!

Ele faz um som irritado e começa a andar na minha direção de novo.

— Se você for começar a gritar assim…

Por fim, meu sistema nervoso entra em ação. Começo a correr.

Enquanto disparo pela estrada, sinto uma dor intensa nos músculos fracos, mas não dou a mínima. Não é hora de se preocupar com músculos distendidos. Não é hora de pensar em nada, a não ser em fugir. Disparo pela escuridão, registrando bem ao longe a dor na sola dos pés, conforme a pele vai se rasgando no cascalho. Bem na hora em que começo a pensar nos próximos passos — se a casa mais próxima fica a oito ou treze quilômetros, seria mais prudente correr pela estrada, tentando encontrar um carro, ou seria melhor me embrenhar no bosque —, tropeço, caio para a frente e…

Meu corpo escorrega e começo a rolar.

São apenas arranhões. Levanta, Natalie. Você consegue. Levanta e corre.

Do outro lado do meu medo: sons de sapatos no cascalho começam a se aproximar.

Estou arfando e rolando no chão, tentando achar meu centro de gravidade, tentando tocar o chão com a palma da mão para poder me levantar e continuar correndo, mas o céu está tão escuro que parece terra, e a terra é tão preta que parece o espaço, e fico tentando agarrar o ar, e o ar está cheio de terra, e minha visão está rodopiando, e fico pensando *Levanta*, e fico tentando — *Meu Deus, estou tentando* —, mas não dá, não dá, não dá.

Os sons de passos somem.

Silêncio.

Eu me viro de lado, arfando, tentando agarrar alguma coisa. Então vejo o homem parado a poucos metros de distância, observando-me com uma expressão passiva, indiferente, de braços cruzados.

— Levanta — diz ele, fazendo eco a meus pensamentos.

Corre, Natalie. Resiste.

Eu me viro para o lado e começo a gritar. Tento pedir socorro, mas não sei se chego a conseguir. O som da minha voz me parece tão alto, que não consigo entender as palavras.

Uma onda nova de pânico percorre meu corpo. Ele tenta me pegar nos braços. Começo a me debater. Ele se debruça e prende meus braços com facilidade, depois consegue posicionar meus pulsos para segurar os dois com

apenas uma das mãos, deixando a outra livre. Então, sem pensar com clareza, cuspo em sua cara. Ele parece em choque. Fica me olhando, a maçã do rosto iluminada pela lua, enquanto me contorço desesperada sob ele.

— Vai se foder — rosno para ele.

Era a primeira vez que dizia aquilo em voz alta em toda a minha vida.

O homem enxuga o rosto com a manga da camisa. Depois responde:

— Uma boa esposa não fala assim com o marido.

Ele se afasta e me bate com tanta força que tudo fica preto.

2

TINHA DEZESSETE ANOS QUANDO DEIXEI minha família pela primeira vez. Ia começar a faculdade em Boston. Universidade de Harvard. Lembra que eu disse que era disciplinada? Pois é. Quando tinha doze anos, praticamente comandava as aulas da escola dominical, enquanto o verdadeiro professor — algum pai da vizinhança que fedia a álcool e gostava de dar em cima das meninas do ensino confirmatório[1] — estava apagado, de ressaca, nos fundos. "Afiada como uma lâmina", meu pai costumava comentar. "Cuidado ou pode acabar se cortando." E começava a rir, rir e rir.

Isso é tudo que me recordo do meu pai. Ele morreu quando eu tinha dez anos. Pelo menos foi isso que minha mãe mandou que eu e minha irmã falássemos quando nos mudamos para nossa nova cidade no sudoeste de Idaho, a quatro horas de distância de onde crescemos. "Responda para os professores que seu pai não está mais entre nós." Era preciso dar o braço a torcer com esse jogo de palavras dela: não era mentira, não era pecado, ele — tecnicamente! — não estava mais entre nós. Com essa frase, os professores tirariam suas próprias conclusões, e a conclusão não seria que o marido de Eliza Heller tinha abandonado o estado com uma mulher do seu time de boliche.

"Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem…"

Mesmo quando era mais nova, a lógica da minha mãe fazia sentido para mim. *O papai morreu*. Que triste! Que descanse em paz, amém. Meu pai era o tipo de homem que só chamava uma mulher de inteligente se isso servisse como uma piada etílica com os amigos em uma festa. Seria mentira se eu dissesse que sentia saudades dele, mas fazia o que minha mãe mandava porque era esse o mundo onde cresci: um mundo em que boas mulheres cristãs gerenciavam crises para seus bons maridos cristãos. As regras eram ensinadas nos cultos de domingo, na escola dominical e durante o jantar toda noite. A mulher tinha três funções: ser mãe, ser esposa e manter a casa limpa. Ah, e sempre *sorrir*!

E então cresci em uma pequena cidade nas montanhas, sem avós nem primos, com uma *mãe solteira* que recusava com firmeza qualquer tentativa das outras mulheres da igreja de arranjar encontros para ela, pois tecnicamente já era casada. De dia, trabalhava como secretária em uma firma de advocacia local. À noite, fazia roupinhas de bebê de crochê, suéteres, meias, chapéus, para as mulheres da vizinhança. Como as famílias de nossa igreja costumavam ter de cinco a nove crianças em média, não faltava trabalho para ela. As contas sempre eram pagas em dia. A síndrome do túnel do carpo de minha mãe atacava todo mês, mas a dor, ela falava, valia a pena em troca de uma infância americana tão boa. Ainda assim, não vivíamos numa casa que podia bancar luxos como uma faculdade particular, e é por isso que, quando a oferta de bolsa integral chegou pelo correio, minha mãe não conseguiu comentar nada além de: "Nossa."

Foi um choque para ela que eu não quisesse estudar na universidade local. Ficou surpresa, digamos assim, que eu quisesse me aventurar no mundo lá fora, quando era nítido que esse mundo estava perdido. Nas cidades costeiras, a família nuclear era uma espécie em risco de extinção. Crianças corriam descalças nas ruas enquanto os pais tinham casos extraconjugais em apartamentos de prédios sem elevador e as mães fumavam crack nas calçadas. Algumas mulheres nem sequer sabiam que ainda eram mulheres. Alguns homens não sabiam que eram homens. A taxa de natalidade estava despencando. A humanidade estava se destruindo. A raça branca estava entrando em extinção.

Essas eram as orações que minha mãe fazia para Deus toda noite quando, no fim do corredor, comecei a arrumar as coisas para a universidade:

— Senhor, proteja a Natalie. Afaste dela as tentações. Afaste-a do mal. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo…

No aeroporto, minha mãe e irmã se despediram de mim com um abraço.

— Não use cocaína — orientou minha irmã Abigail, temerosa.

Ela era dois anos mais velha que eu, tinha um rosto em formato de coração, olhos grandes como os do Bambi e um anel com uma migalha de diamante no dedo. Estava noiva do seu namoradinho da escola, um jovem espinhento e de péssimo temperamento: Bryce. Os dois estavam matriculados em uma faculdade comunitária. Abigail não tinha planos de deixar nossa cidade nem de ler qualquer livro que tivesse sido escrito por alguém que não se chamasse Paulo, Davi ou João.

— Nat, não se esqueça — falou minha mãe. — Não se esqueça de ser boa.

Seu rosto irradiava tanta piedade que quase parecia sair por seus poros. Ela

ficou olhando em volta para outras famílias de Idaho na área de embarque, quase todas trajadas como nós, com vestidos longos de camponesa e tranças que desciam pelas costas, e quase todas as famílias eram maiores que a nossa. Perto da gente, uma mulher conduzia uma fila de oito crianças para despachar as bagagens, trazendo uma pilha de passaportes na mão e uma expressão beatífica de exaustão no rosto. Minha mãe ficou observando-os passar, o rosto transparecendo remorso. Em nossa comunidade, uma família de apenas dois filhos era considerada estranhamente pequena. O oposto de abençoada. Bem, fazer o quê? *O marido dela não está mais entre nós*.

— Todo mundo acredita em alguma coisa — comentou, ainda prestando atenção na família. — Você pode tocar qualquer um se for bondosa.

— Eu sei, mãe.

Ela voltou o olhar para mim.

— É sério, Nat. Seja *boa*.

Segurei um resmungo. Não queria brigar, mas era golpe baixo ela terminar nossa despedida *assim*, salientando a maior vergonha de nossa vida: que eu não era e nunca tinha sido uma pessoa muito sociável. Era educada, tinha bons modos, era confiável, esforçada e esperta — até demais, comentava minha mãe com as mulheres da igreja, quando achava que eu não estava ouvindo —, mas extrovertida? Não mesmo. Amigos? Tecnicamente, não tinha nenhum.

— Não será um problema — respondi.

E estava falando sério, embora não da forma como sabia que ela encararia. No fundo, essa era a verdadeira razão pela qual decidi ir para Boston: eu ia para uma universidade e uma cidade em que o intelecto era muito mais importante do que ser *simpática*. O povo de Boston, até onde pude perceber pelo que li no computador de casa, era conhecido por sua inteligência e seu desinteresse por cerimônias. Não havia dúvidas de que esse era o tipo de mundo ao qual eu pertencia.

Abracei minha irmã e mãe outra vez, juntei a bagagem e segui para a fila da inspeção de segurança. Quando me aproximei dela, senti uma vontade súbita de me virar e acenar de novo para minha família. Mas então pensei em Gomorra, no que acontece com mulheres que olham para trás para ver o mundo que deixaram.

"[…] Iahweh fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos de Iahweh… e destruiu essas cidades e toda a Planície, com todos os habitantes da cidade e a vegetação do solo. Ora, a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal."

Não olhe para trás, não olhe para trás.

Mas o que aconteceu com as mulheres da Bíblia que continuaram olhando para a frente? E elas?

Eu não me lembrava, mas tinha algo nisso tudo que, instintivamente, parecia errado para mim. Cheirava a ganância e parecia muito com bruxaria.

"Não vos voltarei para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam..."

Era melhor não arriscar. Então encontrei uma cadeira perto do portão de embarque e fiquei encarando o carpete, determinada a não olhar nem para a frente, nem para trás, até que os comissários de bordo começassem a chamar meu grupo, e o resto da minha vida começasse.

---

1 Rito luterano, anglicano, similar à catequese cristã, católica. (N. da E.)

3

Depois de Caleb e eu comprarmos a fazenda, nós nos reunimos com vários arquitetos e empreiteiros para discutir uma reforma. Muitos ficaram chocados com nossas exigências. A casa era do início do século XIX, mas tinha sido toda reformada alguns anos antes. As janelas eram novas, os eletrodomésticos eram novos, o telhado, a instalação elétrica e os pisos eram novos. E agora a gente queria fazer uma reforma… outra vez?

— Vocês entendem que isso vai custar meio milhão de dólares? — perguntou o primeiro arquiteto.

— Vocês entendem que o valor de mercado do imóvel vai cair pela metade? — perguntou o primeiro empreiteiro.

— Vocês perderam o juízo? — perguntaram o segundo, o terceiro e o quarto arquitetos.

— Quero que pareça que entrei em uma máquina do tempo — eu repetia a cada encontro. — Quero que tenha *autenticidade*.

("Autêntico em relação ao quê?", um dos arquitetos perguntou.)

Então eu acrescentava as palavras mais importantes que alguém pode dizer em uma reunião de negócios:

— Dinheiro não é um problema.

O sexto homem com quem conversamos foi aquele que decidimos contratar. Ele não tentou nos dissuadir de nada, não ergueu as sobrancelhas quando listei minhas exigências: queria que o lava-louça, o micro-ondas e todos os eletrodomésticos modernos ficassem escondidos; queria uma banheira vitoriana banhada por luz natural; queria pisos com tábuas largas que parecessem ter sido arrancadas do próprio *Mayflower*.[2] Queria uma estética antiga com todos os confortos da modernidade e queria que esses desejos aparentemente inconciliáveis fossem de alguma forma integrados por uma série de decisões impecáveis de design. Enquanto eu falava, o empreiteiro — um homem mais velho que

trabalhava havia décadas na região — fazia anotações com agilidade. A cada pedido meu, ele aquiescia e dizia em tom monocórdio:

— Com certeza dá para a gente fazer, dona.

Quando estávamos prestes a terminar a reunião, ele olhou para mim bem sério e falou:

— Dona, vocês querem banheiros dentro de casa ou preferem uma casinha do lado de fora?

Dei uma risada forçada.

— Pode ser dentro de casa mesmo.

— Ótimo. — Ele fechou o caderno e olhou para a gente. — Vamos fazer uma máquina do tempo para vocês dois.

Bem-vindos à minha máquina do tempo.

Estou deitada sob aquela colcha horrorosa em posição fetal. Não faço ideia de que horas sejam. Acordei do que pareceu mais uma anestesia cirúrgica do que uma soneca. A área ao redor do meu olho esquerdo não para de latejar.

A pele da palma das mãos, antebraços e pernas está ardendo muito. Os pés parecem mais quentes, inchados de sangue, do que propriamente doloridos. Minha cabeça também está latejando e rodando de um jeito que me faz questionar se tive uma concussão.

Acorda, Natalie.

Mamãe, a gente está tomando café da manhã.

Vai para o celeiro.

Uma boa esposa não fala assim com o marido.

Ah, não!

Somos nós, é claro.

Sou a droga do seu marido.

MAMÃE, 1855.

Está difícil raciocinar agora. Literalmente. Eu consigo sentir, *sentir* mesmo, o esforço muscular para formular um pensamento, como se cada palavra fosse uma pedra que preciso encontrar e tirar da lama.

Deve ter sido aquele homem que me trouxe para a cama depois de me nocautear. *Caleb*, supostamente. Uma versão mais velha do meu Caleb. O *Velho Caleb*. Enquanto estou deitada de lado, imagino-o me carregando: tocando minha pele, me colocando na cama, fazendo sabe-se lá Deus o que mais enquanto eu estava desmaiada. Sinto vontade de vomitar. Só que é pouco provável que vomite de verdade; minha barriga está roncando e berrando.

Eu me viro de lado, fazendo careta enquanto dez partes diferentes do meu corpo dão sinal de alerta. Não são apenas os ferimentos. Ele parece velho e cansado como um todo.

Faço uma pausa. Pisco devagar. Examino as partes do corpo que consigo ver com facilidade. As costas das mãos, meus antebraços. Não é fácil avaliar o estado da minha pele quando meu corpo está coberto de sujeira e terra.

Não há nenhum espelho no quarto, não consigo ver meu reflexo. Não tenho como me assegurar que sou, de fato, eu mesma. É impressionante o tipo de coisa que passa batida por nós. Nunca parei para pensar no milagre que é um espelho. Nunca cogitei que haveria um dia em que ficaria tão desesperada para me ver, para só então me dar conta de que não tinha as ferramentas necessárias para isso.

Fecho os olhos, tento acalmar meu cérebro em parafusos.

Fique calma, Natalie. Ponha os pés no chão. Pense. Pense!

Meu cérebro começa a lançar, com fraqueza, pequenos dardos de pânico em resposta.

— Mamãe?

Eu estremeço com o som. Levanto a cabeça do travesseiro. *Ai:* uma dor de cabeça perfura a parte de trás de meu crânio como uma agulha cirúrgica.

Ali está a menininha, parada ao lado da porta. A mesma que me chamou mais cedo. Está vestindo uma daquelas roupas estranhas dos pioneiros e tem os cabelos trançados. Meu coração se aperta com uma espécie de repulsa terrível, como a que senti nos primeiros dias de puerpério após ter Clementine. Aquele instinto inato de amar uma criança, especialmente se ela se parece com você, misturado ao desejo arrebatador de matar aquela criatura carente, de esmagar sua cabeça e sair correndo.

A menina entra no quarto, sua mãozinha tateando a parede.

— É a Maeve, mamãe — diz com timidez. — Sou eu.

— Maeve — repito grogue, como uma desvairada mulher das cavernas.

Adoro esse nome. Sempre esteve na nossa lista, desde nossa primeira filha. A cada uma de nossas meninas, cogitamos o nome Maeve, mas ninguém parecia combinar com o nome. Essa menininha, no entanto, é uma Maeve perfeita. Calma, observadora e doce.

Fecho os olhos. Vasculho pensamentos. Balbucio:

— Onde estou mesmo?

— Em casa — ela responde na mesma hora.

Está encarando o chão. Parece triste ou decepcionada. Como se estivesse brincando de algo que não queria brincar.

Sinto uma pontada de pavor. Um novo pensamento emerge, intensificado pela paranoia: *Ela foi preparada para responder a essas perguntas.*

— Que dia é hoje?

Ela vem se aproximando pela parede conforme conversamos, aos poucos, num movimento que parece mais instintivo do que intencional, como se eu a atraísse para mim. Como se ela me amasse. Como se… meu coração dispara… como se eu fosse sua mãe.

Ela dá um pequeno chute na mesa de cabeceira, olha para mim, mas afasta o olhar quando fazemos contato visual.

— Quarta-feira.

Minha mente se agarra a essa informação com alívio imediato — *conheço essa palavra; é um dia da semana de onde a gente vem* —, e demoro a me dar conta de que não lembro quando foi meu último dia lá em casa.

Do que me lembro?

Uma pergunta tão simples, e ainda assim parece impossível de responder.

Lembro-me da minha mãe e da minha irmã. Lembro-me de casar com Caleb e de dar à luz. Lembro-me do e-mail de Shannon. *Apenas para constar: não acho que você seja má pessoa.* Ah, e me lembro daquela expressão esperançosa no rosto do meu marido quando falou: "Está na hora de me candidatar."

— Mamãe, seu olho — Maeve diz.

Ela está ao lado da cama agora. Hesita, então se aproxima, trazendo a mão até meu rosto inchado. Eu me encolho e fecho os olhos, preparando-me para a onda de dor. Quando nada acontece, volto a abri-los. Seu dedo paira sobre minha pele. Ela sabe o que é um hematoma. Não quer me machucar.

— Tá com fome, mamãe?

Meu estômago ronca em resposta.

— Sim — admito. — Muita.

— Vamos para a cozinha. Vem comer.

Hesito.

— Cadê o… — *Seu pai? Seu chefe?* — ... aquele homem?

— Trabalhando. Com Abel e Noah.

Abel, Noah. Mais bíblico, impossível. Qual é a idade dessa menina? Ela parece ter por volta de seis ou sete anos, mas fala como se tivesse três ou quatro. Por um instante vergonhoso, minha vontade é de agarrar seus ombros e sacudir seu corpinho até que a verdade jorre dela como vômito.

Quando me levaram de casa?

Quanto tempo faz?

O que houve comigo?
Meus filhos e meu marido estão procurando por mim?
Os pequenos estão surtando?
A bebê está chorando por mim?
A bebê. Ponho a mão imediatamente sobre a barriga.
Minha criaturinha marinha.
Não há mais bebê nenhum. Não estou mais com seis meses de gestação.
Minha boca fica escancarada como se eu desse um grito silencioso.

Ao longo da vida, em diferentes ocasiões, eu me perguntei com verdadeira curiosidade como era possível as pessoas passarem pelo mundo sem ter fé. Na faculdade, vi as meninas do meu corredor se emanciparem, orgulhosas, de toda instituição que as moldava: suas famílias, seu país, seu Criador. Faziam questão de romper todos os laços com o universo mortal. Aquilo era inconcebível para mim: sair flutuando pelo mundo, sem ter nada que me segurasse. O que me impediria de simplesmente despencar?

Enquanto Maeve me leva pelo corredor até a cozinha, sua mãozinha segurando a minha com força, eu me lembro de que não estou só, não importa o quanto pareça que sim.

"Ainda que eu caminhe por vale tenebroso, nenhum mal temerei, pois estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo."

Recordo-me, com mais que uma leve inquietação, de que nada é acidental. Não existe nada que aconteça no mundo que não seja parte do plano Dele. (Imagens de mártires começam a aparecer na minha cabeça: mulheres queimadas vivas, crianças decapitadas, só para que a fé de algum homem fosse restaurada. Volto a tocar minha barriga, e uma nova vertigem toma conta de mim. *Senhor, não sou um sacrifício, sou?*)

A cozinha está mais silenciosa agora. Os dois meninos e o homem não estão ali, como Maeve tinha prometido. A menina mais velha está debruçada sobre a mesa da cozinha, de costas para nós. Enquanto nos aproximamos, noto que ela está mexendo algo que parece uma massa de bolo. Ela ergue a tigela e a vira com cuidado sobre uma grade de madeira, enchendo cerca de uma dúzia de moldes retangulares.

Sabão. Ela está fazendo sabão.

Eu já tinha feito isso. Foi um dos primeiros tutoriais que compartilhei on-line, cerca de uma semana antes de (*graças a Deus!*) minha conta viralizar. O vídeo era tosco e chato; gravei em uma única tomada, escrevi uma legenda bem banal

— *O ato de limpar está próximo da divindade* — e postei, depois observei horrorizada quando meus novos seguidores acabaram com ele.

Por que essa mulher é famosa?

Esse vídeo tá completamente fora de foco!

Alguém sem querer fez uma lobotomia na Martha Stewart???

No ano seguinte, fiz mais uma dúzia de vídeos sobre sabonetes, cada vídeo mais limpo — *ahá*! — e melhor que o anterior. Em pouco tempo, os comentários de elogios superavam os de ódio, e mesmo o ódio mudou de tom, de críticas de execução — "Por que essa mulher é famosa?", por exemplo — a críticas aos conceitos do conteúdo do vídeo — do tipo: "Quem tem tempo de fazer sabonete?"

Quando isso aconteceu, eu sabia que tinha vencido.

Agora Maeve solta minha mão e corre para a mesa, subindo na cadeira ao lado da irmã.

— A mamãe quer um biscoito.

— A mamãe pode esperar até o jantar — responde a menina mais velha.

Maeve se distrai com os materiais na mesa e não fala nada, esticando-se na direção de uma tigela de madeira cheia de brotos de lavanda. Ela agarra um punhado e joga as flores de qualquer jeito sobre a grade, fazendo com que metade dos moldes fique completamente coberta de roxo, e a outra metade continue sem nada.

— Você precisa espalhar de maneira uniforme — diz a menina mais velha. — Deixa que eu te mostro.

Ela enche a mão com brotos e os espalha com perfeição sobre as fôrmas restantes.

Aponto para os brotos de lavanda.

— Quem te ensinou a adicionar as ervas?

A menina mais velha se vira para mim.

— Você — responde com calma. — Foi você quem me ensinou.

2 *Mayflower* era o nome do navio no qual chegaram os primeiros peregrinos da Inglaterra ao que hoje é os Estados Unidos. (N. da E.)

4

— **Toma isso aqui** — minha colega de quarto na faculdade mandou, metendo um copo de plástico na minha mão.

Seu nome era Reena Magliotti. Parada diante de mim em seus jeans de marca, sua faixa de cabelo de marca, seus tênis de marca e sua camiseta de marca, ela parecia um catálogo ambulante do shopping de luxo mais próximo. Era a primeira noite da faculdade. Estávamos organizando um esquenta para um jogo, um conceito que me foi apresentado cerca de quinze minutos antes.

Segurei o copo, levantando a voz para conseguir ser ouvida em meio ao rap que tocava na caixa de som da mesa de Reena.

— Isso aqui tem álcool?

— Não se preocupa — respondeu ela, fazendo pouco caso enquanto enchia outro copo. — Não dá nem para perceber.

Cheirei o copo — *geleia de morango* — e corei ao ouvir o som de risadas. Algumas meninas estavam sentadas na cama de Reena. Eram idênticas às do pôster que ficava preso na parede acima delas: modernas, unhas feitas, um pouco ranzinzas.

— É praticamente suco — disse uma delas.

A outra deu uma risadinha de novo. Nenhuma tinha escolhido sentar-se na minha cama. Ninguém tinha pisado na minha parte do quarto, que tinha as poucas coisas que eu trouxe de casa: uma colcha bordada à mão, um porta-retratos da minha família, um computador bancado pela bolsa de estudos. Não havia nenhum pôster do meu lado do quarto.

Concordei com a cabeça, por educação, embora estivesse começando a me incomodar com a forma como essas mulheres se recusavam a responder àquilo que eu perguntava e fingiam ouvir perguntas que eu não tinha feito. Ainda assim, a voz da minha mãe ecoava na mente: *Seja boa!*

Era mais importante para Deus que eu me abstivesse de álcool ou me

entrosasse com estranhos? Dei um gole. Era muito doce, estava mais para xarope que para suco, não muito diferente do vinho falso que davam para a gente no culto todo domingo.

Fechei os olhos e dei uma golada maior no copo, depois outra, ignorando as meninas que riam outra vez, ignorando os gritos de incentivo de Reena — *Manda ver, amiga!* —, enquanto o suco escorria por meu queixo e pingava na gola do vestido, deixando manchas que pareciam sangue e nunca sairiam.

A música estava alta. Muito alta. Como era possível caberem tantas mulheres em um quarto tão pequeno? Pior: todas falavam mais alto do que eu, ao meu redor, e me ignoravam. Pelo que pude notar, todas já se conheciam de alguma forma.

Amigos em comum.

Acampamento de verão.

Internato.

Seu pai estudou na…?

Não acredito, minha mãe fazia parte da….!

Do outro lado do quarto, Reena estava em um semicírculo de mulheres que pareciam suas cópias toscas de argila e que também estavam cobertas de logos de grifes. Paradas juntas assim, pareciam vacas marcadas que tinham acabado de fugir depois de serem gravadas com ferro quente. Elas riam ou gritavam. A música? Estava alta mesmo. E o chão? Mal conseguia enxergar, só via dezenas de sapatos que se mexiam e moviam como serpentes. O chão estava repleto de serpentes, essas pessoas eram serpentes…

Não, que boba. São sapatos, não serpentes.

Será que era essa a sensação de estar bêbada?

Eu não estava bêbada. *Não, nada bêbada.* Hum, talvez um pouco bêbada. O quarto parecia uma selva. De tempos em tempos sentia uma rajada de ar quente e rançoso. Parecia menos um dormitório de faculdade e mais a boca de um monstro.

Monstros. Bocas.

"Os ímpios se desviaram desde o seio materno, desde o ventre já falam mentiras; têm veneno como veneno de serpente…"

E lá estava ele: o sobressalto do pânico. Uma lágrima desceu por meu rosto. Eu estava parada no meio (em volta? ao lado?) de um grupo de garotas que falavam todas ao mesmo tempo umas com as outras, um simulacro estranho de conversa que claramente impedia qualquer troca verdadeira. Uma delas olhou para mim, se aproximou e disse:

— Adorei seu cabelo! — E gesticulou para minha trança, em tom de aprovação. — É tão *comprido*.

De uma só vez, os monólogos pararam. Todas estavam olhando para mim agora. A pressão da atenção coletiva parecia uma força gravitacional. Resisti à vontade de cair de joelhos.

— É tão bonito — acrescentou outra menina.

Estavam todas sorrindo para mim agora. Era perturbador: todo mundo que eu tinha conhecido até agora na faculdade tinha dentes tão perfeitos e brancos que mal pareciam de verdade.

— Você já cortou o cabelo alguma vez? — perguntou uma terceira, fazendo um gesto de tesoura. — Hein?

Ah. Era isso que estava acontecendo: essas garotas achavam que eu era idiota. Mas como? Mal falei alguma coisa para ser rotulada, que dirá para fazer pouco jus ao meu intelecto. Observei nosso grupo e vi uma menina franzindo a testa, encarando a mancha de suco na parte de cima de meu vestido de camponesa. Ela percebeu que a notei e desviou o olhar.

Então era isso. Meu cabelo, meu vestido, tudo isso era sinal de estupidez para elas. Tarde demais, sequei a bochecha molhada de lágrima com as costas da mão e respondi brevemente:

— Não, nunca cortei.

— Uaaaaau — falaram em uníssono.

Senti uma solidão infantil e desesperadora. Minha outra mão se fechou em punho. Eu daria tudo para sentir o tecido da saia da minha mãe, para olhar para cima e ver sua expressão doce e cheia de autoridade olhando para mim. *Pronta para voltar para casa, Nat?*

Sim, mãe. Estou pronta para voltar para casa.

— Quero ir embora — anunciei, embora aquele fosse meu quarto.

— Claro — disse uma menina, consolando-me. — Fica à vontade.

Quando saí, uma nova rodada de conversas que se sobrepunham começou:

— Ela é amish, né?

— Acho que é judia ortodoxa…

— Os mórmons são tão…

— Mas você já conheceu um evangélico?

Durante uma hora fiquei sentada em uma poltrona na sala de recreação, ouvindo os esquentas dos jogos rolando ao longo do corredor. Quando o último ruído de gargalhadas nas portas dos dormitórios se abafou, eu me levantei, voltei para o

quarto e comecei a arrumar a bagunça.

Isso aqui é o inferno, pensei tranquilamente enquanto esfregava as manchas vermelhas e grudentas do meu teclado novinho de computador.

Não, *isso aqui* é o inferno: quatro horas depois, acordei com a Reena entrando aos tropeço no quarto com um menino, falando alto, embora parecesse achar que estava sussurrando:

— Você é tão gostoso. Aqui. *Aqui*. Fica quieto! Minha colega de quarto está dormindo.

Deu para ouvir o colchão dela ranger enquanto cedia sob o peso dos dois corpos. O garoto não falava, mas dava para sentir sua presença no quarto com a gente. Eu conseguia ouvir sua respiração.

— Vem cá — chamou ela num sussurro, e ele obedeceu.

Em pouco tempo, os barulhos que vinham do outro lado do quarto eram tão ininteligíveis quanto instintivamente horríveis. Risos e grunhidos. Lençóis amassando. Pele com pele. Um som úmido de algo deslizando. Uma sucção mecânica horrível. Um ruído longo, gutural e sufocado, como água passando por um ralo entupido. E então: um suspiro ofegante, como se fosse uma pessoa que volta à superfície e enche os pulmões de ar pela primeira vez.

Reena resmungou:

— Não gostei disso.

— Ah. — Essa foi a primeira coisa que o garoto disse. E depois: — Não esquenta.

— Não me sinto bem.

Silêncio.

— Quer que eu vá embora?

Eu rezava tão alto em minha cabeça, que quase parecia que eles poderiam acabar me ouvindo também. *Por favor, manda esse menino embora, manda esse menino embora, manda esse menino embora…*

— Não — respondeu ela. — Tá tudo bem.

Os dois continuaram. Um minuto depois, ele estava metendo nela — "Mais devagar", ela pediu —, mas a sensação era de que estava metendo em mim. A dor era terrível. Eu queria gritar "Não", queria pedir que parassem, por favor, *parem*, que eu não queria aquilo, não conseguia suportar, mas a dor, e o medo, e a humilhação tinham roubado minha voz, então fiquei ali, sob os lençóis — o coração parado, o sangue congelado, a boca escancarada num suspiro sem fôlego e cadavérico —, e deixei continuarem.

"Os dez chifres que viste e a Besta odiarão a prostituta e a despojarão, deixando-a nua: comerão suas carnes e a entregarão às chamas."

Quase uma eternidade depois, o garoto foi embora. Reena se levantou e começou a andar lentamente pelo quarto escuro, vestindo-se. Depois abriu a porta do quarto, saiu e tornou a fechá-la com cuidado. Ouvi seus passos se afastando no corredor até o banheiro, depois me debrucei para fora da cama e vomitei geleia de morango.

5

À LUZ DO DIA, É mais fácil notar como a casa está acabada. As tábuas do chão estão velhas e apodrecidas. Da cozinha, dá para ver pedaços do céu pelo beiral do teto. Quanto à cozinha, é tão simples como a que tenho em casa: um balcão comprido de madeira; uma pia grande de ferro fundido; algumas prateleiras repletas de recipientes grandes, que eu bisbilhoto e examino um a um. Algumas coisas consigo reconhecer: farinha, banha, batatas, pêssegos em calda, cerejas e peras. Depois há alguns recipientes com sementes, xaropes e substâncias de cor estranha que não faço ideia do que sejam.

— São para dor — disse a menina mais velha ao me ver escrutinando um pote com um xarope vermelho.

Ela franze o cenho para mim, cautelosa.

— Você está com dor de cabeça?

Eu estava, mas não ia dizer isso para *ela*.

Nessa cozinha não tem uma despensa escondida com uma geladeira gigantesca, dois lava-louças nem um micro-ondas. Não tem uma lavanderia com uma prateleira cheia de detergentes sem químicos, sem fragrância e sem corantes. Não tem banheiro também. Pela janela da cozinha, dá para ver uma casinha perto do galinheiro, sem dúvida o banheiro (estou ignorando solenemente, neste exato momento, meus neurônios gritando na minha cabeça o quanto preciso usá-lo).

A planta desta casa é idêntica à da minha: uma casa pequena de apenas um andar, com cozinha e sala de estar amplas e quatro quartos no fim do corredor. A distribuição dos cômodos é a mesma, mas, em vez de beliches e cômodas da Pottery Barn, os quartos das crianças têm colchões de palha e prateleiras de madeira expostas, cada uma com pequenas pilhas de roupas gastas.

Como uma máquina do tempo, pensava enquanto espiava cada quarto. *Como uma versão estropiada e detonada da minha vida.*

Por fim, não consigo mais me segurar. Vou até as meninas na mesa e digo com formalidade:

— Gostaria de usar o banheiro.

— Então vai, ué — diz a menina mais velha, sem nem se virar.

Minha cabeça está me matando, um lembrete pulsante do que tinha acontecido mais cedo. Uma *boa esposa não fala assim com o marido*. Vou até a varanda.

A claridade repentina me causa uma dor lancinante, que ilumina todos os pensamentos que já tive e depois os lança, na mesma velocidade, de volta à escuridão. Uma brisa me balança o cabelo, refrescando a nuca. Enquanto meus olhos se acostumam à claridade e a dor diminui, percebo que estamos no outono. As folhas nas árvores ao longe são de um castanho-dourado intenso, e há pouca neve no topo das montanhas. Até meados de novembro elas estarão todas cobertas de branco.

Observo as montanhas, meu olhar viajando sem pressa de volta para a fazenda, passando por vales e ondulações de milhares de hectares da paisagem rústica de Idaho, pontilhada por arbustos de artemísia e basicamente apenas isso, até enfim alcançar a cerca em ruínas do celeiro. Um exemplar miserável de cerca, em nada parecido com a minha, que todo ano é pintada com um branco-igreja.

De repente um dos meninos — *batente da porta; o menor: Noah!* — sai do celeiro com um cavalo, conduzindo-o para o pasto. Nosso cavalo. Snickers. Aquele animal marrom e branco tão adorável. Só que…

Não. Não é nosso cavalo.

A sensação é de que estou vendo o mundo através de uma mancha de óleo.

As manchas do cavalo estão numa posição um pouco diferente. A listra branca em seu nariz é mais larga que a do Snickers, e há uma mancha branca a mais na sua barriga.

A gente nem devia ter comprado um cavalo, para começo de conversa. Nenhum de nós sabia montar, e eu vivia pedindo a Caleb que tivesse bom senso, que ponderasse, *que levasse em conta por um segundo o trabalho que um cavalo daria*, mas ele insistia que a gente ia aprender, que era *fundamental*, quando a gente… quando a gente…

Uma sensação repentina de agorafobia me invade. Os campos, os bosques, as montanhas. Uma terra infinita. O velho oeste. A corrida do ouro. Caubóis e índios. Montanhas de búfalos mortos. *Destino manifesto!* Cobertores contaminados

com varíola. Rifles, e carroças cobertas, e tempestades de areia, e bandos de mustangues, e Área 51, e naves espaciais, e alienígenas, mais para Marte que para a Terra…

De repente, estou a meio caminho entre andar e correr pelo campo aberto em direção à casinha. Abro a porta com força e entro. O fedor me deixa sem fôlego, mas, ainda assim, fecho bem a porta atrás de mim. Eu me sinto uma criança novamente, agindo segundo a lógica dos sonhos: se ficar sob a coberta, os monstros não vão me achar.

Falando em crianças e lógica dos sonhos… que besteira, não tem como funcionar, mas… bem… e se eu tentar?

Perdão, Senhor, mas preciso tentar.

Quando termino de fazer xixi, eu me levanto, fecho os olhos, organizo os pensamentos e bato os pés um no outro três vezes.

Não há lugar como nosso lar.

Não há lugar como nosso lar.

Não há lugar como nosso lar.

Abro a porta e digo:

— Merda.

6

TODA NOITE DE SEGUNDA-FEIRA, MINHA mãe ligava para o dormitório às sete e ponto para saber como tinha sido a semana. Como andava minha vida social. Se tinha conhecido alguma francesa? E irlandesas? Havia alguma — respira fundo — judia ou muçulmana no prédio? Elas rezavam na minha frente? Tinham o mesmo cheiro que o meu ou o delas era diferente?

Minha mãe teve minha irmã quando tinha dezoito anos, depois me teve com vinte. Cursar a faculdade nunca foi uma opção. Viajar pelo mundo também não. O destino de sua viagem mais longa foi o Arizona, para um casamento. No aeroporto, sua ansiedade com minha decisão de ir para a faculdade era clara, mas agora — talvez porque ela própria nunca teve essa oportunidade, ou talvez como forma de redirecionar a ansiedade por sua filha estar morando tão longe — ela não parava de falar sobre como era empolgante eu estar lá. *Não consigo nem imaginar quanta gente interessante você vai conhecer!*

Em resposta, menti para minha mãe pela primeira vez na vida. Disse que era exatamente como ela imaginava, porque achei que ela iria surtar se ouvisse a verdade.

Não, a faculdade não era o oásis acadêmico que eu esperava que fosse. Não havia disputas intelectuais nos corredores, como as de Sócrates e Platão, nem debates apaixonados sobre livre-arbítrio, criação e luz divina do intelecto humano. Também não era igual a Gomorra, como minha irmã e mãe temeram. Pelo menos, não no sentido que elas pensavam. Na verdade, eu me sentia numa espécie de abrigo extremamente claustrofóbico para jovens ricos. Um Éden de inteligência artificial: uma paisagem aquecida feita para manter os piores jovens americanos sãos e salvos, bem alimentados até estarem grandes o bastante para superar a vontade de bicar os olhos um do outro.

No início, pensei que os problemas com minha colega de quarto seriam meu

maior desafio, mas Reena nunca mais levou ninguém para o dormitório desde aquela primeira noite. Então as aulas começaram, e o verdadeiro pesadelo se revelou para mim. No início, eu ficava paralisada na primeira fila de cada aula, enquanto aquele monte de jovem abusado e com péssima dicção de Chicago, Los Angeles e Darien ficava sentado nas últimas fileiras falando alto. Os rapazes reclamavam da hegemonia de força e das intervenções militares estrangeiras, sacudindo suas mãos macias, com as unhas irritantes de tão limpas. Já as garotas falavam do horror que sentiam pela diferença salarial entre os sexos, e, embora inicialmente tenha achado que uma boa parte delas devia ter a mesma doença, logo me dei conta de que seus dedos, mãos e antebraços eram todos de um tom laranja pavoroso por causa do creme bronzeador que atravessava os corredores como um totem espiritual.

Durante a semana, à noite, as meninas do meu corredor se agrupavam em um quarto e bebiam vodca Smirnoff com suco de toranja sem calorias enquanto reclamavam dos pais, dos internatos, dos namorados da época da escola. Ninguém parecia grato por estar ali. Até onde podia perceber, ninguém era grato por nada. Todas pretendiam ser esposas e mães, mas todas odiavam os homens e as crianças. Falavam da família nuclear como se falassem da bomba nuclear. Era uma força destrutiva, sexista, militarista, heteronormativa, feita para destruir o mundo. Adicionavam um *literalmente* para dar mais ênfase ao fim de cada frase que não fazia sentido literal nenhum. *Li-te-ral-men-te*. Quando falavam de mães que eram donas de casa, seus olhos não marejavam de gratidão. Ao contrário, reclamavam que a feminilidade tradicional era um flagelo. Qualquer mulher que escolhia ficar em casa em vez de trabalhar era cúmplice. Qualquer dona de casa era tanto vítima quanto algoz.

— Do quê? — Cometi o erro de perguntar uma vez, bem no início.

As meninas se entreolharam. *A menina amish falou!* Então Reena — que nos primeiros dias de faculdade tinha ficado claramente decepcionada ao notar que não ia conseguir subir tanto na pirâmide social quanto havia imaginado, e que achava que em parte isso era culpa minha — deu um pigarro e respondeu, num tom cansado:

— Do patriarcado, Natalie.

Dã.

Sempre existia alguém cuja irmã deixou o trabalho para cuidar dos filhos porque o salário não compensava o valor da creche. Sempre existia alguém com uma prima que teve os mamilos, a rotina de sono e a vida sexual destruídos pela amamentação. Sempre existia alguém cuja mãe estava se afogando em bebida

enquanto o pai aprontava com alguma garçonete na cidade. Numa noite, uma das meninas disse (é sério, estou citando palavra por palavra):

— Quero fazer uma cesariana, para a cabeça do bebê não ficar toda deformada quando ele sair.

Numa outra vez, Reena contou para todas o que aconteceu na primeira noite da faculdade, aquela noite horrível que ela passou com aquele cara. Ele era um "predador", insistiu. Passava uma "energia de estuprador gigantesca". Meteu o pau em sua boca com força, relatou — ela "mal conseguia respirar!" —, depois a pressionou a transar com ele, e todo mundo deveria anotar o nome, deviam lembrar e "nunca ir para casa com ele", porque não dava para confiar *nunca* em homens iguais àquele.

Fiquei sentada no beliche oposto, muda de terror, enquanto ela continuava. Já sabia que essas jovens mulheres gostavam de confundir fato e ficção — *famílias nucleares eram destrutivas? Cesarianas eram opções melhores? Em que mundo, meninas?* —, mas ali, naquele exato momento, tínhamos um claro erro jornalístico, uma declaração falsa sobre um atropelamento com omissão de socorro que nunca aconteceu, e eu era a única testemunha.

Seja boa, tinha sido o alerta da minha mãe.

Fiquei contemplando o copo de água com gás no meu colo.

Toda noite, depois de umas duas ou três horas desse tipo de debate em grupo, as meninas se despediam, e eu vestia minha camisola devagar, sentindo-me tonta e um pouco enjoada. Era como se estivesse me afogando com a modernidade. Quando me deitei — os dedos tremendo tanto que mal conseguia me cobrir —, minha mente tateava em busca de minha mãe, como uma planta moribunda que se contorce em direção à luz. Pensava nos aventais que ela tinha costurado à mão para mim e minha irmã, nossos nomes gravados em letra cursiva rosa perfeita no bolso que ficava na altura do peito, e mordi a língua até sangrar. Era uma coisa terrível de admitir: sentia falta de estar com aquelas mulheres gentis.

Era horrível. Tinha conseguido exatamente o que tanto queria: uma faculdade onde todos eram antipáticos de cair o queixo. Quase conseguia ouvir o Senhor sussurrar em meu ouvido: "Cuidado com o que deseja, ovelhinha. Você pode acabar conseguindo."

A situação era insustentável. Mas, toda vez que eu fazia o pedido para ser transferida para um quarto individual em outro prédio, ele era negado.

— Você teme pela sua segurança? — perguntou minha conselheira certa vez.

Depois do sétimo pedido, ela foi me visitar quando Reena estava na aula.

Eu me esquivei:

— Bem, não pela segurança física, mas pela espiritual, sabe? Bastante — respondi, balançando bem a cabeça.

Mas ela já estava devolvendo meu pedido.

— Desculpe, mas não vão aprovar isso.

E então, numa noite, o Senhor agiu da forma mais inesperada.

Era uma noite de quinta-feira. Reena estava se preparando para mais um esquenta em nosso quarto. Era uma noite importante, percebi pela conversa que teve com outras meninas na minha frente. Ela ia ficar com um cara com quem vinha conversando fazia semanas. Pelo canto do olho, vi Reena tomar sua quarta dose de vodca em vinte minutos. *Predador*, pensei, no casulo seguro da minha cama. Já tinha desistido de beber nesses eventos havia muito tempo. Estava de pijama, sob a coberta, com um livro aberto sobre as pernas.

Um trio de meninas chegou, olhando ansiosas nosso quarto vazio. Com certeza esperavam que mais gente estivesse ali.

— Chegamos cedo demais?

— Ah, oiiiii! — disse Reena num tom afetado, tentando contornar o constrangimento. — Entrem, entrem, eu estava servindo a bebida de vocês agora mesmo.

Os quartos de duas delas ficavam no mesmo corredor e tinham aprendido nas primeiras semanas a não me dirigirem a palavra. *Aquela garota católica é estranha!* Mas a terceira era de outro prédio.

— Oi! Natalie, né? — Quando olhei, ela falou: — Estamos na mesma aula de estudos de gênero.

Reena franziu a cara.

— Não é uma turma com, tipo, umas quatrocentas pessoas?

— Bom, é, mas outro dia a Natalie entrou em um debate acalorado com a professora sobre diferenças biológicas. Estava preparada com um monte de estudos também, tipo, *bum*, mulheres são fisicamente mais fracas, *bum*, homens não são bons em tarefas domésticas porque sua visão é própria para atividades de caça, *bum*, o corpo feminino é feito para criar filhos, e o que você acha *disso*? A professora ficou *tãããão* irritada — comentou a garota, rindo. — Foi hilário.

Eu não respondi nada. Achava que a professora tinha gostado do debate. Uma sensação de solidão enorme se abateu sobre mim: todo mundo aqui, até o corpo docente, parecia me odiar.

— Ah, não importa — retrucou Reena. — A Natalie não tá nem aí para o

que as pessoas pensam. Não é, Natalie?

Reena tinha feito isso, de me defender vagamente, algumas vezes no início da faculdade, mas agora em geral me usava mais como objeto cênico ou moral da história de sua própria vida social fracassada. Eu era uma pomba e ela um mágico amador, na frente de uma plateia quase vazia, tateando minhas penas nas profundezas de sua cartola preta.

— O que os outros pensam de mim não é da minha conta — soltei, baixinho.

— Nossa, Natalie. — Reena me deu um olhar vaidoso enquanto servia mais vodca para si. — Você é tão preciosa. Foi sua mãe que te mandou falar isso?

Senti uma ardência no peito quando as garotas começaram a rir entre si. Era uma piada ridícula, Reena com certeza não achava que eu ia responder — a pomba por acaso bica o dedo do mágico? —, e deve ter sido por isso que ela pareceu tão perplexa quando lancei:

— O fato de você odiar sua mãe não quer dizer que eu preciso odiar a minha.

O quarto ficou em silêncio. Reena largou a vodca.

— Nunca falei que odeio minha mãe — argumentou, olhando para as garotas. — Quando foi que eu disse isso?

Voltei a me concentrar no livro.

— Sério! Eu amo minha mãe!

— Claro que ama. — Uma das meninas tentou tranquilizar Reena.

Só que não deve ter funcionado porque, quando Reena voltou a falar, a voz cheia de fúria:

— Sabe o que acho, Natalie?

Não, Reena, não sei o que você acha. Na verdade, estou impressionada de saber que você sequer pensa alguma coisa.

— Acho que você considera ser melhor que a gente. — Virei a página. — Você está me ouvindo?

Sem olhar para ela, respondi:

— É outra pergunta retórica? Ou você quer mesmo ouvir uma perspectiva diferente do mundo?

As meninas atrás dela deram risadinhas, surpresas. *A menina batista pensa!*

— Você é má, Natalie — afirmou Reena.

Ela estava arrastando um pouco a fala, a língua anestesiada pela vodca. Essa conversa nunca teria acontecido se ela não estivesse bêbada.

— Você tá sempre revirando os olhos quando a gente conversa. Faz comentários sussurrados. Acha que não, mas a gente percebe. E você é ainda mais

cruel comigo, ignora metade das coisas que digo, e acho que é porque tem inveja de mim, porque tenho amigos e um namorado. — Mesmo naquele momento notei que ela estava forçando a barra, que isso era algo que exigia muita coragem ou álcool para se afirmar, ainda mais na frente daquelas meninas. — E *você*, por outro lado, vive sozinha com seus amigos imaginários, Jesus, Maria e a porra do Espírito Santo.

Fiquei olhando para a página do livro, minha mente fervilhando enquanto as meninas riam. Pela milionésima vez naquele outono, pensei em minha mãe. O que ela estaria fazendo agora? Provavelmente limpando os balcões, guardando as sobras da janta. Murmurando alguma música da igreja que vivia grudada em sua cabeça. Nunca soube de alguém que minha mãe odiasse, mas tenho certeza de que odiaria essas meninas. No mínimo, ficaria horrorizada de saber no que ficavam pensando. *Você está errada, mamãe. Nem todo mundo acredita em alguma coisa. Na faculdade, existe uma quantidade enorme de gente que não acredita em absolutamente nada.*

Minha mãe sempre me encorajou a ser uma luz para os outros. Mas eu estava convicta de que não havia luz suficiente para salvar essas mulheres do horror de si próprias. Na verdade, pareciam gostar da escuridão sem propósito que era a vida delas. Tinham orgulho disso. Estavam felizes em vagar cegas em uma vida de egoísmo. Era perturbador. O pior de tudo: o fato de que essas garotas perdidas e detestáveis achavam que alguém como eu seria capaz de sentir inveja de alguém como elas.

Nem fodendo.

(Perdão, Senhor.)

— Não tenho inveja de você, Reena — respondi, fechando o livro e deixando o dedo ali para marcar a página; depois olhei para ela. — Na verdade, o que tenho é pena de você, pois você é desprovida de inteligência e criatividade. Mas, acima de tudo, tenho pena porque alguém assim nunca testemunhará algo milagroso em toda a vida.

Sua boca ficou escancarada.

— Você é uma vadiazinha!

— Bem. — Dei uma batidinha com o dedo na cruz dourada gravada na capa do livro. — Não me importo com a opinião de prostitutas.

— Você me chamou *do quê?*

— Isso mesmo que você ouviu. — Olhei para as amigas de Reena. — Ela mentiu, sabiam? Sabem o cara que veio com ela para o dormitório na primeira noite de faculdade? Ele não a machucou. Nada nem próximo disso. Na verdade,

ela *pediu* para ele transar com ela, praticamente implorou, e agora fica dizendo para quem quiser ouvir que ele a ameaçou, quando não foi nada disso. Então, se querem saber…, ela é a predadora. Não ele.

Um barulho sobrenatural se fez ouvir, um grito que parecia dividir o mundo. Antes que voltasse minha atenção para Reena, ela já estava me agarrando pelos cabelos.

Reena, coitada, nunca se lembraria dos detalhes daquela noite. Ia acordar na manhã seguinte com a camiseta coberta de vômito, os nós dos dedos machucados, um bilhete do comitê disciplinar preso na porta. Quanto a mim, eu me lembraria principalmente de ter sido a noite em que aprendi que um velho ditado era verdadeiro: o Senhor realmente age de forma misteriosa. Após meses de pedidos negados, enfim consegui me mudar para um quarto individual. No fim das contas, só precisava que minha colega de quarto me desse um soco na cara.

No dia seguinte, eu me mudei para um pequeno quarto individual do outro lado do campus. Limpo, silencioso e meu. Finalmente podia acordar toda manhã e fazer minha oração de gratidão sem me preocupar de zombarem de mim. Podia ficar quieta lendo de noite com a porta fechada, em vez de receber os olhares de pena das amigas de Reena ao entrar e sair pegando maquiagem e roupa emprestada enquanto se arrumavam para a excursão semanal de uma fraternidade onde, com sorte, iam se alegrar com dez a trinta minutos de humilhação do cara de quem gostavam, antes que ele se entediasse e decidisse pegar outra pessoa.

À noite, quando as meninas que moravam nos dormitórios ao lado riam e gritavam num dos quartos do corredor, eu enfiava uma toalha por baixo da porta. Fazia as tarefas, terminava todas as minhas atividades extras e depois me sentava na frente do computador e começava a ler uma série de fóruns obscuros na internet, buscando respostas para perguntas que me surgiram desde que comecei a – faculdade.

Por que as mulheres modernas odeiam tanto os homens?

Por que as mulheres modernas odeiam tanto crianças?

Por que as mulheres modernas se odeiam tanto?

Como é possível trabalhar em tempo integral e amamentar ao mesmo tempo?

Em vez de respostas, encontrei apenas histórias e mais perguntas. *Por que o ódio tem piorado?,* as mulheres modernas perguntavam nos fóruns. *Por que não estou pronta para ter filhos? De onde vem a tristeza? Por que não consigo me lembrar do que pretendia fazer com meu diploma da faculdade inicialmente?*

No fim do primeiro semestre, esbarrei com uma menina que conheci na semana da recepção. Ela estava no mesmo ano que eu e era de um grupo para estudantes cristãos que reunia gente da cidade toda. Cheguei a ir uma vez, no início do semestre a um desses encontros, mas não era para mim.

— Você devia aparecer de novo — comentou. — Estamos com um ótimo grupo de frequentadores.

— É que não é muito minha praia — respondi, o que era bem melhor que falar a verdade: "As meninas do seu grupo são burras que nem uma porta, e a ideia de fazer uma comunhão espiritual com elas seria como ser intelectualmente apedrejada até a morte."

Ela mudou de expressão.

— Para ser sincera, Natalie, estou preocupada contigo. Você não me parece muito bem.

Dei um riso forçado para essa garota que só tinha me visto de passagem.

— Como é que é?

— Seu cabelo está oleoso, e você está com olheiras. Você tem comido? Dormido? Quer conversar qualquer hora dessas?

Era o tipo de comentário invasivo e patológico que costumava ouvir da minha mãe e de outras mulheres da igreja; o tipo de coisa que você só diria a uma estranha se tivesse crescido acreditando que uma mulher não conseguir manter uma boa aparência refletia mal para todas as outras mulheres, também. Alguém como Reena teria respondido na mesma hora a essa garota que ela estava sendo mal-educada, inconveniente e sexista. *Some daqui!* Mas nenhuma de nós era igual a Reena, e a garota sabia disso. De repente senti tanta saudade de casa que comecei a chorar. Em pouco tempo essa menina estava me abraçando e dizendo, enquanto eu encharcava sua camiseta:

— Passou, passou. Eu sei…

Na semana seguinte comecei a frequentar o grupo da igreja. As reuniões aconteciam numa das salas do porão da biblioteca principal de Harvard. Eu me sentava com garotas burras, aguentava seus resmungos e suspiros de "Glória a Deus", e estava tudo bem. Pelo menos as pessoas do grupo sabiam que o céu era azul. Pelo menos não falavam *mãe* como se a palavra por si só pudesse engravidar alguém. Pelo menos eram amigáveis comigo. Ainda me sentia sozinha, mas agora a solidão parecia gerenciável, algo a que era possível sobreviver.

Então, numa noite fria de inverno no início do segundo semestre, conheci Caleb.

7

MENINAS, VOCÊS SABEM COMO ERA *viver nos novos territórios nos tempos antigos? A grande marcha para o oeste? Algumas pessoas viviam em cidadezinhas, menores que qualquer cidade que vocês já viram. Imaginem um punhado de construções agrupadas ao longo de uma rua de terra batida. Uma igreja, uma hospedaria, uma venda, um bar. Com sorte, a igreja teria um órgão, e o bar teria um piano, e você poderia crescer tendo conhecimento de música, comunidade e Deus. Mas algumas famílias nem isso tinham, meninas. Algumas pessoas viviam afastadas, no meio do nada, reunidas contra os elementos das pradarias, montanhas ou bosques infindáveis. Nada de bares ou vendas. Nada de música ou vizinhos ou adoração piedosa. Suas refeições eram simples e suas vidas, dignas. De dia, caçavam, cozinhavam e limpavam. À noite, se sentavam em volta da fogueira para se aquecerem, e os adultos entretinham as crianças com histórias de grandes batalhas em terras distantes.*

O que acham disso, meninas? Vocês gostariam de uma vida como essa?

O sol está se pondo. Estou à mesa da cozinha, sentada em uma cadeira. Através da janela acima da pia, vejo o sol descendo por trás das árvores. Uma luz laranja se espalha pelos painéis de vidro tortos, mergulhando o ambiente em feixes de luz radioativa.

Minha mente dá voltas e voltas, sem controle, como um brinquedo quebrado de parque de diversões. *Eu não sou, não vou, não posso… Acho que talvez seja… Não, não… Eu sou seu marido… Mamãe? Mamãe!…*

A alguns passos de distância aquela menina está agachada perto do fogo, a saia presa com cuidado entre as coxas para não acabar queimando. A única cujo nome não está gravado no batente da porta. Fico observando enquanto corta cada batata ao meio, uma a uma, revelando uma série de cascas perfeitamente crocantes. Penso nas gravações cuidadosas na madeira e sei, apenas sei, que ela é a responsável pelos registros.

— Com licença.

Nenhuma resposta.

— Com licença. Qual o seu…

A garota se levanta e olha para mim. A visão de seu rosto — igual ao meu, igual ao de Clementine, *Deus me ajude* — me faz perder o raciocínio. Sua expressão não é de decepção, como a de Maeve mais cedo. Em vez disso, ela parece irritada.

— Mary — responde. — Meu nome é Mary. Agora, você pode pegar mais lenha, por favor?

Encaro a garota, sentindo um enjoo repentino.

— Mary — repito.

Ela faz que sim com a cabeça, impaciente.

Já faz horas que meus pensamentos flutuam e rodopiam sem parar em minha cabeça. Agora eles param de forma abrupta e despencam do céu, um a um, até restar o único.

— Você quer saber o gênero? — perguntou o técnico, alegre.

— Sexo — respondo, meio aérea.

Era verão, alguns meses antes de Shannon pedir demissão. Eu estava segurando o telefone enquanto filmava a tela do ultrassom; as mulheres raivosas amavam cada oportunidade de se intrometer na minha vida. Olhei para o técnico e acrescentei:

— Você quis dizer o sexo do bebê.

— Foi o que falei.

— Você falou gênero, não sexo.

O técnico olhou impotente para Caleb, que declarou:

— Sim, queremos saber.

— Está bem, então. Vamos ver o que a gente consegue descobrir…

A mão do técnico se movia lentamente sobre minha barriga, como um daqueles drones de profundezas marítimas escaneando o fundo do oceano em busca de sinais de vida. Fiquei observando a tela cinza, imaginando meu bebê como uma água-viva, uma lontra, um peixinho prateado.

— Parabéns, senhor e senhora Mills, vocês estão esperando uma menina.

— O que acha do nome *Mary*? — Caleb sussurrou quando deixamos o consultório.

Naquele instante, senti uma pequena pancada. O primeiro chute.

— É isso, esse é o nome dela. Mary.

Mary.

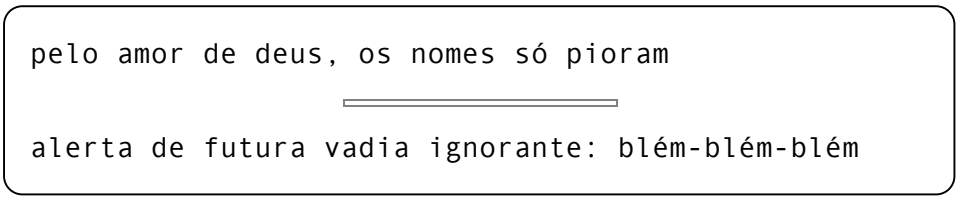
Minha cabeça, que até então lembrava uma colmeia zunindo, irritada e viva, agora parecia vazia. Meu cérebro não era um cérebro; era apenas uma casca, uma réplica de plástico.

— Que nome lindo! — respondi, atordoada.

Será que Caleb contou para alguém que a gente ia chamar a bebê de Mary? É possível, claro. Vínhamos chamando a bebê de Mary um com o outro em voz alta; ele deve ter mencionado com os pais, ou irmãos, ou talvez um vizinho na cidade. Mas, ainda que ele tenha *mencionado*…?

É difícil pensar com clareza sentindo dor de cabeça, que voltou com força total. Fico piscando feito uma idiota, tomada pela dor.

Eu não tinha postado o nome na internet, tinha? Não, com certeza, não. Fiz isso apenas uma vez, quando estava esperando Junebug, e foi uma experiência tão ruim, que jurei nunca fazer isso outra vez. Passei o último mês daquela gravidez vendo milhares de pessoas encherem os comentários das postagens diariamente, dissecando a identidade da minha filha com alegria, profanando sua existência antes de ela vir ao mundo.



Mas, ainda que eu não tenha compartilhado o nome, não quer dizer que alguém não pudesse adivinhar. Vários seguidores adivinharam os nomes de nossos filhos no passado. Quando se tem milhares de comentários em uma foto de sua barriga, passa a ser uma questão de probabilidade; além do mais, só um punhado de nomes se adequa à nossa estética. Sei disso.

Sinto um calafrio. Talvez o Velho Caleb fosse um de meus seguidores. Talvez fosse um stalker psicótico, um homem com aparência similar à de meu marido que se convenceu de que tinha direito sobre mim, criando essa coisa toda como uma forma elaborada de *cosplay*.

Antes mesmo de terminar de formular esse pensamento, eu o descarto. Isso que está acontecendo aqui daria trabalho demais, precisaria de *planejamento* demais, para ser obra de apenas uma pessoa. Não. Isso era obra de várias pessoas. Essas pessoas, seja lá quem fossem, eram astutas, raivosas e perigosas… Elas…

— Oiiii? E a lenha?

Mary fica me encarando, balançando a mão em frente a meu rosto, um gesto claramente moderno, penso desconfiada, antes de perceber que não tenho prova nenhuma disso.

Dessa vez ignoro as gravações no batente. Abro a porta e vou para a varanda, fechando-a em seguida. A lenha está empilhada no mesmo lugar que ficava lá em casa, em frente à varanda. Eu me agacho e começo a encher o braço. Quando consigo equilibrar seis toras neles, levanto-me e olho, pela segunda vez no dia, os topos escarpados das montanhas iluminados pela luz que começa a sumir.

Esta é minha propriedade. Minha terra. São minhas montanhas.

E ainda assim: esta não é minha casa nem minha família. Estas não são minhas galinhas. Esta não é minha camisola.

Alguma coisa parece dolorosamente presa em minha garganta. Uma pedra ou talvez uma lembrança. Tento engolir, mas não consigo. Minha dor de cabeça piora, e faço uma careta. É como se meu cérebro tivesse sido cortado com uma faca de açougueiro.

Respiro fundo, ofegante. Com a madeira encaixada na dobra do braço, minha mão livre toca a barriga por instinto, procurando um lugar para repousar, em busca de conforto, e ela paralisa.

Mary.

Algo horrível está acontecendo aqui. Esse lugar, *essas pessoas*, são…

Olho pelo campo. O sol já quase se foi. Logo vai escurecer.

Em um instante, a frase ganha um novo peso. Vai escurecer. Escurecer.

Leia-se: impossível de ver.

Vai.

Num piscar de olhos eu me vou. Quando ouço o som da madeira caindo na varanda, já estou descendo as escadas, disparando pela grama queimada pelo frio, correndo, correndo, correndo, *mais rápido, mais quieta, esquece a estrada e só entra na floresta*…

Lá atrás uma porta é escancarada, alguém grita "Mamãe", o celeiro surge como um borrão vermelho ao meu lado, depois vai ficando para trás, e estou disparando até as árvores.

— Mamãe!

Não olho para trás. Alcanço as árvores e então — *sim* — estou no meio delas, batendo contra as folhas, o coração disparado no ritmo das pernas, o borrão fantasmagórico das bétulas passando por mim, e então o mundo fica todo branco.

"Pois o justo cai sete vezes, e se levanta, mas os ímpios tropeçam na desgraça…"

Num segundo estou correndo, no outro estou no chão, contorcendo-me, tentando entender.

O quê?

Por quê?

Vejo a dor antes de a sentir: uma armadilha de aço, presa em meu tornozelo. Dentes metálicos cravados em minha carne.

Não, penso vagamente. *Não pode ser.*

Então os estímulos nervosos enfim alcançam o cérebro, e um som terrível sai de minha boca, um lamento alto e agudo.

Estou de lado, tentando, sem sucesso, abrir a boca metálica da armadilha com as mãos trêmulas, quando vejo ao longe: o Velho Caleb disparando pelos campos em minha direção. Eu grito, ou tento, e então reviro os olhos.

Meu Deus, *me perdoa…*

E então o Velho Caleb está aqui, de joelhos. Ele aperta alguma coisa, e a armadilha se abre.

— Relaxa, mulher — berra por cima dos meus gritos de dor. — Fica *calma.*

— *Meu tornozelo* — grito. — *Meu tornozelo, meu tornozelo…*

Estou nas folhas, bufando de dor, depois o Velho Caleb está me levando de volta para casa, meu corpo jogado sobre os ombros dele como um saco de batatas, e então estou na cozinha, perto do fogo, e Mary está passando um unguento na ferida aberta da pele enquanto grito e me contorço de sofrimento. Mesmo com tanta dor, medo e choque, não consigo deixar de notar que o unguento tem cheiro de gordura de bacon.

— Preciso de pontos. De um médico. Chama uma ambulância, agora!

Os dois meninos estão sentados à mesa, olhando para as próprias mãos. Maeve está no corredor, chorando a portas fechadas. "Mamãe, mamãe, mamãe." Como se pudesse sentir a dor.

E então há a Mary, tirando algo de uma bolsa de couro dobrada. Uma agulha, sim, e uma linha tão grossa que quase parece um barbante.

— Segura bem firme — ela pede ao Velho Caleb. — Vai doer.

8

NA NOITE EM QUE CONHECI Caleb Mills, ele estava sentado em uma cadeira dobrável do nosso grupo da igreja. Estava tentando manter firme um prato de papel com uma das mãos e pegar queijo macio de uma pilha com a outra. Ele me olhou. Era bonito. O tipo de cara que parecia ser um filho de fazendeiro mesmo quando estava sentado em um porão de igreja em Cambridge, vestindo uma camisa de botão e calça cáqui. Fizemos contato visual, então me sentei, e não nos olhamos mais.

Na reunião seguinte, ele perguntou meu nome.

Na reunião após essa, perguntou de onde eu era.

Na quarta reunião, perguntou se eu queria tomar um café qualquer hora.

Nossa relação foi lenta assim, no início. Era desse jeito que encontros funcionavam na minha religião: a sensação de que você está rolando bem devagar em uma pista bem longa… então, quando acha que vai parar por falta de impulso, você se vê subindo, subindo, rolando desgovernado em direção ao sol em uma ascensão aérea súbita.

Em nosso primeiro encontro, Caleb me deu um *scone*. Falou sobre sua família, sobre o pai, que era um político importante, e sobre seus irmãos, que logo também seriam políticos importantes — todos se tornariam senadores, como uma linhagem de príncipes.

David, John, George, Henry, Caleb. Uma lista americana tão perfeita que depois eu me perguntaria se o pai deles tinha deixado um de seus consultores políticos sugerir nomes com maior taxa de elegibilidade. A mãe sempre quis uma

menina, Caleb me disse, mas em vez disso teve cinco meninos. Ele sorriu triste e pensei: *Eu adoraria ter cinco desses*.

Em troca, contei a ele de meu pai falecido, da minha família de três. Ele ficou sabendo de Abigail e seu noivo. Fez uma careta quando eu disse *Bryce*, o que lhe rendeu um raro presente meu: uma boa gargalhada. Então falei da cadeia de montanhas que cercava minha cidade, como o ar era rarefeito naquela altitude. Não tem como deixar de achar que se está vivendo perto do paraíso.

— Então você não quer continuar na Costa Leste depois da formatura. — Caleb era da Califórnia; como eu, não achava natural o estilo de vida da cidade: era um mundo feito para roedores, não pessoas. — Para onde quer ir, então?

Fiz uma pausa. Para onde eu queria ir?

— Quero uma fazenda. Com galinhas. Quero viver perto da minha mãe. Quero ver as montanhas da janela do meu quarto e quero estudar teologia. Meio período, claro, e só depois que as crianças crescerem.

Isso era basicamente a mesma coisa que qualquer boa menina cristã de onde vim diria desejar, tirando a parte da teologia. Essa parte era minha.

Caleb não disse nada. Só inclinou a cabeça e me deu um sorriso melancólico, como se já sentisse saudades do momento em que nos encontrávamos.

— E você? — perguntei, sentindo-me ansiosa de repente. — O que você quer?

Ele olhou, tímido, para seu cappuccino.

— Não sei. — Deu de ombros, afastando o olhar. — O que você disse parece ótimo.

No segundo encontro, Caleb me levou para jantar em um restaurante italiano no bairro North End, e descobri que ele era rico com R maiúsculo. Em meio a pratos de massa trufada de oitenta dólares e taças de água com limão, falou:

— Não paro de pensar naquela fazenda desde que a gente se viu.

Era um comentário inofensivo, mas de repente seu rosto ficou escarlate.

Peguei minha água. Não conseguia decidir se amava ou odiava o gosto de trufas.

— Que fazenda?

— A que você quer. Com as galinhas. E as montanhas?

— Ah — respondi, os dedos parados ao redor da taça gelada. — Claro. O que tem ela?

Agora que eu tinha conhecido Caleb melhor, a ideia de uma fazenda parecia o sonho de um amador. Além disso, as meninas de onde eu vim só falavam isso

porque era de mau gosto dizer o que realmente queriam: ser como Caleb. Ricas.

— Não consigo deixar de pensar nisso. Você pode me ensinar tudo o que sabe, e eu… bem, eu aprendo rápido.

Ele estava ficando tão vermelho que eu temeria tratar-se de uma reação alérgica, se não estivesse tão preocupada com o assunto da vez.

Ensinar. O que Caleb queria dizer com ensinar? Nunca afirmei que sabia cuidar de uma fazenda, e ainda assim cá estávamos, falando sobre viver no meio do nada, ensinando um ao outro a… o quê? Nivelar a terra? Ordenhar uma vaca? Cortar a cabeça de uma galinha? A maneira como Caleb me olhava, com uma expressão intensa e ansiosa… Estava claro que precisava de uma resposta, mas resposta do quê?

Relaxa, disse para mim mesma. *É só um instante. Não é tão importante assim.*

O que realmente importava era o seguinte: ele era jovem, bonito e rico. Mais importante ainda: gostava de mim. Gostava de verdade. Disse que eu era fascinante, e engraçada, e bonita. Ninguém jamais tinha achado essas coisas de mim. Eu tinha passado a vida sozinha, flutuando como um espectro às margens das amizades do ensino fundamental I, depois fazendo cara feia para as panelinhas pelas quais eu passava no fundamental II e por fim as denunciando abertamente no ensino médio. E então, de repente, havia agora essa pessoa tão agradável e que, por algum motivo, gostava de mim.

É uma escolha quando só se tem uma alternativa?

"Confia em Iahweh com todo o teu coração, não te fies em tua própria inteligência; em todos os teus caminhos, reconhece-o e ele endireitará as tuas veredas."

Eu me debrucei sobre a mesa e toquei as mãos Dele.

Desculpa, quis dizer "dele". Do Caleb. E, sentindo meu toque, ele suspirou, e me dei conta de que ele estava prendendo a respiração. Esperando que eu me decidisse.

No terceiro encontro, estávamos falando sobre casamento.

No quarto encontro, Caleb ficou paralisado quando me aproximei e pressionei os lábios de leve contra os dele. Eu sentia seu batimento cardíaco em minha boca. Foi um beijo seco. Durou apenas um segundo. Quando me afastei, eu me peguei imaginando sua língua, o tamanho dela. Senti um tremor percorrer o corpo.

Caleb tocou meu braço.

— Você está arrepiada. — Ele parecia encantado por ter esse efeito sobre mim.

Eu não sabia o que dizer. Sentia uma quentura no rosto, como vapor. Nunca entendi como era *desejar*. Dei um passo e pressionei o rosto contra o peito de Caleb, com uma urgência em sentir algo pressionando minha pele. Ele me envolveu em seus braços, e ficamos ali por um tempo, os dois com a respiração pesada. Depois senti algo grande e duro pressionando minha coxa e me afastei na mesma hora.

No fim de semana de nosso noivado, os pais de Caleb vieram de avião para comemorar e bancaram o voo da minha mãe também. O pai dele reservou o salão dos fundos de uma churrascaria com quatro estrelas, em Back Bay. Usei um vestido branco feito de crepe de linho. A mãe de Caleb tinha comprado para mim e mandou entregar no meu dormitório. Também me incentivou por telefone a chamar alguns amigos para a festa, e declinei com educação, dizendo que preferia que fosse uma ocasião familiar.

— Você está parecendo a Jackie Kennedy — sussurrou minha mãe quando me viu no restaurante.

Ela estava vestindo um tubinho azul-marinho simples, que ela mesma tinha costurado, e olhava o tecido do meu vestido com uma expressão deslumbrada e inquieta:

— Mostra esse anel para mim.

Estendi a mão, tão orgulhosa que parecia que minha cabeça ia se soltar do pescoço e flutuar até o teto.

— É uma antiguidade — falei, enquanto minha mãe virava meu dedo para um lado, depois para outro, deixando a luz banhar o diamante.

Parecia tão desnorteada por aquela visão quanto eu.

— Tem pouco mais de quatro quilates.

— Natalie. — Minha mãe suspirou. — Ele é enorme.

— Eu sei — respondi no mesmo tom. — Disse para Caleb que era grande demais.

Ela me olhou com aprovação. Era assim que mulheres de minha comunidade se portavam: se você queria ser uma cristã rica e manter uma boa reputação, era preciso repudiar publicamente seus luxos, para poder mantê-los. Era um estranho cabo de guerra que eu tinha testemunhado a vida inteira. A única surpresa era que enfim estava acontecendo comigo. Estava me tornando o tipo de mulher da qual as outras sentem inveja. Cada vez que olhava para o anel, sentia uma combinação

intoxicante de vergonha e alegria. Era uma joia rica e imoral. Se eu olhasse para ela por muito tempo, começava a me sentir enjoada. Era um exagero, era uma ostentação vergonhosa de riqueza, devia devolvê-lo e exigir que a gente achasse algo menor, mas também: eu seria capaz de iniciar uma guerra santa antes de aceitar que o tirassem de mim.

Quanto a Caleb, ele insistia que era o diamante perfeito para uma mulher igual a mim. Eu era perfeita, palavras dele. Uma peça de decoração atemporal.

A festa de noivado estava cheia de amigos da família de Caleb, além de alguns importantes doadores da atual campanha senatorial de Doug. (Uma coisa que eu aprenderia logo: Doug *sempre* estava planejando, ou no meio de uma, ou lidando com o final de uma campanha.) Passei a maior parte da noite sentada em uma cabine com minha mãe, enquanto Caleb, seus irmãos mais velhos e o pai, Doug, socializavam com as pessoas, gargalhando e dando tapinhas em suas costas. Eu já tinha perdido a noção de qual irmão era qual, de tão parecidos. *O da tecnologia*, pensei, encarando David… ou era Henry? Não, *John* era o de finanças, sim, Henry era o de tecnologia, e George e Jack eram os conselheiros políticos…

Amelia flutuava em segundo plano, sorrindo alegre à sombra dos homens, ajeitando seu conjunto da Chanel rosa, parecendo uma edição especial da Barbie Presidencial. Quando a conheci naquela noite, um pouco mais cedo, ela me falou num tom suave e vibrante de falsete para chamá-la de "mamãe". Pensei que seus dentes eram tão brancos que quase pareciam roxos. Depois vi quanto vinho ela havia tomado e percebi que estavam só roxos mesmo.

Notei minha mãe observando Amelia do outro lado do salão. Sei que estávamos pensando a mesma coisa. Então minha mãe se virou e olhou para mim. Uma conversa telepática se desenrolou.

É isso que você deseja, então?

Ela parecia surpresa de verdade. Ainda não conhecia Caleb ou sua família, mas tinha visto o suficiente para saber o que estava acontecendo ali. Quando falava sobre meu futuro, sempre foi *professora universitária Natalie, acadêmica Natalie*. Claro, a ideia de filhos e cuidado do lar sempre esteve presente também, flutuando no espaço entre essas carreiras hipotéticas. Minha mãe, uma trabalhadora, era curiosamente progressista nesse sentido: não acreditava em divórcio, mas acreditava de verdade que sua filha mais inteligente poderia conquistar tudo — uma boa carreira e uma boa família, em nome de Jesus, amém.

Casando-se com esse homem, disse para mim agora com seu piscar de olhos, *você se tornará sua sombra sorridente*.

Um ano antes, eu jamais teria desejado isso. Mas os últimos seis meses me mudaram. Pisquei de volta em resposta. *Pensei que queria o mundo, mamãe. Mas vi o mundo e não quero fazer parte dele.*

Do outro lado do salão, o pai de Caleb tilintou sua taça.

— Será que o feliz casal pode vir até o palco?

A multidão abriu caminho diante de mim como o Mar Vermelho. Eu não hesitei.

9

JÁ É NOITE. ESTOU SENTADA, troncha, numa cadeira velha, bamba e horrorosa no canto desta cozinha velha, bamba e horrorosa, segurando um pedaço enorme de gelo envolto em um pano de prato sobre meu olho. Sim, meu olho. Lembra quando meu rosto era o problema poucas horas atrás? Lembra quando o pior que tinha me acontecido era um tapa?

Ora. Ora, ora, ora.

Nunca pensei que olharia com carinho para um nocaute.

Meu pé — *Senhor, meu pé* — está enfaixado e elevado sobre uma cadeira em frente a mim. Já desmaiei duas vezes: uma pela dor da agulha perfurando meu músculo; a outra quando acordei em meio ao processo e vi como estava minha pele costurada. Agora, só olhar a atadura apertada já me faz choramingar de pesar.

A dor. Como descrevê-la? Serei corajosa de falar que ela suavizou para algo apenas excruciante. A sensação é que meu corpo gastou a energia de um mês inteiro, apenas por precisar traduzir tantos estímulos nervosos que gritavam EMERGÊNCIA para meu cérebro.

E também não é só o meu pé. Cada parte minha parece quebrada. Meu cérebro parece um HD de computador destruído, minha memória, lógica e inteligência foram esmagadas em pedacinhos reluzentes e sem qualquer serventia na luz bruxuleante do fogo. Ênfase no *bruxuleante*: a luz mal dá conta de iluminar metade da cozinha, deixando o restante do ambiente na penumbra. Fico ali sentada, na luz tremeluzente, enquanto as meninas se movem ao meu redor, desaparecendo confiantes na escuridão e reaparecendo na luz com a mesma rapidez enquanto se movem pela cozinha fazendo o jantar. Donas de casa perfeitas. Umas vadias escrotas.

Perdão, Senhor… mas…

— Com licença — digo com a voz fraca.

Mary fala para Maeve, com rispidez:

— Não responda.

Mas a mais nova já estava abrindo a boca:

— Sim, mamãe?

Balanço a cabeça devagar. Meus olhos estão mornos com as lágrimas.

— Quero ir para casa — sussurro. — Por favor, me levem para casa.

— Mas mamãe… — Maeve começa.

Mary a interrompe.

— Você pode buscar um pouco de lenha, Maevinha?

Maeve titubeia, sem desgrudar os olhos grandes e brilhantes de mim, depois aquiesce e atravessa a porta.

Assim que a menina sai, Mary atravessa a cozinha com quatro passos curtos e se agacha ao lado da minha cadeira para ficarmos cara a cara.

— Só vou dizer isso uma vez — fala num tom bem menos amigável do que o adotado com Maeve. — Então ouça com atenção: você é minha mãe.

Não sou sua mãe, quase berro, mas cerro os dentes.

— Esta é sua casa — continua Mary. — Esta é sua vida. Você está agindo como uma criança, e você não é uma. É uma mulher adulta, com filhos para cuidar, e sabe do que mais? Seus filhos não aguentam ver você agindo assim. Especialmente a Maeve. Ela fica muito triste.

Estou boquiaberta, prestes a discordar — "Esta não é minha vida, vocês não são meus filhos" —, mas Mary prossegue, sem deixar espaço para que eu diga qualquer coisa.

— Você é uma mulher adulta. Devia saber que não pode ficar andando a esmo na floresta durante a época de armadilhas. Então, sério, só dá para culpar a si própria. *Agora* — diz, batendo as mãos, como se tentasse me despertar de uma hipnose —, vou te dar duas alternativas. Você pode se recompor para o jantar ou pode voltar para o quarto e se trancar lá. E então, o que vai ser? Cama ou janta?

Tento fazer um breve levantamento de minhas necessidades: estou com uma dor de cabeça intensa, um dos meus pés está preso ao restante do meu corpo por trinta centímetros de linha, e estou morrendo de fome. Um desses problemas pode ser resolvido.

— Vou ficar e comer — respondo baixinho.

— Ótimo — afirma Mary, num tom de voz que parece indicar o contrário.

Pouco depois, os dois meninos entram disparados em casa, gritando e fazendo barulho com as botas, sendo quase que imediatamente seguidos pelo Velho Caleb, que tira o chapéu de caubói e o pendura em um gancho. Ele vai até Mary e lhe

entrega um saco grande, que a menina pega e coloca no balcão. Observo enquanto ela tira três peixes da bolsa, cada um do tamanho de seu antebraço e da cor do mercúrio.

— Lindos. — E pede para Abel cortar em filés.

Ele sai com os peixes e volta dez minutos depois com a mão cheia de tiras brancas, que Mary joga numa panela com água fervendo.

— Você pode preparar a mesa — ela me fala, por cima do ombro.

Quando não me movo, Maeve e Noah fazem o trabalho por mim.

E então estamos sentados à mesa, eu mais próxima do fogo, o Velho Caleb na outra ponta, mal podendo ser visto na escuridão. Mary fica andando de um lado para o outro, enchendo nossas tigelas com sopa. O jantar não parece nada com as refeições que preparo para nossa série de Jantar Natural. Nos vídeos, mostro broas de milho caseiras, cenouras assadas, tiras finas de carne de porco em cada prato, com geleia de cereja em espirais de dar água na boca. Diante de mim, sobre a mesa, há uma panela fumegante com uma sopa rala de vegetais e pedaços questionáveis de peixe boiando na superfície, além de um pequeno prato de biscoitos. Para ser sincera, a comida parece merda.

— Está se sentindo melhor, mamãe?

Levanto os olhos. Foi Abel quem falou comigo. Ele está me olhando do outro lado da mesa. Apenas uma sombra mal iluminada, e ainda assim consigo ver na escuridão que ele é a cara de Caleb. Bochechas coradas; olhar inocente. Seu timbre é suave e leve; ainda não passou pela mudança de voz, mas age como se esperasse que isso fosse acontecer a qualquer momento.

— E então? — pergunta o Velho Caleb em voz alta, na escuridão, assustando-me. — Responda ao menino.

— Estou — sussurro.

— Que bom — diz Abel. — Você não devia ficar andando pelos bosques sozinha. É assim que os selvagens podem te capturar. Não é, papai?

— É mesmo. — Noah se junta à conversa. — É melhor tomar cuidado, ou vão furar sua barriga com uma flecha, *assim*!

Ele gesticula como se estivesse furando a própria barriga, depois se inclina para trás na cadeira com um gemido, os olhos esbugalhados, a imagem perfeita de um soldado moribundo em choque.

— Mary, faça as orações — pede o Velho Caleb, ignorando os meninos.

A graça acaba no mesmo instante. Noah se ajeita na cadeira, Mary dá um pigarro, e eles abaixam a cabeça ao mesmo tempo.

Observo todos comerem por um minuto bem longo. Os meninos metem umas colheradas generosas de sopa na boca. Mary fica sentada com as mãos sobre a perna, observando os irmãos com claro desdém. Maeve mexe o caldo com a colher, conversando baixinho com os pedaços de cenoura, aipo e peixe que flutuam na superfície, mas Mary briga com ela e manda parar de brincar com a comida, então a menina leva uma colherada de sopa à boca, parecendo triste por ter de matar amigos tão preciosos.

Eu hesito, depois pego o biscoito que parece ter menos chance de estar envenenado. Um bem dourado e macio do meio da pilha de biscoitos. Se fosse possível um biscoito parecer alegre, então seria esse. Está amanteigado e morno. Dou uma mordidinha, mastigando devagar. *Nossa.* Está uma delícia. A manteiga está tão fresca quanto qualquer coisa que já fiz, e a textura do biscoito é excelente. Macio, leve e um pouquinho quebradiço. Por um momento, paro de pensar. Dou outra mordida, depois outra, de repente o biscoito acabou, e já estou pegando outro, afoita.

Depois do jantar, quando o fogo está se apagando e o mundo começa a mergulhar na escuridão, Mary e o Velho Caleb me conduzem, meio andando, meio carregada, até a cama. Estou um pouco enjoada agora. Minha bochecha está quente ao toque.

— Vocês me envenenaram — resmungo enquanto Mary me coloca na cama, o quarto quase um breu completo.

— Aqueles biscoitos. Você…

— Fica quieta — ela responde. — Você só está com febre. É sorte que não seja nada pior, depois de tudo que aprontou.

Ela deixa o quarto e volta em seguida.

— Aqui — fala, metendo uma colher de forma bruta na minha boca antes que eu possa reclamar.

Ela acaba errando um pouco a mira, e um líquido espesso escorre por meu queixo. Engulo o que ficou na boca, fazendo careta. Tem gosto de cereja podre.

— Isso vai ajudar. Não há de quê. — E desaparece.

Eu me viro para o outro lado e dou de cara com os olhos enormes de Maeve. Como se fosse uma coruja. *Uuuh. Uuuh.* Ela deve ter subido na cama enquanto Mary estava me trazendo.

— Oi, mamãe — diz, mas quase não dá para vê-la.

— Oi, Maeve — balbucio de volta.

Nunca me senti tão fraca em toda a vida.

— Que pena seu dodói.

— Obrigada, Maeve.

Ficamos deitadas assim por um bom tempo. Minha respiração fica pesada e irregular. Começo a bater os dentes. Fico me perguntando se vou morrer esta noite.

— Maeve — chamo, num tom suave. — Onde a gente está, *de verdade*?

— Em casa — sussurra ela de volta. — Em casa, casa, casa.

Não adiantava. Não adiantava de nada. Era como encher com moedas uma máquina vazia de chicletes.

— Existe outra palavra para casa? O que é casa *para você*, Maevinha?

— Ah — responde ela, enquanto me afasto lentamente. — Bons Tempos, mamãe. A gente chama nossa casa assim.

10

Havia quatrocentos convidados em nosso casamento, que aconteceu numa propriedade dos pais de Caleb na Califórnia durante o verão, após meu primeiro ano de faculdade. Usei um vestido tomara que caia, com um colar de pérolas. Caleb usou um terno azul-marinho. Ficamos sob a sombra de uma oliveira enquanto o pastor dizia as palavras mágicas que sempre quis ouvir: "Eu os declaro marido e mulher." Os convidados se levantaram e ovacionaram com entusiasmo. A parte final da fala do pastor, sua profecia de nosso futuro, tudo sumiu em meio aos aplausos. Caleb me puxou, me rodopiou e me inclinou para trás, fazendo meu cabelo tocar no chão. Depois sussurrou no meu ouvido:

— Mal posso esperar para sentir seu gosto.

Durante a festa, uma banda de doze integrantes tocava uma música famosa da Cher, e eu estava sentada em uma das cadeiras da mesa principal, tomando uma taça de água, curtindo um momento de paz depois de tantas rodadas de papo-furado com doadores bilionários calvos e cheios de botox — *Votem em Mills!* —, quando minha irmã se sentou na cadeira a meu lado e falou:

— Acho que posso estar grávida.

Ela estava com vinte e um anos e usava um vestido de madrinha de *chiffon* verde-esmeralda que Amelia escolheu. O vestido era lindo no catálogo, mas acabou tendo o efeito infeliz de fazer minha irmã — que sempre foi tida como a mais bonita de nós duas — parecer um vegetal sem graça. Ela e Bryce tinham se casado meses antes, com uma festa no quintal da casa dos pais dele. Ela chorou o dia todo, jurando que eram lágrimas de felicidade. Bryce estava apagado na grama, sem camisa, muito antes de anoitecer.

Minha irmã reformulou a frase:

— Fiz dois testes, e os dois deram positivo. Então provavelmente estou grávida.

— Bom — eu disse, pousando minha taça na mesa —, estou tão feliz por você!

Ela suspirou.

— Só queria que Bryce não estivesse tão bêbado agora.

Tentei reunir a paciência da minha mãe.

— O Bryce não está sempre bêbado?

Ela não respondeu, apenas ficou olhando, sonhadora, para a pista de dança, onde seu marido estava batendo cabelo com a gravata na testa, como se fosse uma bandana hippie. Ele imitava tocar uma guitarra, depois caiu de joelhos, lambendo o braço invisível.

— Ele tem andado tão temperamental.

Temperamental era um termo muito gentil para definir um homem que, naquele mesmo dia, tinha acusado aos berros um *concierge* do hotel quatro estrelas onde estavam hospedados (presente da família Mills) de revirar sua bolsa de lona do time de futebol americano de sua escola para roubar o vale-presente de sua carteira.

— Conta pra ele — soltei, doida para que os dois fossem embora. — Vai lá e conta agora que você está grávida!

— Tem razão. Isso deve deixá-lo feliz, não acha?

— Claro! Uma criança é sempre uma dádiva.

Então meu marido — *meu marido!* — entrou, com seu terno de alfaiataria perfeito, e todos os sentimentos ruins se dissiparam.

— Não queria interromper — Caleb começou a falar, mas eu já estava de pé, pegando sua mão.

Era meia-noite quando fomos embora da festa. Íamos ficar num anexo do outro lado da propriedade. Em um momento estávamos esbarrando na porta, nos beijando e desabotoando as roupas, no instante seguinte estávamos os dois nus na cama, petrificados e em posição de desespero.

Nós dois éramos virgens. Agora eu entendia que o comentário de Caleb no altar mais cedo não foi mera indicação de um instinto erótico como pensei, mas sim um ato de coragem, um esforço final para evocar sua proeza sexual antes de se ver diante da visão mais intimidadora de sua vida: o corpo nu da esposa.

A mão de Caleb pairou sobre meu peito, depois o apertou com força, as mãos espalmadas como uma luva de beisebol. Nós dois deixamos escapar um som de grunhidos. Ele me contou naquela noite que nunca tinha visto o corpo de uma mulher adulta. (Isso, mais tarde, eu acabaria descobrindo que era tecnicamente

mentira — que a mãe dele costumava tomar banho com os filhos até o início da adolescência deles e que ele já tinha dado uns amassos numa prima de segundo grau durante uma reunião de família.)

Num esforço para ganhar coragem, baixei a mão e segurei o pênis dele. Então era essa a sensação. Macio como pele de cordeiro, mas, para ser sincera, bem menos rígido do que eu esperava. Caleb deu outro gemido e empurrou o quadril contra meu corpo. Eu estava tão enjoada quanto excitada. Conseguia sentir sua pulsação entre meus dedos. Os olhos de Caleb estavam fechados, a boca entreaberta numa expressão sinistra de prazer.

— Talvez você possa… — murmurou. — Você sabe…

Senti uma pontada de irritação no peito.

— Não, Caleb, não sei.

— Bem, você podia cuspir na mão, ou talvez usar a boca, sabe, para…

— Não! — gritei. — Não, obrigada. Vamos só fazer da forma normal, por favor.

Ele suspirou e abriu os olhos.

Demorou um tempo para ele conseguir me penetrar um pouco. Eu estar molhada ajudou. O fato de ele estar tão duro quanto uma massa de pão descansando não ajudou. Não dava para acreditar. A vida toda pensei que seria como uma linguiça ou pepino; algo que pudesse me preencher por inteiro. Eu não estava preparada para o sexo ser e parecer com o pênis de Caleb, que tinha um bom tamanho e circunferência, mas não tinha força para entrar em mim.
A sensação era de que eu tinha que cobrir aquilo com um pano de prato e deixar uma hora descansando para a massa conseguir crescer.

O lado bom de Caleb estar flácido foi que acabei não sentindo dor ao perder a virgindade. Era como se uma esponja estivesse se movendo na direção da minha barriga; como se alguém estivesse me limpando por dentro de forma muito gentil.

— Eu te amo — suspirei enquanto ele respirava alto em meu ouvido. — Eu te amo, meu Deus, eu te amo, meu Deus…

Caleb encarou sua primeira ejaculação no papai e mamãe com verdadeiro pânico:

— Ai, caralho — arfou. — Mas que porra é essa?

Doze meses depois, na primavera do meu segundo ano de faculdade, estava a caminho de uma aula de revisão para as provas finais quando esbarrei com Reena pela primeira vez em muito tempo. A coitada não estava nada bem. Eu já não morava mais no campus, estava em um apartamento que os pais de Caleb

alugaram para a gente, então ter ouvido sobre isso nos corredores já mostra o quanto a fofoca era grande: o cara com quem ela estava saindo havia feito sexo anal sem camisinha com outra pessoa. Por isso Reena precisou fazer um teste de HIV e ficou tão furiosa com a humilhação que se vingou fazendo um boquete no irmão dele, um aluno do ensino médio que viera passar o fim de semana, e por causa *disso* o cara a chamou de piranha feia e gorda na frente de uma pista de dança lotada. Que Deus tenha piedade deles. Naquele momento, ela estava com uma cara péssima, inchada, suada, e parecia estar de ressaca, como uma lata de cerveja humana. Ela estava fumando em frente ao prédio em que eu precisava entrar. Quando me viu, ficou de queixo caído.

— Natalie. Meu Deus.

Eu tinha acabado de entrar no sexto mês de gravidez. Ela olhou para minha barriga com uma cara que evocava uma palavra na qual eu não pensava desde a infância: *estupefata*. Ela parecia completamente estupefata.

— Você está maravilhosa — disse, com claro ar de decepção.

Depois apontei para o cigarro em seus dedos.

— Você se importa?

Ela apagou o cigarro ainda me olhando com uma surpresa detestável. Eu sabia no que Reena estava pensando: eu estava muito mais bonita do que jamais tinha sido. Nunca fui exatamente feia, mas sempre tive certa dureza no semblante, uma intensidade no olhar, que me impediam de parecer atraente de verdade. Num primeiro momento, achei que a gravidez ia deixar meu rosto mais cheinho, trazendo um pouco da suavidade de que tanto precisava. Com o tempo, no entanto, notei o que me fazia parecer tão diferente: pela primeira vez na vida, estava feliz.

— Eu me casei no verão passado com um homem chamado Caleb Mills. Ele é um formando. Você o conhece?

Sorrimos cautelosas uma para a outra.

— Claro que conheço. Bem, não o conheço pessoalmente, mas sei quem é o pai dele. Óbvio. — Ela bateu os olhos no meu dedo anelar. — Parabéns.

Parecia que Reena tinha acabado de engolir um bocado de sangue.

— Onde você vai passar o verão? — perguntei.

Ela ficou um tempão olhando o cigarro amassado perto de sua bota.

— Em um estágio em McKinsey.

Era bem o tipo de oportunidade que garotas como Reena diziam querer: competitiva, respeitável e bem remunerada. E, depois de tanto tempo on-line durante aqueles meses solitários de meu primeiro semestre — com todas aquelas

madrugadas imersa em conversas na internet e lendo editoriais enormes sobre a luta desesperada da mulher trabalhadora insolente —, eu sabia muito bem o que viria depois. A não ser que Reena fizesse uma cagada gigantesca nos próximos verões, acabaria recebendo uma oferta de emprego da firma depois de se formar, ganhando seis dígitos já de cara. *Vivendo o sonho!* Ela começaria a trabalhar de setenta a oitenta horas semanais, sobrevivendo à base de cocaína e Red Bull. Seus colegas de trabalho seriam em sua maioria homens que iam foder com as poucas mulheres do escritório sem parar, tanto pessoal quanto profissionalmente. Dali para a frente sua vida seria difícil. Teria que se esforçar para conseguir o emprego, e depois continuar se esforçando para mantê-lo, e se esforçar ainda mais para ser promovida, e cada promoção que recebesse traria ainda mais trabalho, mais responsabilidade, mais tempo no escritório, e nesse meio-tempo teria que se virar com poucas horas na semana para fazer o restante: ter encontros, ficar em forma, fazer compras, sair com amigos. Se tivesse sorte, receberia alguns aumentos — menores, é claro, que os de seus colegas homens, mas isso não importava. *Não era nada de mais!* Reena acabaria se acostumando logo com isso: o simples fato de receber menos do que desejava, ao mesmo tempo que via outra pessoa ganhar mais do que ela jamais sonharia. Passaria a juventude sentindo-se decepcionada e chamando isso de gratidão, depois se convenceria de que isso era uma forma de iluminação budista: *seja feliz com aquilo que tem*. Era isso que diria para si cada vez que tivesse que encarar o fato de que mais uma vez recebeu menos dinheiro, menos elogios e até menos cocaína que seus colegas homens. *Não se esqueça de agradecer!* Pequenas vitórias, pequenas vitórias. Durante essa fase de *crescimento profissional*, Reena também daria seu máximo para se apaixonar e se casar, e, caso conseguisse fazer isso, então anos mais tarde, quando enfim pensasse em ter filhos, ficaria completamente chocada ao ouvir do médico que ela era uma paciente geriátrica e que engravidar seria uma batalha. Se tivesse sorte (e, até onde eu podia ver, Reena nunca foi muito sortuda), ela só precisaria fazer uma ou duas tentativas de fertilização *in vitro* e passaria poucos meses tendo que falar meio que brincando em voz alta sobre como estava jogando dinheiro no lixo, enquanto seu marido furava a gordura de sua bunda com uma agulha (a mente dele começando a pensar menos na esposa triste, que estava envelhecendo, e mais na jovem assistente do escritório, aquela que era tranquila, alegre e divertida, aquela que, em seu subconsciente, tinha começado a parecer ter a idade apropriada para uma mulher engravidar), e, quando chegasse a hora, quando Reena enfim desse à luz, quando percebesse que conseguiu — que estava no topo, *que tinha tudo!* —, o cenário seria o seguinte: seu marido não iria mais querer tocá-la, seu chefe não

iria mais querer promovê-la, seus amigos sem filhos não iriam mais querer passar tempo com ela, os amigos *com* filhos não teriam tempo para vê-la, e Reena, a doce e preciosa Reena, não reclamaria de nada, nem do marido que se afastava, nem da carreira desmoronando, nem da solidão avassaladora; e ela não daria um pio para ninguém, porque em tese seria uma das sortudas — com uma boa aposentadoria e uma licença-maternidade de quatro meses, em nome de Jesus, amém! —, e, no mundo onde logo viveria, não se tem o direito de reclamar desse tipo de problema. Não se tem o direito de reclamar de seus privilégios.

Estava claro que Reena temia isso — não só o estágio, mas o resto de sua vida. Como se tivesse sido amaldiçoada num conto de fadas. Como se não fosse uma das pessoas mais mimadas do mundo, livre para fazer o que bem quisesse, se ao menos tivesse o cérebro ou a coragem para cogitar outro caminho além daquele que o feminismo, essa bruxa maldita, ofereceu para ela. A tola e idiota da Reena deu uma mordida enorme na maçã envenenada. Parada ali, naquele dia, parecia tão devastada com a perspectiva do próprio futuro empoderado, que quase dei uma gargalhada.

— Bem — comentei, alegre —, meus parabéns também! Sei que esses estágios são *tão* difíceis de conseguir.

Eu estava quase me engasgando com minha própria satisfação. A euforia da vitória estava me turvando a visão. *Venci, venci, venci! Sua vadiazinha idiota (perdão, Senhor), eu venci!*

— Bom — respondeu Reena—, acho que a gente se esbarra por aí, então.

— Na verdade, não. — Não pude resistir, simplesmente não pude. — Resolvi deixar a faculdade. A formatura de Caleb é nesta primavera, e sempre posso terminar meu curso on-line. A gente quer *muito* passar um tempo em Paris antes da neném nascer. É uma menina, aliás. Cheguei a dizer? Estou esperando uma menina.

Se eu pudesse, teria terminado essa frase socando a carinha miserável de Reena. Que sincronismo perfeito teria sido para nossa curta e infeliz relação! Em vez disso, dei tchau, fazendo questão de mover bem a mão só para o diamante captar bem a luz, depois passei por ela, a primeira mulher raivosa da minha vida, e segui em direção ao futuro.

11

SONHEI QUE ESTAVA DANDO À luz numa fazenda no meio do nada.

Não, não foi bem isso.

Sonhei que estava dando à luz vários bebês — todos os meus bebês — de uma só vez.

Um médico, um marido e uma parteira estavam ao meu redor. Eles gritavam: "EMPURRA!"

Eu estava apavorada, e calma, e eufórica, e arrependida. O bebê não se mexia; o bebê simplesmente deslizava para fora. Senti o terror desesperador da primeira vez — deitada de barriga para cima, olhando, delirante, o teto esterilizado —, a facilidade com que expulsei os três seguintes, e a glória retumbante de ficar de quatro para parir o quinto bebê — dessa vez enfim em casa, enfim tomando as rédeas da situação. E então dezenas de bebês saíam de mim, um após o outro, chorando e arfando em um piso de madeira sujo, deixando manchas de sangue nas minhas coxas, anos e anos de manchas sedimentadas em camadas sobre a pele…

O médico, o marido e a parteira tinham boca, mas não olhos. Nenhum dos bebês tinha pés. Todos gritavam: "*MAMÃE!*"

12

NO QUARTO DIA DE UMA onda de calor recorde em agosto, tive nossa primeira filha, uma menina de quase três quilos com olhinhos pretos como carvão. Clementine.

Caleb achou que ela era minha cópia. Eu não a achava nada parecida comigo. Na verdade, não achava que se parecia com nenhum bebê que já tivesse visto. Seus olhos eram tão escuros que quase pareciam aquáticos, e, mesmo quando ela chorava, seus lábios ficavam parados numa forma perfeita de O, então quase parecia uma boneca de cera com mecanismo de som interno. E o que eu podia dizer sobre o jeito como me olhava enquanto a segurava nos braços? De que outra maneira eu poderia descrever a expressão dessa criança, se não como maligna?

É claro que não falei nada disso para ninguém. Na frente da minha mãe, e de meu marido, e de meus sogros, e das enfermeiras, eu ficava babando a neném, chorando e repetindo: "Ela não é perfeita?" Mas, quando estava a sós com ela, mantinha-a à distância. Sussurrava:

— Quem é você?

O fato de estar exausta não ajudava. Não ajudava que tivesse desejado um parto em casa, mas no último segundo acabei entrando em pânico com a dor e mandei Caleb chamar uma ambulância, embora já estivesse de quatro numa piscininha inflável cor-de-rosa, a parteira me implorando para repensar. Não ajudava que eu nunca tivesse parado realmente para *pensar* no parto de modo prático, da mesma forma que nunca pensei muito em qualquer aspecto da vida a que eu estava predestinada: a maternidade, o casamento, a vida após a morte. Por que se preocupar com o inevitável? Ao longo de toda a vida, entendi e aceitei que tinha nascido com o claro propósito de um dia trazer outras vidas ao mundo, como um passar de bastão infinito, uma corrida de revezamento eterna para a glória de Deus. Acreditei que desempenharia esse papel com naturalidade, já que

ele era natural, era a *natureza*. Mas nada daquilo parecia natural.

— Eu me sinto uma cobaia — disse para minha mãe. — Não aguento mais esses bipes, essas cutucadas e agulhadas.

Era o mais próximo que eu conseguia de contar para ela sobre como me sentia; o mais próximo que podia chegar de perguntar: "Tem certeza de que ela é minha?"

— Vai melhorar quando você estiver em casa — respondeu minha mãe, sem me dar muita bola. — O parto pode deixar a gente desnorteada.

Era manhã do segundo dia.

Minha mãe zanzava pelo quarto, reordenando a meia dúzia de arranjos de flores que eu tinha recebido, afofando a almofada decorativa da cadeira do hospital.

— Ninguém falou que dar à luz era fácil, meu bem — comentou por cima do ombro enquanto mexia nas persianas da janela. — Mas, sim, que valia a pena.

Fiquei olhando para o nada, mal-humorada. Ninguém nunca me contou nenhuma das duas coisas — e ninguém, com certeza *ninguém*, contou como o parto pode ser feio, assustador e bagunçado. Se eu fosse um pouco mais idiota, talvez tivesse esperado que a cegonha deixasse o bebê na minha porta, perfeito. É claro que eu sabia, num sentido prático, que meu corpo precisaria se rasgar em dois para uma criança sair, mas não estava nada preparada para o horror de tudo; não fazia ideia de que minha parte mais delicada e íntima se rasgaria uma polegada inteira; não sabia que a sala de parto teria cheiro de ferro devido a todo o sangue perdido, isso sem falar nas fezes. Eu me sentia como um daqueles adolescentes enviados para a Normandia para o Dia D. Ficava olhando desatinada em volta, de minha posição na cama do hospital, com olhos que nada viam, parte da mente certa de que alguém chegaria para me salvar, me curar, me acordar daquele sonho terrível, a outra parte certa de que eu já estava morta.

— Não quero ir para casa. — Não queria ter falado em voz alta, mas lá estavam meus verdadeiros pensamentos, flutuando no espaço refrigerado entre nós.

Minha mãe parou de mexer nas persianas. Voltou-se para mim, cautelosa.

— É o Caleb?

A enfermeira no canto do quarto de repente pareceu muito ocupada com sua prancheta.

A única advertência que minha mãe deu sobre essa fase da minha vida era que Caleb podia não me achar atraente depois que a bebê nascesse.

— É normal — acrescentou — e vai passar.

Essa era a versão mais recente de um conselho que eu e minha irmã recebemos por anos. *Homens são como bebês: suas necessidades são inegociáveis.*

— Não tem nada a ver com Caleb — respondi. — É só… É só que acho que aconteceu algum erro.

Minha mãe inclinou a cabeça. Quando voltou a falar, sua voz parecia forçadamente alegre.

— Que tipo de erro?

A enfermeira abaixou a prancheta.

— A neném não se parece comigo, mamãe. Você acha mesmo que ela se parece? E a forma como ela me olha…

Eu jamais admitiria em voz alta a palavra que queria usar para descrever a sensação que tinha quando ficava perto da minha bebê: o mal. Não era um termo que a gente usava em minha família. Mas eu sentia com clareza quando estava com ela, uma sensação profunda e sombria, como se toda alegria tivesse sido sugada do mundo.

Minha mãe estava me encarando.

— Para de me olhar assim. — Fiquei irritada. — Tenho plena consciência do quanto estou desprezível.

Eu tinha engordado quase doze quilos durante a gravidez. Já tinha me livrado de quase cinco. Os sete quilos restantes pareciam outra pele, que coçava e não tinha um bom caimento.

— Você vai voltar a se sentir você mesma em breve — respondeu minha mãe, sentando-se na cama do hospital e dando um tapinha nas minhas pernas cobertas. — Sabe o que deve te animar? E se você desse uma corridinha em volta do hospital? Para liberar umas endorfinas? Você nunca gostou de ficar muito tempo deitada.

Aquilo me pareceu ao mesmo tempo um absurdo completo e a coisa mais racional que alguém me dizia em dias. Minha antiga versão gostava *mesmo* de correr. Minha antiga versão odiava *mesmo* ficar deitada.

A enfermeira agora estava olhando para minha mãe:

— De jeito nenhum ela vai correr agora.

Minha mãe deu um muxoxo, como se tivesse se esquecido de mencionar a parte mais importante:

— Ela corria na escola.

— Isso não muda em nada o fato de que ela precisa de tempo para se recuperar. — A enfermeira olhou sério para minha mãe. — E, se quer saber, parece que ela precisa de uma consulta com um psicó…

— Quer saber? — falei, ignorando completamente a enfermeira. — Acho, *mesmo,* que uma corridinha seria uma boa ideia.

Minha mãe me encarou surpresa, como se não tivesse sido ideia dela. *Nossa, mas que ideia interessante!*

— Você não vai correr agora — declarou a enfermeira com firmeza.

Minha mãe revirou os olhos pelas costas da enfermeira. Pela primeira vez em dias, sorri.

Esperei dez minutos pela troca de turno das enfermeiras para tirar vantagem da movimentação e dar uma escapadinha para o corredor vestindo apenas a camisola do hospital e o tênis da minha mãe. Levei outros quinze minutos para correr/caminhar ao redor do estacionamento da emergência do hospital. Quando terminei a volta na entrada, era como se eu estivesse nos primeiros estágios de uma falência múltipla de órgãos. Meu coração estava disparado no peito, o apêndice gritava, ameaçando se romper, e a cada passo eu conseguia sentir, literalmente *sentir*, a pele *lá de baixo* se esticando enquanto os pontos se abriam — os pontos do médico não eram páreo para a voz da minha mãe na minha cabeça.

Boa, Natalie, aumente essas endorfinas, vamos, vamos, vamos!

O sangue começou a jorrar pelas minhas pernas. Desmaiei em uma enfermeira quando estava passando na porta do hospital. A enfermeira me escorou de volta para o quarto, entregando-me nos braços da minha mãe.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, toda amorosa, enquanto eu chorava em seu colo.

Como se eu fosse o cachorro da família retornando de uma voltinha na vizinhança, com o pelo cheio de carrapicho.

— Não consigo, mamãe — chorei. — Não consigo.

Era difícil respirar com aquela sensação de pânico correndo em minhas veias.

— Ah, Nat. — Ela esfregou minhas costas fazendo movimentos circulares. — Claro que consegue.

— Como você sabe? — choraminguei.

— Eu sei que você consegue — respondeu com gentileza —, porque você precisa conseguir.

Ela continuou esfregando minhas costas, cantarolando uma canção sobre o amor e a glória divinos enquanto eu me encolhia e chorava em seu colo. Quando a música acabou, começou outra. Ela conseguiu cantar as músicas de um culto inteiro enquanto meu corpo se acalmava aos poucos.

Quando eu estava prestes a cair num sono agitado, Clementine começou a

chorar. Minha mãe se aproximou e sussurrou no meu ouvido:

— Levanta.

13

LEVANTA, NATALIE, SUSSURRA MINHA MÃE em meu ouvido. *Vamos. Está na hora de acordar.*

Eu não consigo, mamãe. Não consigo.

Claro que consegue.

Como você sabe?

Sei que você consegue, porque você precisa conseguir. Agora levanta.

Levanta, Natalie.

NATALIE, LEVANTA.

Acordo assustada. Clementine está sentada na ponta da cama, olhando para mim.

Não, não é a Clementine. Mary. Me observando com atenção. Com sua trança apertada e seu vestido azul-marinho abotoado, parece a voluntária hospitalar mais severa do planeta.

— Está na hora de levantar — diz ela outra vez.

— Não. — A palavra saiu como um soluço.

— Sim — responde ela com firmeza. — Você já passou tempo demais na cama. Sua febre acabou, e vai fazer bem você se mexer um pouco.

Quanto mais desperto, mais consciente fico da minha perna. Deus, como dói. Fecho os olhos, desesperada para adormecer e acordar em outro lugar.

— Anda logo — diz ela, sacudindo minha perna boa, e eu gemo. — Você precisa levantar. Não posso deixar o restante do trabalho que preciso fazer para lidar com seu temperamento violento.

Abro os olhos e a encaro incrédula.

— É disso que você chama o que aconteceu comigo? Um *temperamento violento*?

Ela revira os olhos, estica a roupa amassada e fica em pé.

— Vocês são criminosos — sibilo, furiosa. — Vão apodrecer na cadeia pelo

que estão fazendo comigo.

Por um momento, acho que ela vai sair pela porta sem me responder. Mas então aponta o dedo para mim e dispara:

— Se você não se levantar em cinco minutos, vou voltar e serrar eu mesma esse pé fora.

Ela deixa o quarto antes que eu consiga responder.

Sinto como se estivesse vivendo o resultado de uma piada ruim.

Enquanto me sento devagar, fazendo careta por causa da perna latejando, me vem uma lembrança distante: Mary inclinada sobre mim, sua voz um eco ao longe, o rosto um reflexo ondulante: *Ela deu sorte de não ter quebrado o osso ao meio.*

E então o Velho Caleb, corrigindo irritado do outro lado do cômodo: *Não é sorte, é ciência. É uma armadilha para furões, esquilos e marmotas, não tem a força necessária para esmagar um osso humano!*

E os bebês, aqueles bebês todos — que sonho estranho e terrível! Parecia durar uma eternidade. Uma vida inteira presa em um único pesadelo, com o médico, a parteira e meu marido em volta de mim…

Meu marido.

Espera aí.

O Velho Caleb. Onde ele dormia, se não era aqui no quarto?

Outra imagem estranha me vem, meio lembrança, meio delírio febril: o Velho Caleb me levando para o quarto no escuro. Subindo na cama comigo.

E eu presa na cama por meu próprio medo, gemendo de dor e pavor. Foi real ou apenas um sonho? Nós dois, deitados, lado a lado, num breu completo? Do que me lembro: de sentir cada batimento dele como se fosse meu. Os dois como duas raposas sob as cobertas. E então ele se virou para mim e disse com a voz da minha mãe: *É TUDO COISA DA SUA CABEÇA, NATALIE…*

Não. Não faz sentido. Na verdade, olhando ao redor do quarto, penso vertiginosamente que *nada disso faz sentido.*

— Mamãe?

Olho na mesma hora para a porta do quarto. Lá está Maeve outra vez. Aquela coisinha doce. Meu coração frágil amolece ao ver seu rosto. Penso nas minhas meninas. Jessa, Junebug. Como Caleb às vezes entrava no quarto e me encontrava aninhada sob as cobertas com elas. Como ria e dizia que as duas eram minhas sombras. *Se elas pudessem, voltavam para dentro da sua barriga.*

Sim, penso, amargurada. *As menininhas me amam. São as mais velhas que me dão dor de cabeça.*

Bem. Se Mary vai continuar me detestando, posso pelo menos fazer amizade com Maeve.

— Bom dia, meu docinho.

O rosto dela se ilumina. Antes que eu possa falar qualquer outra coisa, ela atravessa o quarto e sobe na cama, enfiando os dedos nos meus cabelos, sua respiração aquecendo minhas orelhas. Eu me pergunto se ela me ama como uma criança ama a mãe ou como uma criança ama um bichinho novo.

— Como tá seu pé, mamãe?

— Tá… — Deixo escapar um choramingo. — Na verdade, tá doendo bastante.

— Tadinha da mamãe. — Ela acaricia meu rosto com delicadeza, seu rostinho todo franzido com uma preocupação adulta quase cômica. —Tadinha da mamãe.

Ela parece um filhotinho de gato, ronronando ao primeiro toque gentil. Enquanto ficamos ali deitadas, Maeve me conta seus sonhos, um a um. Era uma princesa, depois um pônei, depois uma pônei-princesa. Podia voar pelo céu. Segurou o mundo todo nas mãos, e ele era gelado e liso como mármore, e ela me viu nele, pequena como uma galinha, acenando. *Olá, Maeve, sua grandona. Có-có-có.*

— Maeve, Mary quer que eu me levante. Mas o que, em nome de Deus, eu preciso fazer?

— Galinhas — responde na mesma hora. — As mocinhas.

Um arrepio atravessa meu corpo.

— Sim. Vamos ver as mocinhas. Só que primeiro preciso me vestir.

Mas meu pé. Como é que faço para andar? E então vejo, posicionada ao lado da porta com bastante cuidado: uma bengala feita à mão.

Peço a ajuda de Maeve para escolher a roupa do dia, e ela se anima com a ideia. Torço para que essa atividade mate pelo menos uns quarenta e cinco minutos; não deve passar das sete da manhã, e a ideia de mais um dia adiante me parece impossível. Cada minuto que passo aqui com Maeve é um minuto a menos que preciso ficar lá fora. *Vai ser uma graça*, digo para mim mesma, desanimada, quando deixamos a cama. *Você pode experimentar várias roupas diferentes, como numa comédia romântica. Viu, Natalie? Viu o quanto você é capaz de se divertir não importa onde esteja?*

Mas foi o exato oposto. Infelizmente, tudo que tenho para escolher fica numa cômoda triste de três gavetas, cada uma contendo o tipo de roupa horrorosa que os demais vestem. As blusas e saias são tão datadas que parecem fantasia. Moda da

guerra civil. O tecido consegue ser deprimente, desbotado e duro, tudo ao mesmo tempo. Sinto uma pontada por meu guarda-roupa lá em casa. Meus porta-vestido, meu vaporizador. Meus suéteres, macios, justinhos e confortáveis, cada um escolhido a dedo para combinar com minha paleta de cores, que é a verão claro, de acordo com a colorista que conheci há uns anos. Fico melhor em lilases e chocolates e tons creme. E, embora em teoria as roupas que estou vendo agora *tenham* cores, ainda assim o tecido parece de certa forma não ter, como se fosse pensado para combinar com o tom de pele de um cadáver.

A primeira gaveta tem três vestidos de camponesa, dobrados com bastante zelo numa pilha do que eu descreveria como tons terrosos desbotados, verde-oliva, castanho-claro e cinza, além de duas camisolas, as duas de um tom de branco que me remete a dentes que precisam de clareamento. (Talvez tenha sido o aprendizado mais importante da faculdade: dentes podem, e devem, ser clareados.) Pego o vestido verde-oliva.

— Este aqui serve.

Próxima gaveta: suéteres, todos azul-hematoma e cinza-academia. Meu Deus, é tudo de algodão engomado? Sinto um anseio quase romântico por tecidos de linho e flanela. Lã! Como dei tão pouco valor à lã? Só de pensar em caxemira sinto um nó na garganta. Até mesmo um poliéster horroroso me faria chorar de alívio. Respiro fundo e solto toda minha frustração. Tiro um suéter cinza deprimente da pilha de suéteres cinza deprimentes. Depois faço minha melhor cara de empolgação para Maeve, mesmo que esteja começando a me sentir um pouco suicida. Visto um tecido que parece um saco de juta, então encontro um par triste de botas de amarrar ao lado da cômoda. Calço uma bota, parece certa em mim, quase como se fosse feita sob medida. Deixo descalço o pé enfaixado.

— Que tal? — pergunto para Maeve. — O que acha?

Dou um rodopio, e ela começa a rir e aplaudir. Não preciso de um espelho para saber que ficou péssimo. Eu me sinto uma boneca. Abotoo o suéter e digo para Maeve:

— E então: galinhas?

— Galinhas — concorda ela, pegando minha mão.

O céu está levemente roxo quando saímos de casa. Ainda estamos nas primeiras horas da manhã. Maeve me guia pelos degraus e em direção ao galinheiro. Vou avançando devagar, mancando, apoiando todo o meu peso na bengala feita à mão a cada meia passada. O sangue desceu todo; minha perna está latejando com um calor excruciante. Parece que estou cozinhando por dentro.

Olho para as montanhas, seus cumes e penhascos iluminados pelo sol nascendo, e sinto uma necessidade súbita e arrebatadora de bater a cabeça em uma superfície dura. Na noite passada (*ou quem sabe, na noite anterior à anterior, ou anterior à anterior à anterior*), quando estava deitada sozinha na cama, delirando de dor e pavor, tentei me convencer de que as coisas que eu estava vendo não eram reais; que, em meio ao medo, confundi a imitação com a realidade. *Você está num set de cinema,* falei para mim mesma, enquanto tremia e gemia e chorava sob aquela colcha deprimente. *Você está no Universal Studios, a milhares de quilômetros de casa. É tudo uma grande ilusão, sofisticada e cara. Até a armadilha, até a dor, é tudo ilusionismo, um truque miraculoso.*

Quando começo a caminhar em meio ao ar gélido das montanhas, as palavras que tinham funcionado tão bem para me confortar agora parecem vazias e infantis. O buraco enorme de mordida de tubarão em meu tornozelo não é de mentira. A dor não é psicológica. As montanhas ao longe não são de papelão. Esse ar fresco e rarefeito não está sendo bombeado por um tubo de ventilação. Eu continuo onde sempre estive. Na verdade, são todos e tudo o mais na minha vida que se foram: minha família verdadeira, minha casa verdadeira e minhas roupas verdadeiras. Meu mundo todo fez as malas e me deixou para trás. Tudo substituído por imitações baratas. Como uma dessas aldeias de pioneiros que você via anunciado nos outdoors da Rota 66.

Neste instante, Mary vai até a varanda com um tapete e começa a batê-lo no parapeito. Vejo uma nuvem de poeira sumir no vento. É um momento tão ensaiado, como uma cena de filme, que penso de repente: *perfeito até demais.*

Um segundo depois, Maeve está me puxando, cantarolando sua música de bom-dia para o sol nascente, para a lua poente e para o grande céu roxo, e de repente tropeço em algo com o pé bom e dou um grito.

Olho para baixo e vejo algo perto da minha bota. Ali, meio enterrado, vejo um objeto preto pequeno.

— Mamãe — chama Maeve.

— Espera um pouco — digo baixinho.

Eu me agacho com uma das pernas e pego com delicadeza a ponta até conseguir puxá-lo da terra batida. O objeto rola na palma de minha mão, deixando um rastro de poeira e parando no meio das minhas linhas da vida e do coração.

Ele é de plástico. Parece um pedaço quebrado de microfone de lapela, daqueles que você prende na gola da camisa ou esconde no parapeito da janela. Já usei isso várias vezes.

Fico analisando o pequeno objeto preto. Eu não tinha sido levada para um set de filmagem distante, mas talvez o set de filmagem tenha vindo até mim.

— Mamãe! — fala Maeve, agora mais impaciente.

— Já vou! — Dou uma rápida olhada para a casa, depois olho para trás, para os campos.

Enfio o objeto no bolso da saia e me levanto.

14

No dia em que recebi alta, fiquei numa cadeira de rodas na entrada do hospital, a bebê se revirando irritada em meus braços, as mãos de minha mãe apoiadas com firmeza em meus ombros enquanto esperávamos meu marido pagar o estacionamento. Sufoquei a vontade de deixar a bebê cair de meu colo, de erguer a manta enrolada acima da cabeça e atirá-la o mais longe que pudesse.

— O dia está lindo — comentou minha mãe.

— Está mesmo.

Um alarme de carro disparou ao longe. Enquanto minha mãe cantarolava a melodia de "Cordeiro de Deus", olhei para o céu e rezei desesperadamente para morrer.

Em casa, desci do carro, deixei a neném no bebê conforto e subi direto as escadas para meu quarto de infância. Em algum ponto entre o fato de ter contado para minha mãe que eu não achava que aquela criança fosse minha e o momento de minha alta, acabou sendo decidido que eu ficaria na casa dela por tempo indeterminado.

Eu me deitei na cama enquanto ela vinha atrás de mim trazendo a Clementine e foi até o trocador no canto do quarto.

— Isso, isso — repetia ao som do velcro sendo rasgado. — Boa menina.

Não sei para quem ela falava isso. Cobri a cabeça com a coberta e fiquei esperando as duas saírem.

O tempo não passava. Fiquei deitada embaixo da coberta, paralisada sob o raio gélido da fúria Dele, olhando através de uma camada translúcida de tecido roxo, que funcionava como uma espécie de pálpebra, reduzindo o mundo a uma série de luzes e sombras. Eu me sentia um bebê flutuando em líquido amniótico. Também me sentia como se tivesse morrido e estivesse aguardando o Senhor

levar o espírito do meu corpo rígido. Minha mãe deve ter notado o tipo de desesperança que eu estava sentindo, porque ficava repetindo uma velha frase da escola dominical toda vez que subia para trocar uma fralda, trazer comida para mim ou me ajudar a amamentar:

— Duvide de suas dúvidas antes de duvidar de sua fé, meu amor.

Não respondi.

Dormir, amamentar.

Amamentar, dormir.

Dormir, dormir, dormir.

Amamentar. Chorar.

Amamentar. Dormir.

Matar-se.

Não… desculpe.

Dormir.

Em certo momento minha irmã veio me ver. Abigail era mãe de dois agora: tinha dado à luz poucos meses após meu casamento e engravidou de novo logo depois, então agora tinha um neném de um mês e outro de quatorze meses. Dois meninos: Brandon e Brady. (Ela achou que os dois nomes com B era fofo. No fundo, minha mãe se preocupava com essa estratégia: se, com a graça de Deus, Abigail tivesse cinco ou seis ou sete filhos, ela ia mesmo dar nomes começando com B para todas as crianças? A gente não ia se cansar do som?) Quando Abigail se empoleirou na ponta da minha cama, eu me encolhi, esperando alguma versão do discurso da minha mãe. *Duvide de suas dúvidas etc.!* Quando por fim minha irmã começou a falar, no entanto, sua voz estava tão baixa que quase se confundia com o barulho do ventilador.

— É horrível, né?

Eu não disse nada. Nem me permiti soltar o ar, porque sem dúvidas um *sim* sairia junto.

— Não os bebês. Os bebês são… perfeitos. — Ela soltou um suspiro rápido. — Só estou tão cansada… E o *Bryce*… — Outra pausa. — Ele sempre tá querendo transar. E eu só… e os meninos são tão…

Fecho os olhos. Onde estavam os meninos, aliás? Provavelmente no andar de baixo com minha mãe, a única mulher da casa que parecia interessada em cuidar dessas crianças.

— Acho que posso estar grávida outra vez. Você consegue imaginar? Três

bebês em três anos. Não dá para acreditar. Nunca achei que fosse *acontecer*… tão rápido.

Meu coração começou a disparar numa grande agitação. Eu e minha irmã não costumávamos ter esse tipo de conversa. Nunca tivemos. Nossa relação sempre pareceu a relação de uma rainha e um peão no xadrez: dançávamos ao redor uma da outra, às vezes aliadas, às vezes rivais, mas nunca jamais iguais.

A ideia de que a gente poderia enfim estar na mesma situação nesse momento, como duas grandes fracassadas na maternidade, não era algo com que eu estava pronta para lidar.

— Tenho pensado, sabe? — sussurrou. — Em usar algum método contraceptivo. Bryce não acredita nisso, mas soube que dá para ir ao médico e pegar. Quer dizer, sem que saibam.

Esse era meu limite. Eu me sentei, assustando minha irmã, e sibilei:

— Método contraceptivo? Mentir para seu marido? Isso é pecado, Abigail.

— Mas…

— Sinto muito que esteja passando por uma fase difícil, mas não é justo que você projete seus problemas em minha vida.

Por um instante parecia inevitável que Abigail, a chorona da família, fosse desabar em lágrimas, mas ela não o fez. Em vez disso, seus olhos marejados pareceram endurecer e secar.

— Claro que não. Só queria que você soubesse que, se estiver passando por alguma dificuldade…

— Não estou passando por nenhuma dificuldade. Só estou cansada e gosto de dormir quando a neném dorme. E é por isso que estava tentando tirar um cochilo antes que ela acorde.

Eu me deito, puxando a coberta acima da cabeça. Naquele instante ouço um gorgolejo no andar de baixo. Sem dúvidas, Clementine.

— Vou deixar você dormir, então — minha irmã disse. — Antes que ela acorde.

No entanto, ela continuou sentada ali por bastante tempo, imóvel, na ponta da cama, a mão em meus pés, antes de murmurar alguma coisa sobre ir para casa a fim de preparar o jantar, e então fiquei sozinha de novo.

Assim que vi Caleb novamente, ele falou:

— Sua mãe comentou que você precisava de um pouco de incentivo.

A gente estava em casa havia dez dias. Eu só tinha tomado um banho. Meu marido jovem e encantador estava sentado na ponta da minha cama pela primeira

vez em dias, cheio de presentes no colo. Ele me deu o primeiro, uma caixinha. Abri e encontrei um celular flip prateado.

— Assim consigo te ligar, onde quer que esteja.

Olhei para ele:

— Mas não vou a lugar nenhum.

— O que me leva ao segundo presente.

Abri a caixa maior. Dentro tinha um par novinho de tênis de corrida azul-turquesa, junto com um bilhete escrito à mão. Enquanto lia, praticamente conseguia ouvir minha mãe instruindo Caleb: *um novo par de tênis para correr da tristeza*.

— A vendedora garantiu que essa marca é a favorita de todo mundo — disse Caleb, apontando para a sola de espuma. — Os corredores famosos usam esse estilo de tênis.

Antes que eu pudesse responder, ele se abaixou e pegou outra bolsa, tirando uma coisa preta com alças de rede.

— Também trouxe isto. — E segurou o presente no alto, fazendo as alças ficarem penduradas no ar. Era um canguru para bebês. — Para você poder carregar a neném quando for correr, e você pode levar o celular caso precise falar comigo. Legal, né?

Foi nessa hora que a crise se tornou clara para mim. Foi o momento em que percebi que meu marido era um completo idiota: quando sugeriu que eu levasse uma recém-nascida comigo numa corrida. Fiquei imaginando o pequeno cérebro de Clementine sacudindo como uma fruta madura em seu crânio de massinha de modelar enquanto eu tinha uma crise de asma em uma calçada próxima, com o telefone no ouvido, esperando alguém em casa vir me buscar. Em um de nossos primeiros encontros, Caleb comentou que não era "muito intelectual", mas essa não era a verdade completa, né? A verdade completa é que ele não era *nada* intelectual. Era um riquinho legal e burro. E o que isso dizia sobre mim? Que eu era uma idiota. Uma vergonha de mulher. Na hora mais importante da minha vida, cometi um grave erro de julgamento: confundi a riqueza de um homem com seu intelecto. Achei que a presença de Caleb em Harvard fosse uma prova de alguma habilidade de pensamento crítico, mas não tinha cogitado até então que foi o peso de seu sobrenome que o fez entrar na faculdade. Essa constatação deixou um gosto ácido e intenso na minha boca. Como se eu tivesse engolido um desinfetante com fragrância de limão. Pisquei rápido, os olhos ardendo.

Uma garota igual a Reena jamais cometeria um erro desses.

Meu marido era um imbecil. Pior, não havia nada que pudesse ser feito

quanto a isso. No mundo do qual vim, *divórcio* era uma palavra que queria dizer vagamente *uma vida de privação e tristeza seguida por uma eternidade no inferno*. Você não abandonava o marido se ele lhe desse um tapa na cara, ou tivesse um caso, ou te desse tão pouco dinheiro para a semana que seria necessário brigar quando as crianças derramassem um copo de leite. E você *definitivamente* não deixava o marido se ele fosse só um rico burro.

Minha decepção era tanta que eu estava com dificuldade de ver com clareza. Senti como se recuasse, e depois recuasse mais um pouco, tentando ver o quadro mais completo.

O encontro no café. O restaurante italiano chique. A festa de noivado. O casamento. Nossas tardes ensolaradas sentados em pátios em Paris, sorrindo por nada.

Sobre o que a gente conversava?

Não conseguia me lembrar de nenhuma conversa profunda.

E lá estava, não dava mais para ignorar: aquela sensação crescente e incômoda de que eu conhecia meu marido tão bem quanto conhecia o caixa idoso que ensacava minhas compras na minha cidade natal.

Comecei a me sentir meio tonta. De repente me peguei chocada ao notar que esse homem não era nem de longe tão bonito quanto eu costumava dizer a mim mesma que era. Talvez fosse o enjoo. Mas não… *não*, seus olhos eram mais próximos um do outro do que pensei que fossem. E a ponta do nariz… ela sempre foi tão pronunciada? E a acne no queixo? Meu marido tinha essa cara cheia de cratera no dia do nosso casamento?

Caleb notou minha cara.

— Está tudo bem, Nat?

Ao ouvir meu nome, recobrei a consciência. Afastei a tristeza com a mesma intensidade que um cachorro molhado se sacode para se secar.

— Me diga: como você me conhece tão bem? — perguntei.

Ele sorriu. E me deu um beijo. E me ajudou a sair da cama para conseguir amarrar os cadarços.

Fazia pouco mais de duas semanas que eu havia parido. Não podia correr nem dar trotada sem arrebentar os pontos ou soltar um jorro de sangue coagulado. Mas podia caminhar. Ah, como podia. E então comecei um ritual diário de caminhar por horas pela vizinhança no fim da tarde. No começo, deixava o celular, o canguru e a neném em casa, e logo essa se tornou minha hora favorita do dia. Gostava de observar o fluxo constante de carros na rua, cada um entrando nas

várias garagens. Eu via maridos saindo de caminhonetes, utilitários e pequenos sedãs elegantes. Olhava as janelas das cozinhas e via mulheres de aventais roxos, azuis e cor-de-rosa tirando frangos assados do forno, pousando as assadeiras e chamando as crianças para virem jantar. As cozinhas eram radiantes. Os gramados eram verdes e vibrantes. Era esse mundo que as garotas da faculdade achavam tão revoltante; era nessas garagens que torciam para nunca precisarem entrar. Ainda assim, não havia dúvidas: era nítido que essas esposas, maridos e crianças eram mais felizes do que qualquer pessoa com quem estudei. As famílias eram extremamente funcionais. Os casamentos eram sólidos.

A epifania me chegou aos poucos. A cada casa pela qual eu passava, a cada marido saindo do carro com um passo leve, a cada esposa feliz tirando uma assadeira do forno, a percepção ficava cada vez mais clara até eu terminar de percorrer a vizinhança e estar de volta à casa da minha mãe, onde tinha começado.

Lá dentro, minha mãe segurava Clementine na ilha da cozinha.

— Deixa que eu seguro — disse para ela.

Ela passou com cuidado o embrulhinho cor-de-rosa para meus braços, piscando para afastar as lágrimas enquanto via eu me tornar mãe.

Minha filha olhou para cima, com olhos frios e indiferentes. Caleb tinha razão. Ela se parecia comigo. Fiquei encarando-a, tentando me comunicar em silêncio. *A gente começou com o pé esquerdo, não foi? Vou me apresentar de novo. Sou a Natalie. Sua mãe. E daqui para a frente estou no comando. Você não precisa fingir que gosta de mim, mas vou fingir que gosto de você. Vou fingir até começar a sentir de verdade. Eu te prometo, tá?*

Ela piscou duas vezes, depois deu uma fungada relutante de aprovação. Levei sua cabeça até meus lábios e beijei sua testa macia.

— Acho que amanhã vou caminhar com ela.

— Acho uma ótima ideia — respondeu minha mãe, com gentileza.

Então entrei no quarto, onde Caleb estava assistindo a futebol americano.

— Caleb — falei, posicionando-me entre meu marido e a televisão. Assim que ele voltou o olhar lentamente para mim, perguntei, em tom alegre: — Quando você vai conseguir um emprego?

15

ENQUANTO VOU MANCANDO DEVAGAR ATÉ o galinheiro, segurando a mãozinha quente de Maeve, consigo sentir o objeto pequeno balançando contra minha coxa no bolso da saia.

Por fora acho que pareço tranquila — assim espero.

Por dentro, estou gritando.

Maeve solta minha mão e abre a entrada de tela do galinheiro, então corre até as galinhas, que respondem cacarejando à sua saudação.

— Olá, mocinhas — diz em tom imponente.

Ela se vira e olha para mim com aquela expressão de menininha que conheço tão bem, a cara de uma criança em busca da aprovação da mãe. Repito baixinho a mesma frase para o galinheiro.

— Olá, mocinhas.

Acho de verdade que posso acabar vomitando.

Maeve faz carinho na cabeça de cada galinha enquanto vai passando. Ela tem um nome para cada uma. Xícara, Pãozinho e Senhorita Princesa das Malhas. Antes de eu dar por mim, está sentada de perna cruzada entre as mocinhas, conversando animada com cada uma, como se estivesse num chá da tarde, esquecendo temporariamente a missão de pegar os ovos.

Fico parada na entrada, com a mão no bolso, segurando firme a pedrinha, pequena e dura feito uma munição.

Alguém está me observando. Sei disso. Na verdade não é apenas que eu *saiba*, eu *sinto* também, nas entranhas. Cada movimento meu está sendo registrado; cada ação, gravada; cada palavra, transcrita. Esse mundo tem um quê de artificial, um leve ar de surrealismo. Parece menos a vida real e mais a *ideia* de uma vida real, menos realidade e mais um show…

Um show.

Um reality show?

Relembro os últimos dias como se estivesse rebobinando um episódio piloto. O microfone, as roupas, a armadilha, os moldes de sabonete, o tapa…

— Sejam bem boazinhas com a mamãe hoje — pede Maeve, séria, para as cabecinhas oscilantes e idiotas das galinhas, como se fosse uma professora. — Ela está com um dodói bem grande. Ela não está bem.

— O que vocês estão fazendo aí fora? — Mary está na varanda, chamando a gente. — Anda logo, rápido.

— Já vai — responde Maeve, levantando-se e batendo a terra do vestido.

Que tipo de reality show permitiria que um homem desse um tapa na cara de uma mulher? Que tipo de pessoa ficaria acompanhando sem reação enquanto ela pisava em uma armadilha de aço e quase arrancava o próprio pé?

Nenhum, digo para mim enquanto Maeve coloca os ovos um a um em minha cesta, o pequeno objeto preto quente em minha mão.

Então paro e começo a pensar melhor naquilo.

Tenho um fraco por reality shows, desde os tempos de faculdade. Comecei a assistir a uma série de programas em Boston e não consegui mais parar. Um programa sobre encontros, outro sobre casamento à primeira vista, outro sobre estranhos vivendo juntos. Vejo esse tipo de programa já faz uma década, então sei que sempre rola algum tipo de desentendimento no penúltimo episódio da temporada, uma briga de bêbados só para atiçar as conversas amargas no episódio de reencontro. É verdade que geralmente essas brigas são entre pessoas do mesmo sexo, mas ainda assim. Não há dúvidas de que eles estão mais inescrupulosos a cada ano, com cenas que se rebaixam cada vez mais em cenários degradantes e bizarros. No início, quando eu ficava sozinha na sala de recreação dos dormitórios — a única pessoa no prédio às dez horas de uma noite de sexta —, os shows de encontros eram cheios de mulheres idiotas que conseguiam se convencer de que aquela experiência seria um marco agradável na vida delas. Uma década depois, nenhuma mulher com dois neurônios e um coração batendo ainda se convencia disso. O novo grupo de jovens sabe que o mundo que diz tanto desejar que elas encontrem o amor na verdade quer apenas vê-las sangrar aos poucos. Devorá-las vivas. Essas meninas não são disciplinadas ou bem-criadas para escolher um caminho igual ao que eu escolhi, pobres coitadas, então precisam achar outra forma de fazer dinheiro. Precisam prostituir-se. Quebrar a vidraça, pegar a grana e dar no pé. Não é o caminho ideal, mas nem de longe é o mais idiota. O caminho mais idiota é o que Reena escolheu: aceitar um emprego em uma área feita, ocupada e controlada por homens.

A verdade é que se vender pode levá-la longe, se ela se dedicar. Basta olhar para Maria Madalena. Essa é uma mulher que entendia o jogo.

Quando penso nas temporadas mais recentes dos meus programas de encontro preferidos — e percebo como até os programas mais voltados para a família começaram a forçar as meninas a dar depoimentos estando grogues e privadas de sono, com os olhos vesgos de tomar mimosas a maior parte do dia —, sinto uma sensação estranha e anestesiante de alívio.

Os Estados Unidos odeiam as mulheres. É um conforto lembrar isso.

Decido que é, sim, bastante plausível que haja um reality show nos próximos anos capaz de permitir que um homem bata numa mulher e a deixe desacordada; também é plausível que permitam que a mesma mulher caminhe por um campo minado de armadilhas arcaicas e quase perca o pé no processo. Na verdade, e isso me anima mesmo, não é só plausível. É provável. Talvez até inevitável. Praticamente necessário! As mulheres raivosas, afinal, são definidas por sua capacidade infinita de inquietação. Se você quer deixá-las entretidas, tem que estar disposto a sempre dobrar a aposta.

Nada de mais, consigo ver os produtores dizendo um para o outro numa sala de reunião iluminada, tomando suco verde com flocos de ouro e comendo saladas com caviar. *Só um nocautezinho. Nada que possa machucá-la de verdade, e, além disso, teremos paramédicos de prontidão caso algo fuja do controle!* Consigo vê-los em minha mente, discutindo sobre o ângulo exato da filmagem, a velocidade do tapa, a precisão da armadilha fechando no meu tornozelo. *Com força suficiente para causar um desmaio, mas não a ponto de causar dano cerebral. Esse é o limite, rapazes. Ah, e a gente deve garantir que a armadilha tenha força para rasgar a pele, mas sem quebrar o osso. Do contrário, precisaremos tirá-la daqui de helicóptero*. Fico ali pairando enquanto eles saem de algum escritório de produção em Culver City, dando tapinhas nas costas um do outro por um trabalho bem-feito. *Talvez a gente consiga um Emmy este ano.* Acompanho o retorno deles para casa em carros elétricos cheios de adesivos — *Salvem os oceanos; Acreditem nas mulheres!* —
e solto um suspiro de alívio com a hipocrisia das elites modernas da região costeira.

Mas e a gravidez que sumiu do nada?

Não quero pensar nisso. Mesmo agora, enquanto Maeve coloca o último ovo na cesta — esse mundo falso ao meu redor que parece tão *real*, vivo, que dá umas pontadas de desconforto no meu cérebro —, continuo tendo dificuldade de aceitar que não estou grávida.

Na verdade, sim, eu adoraria parar de pensar nisso agora.

Observo a propriedade. O celeiro. Os campos, a grama ondulando com o vento.

Seus merdas, seus masoquistas, seus lobos em pele de cordeiro: onde é que vocês estão?

— Esse reality show é uma droga — digo em voz alta enquanto Maeve me puxa de volta para casa.

O vento sopra em resposta.

16

Inicialmente Caleb argumentou que não precisava de um trabalho.

— A gente tem dinheiro. Para que a pressa?

Ele ia se especializar no ano seguinte, explicou. Ou dali a dois anos. Ou a gente podia viajar. "Vamos levar a neném para Roma!" A gente podia dar ravióli na boca um do outro em alguma mesa num pátio escondido no beco de paralelepípedos, enquanto Clementine dormia tranquila no colo. Ele arranjaria um emprego *algum dia* — talvez na área de finanças ou de direito; podia dar aula ou ter um negócio próprio; sempre tivera fascínio pelo mundo dos *day traders*; ou talvez pudesse abrir um bar! —, mas não havia necessidade de apressar as coisas. Por que não aproveitar essa fase especial de nossa vida, recém-casados com uma recém-nascida?

Ao fim dessa argumentação, que ouvi umas vinte vezes, eu cerrava tanto os dentes, que minha mandíbula parecia travada, e precisava respirar fundo várias vezes antes de responder, da forma mais calma possível, que a ideia de viajar para a Europa com nossa filha de um mês me fazia querer enfiar a cabeça no forno e ligar o acendedor.

— Está bem — dizia ele. — Nada de Europa. Nada de viagem. Vamos comprar aquela fazenda!

Nesse momento eu sacudia a cabeça e respondia exasperada:

— Você faz ideia do trabalho que dá ter uma *fazenda*? Não tenho como fazer isso com uma recém-nascida!

— Acho que seria divertido. A gente pode criar umas galinhas e vacas. Sempre quis andar a cavalo!

— A gente não vai comprar uma fazenda agora, Caleb.

— Tá bom, então vamos comprar uma casa. Vamos nos estabilizar. Vamos fincar raízes.

— Comprar uma casa *onde?*

Ele gesticulou para fora da janela da cozinha.

— Que tal aqui?

Eu me imaginei comprando uma casa na rua da minha mãe. O pai de Caleb sem dúvidas nos daria o dinheiro. Podíamos pagar à vista. Os gastos seriam mínimos. E todo dia, quando os maridos voltassem para a família deles, pelo menos um olharia para nossa casa, onde o carro já estaria estacionado, a televisão já estaria ligada no jogo de futebol americano, e aos poucos a fofoca começaria a circular: o novo casal da cidade era uma vergonha.

Era preciso dar o braço a torcer para meu marido, esse bebezão de um conto de fadas delirante com quem acabei me casando: ele conseguiu me oferecer a única opção de futuro pior que a ideia de carregar um bebê berrando pela Itália.

Era difícil manter a calma durante essas conversas; era difícil até pensar direito quando eu sentia um desespero tão grande que quase me levava à automutilação. A falta de ambição dele era impressionante, quase incompreensível para mim. Nunca tinha visto um homem que não queria trabalhar. Mas também nunca tinha conhecido um rico antes. Era isso que acontecia quando se nascia com tanta riqueza e poder? Ou essa era a única coisa especial que meu marido, o pai da minha filha, tinha?

— As pessoas não trabalham só pelo dinheiro — tentei argumentar. — Elas trabalham para dar sentido à vida. Para ter *ordem*.

Ao ouvir isso, ele abriu um sorriso largo, mostrando dentes mais amarelos do que eu me recordava.

— Por que não posso ficar em casa e ajudar com a neném?

Porque você acha que ajudar com a neném é dizer "Ahhhh, ela não é uma gracinha?", pensei, mas não disse. *Porque você não ajuda em nada com a neném, porque você não sabe cortar as unhas, passar pomada contra assaduras ou dar mamadeira de noite sem acabar fazendo Clementine acordar. Porque não preciso que você seja uma babá, preciso que faça as coisas que não posso fazer e seja o que não posso ser. Preciso que você arrume um emprego, meu querido esposo. Preciso que seja um homem.*

— Porque não é saudável ficar sem nada para fazer! — berrei, em vez disso.

Essas conversas sempre terminavam de forma relativamente tranquila, com Caleb prometendo que ia começar a *procurar* na internet *alguma coisa que pudesse ser interessante*. E depois se passavam cinco dias, eu perguntava como estava a busca, e ele me dava um olhar envergonhado, o olhar de um cachorrinho que esqueceu que não podia fazer xixi dentro de casa, e então eu precisava entrar no banheiro, fechar a porta, trancar, ligar o chuveiro, abrir a torneira da banheira e gritar em uma das toalhas de rosto com bordados lindos: *Deus abençoe esta casa!*

Então, uma tarde Caleb chegou em casa com as compras da semana e um tapete de ioga.

— É para eu me exercitar — explicou ele quando minha mãe perguntou, ansiosa, o que meu marido pretendia fazer com aquilo.

— Ah. É claro.

Mas continuou olhando aquilo com verdadeiro horror, como se pudesse virar uma arma se não ficasse atenta. Então, um dia depois do jantar, pegou o tapete e sumiu com ele pelo corredor. Quando Caleb voltou, o objeto tinha desaparecido. Ela olhou para mim e deu uma piscadinha.

Mas meu marido tinha outros planos. No dia seguinte, ficou perambulando pela casa, assobiando distraído, abrindo gavetas e armários até encontrar o tapete enrolado atrás do suporte para guarda-chuva. Pegou o tapete, saiu de casa, estendeu-o na entrada de carro e abaixou-se sob o sol da manhã. Fiquei observando da janela da cozinha, perplexa, enquanto uma fila infinita de carros passava por nós em seu deslocamento matinal, uma longa procissão de homens de terno olhando desconfiados para um jovem pai parado na posição "cachorro olhando para baixo", às oito horas da manhã de uma terça-feira.

E foi aquele o momento em que perdi a paciência. Então fiz o que qualquer cristã faria ao se ver farta de não poder fazer nada: fui chorando para minha mãe, que falou para eu ligar para a mãe *dele* chorando, então a mãe dele ligou para ele com uma avalanche de humilhação e raiva.

A viagem para a Califórnia foi quieta. Caleb dirigiu o tempo todo. Estava com raiva de mim, claro, mas acho que também estava chocado com o que fiz. E quer saber? Foi estranhamente satisfatório vê-lo sentado no banco de motorista, cerrando os dentes de ansiedade, virando-se para mim de tempos em tempos e depois desviando o olhar quando nossos olhos se encontravam. Eu tinha passado o último mês cada vez mais horrorizada por alguns aspectos da personalidade do meu marido, traços que foram surgindo apenas muito tempo depois de passar a oportunidade de mudar de ideia sobre ele, então parecia inevitável que o próximo passo fosse ele ficar horrorizado comigo na mesma medida. Eu quase podia ver seu cérebro saltando aos poucos para grandes conclusões: Natalie, a esposa perfeita que concordava com tudo, foi capaz de agir pelas costas dele e fazer queixa para a sua mãe. Natalie, a garota recatada e fervorosa, não tinha medo de reclamar do marido. Talvez até: Natalie não é tão bonita quanto ele lembrava. (Era só ele, ou o rosto dela parecia um pouco mais… *angular*, talvez, do que no dia do casamento? Seu queixo sempre foi tão pontudo? Seus olhos sempre foram tão

frios e sem vida?) Nossa, que pena, que lástima. O pobre Caleb foi enganado, engambelado, passaram a perna nele! Sua jovem, bela e fértil esposa foi tão tranquila no primeiro ano de casamento. Tão fácil de lidar. Tão quieta! Nunca exigiu nada. Agora — é a deixa para a trilha sonora de filme de terror na sua cabeça, *tã-tã-tã!* — ela começou a se impor. Começou a exigir coisas.

Enquanto a gente seguia em silêncio pelas planícies, eu praticamente conseguia ouvir nossas mentes resmungando em uníssono: *Isso não é justo*.

Na metade da viagem de doze horas, Caleb deu um pigarro e disse:

— Não sabia que…

— O *volume* — sussurrei, apavorada.

Eu estava sentada quase de lado no banco do carona, olhando para o banco de trás a cada trinta segundos. Clementine estava dormindo agitada; cada pequeno som que ela fazia me deixava tensa de medo. Olhei para meu marido, depois sussurrei indicando o volume em que queria que ele falasse:

— O que você não sabia?

— Que você não era feliz — respondeu em tom baixo, para meu alívio. — Eu não sabia. Você não disse.

Franzi o rosto. *Feliz*: eis uma palavra que eu não tinha considerado nessa situação.

— Não é que eu esteja infeliz. Só quero que a gente se estabeleça, Caleb.

— E aí você liga para minha mãe.

Isso, esse tom abafado e baixo que Caleb estava usando, era novidade. Senti como se estivesse vendo um bichinho fazer um truque errado que eu não tinha ensinado para ele. Um periquito desenrolando um rolo de papel higiênico. *Onde é que você aprendeu isso?*

— Você devia ter falado comigo. Se estava infeliz, o certo era ter falado comigo.

— Não estou infeliz — repeti.

Estávamos os dois olhando a estrada que se estendia à frente, cercados de salinas por todo lado. Pelo canto do olho observei com interesse quase acadêmico as mãos de Caleb segurando com força o volante. *Então é assim que um marido irritado se parece*.

— Quer saber? Não é assim tão raro a pessoa não saber o que quer fazer da vida depois da faculdade.

— Claro que não é, mas...

— Não é nada raro, de verdade.

Não falei nada. O complemento que eu queria fazer — "Mas o ideal é um homem ter um propósito antes de trazer alguém ao mundo" — parecia agora combativo demais.

— Eu só achei… — ele disse. — Só achei que você seria…

O silêncio durou tempo demais.

— O quê? Você achava que eu seria *o quê?*

— Deixa para lá.

A gente não conversou mais o restante da viagem toda.

Os pais de Caleb viviam nos arredores de Napa Valley, em uma antiga propriedade espanhola com vigilância vinte e quatro horas por dia e um vinhedo em funcionamento. A propriedade estava na família havia quatro gerações. Era quase tão antiga quanto a herança mais valiosa dos Mills: sua história de ambição política. Quando dirigimos pela entrada de carro da propriedade, uma rua longa e tortuosa rodeada por carvalhos — e para além dos carvalhos: imigrantes trabalhando, centenas deles, suando sob o sol da tarde —, suspirei aliviada. *Obrigada, Senhor, pela herança.*

Doug e Amelia aguardavam por nós quando paramos na entrada de carros circular, Doug usando uma camisa de botão com as mangas dobradas até o cotovelo; e Amelia, um vestido com colarinho. Nenhum amassadinho nas roupas. Como um par de manequins retrô, Sr. e Sra. América posicionados *perfeitamente* na frente das portas gigantescas de carvalho. O carro encostou, e os dois se aproximaram com sorrisos combinando. Doug abriu a porta do carona para mim, e olhei para ele com o sorriso mais largo e fingido que pude dar.

— Olha só quem chegou! — Doug exclamou.

— Cadê minha netinha maravilhosa? — Amelia perguntou, animada.

Clementine estava quase acordando quando abri a porta de trás. Soltei o bebê conforto e o puxei do carro com o cuidado e a precisão de um especialista do esquadrão antibomba. Para minha surpresa, ela se comportou de forma exemplar para a situação, olhando para os avós com um pequeno brilho nos olhos pretos geralmente tristes. Olhei para minha filha com um novo tipo de respeito.

— Você sabe fazer um bebê e tanto, Natalie — Doug comentou.

Antes que eu pudesse responder, Amelia tirou Clementine dos meus braços.

— É uma garotinha linda. É, sim senhora.

Então ela olhou para mim, o rosto com um verniz de anfitriã perfeita. Lábios rosados, sobrancelhas num formato perfeito.

— Você deve estar exausta, Natalie. Vem tomar um copo de água gelada,

depois vou pedir para Maria preparar um cappuccino. Você vai adorar a Maria. Ela é um presente de Deus.

(No fim das contas, eu acabaria nunca conhecendo de fato a Maria. Os empregados da propriedade dos Mills eram treinados para serem *discretos*,
o que significava que otimizavam suas escalas de trabalho para serem praticamente invisíveis para mim ao longo do dia.)

Caleb bateu a porta do carro. Nós três olhamos para ele.

— Olá, mãe — disse com formalidade. — Olá, pai.

Ele deu a volta e ficou ali, de braços estirados enquanto Doug lhe dava um abraço apertado. Ficou me olhando sem expressão por cima dos ombros do pai, como quem diz: *Está feliz agora?*

Mas os pais não pareceram se incomodar com aquela rabugice. Quando entramos, fiquei uns passos para trás e observei Doug e Amelia falarem com ele ao mesmo tempo, a mãe contando a fofoca mais recente dos vizinhos enquanto o pai zurrava sobre como os novos jardineiros eram preguiçosos.

— … não consigo entender como ela pôde mandar o pequeno Richard tão novinho para um internato…

— … e os peguei tirando um *cochilo* na hora do almoço, roncando, acredita numa coisa dessas?

Eu podia praticamente ver Caleb murchando quanto mais adentrava a casa. Ele parecia uma plantinha sendo torturada com um secador de cabelo.

— Vocês pegaram *tanto* tempo de estrada — Amelia falou para a gente. Experiente, estava segurando Clementine na dobra de um dos braços. — Por que não pedimos que o Luiz leve as malas de vocês lá para cima?

Pousou uma mão vacilante no ombro de Caleb, que desdenhou e disse:

— Posso levar minhas próprias malas.

— Sem problemas — respondeu com tranquilidade. — Enquanto isso, aceitam uma bebida? Uma água com gás saborizada ou um café?

Doug se juntou à conversa.

— Uma caneca de cerveja?

O rosto de Caleb estava contorcido de raiva, mas ainda assim ele balbuciou:

— Aceito um copo de leite.

Fiquei com uma cara paralisada de menininha gritando. Leite. Meu marido queria leite. Por trás da satisfação artificial, havia um gosto amargo, uma sensação bastante perturbadora de que, sem saber, eu tinha casado e engravidado de uma criança.

No exato instante em que a máscara caiu, meu sogro olhou para mim. Seu

olhar era tão curioso quanto o de seu filho era hostil. Eu quase podia ouvir seu pensamento: *Por que você se casou com meu filho?*

Como responder a uma pergunta dessas?

"Natalie é como um border collie", minha mãe costumava dizer para as outras mulheres da nossa igreja. "Precisa de um projeto, do contrário começa a mastigar as quinas dos armários."

Está dizendo que meu filho é um projeto?, imaginei Doug perguntando.

Não, imaginei minha mãe respondendo. *Estou dizendo que ele é a quina do armário*.

A propriedade dos Mills era grande, vazia e fria. Os corredores eram tão amplos que pareciam acadêmicos por natureza, bem diferentes dos *passadiços* que serpenteavam acompanhando os corredores e que não tinham mais que um metro de largura, sendo destinados exclusivamente ao uso de Maria, Luiz e de todos os outros *presentes de Deus* que trabalhavam na propriedade. Todos os cômodos tinham tons terrosos e possuíam cerca de três móveis a menos do que o espaço pedia. Amelia dizia que a bagunça a deixava ansiosa. Ela também alegava que companhia em excesso de uma só vez (outra forma de bagunça, pensei) também lhe dava ansiedade, o que significava que a gente só veria os irmãos de Caleb e suas famílias nos feriados, por poucos dias, e, mesmo nessas ocasiões, todos, exceto nós, voltariam para os hotéis quatro estrelas onde se hospedavam ali por perto, embora a propriedade tivesse quartos mais que suficientes para todo mundo. Outro desvio do meu casamento: pensei que estava entrando em uma família americana grande e barulhenta, mas nunca teria a chance de me aproximar de verdade dos irmãos de Caleb, nem de suas esposas e filhos, e eles nunca se interessariam muito por mim. Após anos de casamento, acabei sabendo por acidente, em uma comemoração de Ano-Novo, que as quatro outras famílias viajavam juntas nas férias, e então me dei conta de que aquela ansiedade intensa que irradiava da família Mills não era um traço universal, mas estava exclusivamente associada a Caleb e sua mãe. Depois disso, nas raras ocasiões em que as famílias se reuniam, passei a observar como os outros quatro irmãos se reuniam afastados de Caleb, quase por instinto, dando as costas para ele, como filhotinhos aglomerados isolando um animal doente, e me perguntei se essa estranha dinâmica animal aconteceu na noite do meu noivado. Então, como um golpe duplo, eu me lembraria de um detalhe pequeno e estranho de nosso casamento: Caleb não teve padrinho. Seus irmãos se sentaram na primeira fila junto com os demais convidados.

No primeiro dia, contudo, nada disso estava claro para mim. Levei Clementine para o quarto onde ficaríamos. Foi o quarto de Caleb na infância, Amelia disse, mas podia facilmente ser uma suíte no Ritz-Carlton, de tão decadente e anônima.

— Bem-vinda ao lar — sussurrei para minha filha quando a porta fechou e nos vimos a sós.

Sorri esperançosa para ela. Ela começou a chorar.

Reena estava entrando no terceiro ano da faculdade. Foi nisso que pensei quando segurei minha filha aos prantos nos braços. Esta semana, talvez hoje mesmo, era o início do semestre. *Volta às aulas*, pensei distraída.

Eu nunca terminaria a graduação.

17

MAEVE E EU LEVAMOS A cesta de ovos para dentro. Fico parada segurando a cesta, enquanto ela caminha pela cozinha, pega uma tigela e depois me leva até a mesa. A menina sobe em uma cadeira, depois quebra os ovos, um a um, e começa a mexê-los. Mary está na beira do fogo, empurrando uma panela tampada cuidadosamente sobre o carvão, posicionando-a até que esteja rodeada por brasas, mas sem tocar a chama. Biscoitos. Meu estômago começa a roncar. Passei a juventude quase inteira sem pensar em comida. Era uma mulher disciplinada, não de desejos. Agora, neste mundo, vivo sempre com fome.

Enquanto Maeve leva a tigela de ovos mexidos para Mary, eu me sento à mesa, exausta.

— Precisamos da frigideira — diz Mary para Maeve. — Deixa que eu vou buscar.

Ela atravessa a cozinha, lançando um olhar maldoso quando passa por mim.

— Como você parece confortável.

— O quê? Não está na hora do café da manhã?

— O café vai demorar uma hora ainda.

Ela pega a frigideira no balcão e volta para o fogão.

— E o que eu faço até lá?

Mary me olha com uma maturidade irritante. Não parece ter quinze anos, mas cinquenta.

— Você devia colocar a mão na massa.

Olho pela cozinha, e meu olhar pousa sobre um pote de farinha pela metade na prateleira.

— Precisamos de pão?

Farinha, sal, água. Um pote de fermento. Ao ver esses ingredientes simples alinhados sobre o balcão, sinto uma pressão estranha por trás dos olhos. Nunca fui

de chorar, mas naquele instante eu bem poderia.

Olá, velhos amigos.

O frasco de fermento está surpreendentemente bem-acondicionado. Não tem crostas na borda do pote, e parece claro e aerado, não aquela coisa amarela-escura que acontece após apenas uma semana de descuido. Não é uma surpresa, acho, considerando como Mary é rígida com as tarefas domésticas. Ela deve ficar de olho nessa bola de fermento, além de todo o resto da casa. Eu não ficaria nada surpresa se essa menina cuidasse dos afazeres da casa enquanto dormimos.

Assim que enfio os dedos no pote molhado, sinto uma calma tomar conta de mim. Tiro o máximo que posso de fermento e jogo a massa úmida na tigela. Despejo três xícaras de farinha por cima, depois adiciono uma pitada de sal marinho. Então começo a sovar, meus dedos penetrando a massa numa sequência de movimentos rápidos e contínuos.

O segredo para fazer um bom pão é criar tensão. Você precisa esticar e fazer dobras suficientes na massa para manter ar preso nas camadas de farinha. Se sovar demais, vira uma pedra. Se sovar pouco, acaba ficando farinhento. Enquanto sovo e moldo a massa em uma bola apertada e elástica, eu me lembro de que estou sendo observada. Dou um tapinha carinhoso na massa, depois a coloco em uma tigela e cubro com um pano de prato para deixar crescer, bem na hora em que o Velho Caleb entra e entrega um balde grande de aço para Mary. Ela o segura com cautela. Parece pesado. Quando a menina vai até a pia, tomando cuidado para não derramar o líquido, dou uma espiada no balde. É leite cru. "Uma iguaria", costumava dizer para meus seguidores, "uma maravilha da medicina, capaz de curar qualquer enfermidade", no entanto, o balde está sujo de cocô de vaca. Mary pega um trapo cinza e limpa as laterais de forma metódica, em seguida segura o balde e começa a encher dois jarros. Então se vira para mim:

— Acho que deveríamos trocar seu curativo.

Sinto o sangue se esvair de meu rosto.

— Não, obrigada, acho que estou bem…

Dois minutos depois, estou sentada na cadeira da cozinha com o pé no colo de Mary enquanto ela tira a atadura com cuidado, revelando algo que lembra mais um pé de frango em conserva do que uma perna. A pele está amarela, enrugada e manchada com sangue seco. Os pontos parecem um projeto de crochê amador que deu errado, e… meu Deus, os pedaços de músculo endurecido que ficaram presos do lado errado da costura…

Rapidamente, olho para o teto.

O monstro de Frankenstein. É assim que me sinto. Fecho os olhos quando Mary começa a passar o unguento. Eu me encolho com seu toque, e ela diz:

— Para de ser criança. Olha como já começou a melhorar!

Não, obrigada; já deu a parte de observar dessa tarefa. Em vez disso, mantenho fixos os olhos na janela, que, de onde estou, é um portal para um pedaço azul de céu.

Meu pé começa a se sacudir sem controle outra vez.

— Para de se mexer!

Acho o pequeno microfone no bolso e o aperto com força na palma da mão.

Olá, América.

Vocês estão vendo agora?

Estão se divertindo?

18

CHEGA UM MOMENTO EM TODO casamento no qual a mulher se dá conta de que o homem com quem se casou tem alguma bizarrice. É inevitável. Não há o que fazer. A única pergunta que importa é qual tipo de bizarrice seu marido tem, ou seja: *com sorte*, a mulher descobre que o marido é obcecado por pistas de trenzinho vintage, e *não* que ele paga para transar com líderes de torcida adolescentes. É o melhor que nós, donas de casa, podemos esperar da vida: um homem cuja bizarrice não seja nada violento ou ilegal e que, portanto, seja algo possível de lidar.

Era isso que minha mãe me dizia em nossas ligações diárias naquelas primeiras semanas em que passei na propriedade dos Mills, sempre que mencionava algum dos *comportamentos* peculiares do meu marido: sua recusa em arrumar emprego, seus chiliques adolescentes com os pais quando eles estavam apenas tentando ajudar. Eu lhe contava sobre esses momentos enquanto empurrava o carrinho de Clementine por uma rua cercada de árvores, e ela ouvia com paciência antes de me lembrar de que era função da mulher encorajar o marido a ser normal.

— O problema, mãe — eu respondia —, é que ele não está *tentando*.

— Bem. Estou certa de que em breve vai.

E então a ligação morria numa incerteza mútua silenciosa.

Eu estava torcendo para que os pais de Caleb dessem um jeito nele assim que chegássemos… Doug ofereceria algum tipo de palavra de ordem entediante em defesa da masculinidade tradicional, ou Amelia agarraria os pulsos do filho e apertaria, explicando, com o mínimo possível de palavras, que ele não devia *envergonhar a família*. Mas até ali nenhum dos dois tinha feito nada do tipo. Mal disseram qualquer coisa para ele, só o recriminavam de leve quando aparecia na cozinha de moletom no início da tarde.

Estávamos ali fazia semanas — *semanas!* —, e nada tinha melhorado. Na

verdade, tinha até piorado. Caleb agora passava o tempo todo em nosso quarto, o brilho do monitor deixando sua cara com um tom azulado enquanto ele jogava videogame, lia blogs nichados ou assistia a vídeos pornô.

Isso mesmo. Pornô.

Esta parte eu não tinha contado para minha mãe: uma tarde entrei no quarto e encontrei o notebook de Caleb aberto sobre a mesa. Olhei para a porta do nosso banheiro e vi que estava trancada. Dava para ver uma luz amarela por baixo da porta. Fui até sua mesa, torcendo para me deparar com um navegador aberto numa lista com vagas de empregos. Em vez disso, o que vi foi uma imagem grotesca congelada de um casal nu em pleno ato. Antes que minha cabeça entrasse em curto-circuito, notei a quantidade de abas abertas no alto do navegador: MARIDO + MULHER (CASAL REAL) FODENDO COM TESÃO DURANTE UMA HORA; BEIJOS INTENSOS FAZENDO A MULHER GOZAR!!!!; CASAL AMADOR FODENDO GOSTOSO (MUITA CHUPADA NA XOXOTA). Então fechei o notebook.

Aparentemente acabei me prendendo a um tarado.

E então, uma noite, chegou o momento pelo qual tanto esperei, torci e pedi em orações.

Já era noite. Final de outubro. Estávamos na propriedade dos Mills havia um mês. Eu estava a caminho da área de serviço, quando me deparei com Amelia e Doug sentados à luz fraca da luminária da ilha da cozinha, com uma garrafa de vinho suada sobre o balcão entre eles. Doug ia passar uma semana em Washington. Tinha uma bagagem preta de rodinha a seus pés, como um cachorro de estimação. A gravata vermelha estava frouxa no pescoço. Era uma cena casual, um tanto quanto nostálgica. Como um quadro de Norman Rockwell: uma saideira entre um vendedor e sua esposa dona de casa. Mas alguma coisa no rosto ansioso dos dois me irritou — não esperava cruzar os olhos com os deles tão rápido, nem que tivessem um senso de urgência silencioso tão intenso —, e de repente me senti desestabilizada, como se estivesse flutuando naquela fração de segundo em que um sonho se torna pesadelo. O momento no qual você percebe que se trata de uma intervenção e que ela é para você.

— Natalie — chamou Amelia. — Você tem um minuto?

— Claro — respondi com o coração apertado.

Clementine tinha começado a dormir a noite inteira, o que significava que *eu* tinha começado a dormir a noite inteira. Mas nada ameaçava meu sono tanto quanto Amelia com uma garrafa de *pinot grigio*.

— Você sabe como a gente adora receber vocês… — disse ela um pouco sem

ar.

Era claramente uma *introdução*, a primeira parte de uma frase que já tinha sido ensaiada antes, e ainda assim a mãe de Caleb parou nessa parte de forma artificial, como se o teleprompter tivesse congelado. Olhou impotente para Doug.

— Natalie — começou ele. — Podemos ter uma conversa franca?

Meu sogro me deu um olhar simpático, como quem diz "somos todos amigos". Ao vê-lo ali, com sua camisa engomada branca, com um broche da bandeira dos Estados Unidos preso no bolso, era possível imaginá-lo perfeitamente em uma ação da campanha em Virgínia Ocidental, sentado em uma cabine cheia de mineradores de carvão, pedindo uma rodada de cerveja para todos, fazendo um discurso emotivo composto apenas por palavras com uma ou duas sílabas e concluindo com alguma piada sobre *Deus, família e birita*.

— É sobre o Caleb — falou ele.

— Hã?

— Quando Caleb nos contou que estava noivo, ficamos *tão* empolgados! — Amelia acrescentou. — Achamos que era o tipo de coisa que iria… *ajudar*, mas não foi o caso, acho…

— Pensamos que uma esposa e um bebê o fariam amadurecer — comentou Doug. — Fazê-lo virar homem. Mas estávamos enganados.

Ele começou a agitar a taça, aerando o vinho, enquanto olhava para mim.

Um calafrio de temor percorreu meu corpo. Todo o tempo em que acreditei que os pais de Caleb dariam um jeito no filho, eles estavam esperando o mesmo de mim; e, todo o tempo em que me perguntei por que eles não estavam se esforçando mais, eles faziam o mesmo em relação a mim.

— É claro que queremos ajudar — disse Doug. — Somos uma família agora.

— Com certeza — completou Amelia, pegando sua taça. — *Trabalho em equipe*.

Ela estava bastante bêbada.

Meu espírito começou a amolecer aos poucos. Sussurrei:

— Não sei o que fazer.

— Bom, vamos por partes: precisamos arrumar um emprego para Caleb, é claro. Um trabalho bom e respeitável, mas algo que ele dê conta de fazer.

Doug fez uma pausa significativa, e no silêncio pensei em todos os empregos que ele devia ter arrumado para o filho ao longo dos anos e que não deram certo.

— A faculdade de administração teria sido ideal, uma boa forma de passar o tempo, se ele não tivesse ido tão mal na entrevista.

Entrevista. Que entrevista? Mordi o lábio para manter o rosto sem expressão.

Não sabia nada sobre o plano de cursar administração. Fiquei me perguntando quando isso surgiu e quando deixou de ser cogitado. Meu sogro me observava com atenção. Sem dúvida tentava descobrir se eu sabia do que ele estava falando.

— Bem — respondi por fim —, não estava nos planos de Deus.

Amelia inclinou a taça em minha direção, num brinde hesitante.

— Amém. Nosso Caleb sempre foi um sonhador. Uma alma boa. Quando estava no fundamental I, escreveu um poema lindo sobre o Jardim do Éden. Com certeza ainda devo ter o poema guardado aqui em algum lugar. Você se lembra disso, Douguinho? De como rimava "Eva" e "relva"?

— Ele pode ser ótimo na política algum dia — comentou Doug, ignorando completamente a esposa. — Na verdade, é uma das poucas funções envolvendo poder em que não pensar muito pode ser bom. Se você não pensar muito, nunca terá aborrecimentos.

— Teve aquela situação boba com o coelho da turma — continuou Amelia, franzindo o rosto para ninguém. — Mas foi um acidente. Ele não fez por *mal*.

— Consigo vê-lo como senador…

— … *Várias testemunhas disseram que o coelho o mordeu antes…*

Eu não disse nada. Estava com dificuldade de processar tanta informação de uma só vez. Meu marido, ex-poeta, futuro político, assassino condenado de coelho, atualmente um imprestável.

— A gente arrumaria os conselheiros certos, claro — emendou Doug, notando meu pânico e o interpretando da forma errada. — Mas estou colocando a carroça na frente dos bois. Agora, acho que o que precisamos fazer é arrumar um emprego estável para ele, mantê-lo ocupado e trabalhando, depois pensamos nos próximos passos.

Nesse momento Doug sorriu para mim, um sorriso ao mesmo tempo condescendente e encorajador, e por um momento me senti de novo naquela cabine, com duas cervejas suadas entre nós dois. Eu era um minerador, um trabalhador de armazém, um sindicalizado, e ele era o homem que iria salvar meu emprego, alimentar minha família, recuperar minha cidade. Então pisquei e lembrei quem eu era, e a sala pareceu se inclinar um pouco. Apoiei a mão no balcão para me firmar.

— O que exatamente vocês querem que eu faça?

— Bem, Natalie: para todos os propósitos, você é o homem da casa agora. — Ele abriu um sorriso enorme. — É claro que posso conseguir um emprego para Caleb, mas é *você* quem *precisa* fazê-lo trabalhar.

Meu sogro fez uma pausa, parecendo só então reparar que eu estava de pé

enquanto eles estavam sentados:

— Quer ficar mais à vontade?

Rodeei a ilha e puxei um banquinho, como o bom cãozinho — digo, esposa — que eu era. *Au-au*.

Ao que parecia, havia um vinhedo no fim da rua. Doug era amigo do dono. Uma posição de supervisor estava disponível para Caleb. Nada importante, mas o deixaria ocupado o dia todo, e ele supervisionaria os trabalhadores da fazenda. Se um dia conseguisse um emprego na área de administração, poderia *tecnicamente* descrever esse trabalho como "experiência de gerência" num tópico e, se decidisse seguir carreira política, poderia dizer que tinha experiência de trabalho "com pessoas de todos os estratos sociais". Se fosse demitido, paciência. Continuaria um inútil.

Enquanto Doug continuava a descrever a função que parecia se resumir a *zelador de vinhedo*, eu me vi fazendo que sim com a cabeça, igual a um boneco. Era o exato oposto do que eu queria, mas ainda assim me ouvi dizendo, como se meu sogro tivesse enfiado uma moeda atrás da minha cabeça e acionado algum mecanismo oculto:

— Que ideia excelente!

Quando subi as escadas com a roupa lavada, Caleb estava parado próximo ao berço, encarando nossa filha na escuridão. Parei na entrada do quarto. Caleb fez um sinal de positivo, de "continua dormindo", e suspirei aliviada. Deixei as roupas na cama e fui até ele.

— Queria que existisse um emprego que envolvesse brincar com bebês — Caleb sussurrou. — Eu seria ótimo nisso.

Não respondi nada. O pânico que havia sentido mais cedo na cozinha tinha passado, sendo substituído por um latejar fraco e doce no peito. Ele *era* bom com bebês. Nunca se cansava ou se irritava com Clementine. Achava a menina uma fonte eterna de diversão. Na verdade, o problema era esse, né? Ele não tinha vontade de fazer mais nada.

Meu marido queria tão pouco da vida. E eu? Eu queria muito, até demais.

Então ficou claro para mim: Caleb devia ter nascido mulher, e eu devia ter nascido homem. Senti um enjoo triste no estômago. De certa forma, nós dois estávamos danificados.

— Olha — começou Caleb num tom baixo —, sei que não tem sido fácil. Só preciso descobrir qual é o meu propósito. O que quero ser. E eu vou, Natalie. Eu

juro.

Olhei para meu marido na escuridão. E então aconteceu um milagre: a beleza da vontade divina me envolveu. Parecia uma brincadeira que as meninas da minha turma faziam entre elas, mas nunca me incluíam: *Quebre um ovo sobre a cabeça, deixe a gema escorrer…*

Estremeci, sentindo-me viva com Sua presença.

Ter me casado com Caleb não foi erro nem ignorância. Não. Era o exato oposto disso: era o começo de uma *missão divina*. Havíamos vindo ao mundo para ensinar um ao outro. Para dar propósito um ao outro. Eu ia ajudar Caleb a se tornar um homem melhor, e ele iria me ajudar a me tornar uma mulher melhor. Através do meu exemplo, Caleb ficaria mais forte, mais ambicioso, e através do exemplo dele eu me tornaria mais serena, mais amável com nossos filhos. Seria como um sistema de vasos comunicantes: eu daria e ele receberia, até que estivéssemos nivelados. Seria o trabalho de toda uma vida para nós dois. Éramos uma combinação infernal… quero dizer, divina. Agora eu conseguia enxergar.

Voltei o rosto para ele na escuridão, e, pela primeira vez desde que a neném tinha nascido, demos um beijo de língua.

— Vamos fazer amor — sussurrei, corajosa.

Fomos tropeçando para a cama e fizemos um sexo papai e mamãe, sem fôlego, com pau meia-bomba. Depois, na escuridão, enquanto Caleb roncava a meu lado, chorei em silêncio pela beleza da recompensa do Senhor.

No dia seguinte, no meio da tarde, acordei Clementine da soneca e a levei para Caleb.

— Estou ocupado — comentou, segurando nossa filha no ar, como se ela fosse uma sacola de delivery vazando.

— Pela próxima hora, não está, não. Você vai levar nossa filha para passear.

Fiquei na porta, acenando feliz para meu marido enquanto ele empurrava o carrinho pela rua. Quando já estava longe o bastante, fechei a porta e atravessei a casa até o escritório de Doug.

— Diga ao seu amigo que agradecemos, mas não vamos aceitar a oferta — falei quando meu sogro me convidou para entrar. — Vou encontrar algo melhor para Caleb.

— É?

— Sim. É minha função, afinal de contas. Sou a mulher dele. — Então acrescentei antes que perdesse a coragem: — Você está errado sobre meu marido, sabia? Ele ainda não é um homem, mas vai se tornar.

Doug soltou uma risada surpresa.
— Está parecendo uma aposta, senhorita Natalie.
Estendi a mão.
— Que vença o melhor.

19

BEM. A PIOR COISA QUE poderia acontecer aconteceu… pior até que ficar com o pé preso numa armadilha.

Meu pão ficou ruim.

Na verdade, ruim é eufemismo. Estava intragável. Duro como pedra em alguns pontos, farinhento e mole em outros. Sem gosto de nada, embora eu me lembre — *eu lembro*! — de salpicar a quantidade costumeira de sal na tigela.

Mary me mandou fazer outro. Disse que não havia problema, *comida é comida*, e que eu devia superar. E respondi — num tom do qual agora me arrependo — que havia algo errado, errado, errado, *existe algo de muito errado*, e, sério, quantas vezes eu precisaria explicar isso até ela entender? Então ela me mandou, aos berros, para o quarto até eu aprender a me controlar, e gritei para ela: "ME DEIXA EM PAZ, SUA GAROTINHA IDIOTA", então ela berrou "SAIA DESTA CASA AGORA".

Agora estou na varanda, tentando segurar as lágrimas e sentindo autocomiseração quando de repente a porta se abre e as duas garotas aparecem ali.

Olho por cima dos ombros. Ambas estão com casacos gastos, manchados e remendados. Mary está colocando um chapéu de tricô na cabeça de Maeve, que diz:

— Vamos pegar flores, mamãe!

Eu me viro e encaro as montanhas.

— Voltamos em uma hora — Mary conta para minhas costas. — Enquanto isso, por que não tira um cochilo lá dentro?

Reviro os olhos e devolvo por cima do ombro:

— *Você* ia amar isso.

Mary dá uma gargalhada.

— Vamos, Maevinha.

Fico encarando as montanhas, ouvindo o som de seus passos descendo os

degraus. A voz da mais nova vai se afastando. Eu me viro no exato momento em que seus vultos desaparecem atrás da colina mais próxima. Está tudo quieto agora, exceto pelos tinidos ocasionais do celeiro. Os meninos e o Velho Caleb passaram a manhã toda lá.

Fixo o olhar além do celeiro. Até os animais da fazenda parecem distraídos hoje. As galinhas estão amontoadas quietas no canto do galinheiro, todas olhando inexpressivas na mesma direção; o cavalo está se afastando lentamente de mim, subindo a encosta em direção ao pedaço de pastagem iluminado pelo sol.

O ar está fresco, mas não tem nenhum vento. O sol ainda está nascendo.

Vai. Corre. Agora.

Fico encarando os campos, ponderando o pensamento intrusivo. Eu me pergunto de onde ele vem, se a voz em minha cabeça dizendo para correr é do Senhor, se é meu instinto, se é fruto de uma concussão não diagnosticada. É uma tolice, de toda forma. Uma péssima ideia. Já tentei duas vezes, e tudo que consegui foi uma surra nas duas vezes. Além disso, correr não é mais uma opção. O máximo que consigo fazer é rastejar devagar.

Não adianta tentar escapar agora, penso, apoiando-me na bengala. *É melhor só… ficar… aqui.*

Fico me balançando para a frente e para trás, sobre o pé bom. Sim, eu devia ficar. Era isso que uma boa cristã faria: assar outro pão, depois talvez lavar o chão, depois começar a preparar o jantar, depois espalhar mais comida no galinheiro, depois ver os pés e penas das galinhas para ver se tinham alguma doença, depois perguntar se elas estavam entediadas, depois dar um banho de espuma na vaca, depois…

Esperar, creio. É isso que devo fazer. Esperar aqui na varanda, dia após dia, até que alguém — ou *algo* — me salve.

E ainda assim…

Nesse momento, sinto minha mente se repelir da casa e me empurrar como um ímã com carga incompatível.

Não era necessário sair correndo, mas eu sempre podia sair para dar uma caminhada, não é?

Começo a descer mancando os degraus da varanda.

Dessa vez meus passos são calmos, caminho de forma deliberada, o tipo de movimento que não dispara nenhum alarme. Pelo caminho, também… nada daquela maluquice de disparar pelo bosque e ser derrubada como uma criatura idiota da floresta. Não. Sou *humana*, e *humanos* foram feitos para seguir por ruas,

então estou caminhando quando uma voz vinda do celeiro me faz parar.

— Aonde você vai?

Fico paralisada. Eu me viro devagar e me deparo com um dos meninos de pé na entrada do celeiro. Noah.

— A lugar nenhum. — Dou uma olhada para a rua e gesticulo alegremente com a bengala, em direção ao nada. — Só queria pegar um pouco de ar fresco.

Noah observa a rua. Conheço essa expressão pensativa de um menininho: ele está pensando nas vantagens dessa aventura.

— Posso ir também?

— Claro — respondo, mas meu coração está apertado.

Não tenho um plano. Está claro que não tenho. Sou uma mulher perneta com um aliado de oito anos andando num ritmo de menos de dois quilômetros por hora. Ainda assim, caminhamos juntos por vários minutos. Não falo nada para Noah, e ele não fala nada para mim. Não é nenhuma surpresa; meus Samuel e Stetson são iguaizinhos.

Eram iguaizinhos.

São iguaizinhos.

Faço uma oração por meus filhos bem na hora em que Noah começa a assoviar. Ele não parece se incomodar de caminhar nesse ritmo. Está com uma vareta comprida, que agita no ar de tempos em tempos, mas que arrasta na terra durante boa parte de nosso caminho, enquanto sigo mancando em frente.

A certa altura, lanço um olhar para trás para ver quanto conseguimos nos afastar, e percebo uma longa linha tremida no chão, como se o menino estivesse carregando uma corda para a fazenda, que desenrolava aos poucos enquanto caminhávamos.

Logo alcançamos a base da colina, sob as árvores. É a maior distância que já alcancei da casa. O assobio de Noah começa a diminuir aos poucos. Ele observa tudo com interesse. Um pensamento estranho me ocorre: será que é a maior distância que *ele* já alcançou da casa, também? Ou é apenas uma atuação? Está tentando me enganar?

— Você costuma vir aqui com o papai? — pergunto no tom mais calmo que consigo. — Por esse caminho, em direção à estrada?

— Estrada — repete ele, franzindo o cenho. Depois olha para mim e faz que sim com a cabeça. — Aham. Claro.

Noah está mentindo. Uma onda de adrenalina percorre meu corpo.

— O que mais você tem feito com o papai esses dias?

— Um montão de coisa.

— Que tipo de coisa?

— Coisa de homem. Cuidar da cerca, cortar madeira e limpar as baias. Coisas do tipo. Estou crescendo, sabia? Logo serei um homem.

Olho para seus bracinhos minúsculos.

— Cortar madeira?

— Bem. — Ele dá de ombros, envergonhado. — Acho que mais observo do que corto. Mas sou totalmente responsável pelo cavalo. Escovo os pelos, raspo seu casco e o mantenho saudável.

— Qual é o nome dele?

— De quem?

— Do cavalo.

Noah desdenha.

— Cavalos não têm nome, mamãe. Para de ser boba.

— Ah — digo depois de um tempo. — É claro. Que bobeira a minha.

— *Muito* boba — responde Noah, alegre. — Mas, sim, o cavalo é minha função. E é um trabalho importante, se você parar para pensar. Tenho que dar comida para ele duas vezes ao dia, ver se está com algum arranhão ou machucado, deixar ele ocupado para que não mastigue a cerca por tédio.

— E o Abel?

— Abel é melhor cortando madeira do que eu — admite. — Papai diz que meu irmão já tem quase idade para ir com ele para a floresta. Isso acontece aos treze anos. Não posso ainda porque não tenho idade.

— E para onde os dois vão?

Noah dá de ombros.

— Qualquer lugar. Por toda parte.

— Por toda parte onde?

De repente meus ouvidos captam o silêncio, a repentina ausência de som. Como se um rádio tivesse sido desligado. Eu me viro e vejo Noah parado uns dez passos atrás, com a vareta parada na terra. Parece que o novelo tinha acabado.

— Não podemos continuar — comenta.

— Por que não? — rio baixinho, um som quase inaudível.

Ele fica encarando o caminho além de mim.

— O mal está lá fora — responde, com a estranha calma de uma criança que nem sequer entende o que diz. — Lobos, índios e outras almas que buscam nossa destruição espiritual.

Uma brisa começa a soprar. As folhas lá no alto começam a farfalhar. Estou encarando esse menino e pensando que o mal *lá fora* com certeza não é páreo para

o mal ali, parado na minha frente, pedindo para ser meu filho.

— Sou sua mãe e estou dizendo que está tudo bem. Então vem. Vamos lá.

Noah não se mexe. Só fica me olhando com uma expressão cética.

— Vai ser legal. — Tento encorajá-lo. — Uma aventura!

Nada.

— Vamos. — Eu me irrito. — *Vem cá.*

— Não! — ele grita, larga a vareta e volta correndo para casa. Solto um lamento enquanto Noah acelera, suas botas levantando pequenas nuvens de poeira ao longo do caminho. Começa a subir a colina, depois está no topo dela, depois desaparece no celeiro.

Um, dois, três… O Velho Caleb sai de repente.

Corre.

Não corro, porque sei que é uma falha de comando, um instinto neural que não se aplica mais à minha situação atual. Não posso correr. Não posso me esconder. Então só fico ali, apoiada na bengala, praticamente murmurando de medo, tristeza e raiva enquanto meu marido dispara na minha direção, o rosto contorcido de ódio. *Não há por que se envergonhar,* digo para mim mesma. *Você só saiu para caminhar. Não se desculpe por sair para caminhar.*

Ainda assim, logo que ele me alcança, um instinto diferente assume o comando: solto a bengala e caio de joelhos, os dedos unidos em oração.

— Sinto muito, sinto muito, sinto muito — choro em suas botas ensanguentadas e cheias de terra. — Perdão, meu querido esposo, e me livre do mal…

20

MADRUGADA.

Acordar com fungadinhas de choro. Começar a tatear no escuro até meus dedos tocarem a beirada do berço. Trocar fralda. Amamentar, amamentar, amamentar. Embalar, embalar, embalar. Colocar a bebê para dormir outra vez. Passar pelo marido roncando e ir até o quarto de hóspedes no fim do corredor, acender a luz, sentar-me à mesa, abrir o notebook, clicar no arquivo chamado "CURRÍCULO_DO_CALEB". Alterar, alterar, alterar. Mentir, mentir, mentir. CR 8,5, arredondado anteriormente de 8,3, agora arredondado para 8,8. Enviar o currículo para pelo menos cinco vagas, dando preferência a oportunidades respeitáveis, mas não muito desafiadoras. Olhar pela janela. Ver o sol nascer.

Rezar.

Manhã.

Descer as escadas e encontrar o cappuccino diário de Maria esperando por mim na cozinha vazia. Pegar a caneca no exato momento em que a neném começa a choramingar. Tomar o cappuccino em três goladas fumegantes e voltar para o segundo andar. Trocar a fralda da bebê. Amamentar. Amamentar. Amamentar. Perguntar-se por que a neném toma leite tão devagar. Repreender-me por pensar mal da criação Dele. Passar pelo marido, que continua roncando, com a bebê. Colocar a bebê no chão do banheiro, depois apanhar a escova de dentes. Escovar os dentes enquanto a bebê passa o dedo por uma tomada. Brigar com a bebê. Pegar a bebê no colo e descer as escadas, acenando para os sogros na cozinha. Colocar a neném no carrinho. Sair para caminhar pela rua. Acenar para os trabalhadores no vinhedo, que já estão suados e espalhados pelos campos. *Olá, olá, olá. Ops. Hola, hola, hola!* Parar o carrinho de tempos em tempos para a bebê poder dizer *hola* também. Agradecer a Deus por um dia tão bonito. Perguntar se, quando o passeio acabar, Ele pode acordar o marido, que ainda está roncando.

Rezar.

Tarde.

Passar a hora da soneca em sites de empregos, marcando as oportunidades interessantes para as cinco vagas de amanhã. Parecer impassível quando o marido passar arrastando-se. Fazer comentários de incentivo quando ele fala que quer sair para uma caminhada, ou se candidatar para algumas vagas, ou ver as oportunidades que você mandou, embora saiba que ele não vai fazer nada disso.

Rezar.

Noite.

Acordar a bebê da soneca. Trocar fralda. Amamentar. Amamentar. Amamentar. Fechar os olhos e contar até dez com o barulho repentino e inexplicável de choro da neném. Conter a vontade de dar um tapa na bebê. Numa voz baixinha, perguntar à bebê o que ela quer. *O que você quer?* Embalar a bebê. Amamentar a bebê. Cogitar sacudir a bebê. Segurar a vontade de sacudir a bebê. Prender a bebê no peito. Ajudar a sogra com a comida. Frango, carne ou costeleta de porco. Biscoito, pão de fermentação lenta fatiado ou pão de milho. Aspargo ou brócolis. Segurar as mãos. Fazer uma oração. Meter uma colherada de pera amassada na boca da neném, enquanto o sogro cogita em voz alta, pela milionésima vez, concorrer à presidência. Concordar com a sogra quando ela diz que ele é o homem certo para aquele momento. Concordar com o sogro quando ele fala que precisamos recuperar os valores da família tradicional. Concordar com o marido quando ele fala que o frango está perfeito. Dar todo o crédito para a sogra, mesmo que ela esteja completamente dopada de medicamentos e quase tenha colocado o frango congelado no forno. Sorrir. Sorrir. Sorrir. Sorrir. Sorrir. Sorrir.

Rezar.

Os dias custavam a passar. Como um baralho de cartas marcadas: com pouca variação.

Uma noite eu estava na cozinha, balançando para a frente e para trás a fim de manter Clementine dormindo no canguru, e vendo Amelia afogar uns talos de brócolis em azeite de oliva, quando ela pôs a garrafa na mesa e comentou:

— Você está com cara de cansada.

Não sabia o que responder. Estava cansada, claro que estava, mas eu e Amelia

não éramos de compartilhar vulnerabilidades uma com a outra. Nem sequer sabia que ela tinha questões pessoais para partilhar. Aquela mulher era como uma boneca de porcelana. Se havia dois tipos de donas de casa cristãs, então minha mãe era o primeiro — aquele que passa a vida toda seguindo uma ética de trabalho tão obstinada em sua recusa de reconhecer necessidades básicas como dormir, que meros mortais apenas podiam balançar a cabeça e murmurar alguma coisa sobre o dia dessas mulheres ter mais que vinte e quatro horas — e Amelia era o segundo, aquele que flutuava pela rotina enfadonha da vida doméstica com um contínuo coquetel de Chardonnay, analgésicos e bastante ambiguidade. Isso também era um trabalho árduo, mas de outra natureza.

Nada abalava a Amelia. Nem o inútil do filho, nem o marido ambicioso. Eu vivia com ela fazia uns bons meses e nunca tinha visto nenhum traço de dor ou prazer em seu sorriso — e é por isso que era tão desconcertante testemunhar sua primeira expressão genuína de preocupação e perceber que eu era a sua razão.

— Sério, meu bem: você parece um pouco *pálida*. Está se sentindo bem?

— Estou bem. — Tentei sorrir e me dei conta de que não conseguia.

Meus lábios estavam paralisados.

— Qual o problema? A Clementine não está dormindo durante a noite? — Amelia deu um resmungo de desaprovação. — Porque ela deveria, meu bem. Não é mais uma recém-nascida.

Fiz uma pausa e olhei para a cabeça grande e cabeluda de Clementine. Engraçado, não tinha parado para pensar nisso, mas era verdade: ela não era mais recém-nascida. Tinha sete meses. Engatinhava, fazia barulho e, sim, dormia a noite toda. *Era para as coisas estarem mais fáceis a esta altura,* pensei, surpresa. *Eu deveria estar pensando em ter outro bebê logo.*

— Sabe, quando me sinto bem cansada, às vezes passo um batom bem colorido.

Seu batom hoje era de um vermelho aberto, quase néon. Agora que parei para observar seu rosto, notei que ela parecia exausta.

— Quer que eu cuide da Clementine enquanto você toma um banho?

— Estou bem.

Ontem de manhã, pensei, distraída, *foi quando tomei banho. Ou talvez tenha sido anteontem.*

— Querida, faço questão — ofereceu ela outra vez, o sorriso mais largo. — Na verdade, não aceito não como resposta.

Relutante, deixei Clementine na cozinha com Amelia e subi até nosso banheiro,

onde achei uma pequena coleção de presentes esperando por mim no balcão da pia: um secador, um modelador de cachos e quatro batons, além de um *post-it* com um recadinho escrito à mão e preso no espelho na altura dos olhos: *Vai no seu tempo, mamãe!*

Que armadilhazinha elegante! Amelia podia muito bem ter rabiscado o verdadeiro sentido daquilo com batom no espelho em letras garrafais: RECOMPONHA-SE, SUA ABERRAÇÃOZINHA EGOÍSTA :)

Então notei o pequeno comprimido branco perto dos batons.

Senti uma súbita e desesperada necessidade de ouvir a voz da minha mãe. Peguei o celular e liguei para casa. Ela atendeu no segundo toque.

— Como vai minha Nat?

— Mãe — disse e depois me calei.

O que eu estava pensando? Não podia contar o que tinha acontecido. Ela ia ficar horrorizada de saber que sua filha tinha *deixado chegar a esse ponto* na frente de uma família com tanto prestígio. Só de *pensar* na sua filha parada na cozinha de um senador usando moletom com o cabelo oleoso a faria infartar.

— Posso perguntar uma coisa?

Dava para ouvir barulho de água. Conseguia vê-la com clareza: na cozinha, equilibrando o telefone entre o ombro e o ouvido enquanto ensaboava a louça.

— O que quiser, meu amor.

Eu me sentei sobre o vaso tampado e enterrei o rosto na mão que estava livre.

— Como você sempre foi tão *boa* em tudo?

Minha mãe começou a rir.

— Amor, acho que ninguém nunca me acusou de ser boa em tudo.

— Sabe, as pequenas coisas. A casa estava sempre limpa. Você estava sempre arrumada e maquiada. Sempre tínhamos as roupas separadinhas para usar. Como você fazia tudo isso, além de trabalhar e tricotar?

— Bem. — O som da água se destacava no silêncio. — Acho que nunca parei para *pensar* nisso, Nat, mas sabe qual era meu truque, depois que seu pai morreu, que Deus o tenha?

Ainda me surpreendia com o jeito de minha mãe falar da morte dele com tanta naturalidade. Realmente tinha se convencido de que ele estava morto.

— Sempre que estava no meu limite, parava um pouco e… sabe o que eu fazia? — Ela baixou o tom de voz, quase como se estivesse conspirando contra alguém. — Pensava que alguém estava *me observando.*

Abri os olhos e franzi o rosto para o piso do banheiro.

— Observando?

— É muito solitário, sabe? A vida de dona de casa. Mas parecia um pouco *menos* solitário quando eu fingia que havia uma pequena plateia no sofá, várias pessoas me vendo passar o aspirador ou tirar o lixo. Me incentivando!

Não respondi nada. Senti um enjoo repentino. Então esse era o segredo: todos os anos que fiquei observando minha mãe e as outras mulheres da nossa comunidade, encantada com o quão bem elas desempenhavam seus papéis de mãe, dona de casa e esposa quase sem esforço; toda vez que pensava nelas durante a faculdade, toda vez que buscava evocar sua alegria e me agarrar a ela como um amuleto da sorte quando as meninas do meu dormitório reclamavam de tudo… era tudo mentira, né? Se não era uma mentira deslavada, com certeza também não era toda a verdade. Elas não eram felizes de verdade. Só fingiam ser.

— E Deus aceita isso? Que você precise… fingir?

Minha mãe nem pestanejou. Estava comprometida com seu argumento e ia até o fim.

— Ah, eu não diria que era fingimento. É mais uma forma de *lembrar*, não acha? Afinal, quem você acha que me encorajou a ter essa ideia, para começo de conversa? Quem é Deus, se não a plateia *original* de nossa vida?

— Hum — deixei escapar.

Não havia como argumentar contra isso.

Eu me despedi da minha mãe, desliguei o telefone e me olhei no espelho. Tentei imaginar no canto do banheiro um pequeno grupo de mulheres sérias e maquiadas me observando, segurando pequenos cartazes com notas, como árbitros dos jogos olímpicos. Hesitei, então peguei o comprimido e o joguei no vaso sanitário.

E ali estava, não dava para negar: uma onda súbita de aplausos.

Meio da noite.

Acordar. Tomar banho. Lavar e hidratar os cabelos. Esfoliar a pele. Raspar os pelos. Secar o cabelo. Enrolar o cabelo. Aplicar camadas de cremes e cosméticos na pele. Base, blush, modelador de cílio, rímel, lápis de sobrancelha. Como sua sogra diria: o mínimo. Enquanto o sol nasce lá fora, observar o reflexo no espelho do banheiro buscando falhas. Ensaiar dizer: "Não foi nada." Ensaiar dizer: "Só gosto de começar meu dia com um tempinho para mim." Reprimir a tristeza. Reprimir a raiva. Reprimir a ansiedade. Reprimir a vontade de tacar fogo na casa e sair pela porta da frente enquanto o marido, a bebê e os sogros ardem em chamas até a morte. Respirar. Respirar. Respirar. Matar-se. Não — invocar a plateia. Invocar Jesus. Invocar minha mãe. Invocar a Reena. *Sim*, é isso. Reena lá

na Costa Leste, virando a noite num cubículo no canto da biblioteca subterrânea da faculdade, curvada diante de uma luz artificial. Comendo alguma barrinha proteica sem gosto de nada, tão repleta de produtos químicos que sobreviveria a um holocausto nuclear. Observar enquanto ela dá uma pausa. Perceber que está sendo observada.

Ela levanta a cabeça e olha a sala. Pousa os olhos sobre você.

Ah… a bebê está chorando.

Ir pegar a bebê.

Reena sumiu do banheiro, me deixando sozinha com meu reflexo, que sorriu para mim.

Os dias passaram mais rápido depois disso. E então, uma tarde, Amelia me puxou de lado no corredor para elogiar meu novo e mais leve visual. Era como se eu fosse outra mulher, falou com os olhos arregalados de aprovação. Ela se aproximou tanto que dava para sentir seu hálito de Chardonnay.

— Funcionam que é uma beleza, né?

— O quê?

— Ah, *você* sabe.

Ela deu uma piscadinha ou tentou dar; suas expressões faciais pareciam não responder bem aos estímulos nervosos. O resultado foi que uma pálpebra se fechou muito devagar e reabriu, dando um efeito de uma boneca animatrônica defeituosa. Minha sogra se aproximou e sussurrou:

— Sabe como a gente chamava isso nos meus tempos?

Eu dei de ombros, impotente.

— *Ajudante da mamãe*.

A clareza me veio de forma incômoda. Fazia semanas que ela tinha me dado aquele comprimido. Ela achava mesmo, numa lógica bizarra regada a *pinot grigio*, que uma dose teria durado semanas?

— Vou arrumar uma receita para você — emendou Amelia, embolando as palavras. — Tenho um médico amigo. Um amigo que é médico.

— Ah — respondi logo. — Não quero te incomodar…

— Ah, querida… Eu compro em atacado. Além disso, para que você acha que é a família?

Então Amelia me deu um abraço desajeitado e estranho. Parada com seus braços em volta de mim, senti que estava sendo envolvida por uma grande ave, as penas balançando com o vento… não, nada de penas, nada de vento, mas então o

que era aquele movimento de tremor?

Eu me retesei, e os braços apertaram mais forte. Ela estava chorando, percebi. Debulhando-se em lágrimas no meu pescoço. Balbuciando algo que parecia…

Socorro.

— Amelia — respondi, chocada. — Tá tudo bem, tudo bem…

De repente minha sogra recuou e engoliu uma arfada. Seus olhos estavam vermelhos e manchados de rímel, e ela forçava um sorriso, ainda que tivesse começado a soluçar um pouco por causa do choro.

— Ah, não liga para mim. — *Soluço.* — Só estou feliz por você, é só isso.

— Amelia…

— *Me chama de mãe* — ela sibilou, sorrindo mais.

Esfregou meu ombro mais uma vez, soltando um pequeno soluço alegre, e disse:

— Vou me preparar para o jantar.

Então vagou pelo corredor e foi para a suíte principal, trancando a porta ao entrar.

21

ESTOU OFICIALMENTE EM PRISÃO DOMICILIAR. Um golpe humilhante para a última centelha de dignidade — para não falar da mobilidade — que me restava nesse mundo de filme de terror. Estou com uma corda de tecido feita com três toalhas em trapos amarrada em volta de meus tornozelos, logo acima da atadura, fazendo com que eu mal consiga andar pela cozinha. Mesmo nesse passo arrastado, é difícil manter o equilíbrio, que dirá usar minha bengala direito, então estou o tempo todo quase caindo ou reclamando da dor de minha atadura roçando no tecido enquanto obedeço às ordens de Mary: *Traga o cesto de batatas, busque uma faca mais afiada, leve esse pote para o fogo, varra os farelos do chão*. Não consigo deixar de reparar que ela me faz ir e vir pela cozinha o máximo que pode. Não consigo deixar de pensar que está doida para me ver tropeçar e cair de cara no chão.

— Você sabe — digo, arrastando-me pela décima vez para o fogo para pegar uma colher que ela curiosamente se esqueceu de pedir quando eu fui deixar a panela de cozido de veado lá — que *sua* vida seria muito mais fácil se fizesse isso sem mim, né?

— Claro que sei. Mas o papai mandou.

O papai mandou. Reviro os olhos e pego a colher, então começo minha peregrinação pela cozinha. *Claro que o papai mandou*. Na verdade, o papai foi bem específico: *Se você causar mais algum problema, se tentar deixar a fazenda ou, ainda pior, tentar levar alguma criança junto, vou te amarrar com o cavalo e ver como você passa a noite, sua mulher maldita e desgastante*.

Entrego a colher para ela.

— Eu mal consigo andar. Não acha isso um pouco exagerado?

— Esta manhã, teria concordado — responde ela num tom descontraído. — Mas aí você foi e tentou fugir com uma perna.

Mary pega uma tigela de leite coberta que estava no balcão perto da janela desde cedo. Começa a tirar o creme do topo e passar para outra tigela. Manteiga.

Ela está fazendo manteiga. Enquanto a vejo pegar a tigela de creme e colocar numa batedeira de manteiga de madeira, eu me lembro do meu mixer elétrico e sinto uma onda de nostalgia. *Boa tarde, pessoal! Hoje vamos fazer manteiga do zero… Bem, tirando a parte que vamos usar minha boa e velha KitchenAid para bater, ou então a gente ia passar o dia todo nisso, e ninguém quer isso! Hahaha!*

Hahaha.

Mary começa a bater, mexendo o creme com o pistão em movimentos contínuos, jogando o peso do corpo no processo. Em meio ao barulho contínuo, ela pergunta:

— Por que você quer tanto fugir?

A menina não está olhando para mim, e talvez seja por isso que consigo falar a verdade. Ou talvez só esteja tão exausta, que não dou mais conta de pensar de forma estratégica. Ou talvez esteja louca, presa num pesadelo, e não haja mais nada a perder. Ou talvez esteja sonhando. Ou talvez o mundo todo tenha desandado e eu seja apenas uma vítima da porra da minha…

— Porque não era para eu estar aqui. Por isso.

Ela para o movimento e olha para mim.

— Não era para você estar aqui?

— Não, não era.

— Não era para *você* estar *aqui?*

— Não!

— E onde você devia estar, então?

Impotente, gesticulo para o nada.

— Era para eu estar *aqui*, mas este *aqui* era para ser *diferente*.

— Mas *isto* é o *aqui*. O que mais seria o *aqui*, senão *isso?* Quem poderia estar aqui, senão *nós?*

Sinto como se estivesse presa nas páginas de um livro infantil. Estou *aqui*, estou *ali*, estou triste *por toda parte*.

— Deixa para lá.

Mary me repreende com o olhar.

— Sério, não me surpreende você viver exausta o tempo todo, veja só como deixa sua mente viajar com essas histórias. — E volta a bater. — Além disso, sabe que não deve ir para o bosque. Lá está cheio de coisas horríveis. Lobos, índios e outras almas que…

— … buscam nossa destruição espiritual — balbucio. — É, é, eu sei.

Mary se retesa. Começa a bater com mais velocidade.

— Sabe, existem pessoas que não têm família nenhuma. Você ia gostar disso?

Ficar sozinha na floresta sem ninguém para te socorrer quando pisasse numa armadilha?

Sinto a raiva crescer em mim, forte o suficiente para quebrar um pescoço.

— *Vocês. Não. São. Minha. Família.*

Mary fica paralisada. A cozinha mergulha no silêncio.

— Vai buscar mais lenha — manda ela, em tom baixo.

Sou transportada de volta para minha casa, minha vida *verdadeira* quando digo para Clementine: "Peça que a babá Louise acompanhe a previsão do tempo." O tipo de ordem sem qualquer importância, feita apenas para lembrar quem está no comando. Feita, também, para ganhar um tempo e recobrar o fôlego.

Mary não fala mais comigo pelo restante da noite. Durante o jantar, no entanto, ela me passa um pedaço de pão com manteiga fresca. Uma oferta de paz. Este mundo, percebo, está repleto delas — ou, ao menos, a menina segurando o pão com manteiga. Ela fica me olhando, a mão estendida.

A manteiga está uma delícia.

22

Numa manhã de sábado, Caleb entra de repente no quarto e declara em tom triunfante:

— Descobri meu propósito!

Estávamos no inverno. As festas de fim de ano já tinham passado. Os irmãos de Caleb e a família deles tinham vindo passar o Natal e o Ano-Novo conosco, um rebanho de filhos dos Mills trazendo lama para os corredores, os irmãos contando piadas sujas no escritório de Doug, as mulheres sorrindo com educação uma para outra enquanto tomavam taças de champanhe na cozinha, e então todos foram embora e retomaram a própria vida em São Francisco, Manhattan e Washington. E Caleb e eu continuávamos ali.

Agora estávamos em janeiro. Isso significava que Reena estava de volta a Boston, a seu apartamento fora do campus da universidade. A essa hora devia estar na cama, talvez tivesse acabado de acordar, inclinando metade do corpo para fora do colchão, os dedos tateando por copos vermelhos vazios no chão, procurando uma garrafa de Gatorade pela metade ou um vidro de Tylenol para aliviar a dor de cabeça excruciante. Eu, por outro lado, estava no trocador, limpando o quarto vazamento de fralda da semana. Minhas unhas estavam escuras com o cocô. Estava com uma expressão louca, o meio do caminho entre um sorriso e uma careta. *Finja que está sendo observada*, ouvi minha mãe sussurrando, uma tarefa especialmente fácil nesse momento, já que Clementine estava deitada de barriga para cima, olhando para mim enquanto eu pegava o quinto lenço umedecido.

— Só um segundo — canto em tom suave. — Pronto, quase terminando…

Olhei para trás, processando a entrada do meu marido no quarto.

— Seu propósito? — Deixei o último lenço de lado e comecei a colocar uma fralda nova em Clementine.

Resisti à vontade de responder cantarolando: *Você se lembrou de finalmente procurar embaixo das almofadas da sala?*

— Lembra quando passamos na frente da minha escola dia desses?

— Aham.

Clementine soltou um gritinho de alerta, e tentei me apressar com as abas da fralda.

— Bem, parei lá esses dias só para cumprimentar as pessoas…

Esse é meu marido, pensei feliz, *cumprimentando todo mundo numa escola particular, no meio do nada, sem uma preocupação na vida, enquanto a esposa dele torra seus últimos cinco neurônios para lavar o rego de um bebê…*

— … E eles precisavam de um professor substituto para o jardim de infância na próxima primavera. A professora atual está de licença-maternidade, e eles adoram encontrar professoras que já estudaram lá. Foi o momento perfeito, não acha?

Terminei de fechar a fralda e peguei Clementine, então me virei para encará-lo.

— O que tem de perfeito nisso?

— Eles precisavam de alguém para a vaga. Eu preciso de trabalho — respondeu com as duas mãos espalmadas para cima, agitando-as, como se tivesse acabado de resolver uma equação matemática.

Sentei-me na cama, deixando Clementine engatinhar no edredom até os braços de Caleb.

— Você está falando que quer substituí-la.

— Não se lembra da nossa conversa há algumas semanas? Quando comentei que adoraria ter um emprego em que pudesse brincar com crianças?

Professor de creche. Meu marido queria ser professor do jardim de infância. Meu primeiro pensamento foi: *Nunca vi ninguém dar aula no jardim de infância que não fosse uma senhora de sessenta anos*. Depois veio o segundo:

— Qual é o salário?

— Não perguntei.

Ele não perguntou. Claro que não perguntou.

— Não sabia que você queria ser professor.

— Nem eu, mas, agora, parando para pensar… acho que seria ótimo nisso.

Um buraco abriu em meu estômago. Ele *seria* ótimo nisso. Seria maravilhoso. Provavelmente iria adorar passar o dia com crianças, ensinando-lhe todo tipo de informação inofensiva sobre o mundo, coisas que qualquer adulto idiota poderia ensinar. *Azul é uma cor primária. Peixes têm guelras.*

Se ele começasse nesse emprego, ia acabar querendo continuar nisso o resto da vida, e o sonho de uma vida respeitável teria fim. Seríamos para sempre uma

família de creche. Notei vagamente que havia certa justiça poética na frase. Éramos um casal com um diagnóstico tão grave que beirava um caso clínico: incapacidade de deslanchar.

Vi Caleb brincando com os pezinhos de Clementine. Ela deu uma gargalhada, do tipo que não dava comigo, e senti um aperto no peito. Um pensamento triste e silencioso: nada tinha acontecido como eu esperava.

Olhei para meu marido, que agora estava fazendo caretas para nossa filha.

— Você ao menos sabe o que ensinam para crianças nas escolas, Caleb?

— O quê?

— Ensinam que ser cristão é uma coisa horrível. Que gênero é construção social e que o casamento é uma força destrutiva. É isso que você deseja para nossos filhos?

— Claro que não. — Ele franziu o cenho. — Ensinam isso mesmo?

Fiz que sim com a cabeça, séria.

— Ensinam criancinhas brancas a sentirem culpa pelo fato de que nosso país adotou a escravidão no passado.

Minha escola pública não ensinou isso, mas tinha ouvido falar de outras que ensinavam. Ou melhor, minha mãe tinha ouvido isso de outra mulher num evento da igreja, que tinha ouvido da melhor amiga da irmã, que era diretora em uma escola de ensino fundamental na Califórnia, ou era em Maryland, ou no Canadá. Minha mãe (ou a outra mulher, ou a irmã dela) nunca soube dizer o local exato.

— Mas isso acabou há séculos!

— Não importa. Eles não ligam para os fatos.

— Bem, estou certo de que não ensinam isso no *jardim de infância*.

É um trabalho de mulher, quase perdi a paciência. Em vez disso, respirei fundo, soltando o ar aos poucos, pensando.

— Acho que você tem razão. Só me preocupo que você esteja deixando de considerar algo mais… intelectualmente desafiador.

Ele não respondeu nada. Estava contando os dedos do pé de Clementine, que dava gritinhos de felicidade. Hora de mudar de estratégia.

— Sabe, tive uma conversa interessante com minha mãe outro dia. Ela me falou que, às vezes, quando precisa fazer algo de que não gosta, imagina que está fazendo na frente de uma plateia.

— Uma plateia. Que engraçado. — Ele riu e fez uma careta para Clementine. — Não é engraçado?

— Sim, uma plateia. Por exemplo, se você começasse a trabalhar como

analista financeiro, talvez imaginasse um monte de homens inteligentes e admiráveis te observando. Como se fosse um jogo.

Caleb franziu o rosto.

— Essa plateia é composta por gente de verdade? Ou por anjos? Estou pensando mais em anjos. Tipo, anjos de Deus.

Eu conseguia sentir meu sorriso desfazendo-se do rosto, os pontos ameaçando se romper.

— O que *importa* é que às vezes você precisa fingir que gosta de algo num primeiro momento e, se fizer isso por tempo suficiente, pode acabar gostando de verdade.

— Quer dizer, fingir que gosto de algum desses empregos que você manda para mim todo dia?

— Sim! Isso mesmo.

— Mas tenho certeza de que *não ia* gostar. — Ele me olhou, sério. — Sabe do que eu gostaria? De ser professor do jardim de infância.

Ele arqueou as sobrancelhas para Clementine, como quem diz: "Xeque-mate. O papai ganhou!"

No que eu estava pensando? Essa estratégia só funcionava se desistir não fosse uma possibilidade. Mas, para Caleb, sempre era. A cada instante da vida, ele teve a oportunidade de dizer "Não quero fazer isso". Imagine se eu falasse isso. Imagine se Clementine começasse a chorar, e eu me virasse na cama e dissesse: "Não quero fazer isso." Amamentar: "Não quero fazer isso." Esfregar as manchas de cocô de Caleb dentro do vaso do banheiro de hóspedes, mesmo que houvesse empregadas aqui, porque minha mãe sempre me falou que o que a família faz no banheiro não é da conta de mais ninguém, só sua. "Não, não quero fazer isso."

— Bem — respondi, num tom estridente. — Você não tem que fazer nada que não queira!

Senti que meu cérebro ia derreter e escorrer pelo nariz.

— Exatamente — concordou Caleb, parecendo vitorioso e aliviado porque sua esposa enfim estava começando a entender. — Então vou ligar para a escola de manhã, e a gente pode…

— Só um instante. — Pressionei a mão na testa, que parecia estar superaquecendo. — Espera… espera só um instante.

Essa era a conversa mais longa que a gente tinha em meses. Minha mente se contorcia toda tentando desesperadamente achar um plano, uma estratégia, qualquer coisa que o impedisse de aceitar aquele emprego.

— Ser professor não pode ser a única coisa de que você gostaria de fazer.

Pense, Caleb. *Pense*. O que você *queria* ser quando era criança?

Ele franziu o cenho.

— Sei lá. Acho que nunca soube ao certo. Quer dizer, quando eu era pequeno, queria ser ator. Ou caubói. Mas isso era coisa de criança.

Um caubói ou ator. *Deus me dê forças.* Eram opções tão estapafúrdias, que fiquei sem ter como dar qualquer opinião. Levaria anos até que esse momento fizesse qualquer sentido para mim. Mais especificamente, apenas dez anos mais tarde — na parada de campanha em Iowa, onde Doug anunciaria sua terceira candidatura à presidência, quando o apresentador falou de meu sogro como o *último John Wayne vivo*, e me virei para olhar meu marido e vi seus olhos brilhando —, a lembrança dessa conversa enfim fez sentido.

Caleb não queria ser ator nem caubói. Ele queria ser o pai dele. Um ícone. Um verdadeiro patriarca americano.

Homens e seus ídolos. Uma vergonha.

Bem, pensei. *Cá estamos, no fim da estrada. Professor de jardim de infância, ator ou caubói. Escolha seu veneno e beba rápido.*

Então olhei para meu marido e me lembrei de nosso primeiro encontro. Seus olhos brilhando com a ideia de uma fazenda. *O que você disse parece legal.* Nos últimos meses Caleb tinha mencionado isso por alto algumas vezes, falava sonhador sobre ter nossas plantações, cuidar do nosso gado. Eu jamais tinha sequer cogitado a possibilidade. Mas agora senti o peso da ideia no meu colo. Deus podia não ter me dado instinto materno, como passei meses rezando para ter, mas ele *tinha* me dado algo ainda melhor: um plano para transformar o pai da minha filha em um homem.

Professor de jardim de infância era a versão profissional de pênis flácido. A encarnação da humilhação. Mas um caubói de verdade? *Bem*, pensei, surpresa, *isso eu consigo aceitar.*

Caleb não precisava ser um bom fazendeiro. Não precisava de uma ética de trabalho forte nem de conhecimento de como manter os animais da fazenda vivos. Ele só precisava aprender a fingir.

Um coro de anjos cantou *Aleluia* na minha mente.

23

O QUE É MESMO QUE minha mãe falava sobre os tempos antigos?

Os tempos dos pioneiros não eram para os fracos. Pensem no quanto seus tataravós tiveram que ser corajosos. Imaginem encarar índios com flechas, precisar defender os rebanhos dos lobos…

Não. A outra parte. A parte em que ela já tinha bebido um pouco além da conta na celebração de Natal da igreja e estava corada, com os olhos marejados, tirando a bota e entrando embaixo da coberta com a gente, seu hálito agridoce de vermute.

Os invernos eram longos, meninas. Muito longos. Longos, longos, longos. As noites pareciam não ter fim, e as nevascas… vocês nem acreditariam. Eles tinham que contar com a comida que estocavam das estações anteriores, e às vezes os recursos ficavam escassos.

A essa altura minha irmã geralmente se intrometeria.

— O que eles faziam se não achassem comida, mamãe?

— Comiam os cachorros — eu respondia, cheia de autoridade. — E, se não tivessem cachorros, comiam uns aos outros.

— Natalie! — Minha mãe então fazia uma cara tranquilizadora para minha irmã. — Eles não comiam uns ao outros.

E enquanto eu e minha irmã ficávamos mostrando a língua uma para a outra pelas costas de minha mãe, ela continuava: "Não, eles sempre encontravam uma alternativa antes que chegasse a esse ponto. Eram tão valentes e destemidos, e sabe o que os ajudava a continuar vivos, mais que qualquer outra coisa? Acreditar. Acreditar um no outro e acreditar no Senhor."

E então ela apagava a luz, e nós três pegávamos no sono juntas, sonhando com a fronteira.

— Pode me desamarrar agora — digo.

É tarde da noite. As crianças estão reunidas em volta do fogo. Abel está

amolando uma faca e falando baixinho sobre táticas de batalha com Noah, que está cutucando o fogo preguiçosamente com uma vareta, ouvindo com atenção, assentindo de tempos em tempos, como um pequeno general experiente, as chamas refletidas no branco de seus olhos. *Se eles viessem de um terreno mais acidentado, poderíamos encontrar posições de defesa perto do celeiro…*

Maeve está sentada no colo de Mary, que está penteando seu cabelo. O Velho Caleb está sentado numa cadeira, observando-me com uma expressão de total desconfiança.

— Por favor — repito. — Me desamarra.

Mary para de pentear os cabelos de Maeve e olha para o Velho Caleb, que continua me encarando. Ele me olha por um bom tempo, pensativo. Arrota. Depois pergunta:

— Você não vai tentar fugir?

— Não. Não vou tentar fugir.

A essa altura, mal parece uma concessão. Tenho um pé que está, literalmente, por um fio. O restante do meu corpo está machucado, abatido e cheio de hematomas, e estou tão cansada que já me preocupei várias vezes nas últimas horas em acabar caindo no sono sentada. Ao mesmo tempo, estou prevendo outra noite em claro. Sinto o sono chegando, meus olhos ameaçando fecharem-se com a promessa de outra noite longa e fria neste lugar infernal, sem ninguém para me aquecer, sem nada para me salvar da minha mente rebelde e errante. Queria, ao menos, me ver livre dessas amarras.

O Velho Caleb me desamarra. Estremeço ao sentir aqueles dedos calejados e ásperos em minha pele. Se ele nota, acaba não fazendo qualquer menção. Apenas diz:

— Mary?

Cinco minutos depois, estou sentada perto do fogo massageando meu pé bom, quando Mary vem com uma caneca.

— Para te ajudar a dormir.

Cheiro a caneca. O líquido parece frio e amargo. Bem diferente do que ela tinha me dado para a febre. Olho para ela. Sua expressão é calma.

— Vai ajudar com o mal-estar. Pode confiar.

Pode confiar.

Outra oferta de paz.

Só que não confio nela. Nadinha. Não confio em ninguém nesta casa, especialmente em mim mesma.

— Anda — fala Mary de forma gentil. — Bebe.

Ela agora me encara com pena, como se eu fosse a pessoa mais desgraçada e impotente do planeta.

Afasto o olhar de Mary e fico observando a cozinha — *é minha cozinha; não é minha cozinha* —, depois observo o rosto sonolento de cada criança, iluminado pelo fogo — *são meus filhos; não são meus filhos* — e então pouso o olhar no rosto do Velho Caleb. *É meu marido. Não é meu marido.*

Penso que fui abandonada num projeto inacabado de labirinto. Não havia saída. A não ser, claro, dormir. A saída mais breve.

Levo a caneca até os lábios e bebo todo o líquido de uma vez, engasgando-me um pouco com o gosto. Depois deixo que Mary me conduza para o quarto, seu braço me segurando pela axila, aguentando o peso do meu corpo. Ela me coloca na cama e fica ali parada, em silêncio, enquanto me viro para o outro lado.

— Isso, isso — diz Maeve da porta do quarto. — Hora de a mamãe dormir.

Minhas pálpebras se fecham.

24

QUANDO COMPREENDI O QUE PRECISAVA ser feito, liguei para minha mãe e lhe contei o plano. Ela ligou para cada corretor de imóveis que conhecia, e todos entraram em ação. Não era exatamente uma surpresa seu entusiasmo: éramos os clientes dos sonhos. Um casal jovem e cheio de dinheiro querendo encontrar uma propriedade enorme — *enorme mesmo*, falei para minha mãe, e ela repetiu para eles.

Recebemos uma enxurrada de anúncios. A propriedade que acabaríamos comprando apareceu na minha caixa de entrada já no primeiro dia.

Era uma velha fazenda de criação de gado que tinha sido abandonada. Duzentos hectares, situada entre duas cadeias de montanha no sudoeste de Idaho. Havia florestas antigas e pastagens espalhadas, um centenário pomar de maçãs, uma série de riachos que cortavam a propriedade, e cerca de trezentos metros de margem do rio mais abundante de trutas do estado. A terra era recortada por cercas antigas e trilhas feitas pelo homem, e até mesmo trechos com muros de pedra do século XIX. A fazenda ficava no fim de uma grande estrada de terra e tinha vários quilômetros de extensão, cercada por terra de reserva indígena.

Quando encontrei o anúncio, já havia várias ofertas pela propriedade. Encorajada por minha corretora, liguei para o proprietário, a fim de apresentar minha história. Ele era um senhor que estava se mudando para um asilo. Seu único filho, um banqueiro que vivia em Sun Valley, tinha planejado cuidar da propriedade e fez várias reformas na casa principal, mas acabou morrendo alguns meses depois. Câncer de pâncreas. Um verdadeiro choque. Foi essa a informação que recebi no primeiro minuto em que falei com o homem, e eu já estava desesperada para encerrar a ligação. Nada me deixava mais desconfortável do que ter acesso súbito à dor de um desconhecido.

— É um verdadeiro deserto aqui. À noite fica tudo tão quieto que seu ouvido começa a inventar sons. Grilos e coisas do tipo. Isso nas noites em que os lobos

não uivam. — Ele fez uma pausa. — Já ouviu um lobo uivando?

— *Pessoalmente*, não. — Estava escondida no armário de casacos do saguão. — Eu e meu marido somos pessoas tranquilas. Passamos um tempo na cidade, mas aquilo não era para a gente.

Ouvi um barulho do outro lado da porta e congelei. O cantarolar embriagado de Amelia foi se aproximando, então a ouvi abrir o armário de casacos que ficava do lado oposto do saguão.

— Alô? — perguntou o senhor, de modo seco. — Você continua aí?

— Estou — sussurrei, cobrindo a boca com a mão no bocal do telefone. — Só um seg…

Ouvi um ruído de cabides, um som metálico, uma barulheira, um *ops* e então uma garrafa de remédios controlados sendo resgatada do chão.

(— Alô? A ligação caiu? Alô?)

Então o cantarolar foi se afastando pelo corredor até que uma porta se fechou, e tudo ficou em silêncio outra vez. Diminuí o tom da voz para um sussurro.

— Sim! Oi! Estou aqui. Olha, senhor: queremos que nossos filhos tenham uma infância americana de verdade. E meu marido é um excelente fazendeiro!

— Bem, que legal. Meu filho… bem. Ele também era excelente.

O homem deu um pigarro úmido, dando som ao luto. Houve um longo silêncio. A ansiedade foi tomando conta de mim.

— Temos grandes planos, senhor — falei, apressada. — Vamos recuperar sua fazenda de criação de gado.

— Que legal — disse ele outra vez. — Mas a vida na fazenda é bem puxada.

— Sim, com certeza. É mesmo.

— O lucro nunca é muito alto e tem piorado a cada ano.

Concordei com a cabeça, para ninguém.

— É uma pena.

— Minha intenção não é tirar nenhuma conclusão, dona. Só quero dizer que… — Ele fez uma pausa. — Sei que agora está na moda os jovens desejarem ser fazendeiros. E eu só… bem, não gostaria que vocês dessem um passo maior que as pernas.

Na moda. Quase cuspi quando ele falou isso.

— Agradeço a preocupação, mas, com todo respeito, senhor: meu marido e eu não somos nada parecidos com os jovens que você conhece.

Pouco depois de encerrar a ligação, minha corretora me mandou uma mensagem de texto. Ele escolheu outra pessoa ☹☹☹ Não se preocupe, a gente vai achar uma coisa

melhor!

Respondi a ela com outra mensagem, solicitando que fizesse uma oferta final.

Vai em frente, oferece mais meio milhão de dólares.

Fiquei imaginando o velhinho sentado na cozinha, lendo o número no celular. Esperava que ele ficasse feliz. Também esperava, só um pouco, que se sentisse derrotado.

Mais tarde naquela noite, minha corretora me deu a boa notícia. Fiquei vários minutos encarando a mensagem, então deixei o aparelho sobre o balcão e andei pelo longo corredor até o escritório de Doug. Bati à porta, então meu sogro respondeu de pronto:

— Pode entrar.

O escritório era um delírio de masculinidade da década de 1950: as paredes eram repletas de diplomas e fotos com pessoas famosas, havia duas poltronas de couro de frente para uma lareira com uma caixa de charutos entre elas, e ele estava, naquele momento, sentado atrás de uma mesa de mogno tão grande e ornamentada, que devem ter sido necessários três ou quatro homens para instalá-la ali.

— Sente-se. — E apontou a cadeira em frente à mesa.

Enquanto eu estava começando a me sentar, ele falou:

— Acabei de pagar cem mil dólares para uma empresa de consultoria só para me dizerem que estou velho. — Começou a gargalhar. — Tenho cinquenta e cinco anos. Estou no auge da minha vida! Mas, aparentemente, segundo eles (e vou usar as exatas palavras), estou "perdendo a simpatia de uma parte importante da população".

Meu sogro declarou isso enquanto mexia em uma pilha de papéis sobre a mesa, tirando um de que precisava.

Eu não sabia o que responder. Conhecia bem pouco a vida política de Doug, para começo de conversa. *Deus, família e birita. Um homem de valores tradicionais!* Fiquei pensando em Reena, que tinha passado o verão estagiando como consultora, e me perguntei se era a firma dela que tinha feito a pesquisa sobre a elegibilidade de Doug. Claro que ela teria adorado esse trabalho.

— É sua maneira de fazer… política?

Os olhos de Doug se voltaram imediatamente para mim, e soube na mesma hora que tinha passado do limite.

— O problema nunca é a forma de fazer política — respondeu, de forma

brusca. — Um bom político nunca muda isso. Só a mensagem.

— Certo — concordei na mesma hora. — É claro. Bem, você é o especialista, claro. Sou apenas uma dona de casa.

Era a primeira vez que usava essa palavra em voz alta para falar de mim, e senti uma sensação nada desagradável do meu corpo se realinhando, quase como se eu estivesse deitada de bruços na mesa de um quiroprata, sentindo minha coluna estalar aos poucos e ficar de um jeito estranho e novo, sabe-se lá se tecnicamente correto. Uma dor que trazia a promessa do alívio.

— Bem. — A coisa do *dona de casa* com certeza acalmou Doug. — Não precisamos resolver minha carreira política hoje. Como posso ajudar, Natalie?

Respirei fundo, então repeti o que tinha ensaiado:

— Achei a solução para Caleb. Nada provisório, e sim permanente. Uma completa mudança de vida.

Meu sogro não falou nada, apenas arqueou as sobrancelhas.

— Caleb não foi feito para o mundo corporativo. Nós dois sabemos disso. Você poderia lhe conseguir milhares de empregos, e ele se demitiria milhares de vezes. Mas disso eu acho que ele vai gostar. — Entreguei para Doug um pedaço de papel escrito à mão, e ele franziu o rosto.

— Isto aqui é um endereço.

— Pesquise na internet.

Meu sogro abriu o anúncio no computador, depois assobiou devagar. Vi a mensagem em vermelho (VENDA EM ANDAMENTO), e meu coração foi até a boca. Doug continuava olhando a primeira foto do carrossel, uma imagem aérea do celeiro e dos pastos ao redor.

— Não faço ideia do que isso significa.

— Você está olhando para uma propriedade e tanto em Idaho, que vai se tornar a fazenda de criação de gado do seu filho.

Ele não falou nada, só foi passando as fotos. Por fim, reclinou-se na cadeira e olhou para mim.

— Acha que meu filho é capaz de cuidar de uma fazenda de criação de gado?

— Claro que não. Vamos contratar gente para isso.

— Vocês vão contratar gente.

— Isso. E vamos começar aos poucos, para depois expandir. Carne, ovos frescos, leite cru. Sabia que as pessoas amam leite cru?

— Sabia, sim — respondeu, distraído. — Um dos meus estagiários escreveu um artigo sobre isso.

Ele estava batucando com os dedos distraído na mesa, num ritmo que

coincidia com as batidas do meu coração. *Pá, pá, pá, pá.*

— Devo dizer — falou de repente — que estou com vontade de encorajar isso só para ver tudo dar errado.

Por um segundo, eu me esqueci de respirar. Podia quase ver o show de horrores que passava em tempo real pela cabeça dele: *Deixe seu filho mais burro e sua esposa pentelha no centro do país e observe-os se debaterem, se estropiarem e se engalfinharem para sobreviver.* Caso houvesse pipoca na mesa, Doug teria enchido a mão.

— Não vai dar errado — respondi. — Vai funcionar.

— E você quer que eu pague por isso.

— Sim.

— E, se minha visão não está me enganando, você já fez uma oferta que foi aceita.

Meu sangue gelou. Tentei fazer que sim com a cabeça. Mas meu queixo mal se moveu.

— De quanto você precisa?

— Cinco milhões de dólares. Isso é o suficiente para a compra e os três primeiros anos de operação.

Meu coração estava na boca. Parecia uma completa loucura dizer os números em voz alta. Minha mãe nunca me deu mais do que uma nota de vinte. Mas eu sabia que era assim que homens como Doug faziam: você não podia vacilar. E, de toda forma, esse *era* o custo para colocar a fazenda em funcionamento, de acordo com alguns sites que eu havia consultado mais cedo.

— Está bem — Doug falou de repente. — Vou te dar o dinheiro.

Senti um estranho misto de euforia e decepção. Tinha conseguido, garanti os recursos, mas também… parecia que podia ter pedido mais.

— Mas em troca, Natalie, você tem que me oferecer uma coisa.

O silêncio pairou no escritório. Meu sogro sorria para mim de um jeito esquisito. Era um olhar transparente; um que meu marido não me dava desde o dia de nosso casamento. O olhar que um homem dá a uma mulher quando pensa nela nua, imaginando o que fazer com ela. Seu calor, sua maciez. Os dedos modelando a pele como argila.

Senti uma ardência no estômago que começou a descer pelas pernas.

— O que você quer de mim?

O que eu sabia desde que a gente se conheceu: Doug era um homem de verdade. Naturalmente viril. Ele não pedia poder, respeito ou submissão. Ele exigia. Era o tipo de homem capaz de escalar uma montanha de corpos para

poder tocar o céu. Eu o detestava, queria vê-lo morto, mas também às vezes imaginava qual seria a sensação de ser possuída por um homem assim. Em termos bíblicos, quero dizer, que é uma outra maneira de falar: se Doug me pedisse o que eu achava que pediria, eu provavelmente daria. Talvez até gostasse. Quando tudo acabasse, talvez até quisesse mais.

— Quero que tenha mais bebês com meu filho.

A sensação de ardência deu lugar a um frio no estômago.

Doug continuava me olhando, mas seu olhar se concentrava agora no meu ventre, e não no rosto. Como se o poder de sua imaginação pudesse ser o suficiente para que eu engravidasse. Nada disso parecia erótico mais. Parecia gélido e mecânico. Inacreditavelmente estéril. A única maneira como esse homem queria me penetrar era através de um procedimento agendado. Pinças prateadas e uma seringa comprida de gado.

— Amelia disse que você ainda está amamentando. É mais difícil engravidar quando se está amamentando. Sabe disso, né?

Feche os olhos, Natalie. Relaxe. Você vai sentir uma picadinha em três, dois, um… Pronto. Isso aí. Agora, fica paradinha…

— O acordo é esse. Banco esse sonho da fazenda, e em troca você dá uma grande família americana para meu filho.

Um pensamento horrível: será que Doug sabia como meu leito de casada era frio? Será que ele sabia que o filho preferia ficar olhando para um ponto distante sempre que se via na desagradável situação de precisar meter em mim? Será que ele sabia que *até* essa pobre tentativa de performance era tão rara que quase parecia uma revelação quando acontecia?

— Claro que vou — falei, da forma mais alegre que pude. — O plano sempre foi esse.

— Ótimo — respondeu Doug, pegando o telefone. — Só queria garantir. Vou ligar para meu contador hoje.

Agora ele estava olhando para um papel em sua mesa, tentando entender a própria letra.

— Obrigado por vir, querida — meu sogro finalizou, sem olhar para mim.

E, com isso, fui dispensada.

Saí do escritório de Doug e caminhei pelo longo corredor até o saguão, atordoada. Passava das cinco da tarde, um período do dia que costumava me fazer pensar na minha mãe. Ela odiava esse momento de penumbra, quando dava para ficar sentada lendo sem nenhuma luz acesa, só para, do nada, erguer os olhos e se

ver no escuro. Não havia nada mais perturbador para ela do que se perceber de repente mergulhada na escuridão. Mas, daqui para a frente, eu sabia que essa hora do dia quando a luz deixava o mundo me lembraria exclusivamente de Doug.

Cheguei ao pé da escada. Do outro lado do corredor, Amelia cantarolava *Für Elise* para si mesma no balcão da cozinha, com um lombo de porco grande descongelando em uma assadeira atrás dela. Fiquei observando enquanto ela esmagava uma de suas pílulas brancas no balcão com as costas da colher, depois varria o pó para a palma da mão e salpicava em um copinho de pudim sem gordura. Deu uma boa colherada, fechando os olhos, extasiada.

No segundo andar, Clementine continuava no berço, e Caleb estava na mesa, vendo com volume baixo algum vídeo no YouTube em que um homem de cavanhaque cheio de gel gesticulava bastante.

— Caleb, falei que era para você acordá-la às quatro. — Atravessei o quarto e me inclinei sobre o berço, dando tapinhas leves no bumbum de Clementine. — Agora ela vai dormir tarde.

— Desculpa. Foi mal.

Olhei para trás enquanto Clementine começava a despertar.

— Você está me ouvindo? Ou só está acostumado a pedir desculpa?

— Sim — ele disse, distraído. — Ah! Sabia que tem professor que vacina as crianças na escola? Tipo, sem contar para os pais?

Peguei Clementine e me virei para ele.

— Nunca ouvi falar disso.

— Inacreditável, né? E pelo visto uma escola na Carolina do Sul faz as crianças engatinharem o dia todo só para elas se sentirem insignificantes como vermes.

Suspirei. A conversa com Doug havia drenado minhas energias, deixando-me quase fisicamente dolorida. Era como se meu sogro tivesse me manuseado com força, me espremido e rolado nas mãos, e agora meu cérebro e útero pareciam moles, como duas frutas machucadas.

— Não seja ridículo.

— É verdade. Estava pesquisando sobre o que você me contou esses dias, sobre o que a escola faz com as crianças. E você estava certa, Nat… só que é pior, muito pior.

Atravessei o quarto e fiquei olhando a tela congelada enquanto Clementine, morrendo de sono, dava tapinhas na minha bochecha com os dedinhos.

O título dizia, em letras garrafais: A VERDADE ESCONDIDA DO SISTEMA

PÚBLICO DE ENSINO DOS ESTADOS UNIDOS!!!

— Esse cara parece um maluco — declarei, por fim.

— Ele é médico, Natalie. Tenha um pouco de respeito. Além disso, foi ele que me ajudou a ver que a ideia de ser professor de jardim de infância era ridícula. Natalie, sabe por que tenho tido tanta dificuldade ultimamente? Por que não consigo encontrar meu propósito? Não é culpa minha, na verdade. São as pessoas que comandam o país que estão tentando feminilizar os homens.

— Seu pai não é uma das pessoas que comandam o país?

Caleb suspirou.

— Sim, mas tipo, só de forma institucional.

— E ele está querendo… feminilizar você?

— Não. — Ele parecia frustrado por eu não estar entendendo. — *Todo mundo* está. Pensa só: nos velhos tempos, eu já seria um soldado a esta altura. Ou um ferreiro.

— Desde quando você quer ser ferreiro?

— Não quero. A questão é que não nasci para viver assim.

Não fazia ideia do que ele estava falando. Se havia uma coisa que eu sabia era que Caleb teria sido o pior soldado do mundo. Era irônico: a gente parecia estar na mesma página, eu concordava plenamente que meu marido vinha se comportando como uma garotinha, e ao mesmo tempo nunca me senti tão perdida numa conversa. Com certeza tinha sido um erro falar para ele pesquisar a matriz curricular do ensino público. Fiz um lembrete mental para voltar a esse assunto em breve. Mas agora não era a hora para isso. *Agora* era hora do show; a apresentação mais importante da minha vida.

— Escuta. Por falar em propósito, acho que encontrei algo que pode te interessar.

Mostrei o anúncio para ele. Clementine estava brincando com meu cabelo enquanto eu ficava parada ao lado da cadeira, vendo meu marido passar as fotos, que refletiam no branco de seu olho. Campos. Clique. Celeiro vermelho. Clique. Casa rodeada por montanhas distantes. Clique. Quando Caleb terminou de ver as imagens, olhou para mim com uma expressão embasbacada, quase libidinosa. *Xeque-mate*.

— Você faria isso? — ele perguntou. — Por mim?

— Com uma condição. A gente precisa transar mais.

Caleb parecia angustiado.

— Natalie, eu…

— Não preciso que você diga nada. Só preciso que concorde. Uma vez por

semana, pelo menos, e três vezes no mínimo durante meu período fértil. — Parei e então continuei com seriedade. — Por Clementine.

Um pressuposto básico da vida cristã: negar ao filho a dádiva de ter irmãos era a pior forma de violência infantil imaginável.

— Por Clementine — repetiu ele. — E todos podem estudar na própria fazenda. Podemos mantê-los afastados dos pedófilos do sistema de ensino.

Eu não tinha planejado que as crianças estudassem em casa. Num primeiro momento, uma luz de pânico se acendeu dentro de mim só de pensar em mais uma missão para falhar: mãe, esposa, dona de casa, *professora*. Mas então pensei no dinheiro e relaxei. Professores eram baratos. A gente daria um jeito de encaixar no orçamento.

— Está bem — concordei. — Podemos contratar um professor. Com certeza deve ter algum pacote on-line que podemos pagar.

Ele ficou pensativo.

— Posso escolher o pacote?

— Claro. Você pode escolher o pacote.

Então essa era a sensação de fazer concessões num casamento.

— Ah, e nada de gado — acrescentou Caleb.

— Mas é uma fazenda de criação de gado.

Ele fez que não com cabeça, firme.

— Vamos plantar vegetais.

— Vegetais?

— Sabe como as vacas se sentem quando morrem, Nat? Apavoradas. Então o que você acha que está comendo quando come um bife? — Pausa carregada. — Terror, você está comendo terror.

Fiquei encarando meu marido. Não conseguia nem começar a pensar numa maneira coerente e gentil de refutar aquilo; nem sabia se precisava. Não foi ele que comeu hambúrguer numa boa há três dias? A quantos vídeos ele tinha assistido hoje, aliás?

Caleb balançou a cabeça, determinado.

— Seremos conhecidos por isso. Comida nutritiva, orgânica, *sem terror*. Além do mais, toda boa fazenda tem nome. Temos que pensar no nome da nossa.

— Na verdade — falei com a voz suave —, já pensei em um.

25

AMANHECEU OUTRA VEZ. ABRO OS olhos e percebo, com grande alívio, que consegui dormir a noite inteira. Sem pesadelos. Sem insônia. Só dormi.

Um milagre: pela primeira vez em dias, não estou paralisada pelo terror. Meus pensamentos ainda estão agitados e confusos, minha mente ainda está zumbindo de ansiedade, mas o pânico diminuiu, está menos intenso. Depois de três dias exposto à luz, o medo ganhou uma penugem bem rala. Posso segurá-lo na mão.

Consigo lidar com isso.

Pouco depois, como um relógio, Maeve está na porta.

— Mamãe?

Dessa vez estou pronta para ela. Não tenho medo.

— Olá, meu bem — respondo em tom amoroso.

Ela fica toda feliz, pula na cama e aninha a cabeça no meu pescoço.

Mamãemamãemamãe, você voltou.

Quando Maeve e eu vamos para a cozinha, Mary está sentada à mesa, costurando.

— Bom dia — cumprimento, alegre.

Mary para de costurar e me encara com uma expressão crítica.

— Bom dia. Dormiu bem?

— Dormi.

Olho ao redor da cozinha e tenho uma súbita sensação de assombro. É inacreditável. Uma façanha da engenharia. É como se estivesse mesmo no tempo dos pioneiros!

Eu me volto para Mary.

— Posso… tomar banho?

Mary fica me observando por um bom tempo. Então larga o tecido.

Caminhamos juntas para fora em direção a uma das tinas de latão que estão ao

lado da escada da varanda.

— Espera aqui, vou buscar água — ela pede.

É uma manhã fresca de outono. O céu é uma imensidão azul. Dá para sentir a promessa do inverno no ar, mas a luz vem e aquece minha pele. Ao longe, os cumes escarpados das montanhas estão tão vívidos que parece que posso enfiar o dedo nelas. De repente me sinto muito viva.

Fico ali ao lado da tina enquanto Mary puxa minha camisola e depois começa a desatar o curativo do meu tornozelo com cuidado. A pele por baixo está… bom… Pelo que consegui ver antes de rapidamente desviar o olhar, a pele parece lábios costurados.

— Você pode se apoiar em mim — recomenda Mary, e obedeço.

Ponho a mão em seu ombro enquanto ela coloca na tina um banquinho infantil feito de madeira e depois me ajuda a entrar desajeitada ali. Eu me sento no banquinho. Estico o pé machucado meio sem posição. Evito olhar para ele enquanto Mary fica falando (uma série de broncas em um tom gentil) sobre como é inconveniente que eu tome banho num horário diferente do restante da família, que dava menos trabalho quando os meninos estavam por perto para pegar baldes com água do poço a fim de todo mundo usar de uma vez só, e que Maeve nem de longe tinha a força dos irmãos, então teríamos que ter paciência com ela trazendo baldes pela metade a cada cinco minutos, sério, essa menina sempre acha um jeito de enrolar…

Que dia mais lindo! Eu me encolho toda vez que Mary joga um balde de água gelada na minha cabeça, embora não chegue a doer. É como se estivesse acordando. Ela esfrega minha pele com um sabonete caseiro deformado, meus braços e pernas, tomando cuidado ao redor do tornozelo mutilado, depois sobe outra vez, esfrega minha barriga, e peitos, e depois as costas. Ela alcança cada canto e fissura do meu corpo, até as partes mais íntimas. Em pouco tempo a espuma está da cor de argila. Durante todo o processo, Mary fala. Há tanta coisa para fazer hoje, então precisamos ser eficientes, podemos usar esta água para lavar roupa quando acabarmos, depois podemos usar a mesma água para limpar o chão, depois precisamos pegar os ovos das mocinhas, já era para a gente ter feito isso, então tecnicamente estamos atrasadas…

O ritmo de sua voz é tão tranquilizador que minha vontade era desaparecer ali. Em vez disso, começo a chorar. Mary não para de me lavar, mas me esfrega com mais gentileza, falando "Pronto, pronto" de tempos em tempos.

— Isso vai fazer você se sentir melhor, mamãe — diz, em certo momento.

É a primeira vez que usa essa palavra? Não consigo lembrar. Seja como for,

começo a chorar ainda mais.

— Não fica triste, mamãe — Maeve fala ao me ver na tina.

Minha vontade é responder: "Ah, meu bem, não estou chorando de tristeza. Estou chorando porque é bom ficar e me sentir limpa outra vez."

No lugar, sorrio e digo:

— Olá, mocinhas!

Depois de limpa, vou buscar os ovos com Maeve, enquanto Mary cuida da roupa para lavar. Juntas preparamos o café da manhã, Maeve monitorando os ovos no fogo e eu tentando fazer outro pão artesanal para o almoço. *Este vai ficar melhor*, digo para mim mesma e, vendo minhas mãos ganharem vida própria, quase acredito mesmo naquilo.

Enquanto o pão assa no fogo e assim que Mary termina de lavar o chão, vamos até o celeiro. Geralmente o Velho Caleb ordenha a vaca de manhã cedo, e ela não é uma preocupação para a gente. Mas hoje, Mary diz, suas tetas estão infeccionadas, então temos que conferir como ela está.

Enquanto Mary nos conduz até a baia mais afastada do celeiro, paro perto de uma foice pendurada na parede. Perto dela, um machado de ferro, daqueles que usamos para cortar lenha, e perto dele um ancinho de metal que parece um pouco um forcado.

Sinto uma onda de enjoo percorrer meu corpo e engulo em seco. *Objetos cenográficos*, penso comigo mesma, tentando reanimar-me. *É só isso. Ferramentas de faz de conta.*

Ao chegarmos, a vaca está imóvel na baia dos fundos. Mary demonstra como passar o unguento nas tetas, tomando bastante cuidado nas partes em que a pele está vermelha e irritada.

— Que meninona — digo baixinho enquanto trabalho e enquanto Mary fica atrás observando. — Que menina linda!

Depois que termino, faço carinho no nariz do animal, mesmo sabendo o quanto as vacas são estúpidas. Elas não são como cachorros ou cavalos. Eu costumava detestar passar tempo perto de Sassafrás e a forma como aquele monte de banha de quatro patas passava a língua no meu cabelo sempre que eu me aproximava de sua cabeça. "Ela é igual a um golden retriever", insistia Caleb, ao que eu respondia: "Só se o golden retriever tiver algum dano cerebral."

— Boa menina — repito para a vaca.

Ela fica me encarando com aqueles olhões pretos e tão sem vida que poderiam muito bem ser de um bichinho de pelúcia.

Concluímos o trabalho, e Maeve pergunta se podemos buscar flores silvestres para fazer uma coroa. Mary titubeia — *temos tanta coisa para fazer* —, depois diz:

— Só por uns minutinhos.

Subimos a colina ao lado do celeiro. No topo, Maeve começa a andar agachada, procurando botões coloridos, e não encontra nada. Depois olha para o céu, que começou a se encher de nuvens.

— Vejo um coelho — comenta ela, apontando para um tufo branco disforme. — E você, Mary?

— Hum — responde Mary, bem paciente. — Vejo um… cavalo.

— E você, mamãe?

Eu vejo… eu vejo… O que eu vejo? A paisagem mais solitária do planeta. Cercas danificadas. O telhado do celeiro curvado de forma perigosa. O cavalo que não é meu parado quieto em um canto da pastagem, até seu rabo está imóvel, como se fosse um brinquedo movido a pilha desligado. O aspecto e a sensação são de fim do mundo. Como se o Dia do Juízo Final tivesse acontecido e levado todos, menos nós. *Parece o inferno*, penso alegre, depois paro.

Inferno.

Alegre.

O inferno não devia me dar medo? Sim, acho que sim. Mas não consigo sentir medo nem raiva, nem mesmo tristeza, agora que paro para pensar. As emoções estão no fim do corredor mais longo que existe.

Só me sinto… bem. Eu me sinto bem.

Inclino a cabeça com esse pensamento. Por que me sinto bem?

O tônico.

O tônico que Mary me deu. Deve ser isso que está me deixando assim.

Que terrível, penso. *Que terrível que ela tenha me drogado.*

Mas a sensação não é terrível. É maravilhosa. Claro, calmo e tranquilo, o mundo a meu redor deliciosamente fora de foco, como se estivesse boiando de bruços num rio, os olhos abertos sob a água, encarando o lodo e a sujeira, dizendo "olá" e "adeus" enquanto vou passando.

Graças a Deus alguém, enfim, me drogou.

— Coelho — consigo responder por fim.

— Já falei *isso* — retruca Maeve. — Fala *outra* coisa, mamãe! Outra coisa!

Entro na onda e fico com o olhar perdido para cima. O que vejo?

Vejo uma nuvem que parece o arrombado do meu marido pioneiro, quando ele fica parado me vendo gritar. *Irrá*! Vejo uma nuvem que parece o tipo de pão que consigo fazer hoje em dia. *Encaroçado.* Vejo uma nuvem que se parece

muito… com o que mesmo? Caleb ficou obcecado por rastros químicos assim que a gente se mudou para a fazenda.

Isso, rastros químicos. Vejo uma nuvem que parece um rastro químico manchando o horizonte.

— Nada. A mamãe não consegue ver nada, e agora é hora de a gente ir para casa — responde Mary, dando uma cutucada em mim. — Não é, mamãe?

— Isso — concordo, sorrindo para as meninas. — Nada.

Juntas descemos a colina em direção à casa.

Seis horas depois, estou sorrindo para minha família depois de chamá-la cheia de alegria:

— O jantar está pronto!

26

DOS MILHÕES DE MULHERES RAIVOSAS que acabariam conhecendo e amando o Rancho Bons Tempos, muitas acreditavam — e argumentavam, defendiam e insistiam — que estavam ali desde o início. Que criei a conta no dia que assinamos os papéis da fazenda e que *elas* — minhas amadas discípulas, minhas mulherezinhas furiosas — tinham estado lá a cada passo da jornada.

De certa forma, estavam certas. Criei *mesmo* a conta no dia em que assinamos a compra da fazenda, e, se uma pessoa bem simplória — e, pelo visto, muitas das minhas seguidoras eram pessoas simplórias — começasse a fuçar as primeiras publicações da minha conta, indo de legenda alegre em legenda alegre, poderia acabar acreditando que estava testemunhando o nascimento de um império. *A construção, tijolo a tijolo, do verdadeiro sonho americano!*

O único problema com essa ideia são as datas. Ou seja: postei apenas seis fotos nos três primeiros anos. Seis imagens, seis *momentos* foram escolhidos dos milhões que tivemos. É algo esperado, creio. Ninguém quer lições de vida ou comprar torta de uma mulher que vivia coberta de bosta de animal.

Foto 1

Lá estou eu, com as bochechas rosadas e vestindo um macacão, em frente ao celeiro vermelho com Clementine, que está com quase um aninho. Ela está com uma assustadora expressão de determinação no rosto. Estou jovem e bonita, com um sorrisão.

Legenda: Surpresa! Compramos uma fazenda.

No dia da inspeção, fomos de avião para Sun Valley e pegamos três horas de estrada até a fazenda. Caleb fez questão de alugar uma caminhonete, "só para se acostumar com a vida no campo". Revirei os olhos, mas não respondi nada. Só fiquei lá com minha roupa de "negócio fechado" — vestido de camponesa azul-

marinho, botas de salto, um sobretudo novo, tudo comprado depois que o depósito de Doug caiu em nossa conta-corrente — e sorri para os funcionários da locadora de carros enquanto Caleb apontava para a maior e mais exagerada caminhonete no estacionamento deles.

— Mas são apenas vinte minutos de viagem — falei, com todo o entusiasmo que consegui fingir.

O argumento não conseguiu dissuadir meu marido e acabou também se mostrando falso.

Inicialmente, quando ainda estava na propriedade dos Mills, pesquisei a distância da casa da minha mãe até a entrada do Rancho Bons Tempos e vi que dava pouco mais que trinta quilômetros. *Bem tranquilo*, pensei, mas não levei em conta todos os detalhes adoráveis da vida rural que acabariam transformando esses trinta quilômetros em uma maratona: os mata-burros, as estradas sinuosas das montanhas, os tratores industriais que passavam a oito quilômetros por hora no meio da estrada. Essas três horas pareceram demorar mais do que a viagem de doze horas que fizemos de carro de Idaho para a Califórnia porque o meu marido, até então calado, agora não fechava mais a matraca. Ele falou sem parar sobre acidez do solo e opções de tratores, sobre as vantagens de plantar alho em vez de comprar no mercado, sobre os motivos de leite cru ser mais seguro que o pasteurizado. Em certo momento olhou pela janela do motorista e perguntou:

— Viu aquilo?

Olhei para as montanhas.

— Vi o quê?

— Nada. Nenhum rastro químico.

Enquanto ele largava a lata de refrigerante, arrotava e começava um longo monólogo sobre como a gente devia se envolver logo com o movimento para redução de poluição luminosa, lembrei que devia estabelecer um limite de tempo de tela para meu marido quando a gente voltasse para casa. Ele andava perdendo tempo demais no YouTube. Estava começando a soar como um caipira.

Então, enfim saímos da estrada e pegamos uma longa rua de terra que se tornaria *nossa* longa rua de terra, e meu humor melhorou consideravelmente. Por mais cinco minutos, fomos sacolejando, em silêncio, sob as árvores. Então fizemos a última curva, subimos e descemos a colina e…

Uau.

A caminhonete chegou perto do celeiro. Caleb desligou o carro e disse:

— Cacete.

De tirar o fôlego. Era de tirar o fôlego. O celeiro, as montanhas, a casa. Era

tudo bem mais incrível ao vivo do que eu poderia imaginar quando vi on-line. No meio desse quadro estava uma das amigas corretoras da minha mãe, nos degraus da varanda, quase pulando de alegria em nos ver. Era, sem dúvida, a maior comissão de sua vida.

Um minuto depois, meu marido tirou aquela infame foto minha com Clementine. Tínhamos trocado nossos celulares por smartphones havia pouco tempo; Caleb instalou aplicativos de redes sociais para nós dois.

— É assim que as pessoas compartilham informações agora — comentou, insistindo que eu criasse uma conta também, mas a única coisa que apareceu para mim quando criei foram bolsas, garrafas de vinhos e dentes brancos.

Ao todo, naquele primeiro dia a imagem receberia quatro curtidas, das quatro pessoas que me seguiam: minha irmã, minha mãe, minha sogra e Caleb. Eu não ligava. Na verdade, só vários anos depois fui entender que as leis das redes sociais eram iguais às leis da física, ambas invisíveis e cumulativas em relação ao poder. Como os cientistas que descobriram o átomo: de que modo eles poderiam saber que identificar algo tão pequeno, tão básico, um dia levaria à criação da bomba atômica?

Foto 2

A paisagem das colinas do Rancho Bons Tempos cobertas de neve. Um branco puro e imaculado sob um céu incrivelmente azul.

Legenda: Tudo tem seu momento.

Durante a inspeção ficamos sabendo de uma infestação de mofo em um dos banheiros da casa. Pensei naquele velhinho que, sem saber, estava respirando os esporos, pensei no seu filho com câncer. Que triste. Depois me dei conta de que lidar com o mofo significava passar mais tempo na casa de Doug e Amelia, então disse:

— Não podemos arriscar?

Caleb olhou para mim:

— Clementine pode acabar tendo asma.

— Um monte de gente tem asma e vive uma vida perfeita!

Ele não caiu nessa, então tivemos que esperar enquanto a casa era tratada, e os técnicos continuavam encontrando mais mofo:

— São tantas nuvens pretas que quase parece uma maldição de conto de fadas — comentou o empreiteiro em tom descontraído.

E, antes que percebêssemos, mais uma série de estações se passaram na casa de

meus sogros. Durante esse tempo, a coisa mais estranha aconteceu: meu marido passou a acordar na mesma hora que eu. Às cinco da manhã, enquanto estava fazendo minha rotina de beleza, ele já estava na frente do computador, lendo algum fórum sobre fazendas. Era um choque testemunhar um senso de ambição tão repentino em um homem que antes era definido por sua falta. Toda manhã eu pensava: *Não tem como isso continuar.* E, a cada nova manhã, continuava.

Outras coisas também aconteceram nessa época. Completei o desmame de Clementine, que passou a comer comida sólida. Ela deu seus primeiros passinhos e falou sua primeira palavra. *Mamãe*. Depois disse de novo, de forma mais insistente, e logo não era mais uma palavra, e sim uma entoação, uma ordem real que soava em meus ouvidos mesmo quando ela estava em outro cômodo, dormindo ou tirando uma soneca. *Mamãmamãemamãemamãemamãe*…

Parece que Doug e Amelia também estavam vivendo mudanças nesse período. No jantar, uma noite, Doug disse que pretendia pagar uma equipe de consultoria para fazer uma pesquisa confidencial sobre a viabilidade de uma terceira campanha presidencial. Isso não pareceu importante para mim, a gente sempre falava dessa notória campanha, mas tanto Caleb quanto Amelia pareceram se retesar ao ouvir a novidade. Isso significava que, pelo visto, ia finalmente acontecer. Outra corrida presidencial estava no horizonte da família.

— Com licença — pediu Amelia em tom baixo, e assisti, surpresa, a ela se retirar.

Mais tarde, Caleb me contou que a última campanha presidencial (que aconteceu quando ele estava no ensino médio) tinha sido um *desafio para o casamento dos dois*.

— Ela não gosta de tantas câmeras e perguntas — relatou meu marido, o que me fez perceber que a atenção, ou o excesso dela, também era uma forma de bagunça.

Depois disso, passei a encontrar copinhos de pudim escondidos no lixo, sob o filtro de café ou as cascas de banana. Comecei a desconfiar de que Amelia estava tendo mais do que um *momento especial* por dia. Já Doug ficava cada vez mais tempo fora, aparecendo no noticiário quantas vezes as redes o convidassem. Um dia voltou para casa parecendo assustado e, quando perguntei se estava tudo bem, ele parou, se aproximou de mim e confidenciou:

— É só um pouco de botox. Meus consultores disseram que me deixaria mais jovem. — Ele hesitou, depois perguntou de modo áspero: — Tá muito óbvio?

Foto 3

Carrossel: uma caixa de papelão com pintinhos amarelos; um pintinho espiando por fora das mãos de Clementine; uma vaca malhada sozinha no pasto, ao lado do celeiro, olhando para a câmera com uma expressão de confusão quase humana; Caleb sorrindo, cheio de terra, apoiado em uma pá enfiada no solo.

Legenda: #vidanafazenda #maridofeliz #galinhas #vacas #bênção

Desde a primeira vez que Caleb sugeriu, falei que era uma péssima ideia. Não havia motivo para pegar animais de fazenda tão rápido. Mas ele pegou mesmo assim: encomendou pintinhos, uma vaca leiteira e dois pacotes de sementes de vegetais exóticos que chegaram um dia após nos mudarmos para a fazenda.

A esta altura, Clementine já estava com quase três anos e continuava sendo filha única. Não era mais um bebê, mas uma criança pequena. Eu nunca tinha convivido com apenas uma criança antes. Nossos momentos juntas tinham uma intensidade que eu achava exaustiva e irritante, mesmo quando estava tudo bem. Estava doida para ter mais filhos não apenas por meu acordo com Doug, mas também pela certeza de que a chegada de outra criança ia acabar aliviando a relação que eu tinha com a minha. Acho que nós duas vivíamos exaustas de receber tanta atenção uma da outra.

No dia em que os pintinhos chegaram, peguei um e coloquei nas mãos de Clementine. O pintinho começou a piar alto, igual a uma pequena sirene de ambulância: *PIU, PIU, PIU, PIU…*

— Ele está com medo — disse ela.

Parecia que tinha sido ontem que ela falou "Mamãe" pela primeira vez, e agora já falava frases curtas que pareciam declaração dos erros de sua mãe: "Estou com fome." "Você está com raiva." "Ele está com medo."

— Continue assim — mandei.

Ela ficou bem paradinha enquanto eu batia a foto, o rosto sério, depois o soltou no chão. O pintinho correu desajeitado de volta para o grupo com os outros pintinhos. Clementine se levantou e mostrou a mão, a palma com uma mancha amarelada de excremento. Ela ficou olhando para aquilo por um tempo, depois limpou na perna do meu jeans.

Todos os pintinhos morreram pouco tempo depois de chegarem. Qualquer coisa que tenha sido a causa de sua morte acabou fazendo seus corpos incharem como bolas de tênis. Jogamos os corpos fora. Então as tetas da vaca leiteira incharam e infeccionaram, e em pouco tempo ela estava batendo a cabeça contra a parede do celeiro num ritmo apavorante, *tum-tum-tum*. De tédio, era o que Caleb achava.

Mas como é que você entretém uma vaca?

— Pesquise — respondi.

Àquela altura, no entanto, o fórum cheio de fazendeiros experientes não era mais receptivo às dúvidas de Caleb. Embora no início tenham ajudado, respondendo animados às suas perguntas, recentemente começaram a se irritar e a dizer que ele não devia ter uma vaca leiteira, que devia vendê-la quanto antes e que devia conseguir as autorizações primeiro. "No que ele estava pensando?", perguntaram. "Achava mesmo que daria conta disso da noite para o dia?"

Então meu marido entrou em outro fórum chamado *Fazendeiros com a mão na massa*.

Os homens eram mais legais lá.

— Mastite! — Caleb exclamou em tom triunfal, cinco dias após a vaca começar a bater a cabeça na parede. — Ela está com todos os sintomas de mastite!

— Ótimo. O que é mastite?

A vaca morreu um mês depois. Ficamos em volta de seu corpo no celeiro. Olhei para Caleb.

— O que os fazendeiros fazem com vacas mortas?

Eles as queimam. Ou as enterram para fazer adubo. Ou ligam para alguém buscar o corpo e levar para um lugar onde pode ser transformado em fertilizante, mas apenas quando não há doenças transmissíveis, e mesmo nesses casos é preciso ser cuidadoso, porque muitas notificações sobre mortes de vacas podem levar a investigações formais.

Caleb dirigiu por uma hora até a Home Depot na cidade e pagou para três mexicanos subirem na caçamba de sua caminhonete e ajudá-lo a arrastar o corpo até um campo. Da janela da cozinha fiquei vendo as chamas lambendo o céu. O cheiro da fogueira era horrível.

Naquele mesmo dia, mais tarde, quando os homens estavam vadiando ao lado da caminhonete, fumando e esperando que Caleb os levasse de volta para a cidade, falei:

— Acho que está na hora de contratar uns trabalhadores, não é?

Ele pareceu relutante.

— Acho que sim.

— *E* acho que também está na hora de outra coisa — acrescentei.

— O quê? De jantar?

Ergui as sobrancelhas para sugerir um flerte, mas isso só o assustou mais.

— O quê? O que foi? Você está doente ou algo assim?

Naquela noite tivemos três minutos de sexo papai e mamãe calado. Na manhã seguinte uma nova vaca leiteira chegou à fazenda. Nunca vimos lobos, mas escutávamos uivos o tempo todo.

Foto 4

Caleb, Clementine e eu com os pais, irmãos e familiares dele, em um palco de uma festa da campanha em Salt Lake City, com confetes parados no ar, em volta de nosso rosto.

Legenda: Orgulho de ser americana!

Na noite em que Doug venceu sua oitava campanha de reeleição ao Senado, David — um dos irmãos mais velhos de Caleb — encontrou Amelia desmaiada no camarim, seu terninho rosa coberto de vômito com cor de chocolate.

— Jesus Cristo! — George, outro irmão, falou da porta, enquanto David verificava se ela tinha pulso. Ele teve ânsia de vômito e perguntou: — Isso aí é cocô?

— É pudim — respondi.

Então George falou:

— Graças a Deus.

— Ela está respirando! — David anunciou.

Fiquei com Clementine no corredor entre o camarim e o palco, vendo os irmãos entregarem acordos de confidencialidade aos paramédicos antes de entrarem.

Quando levaram Amelia numa maca, seu olhar desfocado se voltou para mim e para Clementine. Ela balbuciou algo para nós, mas não deu para ouvir, porque estava com máscara de oxigênio.

— Dá tchau para a vovó — falei, e Clementine acenou com a mão.

Naquele mesmo instante a voz de Doug ecoou pelos corredores do auditório.

— Neste exato momento meu caçula está trabalhando dia e noite na revitalização de uma fazenda de carnes e laticínios no sudoeste de Idaho.

(*Vegetais,* pensei. *Nada de carne.* Caleb ficaria tão decepcionado!)

— Ele podia ser qualquer coisa, mas escolheu colocar a mão na terra como

um verdadeiro americano, e quer saber? Eu não poderia estar mais orgulhoso!

— Ouviu isso? — comentei com Clementine, por cima das ondas de aplausos educados. — O vovô está tentando ser elegível. Você consegue dizer *elegível*?

— Elegível — repetiu ela, num tom de voz que só posso descrever como entediado, e ficamos as duas caladas.

Foto 5

Caleb e eu no campo durante o pôr do sol dando um beijo enquanto ele me inclinava para trás.

Legenda: Sempre quis meu próprio caubói.

— Vamos transar — pedi uma noite.

Caleb deu uma olhada demorada e cética para minha vulva.

— É seguro?

— Claro que é. Fomos feitos para isso.

— Mas e o…

— Pela última vez: aquilo não foi um aborto! Foi só uma menstruação mais intensa!

Foi isso que minha mãe me encorajou a dizer para Caleb um mês antes, depois que ele entrou no banheiro e me viu chorando descontroladamente com as mãos e coxas cobertas de sangue. Já estávamos tentando ter outro bebê fazia mais de dois anos. O pânico que senti nessa situação é indescritível.

Tentei fazer a cara mais sensual que pude, mas Caleb pareceu desencorajado pela minha expressão, então parei com a encenação e declarei, como sempre:

— Você me prometeu.

Massageei o pênis de Caleb por dez minutos, com uma das mãos apertando e mexendo devagar na base e com a outra fazendo vaivém na cabeça. Geralmente isso o deixava ereto o bastante para a gente conseguir transar. Hoje, contudo, meus esforços não deram em nada. Cada vez que eu olhava para seu rosto, ele estava de olhos fechados e apertados, a boca numa espécie de careta, então não dava para saber se ele estava tentando entrar no clima ou esperando que eu desistisse.

Por fim, eu me sentei, deixando seu pênis pender como uma mola.

— O que foi?

— Nada. Só estou cansado.

Ele de fato parecia cansado. Estava trabalhando muito *mesmo*. Levantava-se ao

nascer do sol, ficava o dia todo fora, depois passava horas no computador, toda noite. Mas essa não era, também, uma parte essencial de ser um marido? Uma vontade incansável e quase mecânica de engravidar a esposa?

— Mas eu estou ovulando. Se a gente não transar agora, só no próximo mês.

— Será que a gente não devia deixar isso nas mãos do Senhor?

Caleb tinha falado isso uma vez, havia alguns meses, depois que alguém num dos fóruns que ele acompanhava sugeriu que era uma blasfêmia as mulheres contarem o ciclo dessa forma. *Essas coisas deviam ficar nas mãos de Deus, ponto-final.* Eu o interrompi antes que ele começasse a tentar sair por essa tangente.

— O Senhor quer que a gente tente, Caleb. Quer que a gente se importe.

Meu marido não respondeu nada. Estava de olhos fechados agora. Um segundo depois, estava roncando. Até seu pênis parecia estar dormindo e roncando deitado na coxa. Revoltante. Pensei no que ele disse no dia de nosso casamento — *"Mal posso esperar para sentir seu gosto"* —, em seguida pensei nas imagens horríveis que vi na tela do computador dele — *beijo intenso levando ao orgasmo!!!* —, e tive que conter a vontade de quebrar uma lâmpada em sua cabeça.

Em vez disso, saí da cama e fui para a cozinha. Voltei para o quarto com uma tigela e coloquei em cima da barriga de Caleb, que acordou.

— O quê? O que é isso?

— Não me importa o que você precisa fazer para conseguir. Só faça.

— Mas…

— Você prometeu.

Caleb ficou um bom tempo em silêncio. Então se levantou.

Cinco minutos depois, ele saiu do banheiro e me entregou a tigela.

— Obrigada. Agora vai dormir.

Na cozinha, coloquei a tigela no balcão e peguei uma seringa de molho na gaveta.

Foto 6

Eu, grávida de cinco meses, com Clementine no colo.

Legenda: Deus abençoe nossa família, que está crescendo!

27

No Rancho Bons Tempos, o tempo passa numa mistura de bons e maus dias.

Nos dias bons, acordo me sentindo descansada. Determinada. Otimista. Confiante de que posso conquistar o mundo. Então passo as horas do dia sentindo que sou a melhor versão de mim mesma, a esposa mais obediente, a mãe mais amorosa. Quando Maeve aparece na minha porta, estou sempre acordada e sorridente, com os braços abertos. *Bom dia, meu bem.* Juntas escolhemos minha roupa do dia (*O mesmo vestido cinza, manchado e horroroso de ontem? Ótimo!*), então vou mancando para fora, a fim de pegar os malditos ovos das malditas das galinhas. A esta altura, geralmente preciso parar e dar uma chorada rápida antes de enxugar as lágrimas e dizer:

— Olá, mocinhas!

Então ajudo a fazer o café da manhã. Quebro os ovos na frigideira e fico ao lado do fogo, ajeitando a frigideira no carvão para que eles fritem por igual. Quando trago a frigideira e a coloco sobre a mesa, exibindo com orgulho meus ovos mexidos perfeitos, ninguém parece impressionado. Ninguém sequer agradece. Mas não ligo! Claro que não ligo! *Uma boa esposa nunca liga!*

Em vez disso, penso, com a força cerebral bruta de uma nave espacial disparando pela atmosfera: *Que sorte a minha, hein? Essa vida! Que bênção.*

Nos dias bons, eu me surpreendo com minha coragem. Faço cada novo trabalho e tarefa com a mesma determinação obediente de uma pioneira de um livro ilustrado. Passando com ferro, costurando, limpando o chão, cuidando da madeira, limpando tetas, descascando batata, *lá-lá-lá, que vida*! Ignoro que nossas refeições não têm gosto nem cor e geralmente são compostas por apenas dois grupos alimentares, ou menos. Ignoro metade dos pensamentos que surgem na minha cabeça. No lugar, concentro-me em ser uma mãe gentil e uma esposa alegre. Não deixo que me vejam chorando, especialmente a Maeve, que apelidei

de *minha pequena sombra*, uma metáfora que funciona no sentido visual, mas não tanto no auditivo. Sombras são silenciosas. Sombras seguem você e nunca a fazem lembrar que estão lá. Maeve, por outro lado, nunca cala a boca. Ela sempre tem alguma nova observação para compartilhar, um novo motivo para puxar meu vestido e dizer "Mamãe, mamãe" com verdadeira insistência.

"Viu aquela nuvem, mamãe?"

"Você esqueceu uma parte daquela camisa, mamãe."

"Mamãe? Está com fome, mamãe? Quer um lanche?"

Nos dias bons, a voz doce de Maeve é um alento. A trilha sonora da minha alegria. Juntas cumprimentamos tudo: as nuvens, o céu, os campos, as árvores, o Velho Caleb, os meninos, Mary, a vaca, as galinhas, o cavalo, a lama, a sujeira, a chuva, a fuligem e o cocô.

Nos dias ruins, não dá para dizer que acordo, porque só fico deitada, olhando para o teto, enquanto a noite dá lugar ao dia. Nos dias ruins, "esperança" é um palavrão que flutua em meus pensamentos e a vida nesta fazenda parece mais um pesadelo, uma atuação forçada, uma cena que nunca termina.

Nos dias ruins, meus pensamentos vêm em turbilhões de pânico implacável:

Tenho que ir embora.

Não posso ir embora.

Acho que vou me matar.

Acho que vou matá-lo.

Sei que alguém está me observando.

Sei que não tem ninguém me observando.

Estou com medo de morrer aqui.

Não posso morrer aqui.

Acho que preferia estar morta.

E então me levanto de qualquer jeito. Eu me arrasto da cama, e vou mancando e me comiserando com esses pensamentos para encarar o horror de outro dia. Sorrio de forma artificial para as crianças, faço uma reverência para o Velho Caleb, e então meu rosto derrete para uma expressão fria assim que passo por eles.

Um único dia ruim tem o peso de nove dias bons. O tempo se arrasta tanto que às vezes temo que o relógio deste mundo quebre de vez, deixando-me congelada em um momento sépia. Nos dias ruins, acordo em pânico — *não posso ficar aqui* — e então, para me acalmar, digo para mim mesma que *hoje* deve ser o último dia; *hoje* deve ser o dia em que alguma celebridade vai chegar e me

interromper no meio de uma das minhas tarefas horríveis, rindo descontroladamente da minha angústia, um homem com uma câmera enorme no ombro filmando a coisa toda. *Amanhã voltarei para a casa com cheiro de produtos de limpeza que têm fragrância de limão. Amanhã vou acordar com uma barriga de grávida enorme e com o som das babás preparando o café da manhã. Amanhã não terei que cagar numa casinha instável do lado de fora.*

Então o dia passa no mesmo ritmo tedioso do anterior: galinheiro; *olá, mocinhas*; pão de café da manhã que não tem nada de perfeito; tarefas; tarefas; tarefas; atividades domésticas — fazer bainha, passar roupa, varrer, preparar o jantar, jantar, olhar exausta para o fogo até quase pegar no sono em minha cadeira. E então o dia acaba, e ando lentamente para o quarto, esgotada, a roupa mais pesada de tanto suor e terra, e me deito na cama antes de lembrar pela milionésima vez: *Não foi hoje. Nada mudou.*

Não existem palavras para explicar como me sinto. O próprio conceito de depressão não dá conta dessa experiência. A melhor palavra em que consigo pensar é *purgatório*, e mesmo ela parece muito suave.

Nas noites boas, Mary me traz o tônico que me ajuda a dormir. Nas ruins, mal olha para mim, e a escuridão da noite, a escuridão da *vida*, ameaça me engolir por inteiro.

Isso me leva à roupa para lavar.

Ah, a roupa para lavar.

A roupa para lavar!

Mesmo em um bom dia, a roupa para lavar ameaça me afogar. Se alguém tivesse me dito — antes de eu parar aqui — que o simples ato de lavar roupas poderia levar horas, que podia fazer seus dedos racharem e sangrarem com o frio, eu teria gargalhado e dito que alguma coisa estava errada. Diria que *eu* acharia uma forma de fazer na metade do tempo, e quer saber? Estaria errada para caralho.

De tempos em tempos, em um dia bom ou ruim, faça chuva, faça sol ou faça um frio da porra nas primeiras horas da manhã, Mary me coloca do lado de fora na frente de três tinas de alumínio cheias de água. Ela me entrega uma vassoura, um de seus sabonetes caseiros e uma pilha de roupas grande o bastante para desafiar os sentidos. O sabão é feito com soda cáustica; meus dedos começam a queimar com pouco uso. Primeiro jogo as roupas em uma das tinas e esfrego, esfrego, esfrego — queima, queima, queima —, então uso a vassoura para erguer a pilha pesada de tecido encharcado e passar para a próxima tina, a fim de enxaguar o sabão. Se já odiava as roupas daqui antes, agora odeio duas vezes mais.

Então tenho que ficar a tarde toda sentada e esfregar, esfregar, esfregar, até meus dedos queimarem tanto e ficarem tão dormentes que perdem a capacidade de segurar a tábua de bater roupa com firmeza — ou até as roupas estarem limpas. Nunca consegui terminar a tarefa pelo último motivo; sempre foi o primeiro. Travo uma batalha diária contra a sujeira desta fazenda e sempre perco. A pior parte (além dos dedos ensanguentados, da água congelante, da dor intensa na lombar e da raiva que sinto quinze minutos depois de iniciar) é a localização. Ou seja: o lugar ao lado da varanda onde lavo a roupa tem uma vista perfeita para Caleb e para os meninos quando estão trabalhando nos campos perto de casa, o que significa que acompanho, em tempo real, esses escrotos ficando cada vez mais sujos ao longo do dia. Fico ali sentada e vejo — com uma raiva que espuma e borbulha de uma forma que meu fermento se recusa a fazer — os meninos brincarem de lutinha no chão, rolando alegres na lama até que o pai os puxe pelos colarinhos e os coloque de pé outra vez.

Os vestidos compridos que uso são pesados, de tecido grosso. Estão mal costurados e cheios de manchas. Eles me deixam desajeitada; vivo tropeçando e xingando toda vez que vou para o lado de fora. Dou topadas com o pé machucado e grito como se tivesse tomado um tiro. Percebo que estou coberta de sujeira na metade do dia. A única parte remotamente legal é à noite, quando acabamos de jantar, e fico sentada perto do fogo com Mary e Maeve. Ainda preciso trabalhar, que fique claro, mas remendar tecidos é moleza perto de meter os dedos na água gelada.

Enquanto as duas conversam, eu me concentro no tecido para costurar em meu colo. Os assuntos delas são deliciosamente bobos. Maeve pergunta sobre os sonhos de Mary, por exemplo, e a adolescente inventa um sonho que agradaria a uma criança. *Caí num oceano de panquecas, e depois começou a chover calda.* Quando suas imaginações bem limitadas se esgotam, as meninas começam a falar sobre as tarefas, o tempo e os animais do cercado. Sinto que a cada dia fico mais burra.

Ainda assim, continuo calada. Fico sentada na cadeira, mantenho o foco na costura e tento me consolar com o calor do fogo. Penso, mas guardo para mim: *Esta vida é um exercício de insanidade.*

Estou sendo observada tanto nos dias bons quanto nos ruins, eu me recordo. Como um mantra: alguém, em algum lugar, *tem* que estar me assistindo agora. Tem que estar. Não há nenhuma alternativa aceitável. E quanto a quem está me assistindo? Quero que veja como estou vulnerável. Como posso ser bonita,

mesmo nas situações mais feias. São sempre os mais vulneráveis e bonitos que são sequestrados, é verdade, mas também são eles que acabam sendo salvos.

28

— AGORA, NAT — MINHA mãe falou —, sei que você já tem coisa demais para fazer, com a fazenda e os pequenos, então, por favor, me diga se isso for pedir muito… Mas a Abigail falou que adoraria ir aí com as crianças para te visitar e passar o fim de semana, e achei uma ideia adorável!

— Ah! Que surpresa.

Eu estava com um bebê de dois meses no colo. Samuel. Estava dando de mamar no escuro, num quarto quase sem mobília, quando minha mãe ligou. Era tecnicamente o quarto de Clementine. Era o colchão dela que ficava no canto do quarto, eram seus livros que estavam empilhados na parede oposta.

A gente vivia se esquecendo de encomendar o restante dos móveis. A cabeceira de princesa, a prateleira rosa combinando. Eles estavam em meu notebook, esperando pacientemente em um carrinho de compras de uma loja on-line. Mas eu vivia me esquecendo de finalizar a compra.

Estávamos em junho. Era nosso segundo verão na fazenda. Do outro lado desta nação enorme, Reena estava morando em Nova York, recém-formada. Sabia disso porque olhava sua conta no Instagram todo dia. Via cada selfie nada favorável que ela postava, o rímel borrado às três da manhã no metrô, cercada de homens e mulheres jovens que sempre pareciam estar no meio de uma conversa, sem lhe dar bola. Fiquei sabendo que ela não tinha conseguido o emprego na McKinsey quando anunciou que estava trabalhando em uma firma de consultoria desconhecida e mediana que exigia que ela viajasse a cada dois finais de semanas. Reena estava em franca derrocada, é claro, e eu, por outro lado, estava prosperando.

Só precisava me lembrar de comprar os móveis.

— E então, o que você acha? — perguntou minha mãe. — Podemos ir neste fim de semana? Agora é um bom momento para Abigail viajar.

Só minha mãe para chamar de viagem o ato de pegar uma hora de estrada.

Abigail estava grávida de cinco meses de seu quinto filho. Ela estava ganhando de lavada de mim com as crianças. Eu a odiava por isso.

— O que eu acho? — repeti, baixinho.

O que eu *achava*? Samuel deu uma fungadinha em meu colo, fazendo um som alto com os lábios. Olhei para seu rostinho na escuridão, todo amassado contra meu peito. Ele era um menino fofo, sem as feições duras da irmã mais velha. Eu o amava sem esforço e sem apego. Quando estava com ele nos braços, era como se estivesse acenando para um parente distante. *Olá!* Ou talvez: *Até logo!*

Tinha escolhido tomar anestesia desta vez. Eu estava a quilômetros desse bebê, mesmo quando ele começou a sair lentamente de meu corpo.

O que pensei primeiro foi: *Se elas vierem passar o fim de semana, verão os vegetais e os campos arados pela metade, e os trabalhadores rachando de rir das tentativas patéticas de Caleb falar espanhol.*

O que pensei depois foi: *Se elas vierem passar o fim de semana aqui, minha mãe pode ficar com o neném no colo.*

Dei um longo suspiro. Vivia me esquecendo de respirar nesses dias. Estava tão cansada. Meu filho era tão bonito. Eu estava tão feliz. Estava mesmo, de verdade. Feliz.

Dois dias depois, minha família e eu ficamos esperando na entrada, enquanto a lata-velha da minivan de Abigail subia a colina. O pequeno Samuel estava nos meus braços, com uma camisa xadrez azul novinha. Clementine estava de pé a meu lado, toda retesada, usando um vestido que já estava pequeno e que tinha o mesmo tecido da roupa do bebê. Eu tinha comprado as roupas numa loja infantil da cidade havia alguns meses, certa de que conseguiria vencer a curva de crescimento da minha filha. Caleb estava a meu lado, com um chapéu de aba larga.

— Olha só se não é a família fazendeira perfeita — minha irmã falou ao descer do carro.

Os filhos de Abigail desceram da van como cupins. Brady, Brandon, Benjamin, Becky, cada um com cerca de quinze meses de diferença do outro. As crianças começaram a correr em direção aos campos, discutindo em voz alta sobre um jogo de pega-pega. Clementine hesitou, depois soltou minha mão e começou a andar devagar atrás deles.

Minha mãe desceu do banco do carona.

— Meu Deus. Olha só essas *montanhas*.

— Dia, pessoal! — Caleb zurrou de repente.

Todos olhamos para ele. Ele nos olhou de volta com uma expressão confusa e assustada, como se tivesse acabado de acordar e se ver ali no meio de uma conversa. Suspirei. Tinha sido um erro mandar meu marido fingir. Ele tinha internalizado tudo errado e agora só conseguia fazer isso em momentos pontuais, o que obviamente acabava com toda a ideia da performance.

Pus um belo sorriso no rosto.

— Caleb está se tornando um verdadeiro caubói!

— Que *maravilha!* — minha mãe se apressou em dizer e foi logo abraçar meu marido, antes que ele se humilhasse ainda mais.

Enquanto Caleb enchia os ouvidos da minha mãe falando sobre seu chapéu de aba larga (*Deus, dai-me força*), Abigail veio para perto de mim.

— Ele é lindo — falou baixinho, olhando para Samuel.

Tocou a cabecinha careca com o indicador, e o neném deu um gritinho em resposta.

Fiz um gesto com a cabeça para os filhos dela, que estavam ensinando Clementine a brincar de pega-pega.

— As crianças parecem estar bem.

— Ah, elas são incríveis. Não sei o que faria sem elas. São meus anjinhos.

Fiquei observando enquanto minha irmã olhava os filhos. Ela tinha envelhecido. A gente mal tinha se visto no período em que morei com os pais de Caleb. Quando voltei para Idaho, notei algo diferente nela, algo estranho em seu olhar, mas não havia parado para pensar nisso até agora. Já vi minha irmã com todo tipo de humor — feliz, triste, cansada, sobrecarregada —, mas isso, o que via em seu rosto agora, era outra coisa. Algo totalmente novo.

Então ela olhou para mim, e sua expressão mudou.

— E como você está?

— Ah, sim. Estou ótima — respondi, então falei para minha mãe: — Quer segurar o bebê?

Enquanto os filhos de Abigail corriam um atrás do outro pelos quartos, fiz um tour pela casa com minha mãe e irmã, apontando para tudo que seria mudado na reforma: as luminárias, os balcões de granito, o chão de mármore do banheiro. Contei que andávamos nos reunindo com arquitetos. Fazia uma semana que tínhamos encontrado um de que gostamos.

(*Dona, vocês querem banheiros dentro de casa, ou uma casinha do lado de fora?)*

— Só estamos esperando que ele nos encaixe na agenda e então vamos dar fim a isso tudo.

— Mas está tudo novinho — comentou minha mãe, com Samuel dormindo em seus braços.

— Mas não é nosso estilo. Quer dizer, olha só — respondi, gesticulando para a sala. — Sério, é como se uma ponta de estoque da Pottery Barn tivesse passado mal e vomitado aqui.

Minha irmã ficou encarando uma arandela numa parede próxima, como se estivesse tentando entender o que uma luminária podia ter feito para merecer uma execução tão violenta.

— Bem, não jogue fora esses eletrodomésticos em perfeito estado. Veja se pelo menos você doa para alguém. — Abigail fez uma pausa delicada. — Eu mesma posso ficar com algumas coisas. Se for ajudar, claro.

Era claramente um "Quero suas sobras" em dialeto cristão. Entrei no jogo, fingindo interesse pela ideia da doação:

— Seria uma *grande* ajuda se você fizesse isso pela gente.

Mas minha mãe continuava irritada.

— Você quer mesmo se livrar desses eletrodomésticos em ótimo estado? Repor isso tudo vai custar uma fortuna!

Fiz uma cara sem graça para ela:

— Dinheiro não é problema.

Mas não era verdade. Não mesmo! Um segredinho que nunca contei para ninguém, que não reconhecia nem para mim mesma em meus próprios pensamentos: o dinheiro estava quase acabando. Ainda não tínhamos batido o martelo da reforma porque eu não sabia ao certo como bancaríamos aquilo. Estávamos perto do aniversário de três anos da fazenda. Havíamos nos livrado do mofo e recuperado a integridade estrutural do celeiro, compramos tratores de primeira linha, novinhos, tínhamos campos arados, trabalhadores, uma vaca e algumas galinhas, pagávamos o equivalente ao PIB de uma nação pequena só de taxas todo ano, mas, apesar de tudo isso, nosso retorno financeiro era quase inexistente. Poucos dias antes, Caleb brincou em tom alegre que nossos lucros com abobrinha e ovos na feira mais recente de produtores locais *quase* cobriu os custos de um tanque de gasolina cheio da caminhonete, ao que respondi, num cantarolar de esposa feliz:

— O conhecimento não tem preço!

O que eu queria mesmo ter dito era: "Se quiser torrar cinco milhões de dólares tão depressa, que até sua cabeça vai rodar, é só comprar a porra de uma fazenda."

Depois do tour pela casa, levei minha irmã e minha mãe para ver as plantações. Ficamos no alto da colina observando meu marido, a metros de distância, correr atrás das crianças em um jogo de pega-pega turbinado, enquanto nossa leva mais recente de homens da Home Depot trabalhava na plantação, dois deles dirigindo tratores que arrastavam rastelos prateados enormes na terra, três deles caminhando e tirando pedras grandes do solo.

Minha mãe ficou assistindo à cena com uma expressão triste, abandonando temporariamente o rosto impassível.

— O que vocês estão plantando?

— Beterraba, acho — respondi. — E aspargo? Não lembro. Alguma coisa que complementa a abobrinha. Esse é o mundo do Caleb. Tento não me envolver nisso e procuro deixá-lo comandar o show.

— Ah. — Minha mãe riu sem força, como a boa esportista que era. — Dividir e conquistar. Sempre uma ótima abordagem.

— Não me lembro de você já ter desejado viver em uma fazenda — comentou Abigail, afastando uma mutuca.

— Na verdade, a mudança para cá foi ideia minha. Fui eu que falei disso no meu primeiro encontro com Caleb, sobre morar numa fazenda.

— Ah, é?

— É.

— Por quê? Você detesta bicho. E sujeira.

Olhei para Abigail. Ali estava de novo: aquela expressão estranha em seu rosto.

— Bem — falou minha mãe baixinho, antes que eu pudesse responder —, acho que nunca vi uma fazenda tão linda na vida.

— Linda como uma fotografia — comentou minha irmã.

E então a blasfêmia: ela tirou um maço de cigarros da bolsa. Eu e minha mãe ficamos sem ar.

— Abigail! — exclamei.

— Abigail! — repetiu minha mãe, com mais ênfase. — As *crianças*.

— Ai, as crianças, as crianças! — emendou Abigail, imitando um soprano e equilibrando com cuidado o cigarro entre os dentes.

Minha irmã revirou os olhos e disse com a mandíbula travada:

— As crianças estão bem distantes, mãe.

Estava agora revirando a bolsa em busca de um isqueiro, sem notar ou se importar com nossas expressões embasbacadas.

— Por Deus — resmungou ela enquanto trazia a chama até seus lábios. Deu

uma boa tragada, soltou o ar claramente aliviada e continuou: — *Deus* queira que alguém se importe comigo o mesmo tanto que se importa com as crianças.

Abigail deu um passo para trás e fez um gesto circular com o cigarro, destacando a cena diante de nós: as plantações, os trabalhadores, as crianças, meu marido.

— Mas você tem razão, mãe: é lindo *mesmo*. — Ela inclinou a cabeça, cerrou os olhos pensativa, deu outro trago e olhou para mim. — Mas o cheiro não te enjoa, Nat? Não se cansa de sentir tanto cheiro de merda?

Olhei chocada para ela.

— O que é que deu em você hoje?

— Abigail, por que você não vai lá para dentro e tira um cochilo? — perguntou minha mãe.

Abigail não respondeu, só deu mais um trago, franzindo o rosto para algo ao longe. A fumaça envolvia suas palavras.

— Não estou cansada.

— Bem, você parece exausta para mim — retruquei, irritada.

Ela se voltou bruscamente para mim.

— Sabe do que mais? *Estou* mesmo. Mãe, pode colocar as crianças para tirar um cochilo quando vocês entrarem?

Antes que minha mãe pudesse balbuciar uma resposta, ela jogou o cigarro na grama e pisou nele com o salto da bota de caubói, então virou e foi andando depressa para casa.

Assim que estava fora do alcance de nossa voz, resmunguei para minha mãe:

— Em nome de Jesus, o que deu nela?

Minha mãe me olhou, inquieta.

— Que tal a gente tentar ser compreensiva? A pobrezinha passou por maus bocados em casa recentemente. Não tem dormido direito. Não é ela mesma!

Revirei os olhos, então me agachei e fiquei tentando encontrar a guimba de cigarro de Abigail na grama.

Naquela noite, levamos as crianças para um rodeio que ficava a uma hora de distância, lá para os outros lados das montanhas. Estava uma noite fria, daquelas que parecem um cartão-postal do velho oeste, os vermelhos, brancos e azuis todos em tons bem americanos: o céu cerúleo, a argila da cor de um carro de bombeiros, as luzes de rodeio incrivelmente fortes. O caminhão de sorvete vendia picolés com as cores da bandeira. Os palhaços de rodeio usavam coletes de tecido azul com estrelas brancas, cheios de franjas. Nós nos sentamos nas arquibancadas e

ficamos vendo adolescentes encarando touros do tamanho da minivan de Abigail, o rosto cheio de determinação mórbida. Quando corriam, mergulhavam e golpeavam, cerravam os dentes como pequenos animais, e a luz do estádio refletia em seus aparelhos. Meninas adolescentes andavam de legging, passando com potes para doações aos soldados em terras estrangeiras. Caleb embalava o pequeno Samuel no colo, apontando para os peões de rodeio e sussurrando para nosso filho, que babava e não entendia nada:

— Um dia vai ser você, carinha.

Minha irmã ficava olhando para os homens na multidão, demorando-se nas entradas de cabelos, nas botas cheias de lama e nos arrotos, até que percebeu que eu a observava e ficou olhando para a frente.

A multidão gritou numa só voz quando viu sangue. Caleb tinha comprado umas frituras para as crianças. Minha mãe chorou no início, quando uma criança de seis anos cantou o hino nacional. Clementine chorou no fim, quando viu o que acontecia com os touros.

Jantamos no caminho de volta em uma churrascaria famosa na beira da estrada. A garçonete nos entregou pratos repletos de pãezinhos doces e enjoativos, além de bifes meio borrachudos de tanto molho. Abigail mexia os legumes encharcados de manteiga no prato, completamente indiferente ao meu olhar. Do outro lado da mesa, Caleb enchia o ouvido da minha mãe falando dos fóruns. Não, não era *uma* sala de bate-papo, explicava com paciência, eram várias: ele ia baixando os dedos conforme falava de cada uma. Meu marido tinha seus amigos da fazenda, os que defendiam estudar em casa, os intelectuais, e assim por diante. Era a *machosfera*, explicou, algo que já havia dito para mim antes, o que sempre parecia uma menção a um parque de diversões para homens adultos. *Bem-vindos à machosfera: o lugar para homens!*

— Machosfera — repetiu minha mãe.

Doug tinha feito a mesma coisa meses antes, quando ele e Amelia vieram nos visitar. Parecia que estavam aprendendo a falar italiano. Amelia não disse nada; os dois só estavam de passagem aquela noite, a caminho da clínica de reabilitação onde ela ficaria em Wyoming, e minha sogra passou o jantar olhando pesarosa para sua taça de *sauvignon blanc*, como se fosse a última noite com seu amado antes de ele partir para a guerra.

— Machosfera — repetiu Doug uma segunda vez, franzindo o rosto de leve, com a ideia. Então deu um tapinha no celular de Caleb e pediu: — Mostra para mim.

Minha mãe, por outro lado, só ficou ali sentada na cadeira, em contemplação.

Quando chegamos em casa, Caleb nos mandou relaxar na sala.

— Podem ficar um tempo juntas, mulheres — falou, tirando o bebê de meus braços. — Deixa que dou um banho nas crianças.

Franzi a cara.

— Todas elas? Ao mesmo tempo?

Aquilo não parecia muito natural: o filho mais velho de Abigail, Brady, estava com sete anos e gostava de brincadeiras brutas, mas Caleb ignorou minha preocupação e começou a direcionar as crianças pelo corredor.

— Mas o bebê, não — gritei para ele. — Não coloca o bebê na banheira!

— Dã — berrou meu marido de volta.

Enquanto isso, Abigail já tirava da bolsa uma garrafa de Chardonnay amarelo-xixi.

— Que tal uma taça de vinho? Mamãe? Natalie?

— Mas você está grávida — comentei.

— Um dedinho não vai me fazer mal — argumentou ela, enchendo uma taça até a boca.

Não respondi nada, só troquei olhares com minha mãe enquanto Abigail nos entregava as taças e nos guiava para o sofá. Não lembrava quando tinha sido a última vez em que vi minha mãe tomar uma taça de vinho numa noite que não fosse considerada de celebração pela igreja. Agora ela tomava uma sem dizer nada.

— Então — começou Abigail, por fim, quando estávamos sentadas. — Quero contar uma coisa para vocês.

Fiquei sentada, aguardando. Pela maneira como minha irmã estava sentada, a mão descansando sobre a barriga de grávida, não pude deixar de pensar: *Ela parece tão velha*! Era apenas dois anos mais velha que eu, não tinha nem trinta anos, mas parecia ter quarenta e cinco. Sua testa tinha três sulcos profundos, que a deixavam com uma expressão constante de desespero, e várias partes de seu corpo balançavam ao menor movimento. Seus braços, seus peitos, sua papada. Não era gordura, ao menos ainda não, mas flacidez. É isso que a maternidade e a pobreza fazem: tiram todo o seu colágeno.

— Vou deixar o Bryce — declarou Abigail.

Minha mãe se recostou e levou a mão ao peito como se tivesse tomado um tiro. Eu, por outro lado, soltei uma risada, porque achei de verdade que fosse uma piada de mau gosto da minha irmã, para descontrair o ambiente depois de um dia tão tenso. No entanto, quando ela não mudou a expressão séria, respondi:

— Você não pode estar falando sério.

— Deus — minha mãe gemeu. — Deus, me ajuda.

— Liguei para um advogado especialista em direito da família — continuou Abigail. — Já fiz um adiantamento.

Balancei a cabeça.

— Mas como você arrumou dinheiro para um advogado?

Abigail franziu o rosto.

— É sério que essa é sua primeira pergunta?

— Você e o Bryce não têm dinheiro. Como vai bancar o divórcio?

— Se você faz tanta questão de saber, peguei um empréstimo.

— Mas como é que conseguiu um empréstimo?

— Eu conto que vou me divorciar, e você só quer saber de dinheiro? Que tal um "Sinto muito, Abigail"? Que tal um "por que você está se separando, Abigail"?

Revirei os olhos.

— Eu sei por que você está se divorciando.

— Por que você *talvez* esteja se divorciando — corrigiu minha mãe. — Sério, acho que a gente tem que parar um pouco e pensar nas implicações do…

— E por que estou me divorciando, Natalie? Já que você sabe de tanta coisa.

— Porque seu marido é cruel e burro. E bebe demais. Provavelmente te xinga na frente das crianças. Provavelmente te bate às vezes.

Dei uma pausa para ver se Abigail confirmava ou negava minha hipótese, mas ela ficou calada, com uma expressão tão parada, tão insondável em sua profundidade, que parecia uma grande extensão de água à noite. Então continuei, ignorando a impassividade assustadora do rosto da minha irmã e a expressão horrorizada da minha mãe. *Deus, salve todos nós.*

— Ele também é preguiçoso. Nunca fez nada com aquela loja. O cara é e sempre foi um derrotado, mas agora está ficando mais difícil de tolerar, então agora você, minha pobre irmã, acabou enfiando na cabeça que vai ser melhor ficar sem ele, e sinto muito, Abigail, mas não vai.

Minha mãe continuava com a mão no peito, como se estivesse tentando estancar uma hemorragia arterial.

— As crianças — ela ficava repetindo. — As crianças. As crianças.

Era menos uma frase e mais uma pulsação.

— As crianças vão ficar bem — disse Abigail, irritada. — E eu *vou*…

— Você vai ser *mãe solteira* de cinco crianças vivendo à base de programas assistenciais — respondi com rispidez. — É *isso* que você vai ser. Você nunca nem trabalhou, Abigail. Meu Deus. Teria sorte se te contratassem como empacotadora junto com os adolescentes da cidade.

Abigail estava chorando. Minha mãe também. Dava para ouvir meu marido assobiando lá da outra ponta do corredor enquanto esfregava cinco cabeças. A raiva tomou conta de mim e pareceu, de repente, que estava me devorando:

— Já pensou onde você vai morar? Você pode ficar com a mamãe por um tempo, mas não para sempre. E depois? Você nunca morou sozinha, Abigail. Sabe do que é preciso para conseguir um apartamento? Sabe qual é seu crédito no mercado?

— Para — sussurrou Abigail. — Por favor, Natalie, para.

Eu não conseguiria parar nem que quisesse, e não queria. Estava com mais raiva do que jamais senti a vida toda. Estava enojada.

— Acha mesmo que as regras não valem para você? Que pode dar as costas para suas responsabilidades e sair ilesa?

— Claro que não, não é isso que estou dizendo, não é isso que eu…

— Acha que Bryce não vai tentar ficar com a guarda das crianças? Claro que vai. Ele vai se casar de novo em menos de um ano, e então ele e a nova esposa vão tentar ficar com a guarda das crianças só para te provocar. Ele vai falar que você é uma péssima mãe, uma bêbada. O juiz vai concordar, e, antes que se dê conta, você só vai ver seus filhos a cada quinze dias. Eles não vão nem te reconhecer.

— O que eu faço? — perguntou Abigail, subitamente. — Deus, o que eu faço?

Ela olhou para mim e para minha mãe com uma cara tão apavorada, que nem parecia humana, parecia um animal perdido na estrada. *Para*, *para de ficar assim, com essa cara patética*, quase gritei, mas estava sem ar. Minha mãe se aproximou de Abigail no sofá.

— Pronto, pronto. Ai, Abigail, meu bem, respira fundo…

Enchi bem os pulmões de ar e, por um momento, me vi de volta ao quarto de hospital, apavorada com meu próprio erro sem volta. Senti um aperto no peito e me levantei.

— Vou ver como as crianças estão.

Enquanto atravessava o corredor, uma lembrança me veio: um monte de papel grampeado que me entregaram dias antes do casamento.

— Não aguento mais, mamãe. — Abigail chorava ao fundo. — Não aguento mais quarenta anos disso.

"É um acordo pré-nupcial padrão", afirmou Doug. "Você pode discutir com seu advogado."

— Claro que aguenta, meu bem — respondeu minha mãe. — Claro que

aguenta.

Até parece que eu já tinha falado com algum advogado na vida.

— Como? Como é que posso continuar assim?

"É só assinar aqui, aqui e aqui. Prontinho, é só isso."

— Você vai continuar porque precisa continuar.

E então a mesma papelada, a mesma conversa, dois anos depois: "Só um acordo financeiro padrão."

— As crianças vão sair do banho daqui a pouco. Não podem ver a mãe nesse estado, não é mesmo?

"O nome de Caleb, apenas o nome dele, vai estar na escritura da fazenda." Havia uma centelha nos olhos de Doug quando ele me explicou esse pequeno asterisco de nosso acordo de cavalheiros anterior.

— Acho que vou passar mal…

"Claro", falei com serenidade. "Ia sugerir a mesma coisa." Mas minha mão tremia descontroladamente ao assinar meu nome na última folha.

— Pronto, meu bem, pronto. Passou, passou.

Cheguei à porta do banheiro, abrindo-a e fechando-a assim que entrei. Os filhos de Abigail estavam gritando e rindo, jogando água um no outro na banheira, enquanto Clementine estava sentada sem roupa perto de Caleb, do lado da banheira, observando os primos com um sorriso sereno, o cabelo molhado já lavado com xampu e condicionador, penteado para trás. O bebê estava numa cadeirinha de descanso perto do vaso, enfiando a mão por dentro da borda de porcelana. O chão estava escorregadio devido à água. Meu marido — a quem pertencia cada centavo de nossa fortuna e cada metro quadrado desta fazenda — se virou para mim e começou a gritar.

— Ora, ora, ora — falou em voz alta, com seu sotaque do velho oeste. — Você é um colírio para os olhos, dona.

As crianças berraram de alegria.

Uma coisa impossível de imaginar é o que aconteceria se meu marido parasse para pensar nas leis que regiam seu próprio universo: sua esposa era praticamente a mesma coisa que um cachorro de fazenda, considerando os direitos que ela tinha. Mesmo o homem mais gentil e burro pode se tornar cruel e astuto ao se dar conta de uma coisa dessas.

29

— **TEM UMA FRENTE FRIA** chegando hoje à tarde.

Olhei para cima, surpresa. O Velho Caleb está a poucos metros da tina de lavar roupa.

— E deve ser das grandes. Talvez até chegue a nevar.

Atrás dele, a uns seis metros de distância, Mary está batendo o tapete da cozinha no parapeito da varanda. Ela interrompe o que está fazendo ao vê-lo parado diante de mim. Com certeza está pensando o mesmo que eu: *Ele só fala comigo se não tiver como evitar.*

— Vamos precisar levar os animais para o celeiro — continua o Velho Caleb. — E devemos estocar um pouco mais de lenha. Podemos ficar presos nessa neve por um dia ou mais.

Não sei o que responder. Ele não me perguntou nada, então volto a me concentrar na roupa para lavar. Enfio as mãos na água congelante e as observo entrar em ação. Estão tão dormentes que não consigo senti-las; apenas as vejo trabalhando na água com uma espécie de assombro embasbacado. Dava tanto trabalho limpar essas roupas, e para quê? Os meninos vão acabar pisoteando umas poças enlameadas no dia seguinte.

— Nat — o Velho Caleb me chama.

Meus dedos se contraem e dançam sob a água. Engulo a bile que sobe pela garganta. Estava sendo um bom dia, e agora está começando a parecer um ruim. Tiro as mãos da tina, enxugo-as no avental e olho para ele. Pelo canto do olho, noto que a varanda está vazia. Mary voltou para dentro de casa.

— Não gosto de te bater — diz o Velho Caleb. — Você sabe disso.

Fico imaginando uma câmera enquadrando meu rosto. Movo o queixo um pouco, para que a luz capte melhor meu lábio.

— Não queria fazer isso. Você me obrigou. Você estava… histérica. E a armadilha…

Na mesma hora, meu pé enfaixado começa a latejar.

Esse homem. *Meu marido.* Fico imaginando qual das ferramentas do celeiro eu usaria se tivesse que matá-lo. *O machado de cortar lenha seria perfeito*, reflito. Não, a foice. *Mais pessoal*, penso, sorrindo.

— Enfim, estava respeitando seu espaço. Dormindo com os meninos no quarto deles. Queria que descansasse. Mas você parece bem melhor agora.

Seu idiota, digo para mim mesma. *Você interpretou mal meu sorriso.*

— Então — diz ele, desviando o olhar de mim para as montanhas —, esta noite vamos dormir na mesma cama.

Meu sorriso desaparece.

— E não vou aceitar reclamações. Você é minha mulher, eu sou seu marido, espera-se que a gente durma na mesma cama.

Fico olhando para ele. Fico rezando para ouvir, por menos racional que seja, um diretor gritar "Corta". Mas não há nada além do vento soprando no vale e o céu com a cor de pele congelada.

Que pena. Baixei a guarda. Passei tantas semanas com a cama só para mim que comecei a acreditar de verdade que poderia continuar desse jeito. Mas é claro que não é assim que as coisas funcionam.

Cada um tem uma função nessa fazenda. O Velho Caleb cuida dos campos, Noah cuida do cavalo, Abel cuida do pai, Mary cuida da cozinha e de Maeve, Maeve cuida das galinhas… e quanto a mim?

Há alguns dias, eu poderia dizer que meu papel era cuidar da roupa para lavar. Mas, é claro, isso não é verdade. A roupa para lavar é um acréscimo, uma nota de rodapé, uma missão secundária no meio da tarde, para uma mulher que tem muito tempo livre. Era esse, exatamente esse, o meu papel. Abrir as pernas quando meu marido quisesse. Ter o máximo de filhos que pudesse, até minhas pernas começarem a falhar, e sentir apenas gratidão no meu leito de morte. Sorrir enquanto meu espírito se esvai de mim.

Haha. É engraçado pensar como, nos primeiros anos de casamento, eu vivia implorando para que Caleb fosse o tipo de homem que agora está parado diante de mim. O extremo oposto do professor de jardim de infância. Um fazendeiro. Um caubói. Um patriarca. Um homem sem qualquer fraqueza. Desejei, pedi nas orações, e o que Deus fez? Ele me ouviu. Deu o que eu queria. Ele me deu um homem.

"Porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do Corpo."

O Velho Caleb fica me olhando cheio de expectativa. Sinto como se estivesse

sob um holofote enquanto o mundo inteiro espera que eu diga alguma coisa. *Alguém sabe qual é a minha fala?*

Sim, mestre. Como quiser, mestre. Devo erguer a saia e me agachar aqui perto da roupa para lavar, mestre? Gostaria de gozar na minha cara e nos meus peitos, mestre?

Mas esta última piada não funciona, né? Esse homem só quer gozar se for bem dentro de mim para que eu possa — *Deus me livre desse pesadelo* — ter um bebê. Aqui. Neste mundo.

Seco as mãos nas pernas, então olho para ele.

— Quem é você? De verdade.

O Velho Caleb balança a cabeça, olha para o céu, depois torna a olhar para mim.

— Não estou a fim desse joguinho hoje.

Uma voz começa a ecoar baixinho em minha cabeça: *os Estados Unidos odeiam mulheres raivosas. O Senhor odeia mulheres raivosas. Você odeia mulheres raivosas. Não seja uma mulher raivosa.*

Só que estou com raiva. Muita, muita raiva. Com tanta raiva que não consigo deixar de perguntar:

— O que você quer de mim?

— Quero que se comporte como uma mãe e uma esposa — responde o Velho Caleb num tom ríspido, então percebo que ele também está com raiva.

Ele está com tanta raiva quanto eu. É uma percepção assustadora e excitante. O ar estava tão carregado entre nós, que, se você riscasse um fósforo no ar, ele certamente acenderia.

— Bem, talvez eu não esteja mais interessada nisso.

O Velho Caleb ergue a mão no ar. Fecho os olhos. Estou tão pronta para a dor que demoro a me dar conta de que o momento passou. Abro os olhos e o vejo passando a mão no cabelo, agitado. Ele não me machucou de novo, mas sempre pode me machucar de novo, e vai acabar me machucando de novo. Deixo escapar um soluço. Estou farta deste lugar.

— *Por que estou aqui?*

— Você está *aqui* porque é *aqui que você quer estar* — berra.

— Bom, mas agora quero ir embora — grito. — Quero ir para casa.

— Vai para casa então, Natalie. Vai, seja lá onde você pensa que ela esteja. Vê se isso te ajuda em alguma coisa.

Ele se aproxima e cospe, depois seca a boca com as costas da mão. Fica olhando na direção das montanhas, com a mandíbula tensa.

— Se eu tentar ir embora de novo, você vai me impedir?

Ele continua olhando ao longe quando fala:

— Não sou eu quem vai te parar.

Sinto um arrepio. Estou olhando meu marido, esse desconhecido, pensando na floresta, no mundo além dela. Não consigo imaginar o que existe do outro lado.

Mas isso não é verdade.

A verdade, a verdade mesmo, é que neste rancho às vezes tenho uma sensação terrível, como se fosse um fio desencapado no meu peito, de que, se eu pensar muito por bastante tempo, saberei exatamente o que me aguarda do outro lado da floresta, e o terror disso vai me consumir por inteiro.

Senhor, me ajuda, me faça acordar desse sonho…

O vento aumenta, e uma rajada de frio passa pela casa. O Velho Caleb segura o chapéu para que não saia voando. Encolho o pescoço para proteger o rosto da fisgada do frio. Ele tem razão. Uma tempestade está vindo aí.

As nuvens se movem com rapidez no vale. Em um momento, somos apenas eu e o Velho Caleb do lado de fora e um céu azul lá no alto, e no instante seguinte o mundo está cinza, o vento está desfazendo minha trança e as crianças saem de casa como pequenos cata-ventos.

— Vai começar a nevar daqui a pouco — comenta o Velho Caleb, subindo o tom da voz para conseguir se fazer ouvir em meio ao vento. — Traz as roupas para dentro.

Olho para a tina, indignada.

— Mas estão encharcadas.

Ele, porém, já está andando em direção ao pasto. Fico observando, chocada, a vaca e o cavalo trotando até o Velho Caleb na entrada do pasto, ansiosos para serem conduzidos em segurança até o celeiro. Será que toda criatura desta fazenda tem uma noção melhor que a minha das mudanças climáticas deste mundo?

E então Maeve está do meu lado, puxando meu braço.

— As roupas, mamãe.

Enfio as mãos de volta na água congelante, tirando a pilha de tecidos encharcados e torcendo-os da melhor forma possível. Maeve estende os braços, e ponho um pouco de roupa neles. Algumas peças caem no chão, sujando no mesmo instante, e solto um lamento, frustrada. Cato tudo e coloco de volta na pilha. Juntas, carregamos duas levas de roupa para casa, deixando-as próximas ao fogo, para secar. À nossa volta, as outras crianças também se movem apressadas, empilhando lenha, fechando o celeiro e as janelas da cozinha, protegendo-as com

pedaços frágeis de madeira.

Já passei por tempestades nesta propriedade antes. Sei como podem ser intensas. Nos últimos anos até ficamos sem luz algumas vezes, mas o gerador sempre entrava em ação. Agora fico encarando o fogo e lembro que essa é nossa única fonte de calor.

— Tragam mais lenha — grito para as crianças.

Minha primeira ordem sabe-se lá em quanto tempo, que também é completamente inútil, porque elas já estão fazendo isso.

Em menos de uma hora, começa a cair granizo sobre o telhado, como se fosse uma metralhadora. É fim de tarde, mas o céu está tão escuro que parece tarde da noite. Mary está cortando pedaços de pão e passando manteiga neles. Será a janta de hoje. Estou sentada perto do fogo, com Maeve descansando em meu colo. Do outro lado, os meninos estão sentados com as pernas esticadas para aquecer os pés. Abel finge estar segurando um rifle, apontando o gatilho imaginário para o telhado.

— Pá, pá, pá — sussurra. — Tomem essa, selvagens.

Noah fica olhando extasiado. A seus olhos, o rifle de Abel parece muito real.

Enquanto a tempestade continua caindo sobre nossa pequena cabana, fecho os olhos e fico imaginando. Caubóis e índios. Uma grande batalha sangrenta pelas colinas. O Velho Caleb sendo escalpelado por um grande chefe guerreiro. Os meninos assassinados. As meninas e eu sendo levadas para alguma tenda distante, com fumaça saindo do alto.

Reféns. Era assim que descreviam as mulheres naquelas histórias do velho oeste que a gente ouvia quando estava crescendo — *aquelas pobres donas de casa honradas, feitas de reféns pelos selvagens*. Eu costumava adorar. Agora acho engraçado pensar como ninguém reconhecia que aquelas mulheres pioneiras tecnicamente já eram reféns, para começo de conversa.

Horas depois do jantar, as crianças estão em seus aposentos, e o granizo deu lugar a uma nevasca pesada e silenciosa, quando o Velho Caleb entra em nosso quarto, deixando a porta aberta.

Encaro a porta aberta.

— Você não vai… você não quer…?

Ele olha para mim.

— Vai congelar aqui em três minutos, se a gente fechar a porta.

Bom. Acho que as crianças vão ouvir.

Eu me deito na minha — *nossa* — cama, a colcha puxada até o queixo, e fico olhando enquanto ele tira o chapéu de caubói e o deixa sobre a cômoda. O Velho Caleb hesita. Então balança a cabeça, como se estivesse tentando afastar algum pensamento horrível, e começa a tirar a roupa.

Minha mente começa a divagar com o nervosismo. Fico pensando nos reality shows, em vans de produtores e conversas ensaiadas, e sinto um aperto no peito. Que fantasia boba. Aquele objeto preto que peguei no chão e enfiei sob o colchão, que brincadeira de faz de conta patética. Uma tentativa desesperada de me enganar. Esta casa não é um set de filmagem. Não há nenhuma câmera escondida na cozinha, nenhum microfone escondido no colarinho das crianças. Ninguém virá me salvar e me levar de volta para casa. Se eu precisava de mais alguma prova disso, ela está bem aqui, agora, neste quarto: talvez não fosse demorar para um programa permitir que um homem batesse em uma mulher, talvez até permitir que ela caminhasse para uma armadilha, mas ainda não chegamos ao ponto de permitir um estupro.

Embora o que esteja acontecendo aqui, é claro, não possa ser considerado um estupro. Não existe isso de um marido estuprar a esposa.

Ele está sem camisa agora. Sua calça cai, e ele a afasta para o lado. Tira a roupa de baixo. Esse é o corpo do meu marido. Vejo a pinta em sua barriga; o saco levemente inclinado para a esquerda. Tenho familiaridade bíblica com esse corpo estranho. Fecho os olhos e faço uma oração rápida.

Fique comigo, Senhor. Não me abandone nessa hora de necessidade.

Ele se aproxima de meu corpo sob a coberta. Põe a mão em meu quadril. E me vira. E sobe em mim. E me abre.

Você já fez isso inúmeras vezes, Natalie. Não tem por que ter medo.

Só que esse homem está com o pau duro, duro mesmo. Uma ereção completa. O fato de eu estar completamente seca também não ajuda. Das entranhas mais profundas do meu corpo, três palavras emergem, o maior e mais instintivo ato de sobrevivência que tenho a oferecer:

— Eu te amo — digo.

Por cima de mim, meu marido sorri.

Dói. Ele não pergunta o que quero. Não me pergunta se estou bem. Era assim que eu imaginava o sexo quando era mais nova: um homem que toma sem pedir, que me preenche por inteiro, que toma o controle do meu corpo e me manipula por dentro. Sim. Era bem assim. Igual ao rifle imaginário de Abel: terrivelmente real. Ele solta um grunhido, sai de dentro de mim, me vira e me penetra outra

vez, agora por trás. Dou um grito. Estou me sentindo um animal do celeiro, um porco no feno durante o cio, mas é um alívio deixar meus olhos viajarem pelo quarto, à procura de alguma imagem de conforto. As janelas, a parede, a colcha. O ritmo, o som repetitivo — meu dente vibrando na cabeça. Tento me concentrar no formigamento nos dedos enquanto as orações circulam pelos corredores da minha mente.

"*Embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia… Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso… Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno…*"

Ele faz uma pausa, depois dá um tapinha em minha coxa, um comando manual, como se eu fosse um cavalo de confiança. Abaixo a coxa. Ele mete mais fundo. Arquejo. Do nada a dor se torna luz, calor celestial, um amor que nunca senti. O instinto toma conta de mim. Eu me vejo buscando por aquilo, arqueando meu corpo em resposta, erguendo a cabeça numa oração extasiada.

"*Até quando, Iahweh? Até quando esconderás de mim a tua face?… Atenta, Iahweh meu Deus! Responde-me! Ilumina meus olhos…*"

E então Ele me atende. Responde à minha oração, fala comigo. O quarto se enche de luz. Solto um grito pelo choque. O Velho Caleb continua metendo, levando meu corpo cada vez mais perto de Seus braços divinos. É como se um coro ecoasse por meus membros e digo "Obrigada", digo "Ai, Deus, meu Deus", digo "Assim, assim, assim, ASSIM"…

Ai, meu Deus.

Meu Deus!

Eu digo "sim".

Ficamos os dois deitados, marido e mulher, na escuridão congelante. O Velho Caleb está roncando. Estou totalmente desperta, encarando a escuridão, contando minha respiração. Quando chego a cem, eu me sento, afasto a coberta e saio da cama. Fico perto do colchão por um tempo, ouvindo a respiração dele para me certificar de que meu movimento não o acordou. Ele dá uma roncada longa e anasalada.

Eu me afasto da cama, pé ante pé, atravesso a porta e vou para o corredor, fechando a porta ao sair. Então ando apressada pelo corredor até a cozinha, onde o fogo continua, ainda que fraco. Coloco um pedaço de lenha. Com sorte, as

crianças estão dormindo há horas. A casa está num silêncio sepulcral.

Agora que estou sozinha, sou golpeada por uma calma estranha e assustadora. Tive uma revelação… não, não bem uma revelação. Isso implicaria uma percepção nova, e não parece ser o caso. Parece uma verdade que eu sempre soube; como uma memória de infância voltando à tona depois de tantos anos perdida em minha mente.

Estou sob vigilância nesta casa, sim… mas só a Dele. Isso, tudo isso, é um teste.

Meu Criador quer ver do que sou capaz.

Dou um suspiro e caminho em silêncio até a pia da cozinha. Fico observando a neve cair sobre o telhado do celeiro. Está se acumulando depressa. Vai nevar bastante esta noite.

Duvide de suas dúvidas antes de duvidar de sua fé, meu amor.

Às vezes as verdades mais óbvias de nosso mundo são aquelas que acabam sendo soterradas com mais facilidade. *É claro*, o Senhor me colocou aqui, nesta propriedade, com esta família — e, como tudo que faz, Ele me trouxe aqui com uma intenção, com um plano. Boa parte da minha vida foi dedicada a divulgar uma visão nostálgica; uma versão melhor e mais bonita dos Estados Unidos. Uma celebração dos velhos tempos. Agora o Senhor quer que eu sinta a verdade da minha mensagem. Quer que eu aprenda, ouça, melhore, me submeta e…

Bem, não sei exatamente qual é o objetivo final, mas não tem problema. Ele me dirá quando estiver pronto.

Na escuridão da cozinha, rezo com fervor, sussurrando minha gratidão, depois faço o sinal da cruz e me ajoelho. Ergo a camisola e tento tirar de mim o máximo que consigo do Velho Caleb.

Faço duas promessas. A primeira: não vou esquecer a mensagem do Senhor outra vez. A segunda: não vou me permitir engravidar aqui.

Faço qualquer coisa, Senhor. Por favor. Qualquer coisa, menos isso.

Enquanto passo os dedos em mim mesma, a voz da minha mãe ecoa em minha mente, uma canção gentil e amorosa: "O homem pode trabalhar de sol a sol, mas o trabalho da mulher nunca termina, nunca, nunca."

30

NA MANHÃ EM QUE MINHA irmã e minha mãe iam embora, minha mãe quis passear comigo pelos campos. Deixamos Abigail deitada no sofá, emburrada, vendo desenho com as crianças, e mal estávamos na metade da entrada de carros quando ouvi:

— Como você está, Natalie?

Tentei responder com o mesmo grau de afeto.

— Estou bem. E você?

Ela suspirou e parou de caminhar, e, relutante, parei também. Estávamos perto do celeiro vermelho, encarando as montanhas, enquanto ela mexia nervosa na cruz de seu colar.

— Senhor, abençoe as mães com filhas — murmurou.

— Você claramente tem algo a dizer — falei em tom leve. — Então diz logo, por favor.

— Bem. Estou preocupada contigo.

— Está preocupada comigo… *Você* está preocupada *comigo*? Quando a Abigail está lá dentro ameaçando… — Baixei o tom de voz para um sussurro, ainda que estivéssemos a sós. — Simplesmente *se divorciar*?

Ela deu de ombros, impotente.

— A culpa é minha. A forma como criei vocês duas, sozinha, sem uma figura paterna em casa… Pensei que tudo ficaria bem, mas talvez não tenha sido… certo.

Enquanto minha mãe começava seu monólogo, senti que um misto de humilhação e raiva me fizeram sair do corpo. Meu espírito flutuou até o teto do celeiro.

… Preocupada com as crianças…

… não sei por que você está reformando uma casa que já está…

… cuidar de uma fazenda não é algo que se possa fazer tão…

… um homem muito bom, mas temo que ele possa estar….

Foi um monólogo muito difícil de ouvir, e tenho certeza de que também foi difícil para ela proferir. De repente, me peguei chocada e impressionada com o quanto era tudo patético. Tudo, no caso, minha vida. Meus filhos, meu marido, meu lar. O Rancho Bons Tempos. A porra da nossa fazenda idiota.

Por que achei que isso daria certo?

Ela tinha razão, é claro. No fundo, eu sempre soube disso: estávamos falhando no conto de faz de conta. Meu marido não era um John Wayne nato. Eu não era uma dona de casa prendada. Podíamos enganar nossos entes queridos de longe, mas, quando se estava perto, era possível sentir. Havia algo podre no ar.

Enquanto minha mãe continuava, olhei para os campos. À distância, Caleb estava cuidando de sua plantação de abobrinhas. Vegetais inúteis. Dava no mesmo plantar moedas de um centavo. Naquele momento, ele se levantou e acenou alegremente. Minha mãe interrompeu o discurso — alguma coisa sobre a Clementine e o vestido que não cabia, tão triste, é sério que eu não tinha tempo para achar uma coisa no tamanho certo para a pobrezinha? —, e nós duas, polidas como éramos, acenamos com a mesma alegria de volta para ele.

Outro pensamento me ocorreu, o mais alarmante de todos: não seria fácil fazer meu marido desistir. Ele amava a fazenda. Não sentia o cheiro ou, se sentia, não se incomodava. Nunca iria embora, o que queria dizer…

Doug jamais o faria ir embora. Claro que não.

Por meses, fiquei pensando no aniversário de três anos da fazenda, perguntando-me o que aconteceria quando chegássemos lá, se Doug ia parar de nos bancar. Agora eu notava que essa era uma preocupação sem importância. Ele não estava nem aí para o fato de a fazenda dar lucro, não mesmo. Já tinha conseguido o que queria: um cantinho no mundo para onde despachar o filho. Uma pequena cela extravagante. O fato de essa cela soar bem nos discursos era apenas um bônus. Não, Doug nunca deixaria de nos mandar dinheiro. Ele apenas começaria a dar menos, e menos, e menos. O que queria dizer que eu estava presa aqui. Sem ter para onde ir. Sozinha no meio do nada — *que Deus me ajude* — com meu marido e filhos, para todo o sempre, rastejando lentamente para a pobreza.

Comecei a sentir uma pontada de pânico. Voltei os olhos marejados para o céu. *Não havia alternativa, Senhor. Você me trouxe aqui. Você jogou cada migalha. Você não me abandonaria agora, não é?*

— Você está fazendo muita coisa, Natalie — falou minha mãe. — Acho que deu um passo maior que as pernas. Seus amigos também estão preocupados com

você, sabia?

— Amigos?

Nós duas sabíamos que eu não tinha amigos.

— Vanessa. Da corrida? Ela viu o Caleb vendendo legumes na feirinha e foi gentil o bastante de alertar que você não pode fazer isso se eles não forem orgânicos, meu bem.

— Mas eles *são* orgânicos.

— Ela falou que viu um barril de pesticidas no canto de uma das suas fotos.

— *É mentira dela!* — Meu rosto estava tão quente que eu estava quase ofegante.

— Bom, querida.

Minha mãe deu um olhar significativo para algo atrás de mim, me virei e notei um barril de pesticida perto do celeiro. Comecei a arder de raiva — um calor tão intenso e doloroso, que quase fiquei sem ar. Aqueles imigrantes idiotas, malditos. Mexicanos imbecis. Eles nunca limpavam o próprio rastro, não importava quantas vezes eu pedisse.

Não conte para o Caleb, foi o que quase pedi a minha mãe. Meu marido achava que nossos produtos eram orgânicos. Isso era muito importante para ele — aparentemente, mais importante do que ter lucro. Depois da terceira temporada de colheitas ruins, tomei as rédeas da situação. Mandei os trabalhadores usarem pesticida nos campos durante a noite. Falei que era imprescindível que escondessem os barris.

Doug tinha razão. A gente tinha um problema com a fronteira!

— Foi muito legal da parte da Vanessa ter falado isso — continuou minha mãe. — Ela estava preocupada com você. A multa para esse tipo de… confusão pode acabar com um negócio.

— E o que é que você quer que eu faça, mãe?

O que ela queria era o mesmo que esperava de minha irmã: que varresse tudo para baixo do tapete e esquecesse lá.

— Só quero te ver feliz.

E lá estava outra vez aquela palavra sem qualquer significado.

— Claro que sou feliz — respondi, irritada. — Não pareço?

Uma hora depois, Caleb, as crianças e eu ficamos acenando na entrada, durante a despedida, enquanto a única luz de freio que funcionava naquela lata velha de van piscava freneticamente em seu caminho para a colina. Era como se estivéssemos recebendo uma mensagem em código Morse. *Dá-um-jeito-na-sua-vida*. Tive que

conter a vontade de pegar uma pedra e quebrar a outra luz de freio, calando o último esforço de comunicação da minha mãe.

— Até que foi divertido — disse Caleb no exato instante em que Samuel começou a chorar e se debater no meu colo. O pobrezinho estava com fome, provavelmente, ou cansado. Ou constipado, quem sabe? Eu é que não!

— Mamãe, mamãe — chamou Clementine, puxando minha saia. — Mamãe, mamãe.

O choro de Samuel ficou mais alto, um grito agudo que acertou em cheio meu sistema nervoso e reverberou em meu corpo, como quando batemos o cotovelo e sentimos um choque.

— Mamãe. Mamãe. Mamãe.

Olhei para Clementine.

— O que foi?

Ela pareceu surpresa em receber minha atenção. Hesitou, depois declarou baixinho:

— Quero morar na casa da tia Abigail.

Eu podia ter dado um tapa nela. Sério, podia mesmo.

— Enfim, o que tem para jantar? — Caleb perguntou.

— Quero morar com meus primos — continuou Clementine. — Quero brincar de pega-pega.

O mundo estava tão pequeno naquele momento, o ar parecia tão rarefeito, que a sensação era a de que alguém tinha enrolado papel-filme na minha cabeça e estava esperando pacientemente eu sufocar e morrer.

— Mamãe.

— Nat?

— Mamãe. *Mamãe!*

O que a Reena faria?

O pensamento se infiltrou antes que eu pudesse interrompê-lo.

Como alguém igual à Reena reagiria diante de uma humilhação tão grande? Ela provavelmente tomaria uma caneca de vodca, passaria um batom todo borrado ao redor dos lábios e ia correr atrás de um homem que não a desejava. Não era um exemplo muito útil. Mas e as outras meninas do prédio do dormitório que eram mais inteligentes, mas trocavam de namorado de tempos em tempos? As garotas que Reena, sem sucesso, tentou ser?

A resposta caiu dos céus: elas iam fazer um post biscoitando.

Biscoitar (verbo, gíria): uma publicação em rede social, especialmente uma selfie

ou outra foto, cujo objetivo é conseguir atenção sexual, reconhecimento do quanto a pessoa é atraente ou outra resposta positiva. Por exemplo: a foto de uma jovem mulher cristã orgulhosa, magra, parada com sua família na frente de um celeiro de cinco milhões de dólares. Xis!

— Quero outro bebê — falei para Caleb enquanto Samuel continuava chorando, furioso. — E quero tirar uma foto.

Não sei a qual pedido Caleb se referia, e talvez ele tampouco, quando respondeu, confuso:

— Agora?

— Isso. — Estava irritada. — Agora.

Fiquei parada em frente ao celeiro com uma Clementine rabugenta e um Samuel esperneando enquanto Caleb tirava um monte de foto horrível. Cada vez que ele me entregava o telefone, eu olhava desanimada a foto.

— Deixa para lá. — Eu me estressei de vez. — Só… deixa para lá. Eu mesma cuido disso. Pega o bebê.

Fiquei parada ali e tirei trezentas selfies, o bebê berrando e, no fundo, meu marido e minha filha ansiosos ao fundo, como se fossem reféns esperando um pelotão de fuzilamento.

— O que você está fazendo, mamãe? — Clementine repetia sem parar. — O que você está fazendo?

Por fim, berrei:

— CALA A BOCA.

Até Samuel ficou em silêncio. E então só havia o som do vento, o farfalhar das árvores e o grito de uma águia ao longe, enquanto eu pressionava o botão de captura repetidas vezes.

A certa altura, Clementine e Caleb começaram a se afastar. O bebê estava começando a sentir frio, meu marido disse. Foi então que finalmente consegui a foto perfeita: um close-up do meu rosto com a bochecha rosa, sorrindo para câmera enquanto minha família se afastava em direção ao celeiro. Eu parecia… *sim*, eu parecia perplexa com minha própria vida, como se pudesse cair no riso diante de tantas bênçãos, das crianças, de meu marido e do grande celeiro vermelho. Eu parecia outra mulher; minha família, outra família; a fazenda, outra fazenda.

Escrevi uma legenda — Às vezes não consigo acreditar que essa é, juro por Deus, minha vida — e postei.

Foi o dia mais importante da minha vida. O dia em que parei de colocar o

foco em meu marido, minha fazenda, minha família, para me voltar a um velho e querido projeto: eu mesma.

Retornei para casa a fim de fazer o jantar da minha família.

Depois da refeição, eu mesma me engravidei outra vez.

31

HOJE EU E A MAEVE passamos o dia todo costurando chapeuzinhos para as galinhas, *nossas mocinhas*. Não me divertia assim havia sabe-se lá quanto tempo. Fora um ótimo dia.

A manhã começou bem simples: Maeve atrás de mim fazendo uma pergunta enquanto eu escolhia a roupa do dia.

— Você acha que as mocinhas sentem frio no inverno, mamãe?

Desde a primeira nevasca ela tem me perguntado isso. A menina notou como a vaca e o cavalo estão protegidos em suas baias durante a noite, isoladas pelo feno, então perguntou por que as galinhas não dormiam dentro do galinheiro. Eu disse com bastante clareza que as galinhas são burras, que elas *deviam* ficar aquecidas dentro do galinheiro e que, se morressem, a culpa era toda delas. Mas, ainda assim, Maeve continuava me questionando, se preocupando e pensando no conforto daqueles bichos, então finalmente falei:

— Por que a gente não pergunta a *elas* o que elas querem?

Então nos arrastamos pela neve até o galinheiro e indagamos aos animais estúpidos o que *eles* pensavam. Maeve, tradutora de galinhês, confirmou com seriedade para mim que as mocinhas *estavam* com um pouco de frio naquele tempo.

— Bem — respondi, também séria —, acho que temos uma missão pela frente.

Meia hora depois, durante o café da manhã, Mary falou que passaria umas horas fora para pegar açafrão no bosque, e contei a ela sobre nossos planos importantes para as galinhas.

— Vocês só vão fazer isso depois que cumprirem suas tarefas, né? — A mais velha olhou com seriedade para nós duas. — Nada de gastar muito tempo nisso, e *sem* desperdícios.

E então eu e Maeve ficamos na varanda, sua mãozinha segurando firme na minha enquanto observávamos Mary se afastar pela estrada e sumir na curva, deixando um rastro de pegadas na neve. Por um momento senti a garganta apertada. *Por que ela pode se afastar da fazenda assim tão fácil?* E então me lembrei do Senhor, e de Seu direito divino de planejar, e baixei a cabeça num gesto de desculpas.

Apertei a mão de Maeve e ergui as sobrancelhas:

— O que você acha de a gente se divertir primeiro, Maevinha?

Fazer casacos acabou sendo muito difícil. As aves odiavam quando Maeve tentava esticar suas asas para medir o buraco do braço, então acabamos decidindo por chapéus, e agora estamos aqui, sentadas à mesa da cozinha no fim da tarde, dando os toques finais nesses chapéus de inverno (que parecem uma combinação sem graça de boina com chapéu Fedora), quando Mary retorna pela porta da frente, tira a neve das botas e fala:

— Ai, *por favor*, não me digam que vocês passaram o dia todo fazendo isso.

— Está bem! — respondo. — A gente não passou o dia todo fazendo isso.

Dou uma piscadinha para Maeve, que cai na risada.

Mary suspira e parece prestes a dar uma resposta atravessada, mas então: nada.

— Estou quase acabando este aqui, mamãe — Maeve declara num tom alegre, segurando um tecido destruído.

Olho por cima do ombro para Mary, que está parada de um jeito estranho perto do balcão. Observando o nada pela janela da cozinha. Quanto tempo ela ficou fora? Foram bem mais que apenas umas horinhas. Foi praticamente o dia inteiro.

— Você ficou esse tempo todo pegando açafrão, Mary?

Por um momento, parece que ela não consegue me ouvir. Continua olhando pela janela, como se estivesse num transe.

— Encontrei cogumelos também — responde, enfim.

Ela se volta para a bolsa, então para, notando algo perto do pé. Um pedaço de tecido, que recolhe do chão.

— É de um de seus suéteres, Maeve?

— É de um dos meus — falei logo. — Um que nunca uso.

— Ela *nunca* usa — repete Maeve. — É verdade, Mary, a gente jura!

A mais velha aquiesce lentamente com a cabeça e em seguida coloca o pedaço de tecido na pilha de panos limpos no canto da cozinha. Sei o que ela quer dizer — *que desperdício, que falta de bom senso de vocês, cortando isso em trapos para um bicho*

de fazenda —, e é por isso que soa tão estranho quando ela responde para Maeve:

— Tudo bem, minha avezinha. Vou preparar o jantar, e você pode terminar seu trabalho com os chapéus. É muito importante.

Então ela se afasta da gente para se ocupar do preparativo do jantar. De onde estou sentada, consigo ver apenas a silhueta de suas mãos. Estão trêmulas. Ela cerra os punhos e os pressiona contra o balcão.

Algo está errado.

Eu me viro para Maeve:

— Vou ajudar a Mary com os cogumelos um pouquinho.

Deixo Maeve à mesa e abordo Mary.

— E então, como foi a caminhada?

— Boa.

Ela começa a tirar cogumelos da bolsa, fazendo voar um pouco de terra.

— Mary, seu rosto — digo em tom baixo. — Parece que você viu um fantasma.

— E parece que *você* passou o dia costurando chapéu para galinhas — devolve ela. — Parece que nós duas tivemos um dia esquisito.

— Só estou tentando…

— Maeve — grita ela por cima dos ombros. — Vai buscar um balde de água? A gente precisa limpar os cogumelos.

Maeve salta da cadeira e vai saltitando cumprir sua missão, e logo eu e Mary estamos a sós. Ela se volta para mim. Sua respiração está pesada, e ela não consegue me encarar.

— Passei por um bicho, tá bom? Numa armadilha. Uma doninha, acho. Ele estava se… debatendo. Sentindo dor.

— E você o salvou?

— Claro que não — resmunga ela. — Ele estava praticamente morto. Se não morrer com a armadilha, morre com o frio.

Uma lágrima começa a rolar por seu rosto, e Mary a enxuga de modo brusco.

— É só que foi inquietante. Só isso.

Ela é a imagem de uma adolescente sobrecarregada e cansada. Sinto uma centelha de sentimento materno. Eu deveria abraçá-la. Devia puxar sua cabeça para mim, fazer carinho em seu cabelo e dizer: *Passou, passou*.

E então lembro: foi Mary quem costurou minha perna de volta. Ela tem estômago de ferro. Nervos de aço. E eu deveria acreditar que ela se debulhou em lágrimas por causa de uma criatura da floresta esmagada?

Digo, cautelosa, como se estivesse testando algo:

— Não acredito em você.

A respiração de Mary para.

— Você está mentindo para mim. Não é?

Ela não responde nada.

— *Mary*, o que aconteceu na floresta?

Naquele instante, Maeve atravessa a porta carregando um balde cheio de água para nós, derrubando um pouco no chão durante o processo.

— Obrigada, Maevinha — diz Mary.

A mais velha pega o balde e o coloca sobre o balcão. Começa a lavar os cogumelos.

— Mary — tento outra vez.

Ela me afasta e se irrita:

— Dá para sair do caminho, Natalie?

Dou um passo para trás, e mais outro. Ela nunca me chamou de Natalie antes. Por um momento, olhamos uma para a outra, o medo espelhado.

Então os meninos disparam pela porta da frente, e começa um alvoroço: Noah entra falando aos berros sobre batalhas imaginárias, *pá-pá-pá*, Abel fala que o irmão está segurando a espingarda imaginária de forma errada, o Velho Caleb pendura o chapéu no gancho e pergunta o que tem para o jantar, e Mary acaba se envolvendo no caos do momento. Ela não olha para mim pelo restante da noite.

32

O CURSO DE MARKETING PARA redes sociais era ministrado por uma influenciadora chamada Tammy Lane. Ela era mãe, vivia em Salt Lake City, tinha cinquenta mil seguidores e prometeu que ia nos ensinar a como ganhar seis dígitos por mês só com o Instagram. O curso foi anunciado como um intensivão de seis semanas (em letra menor na página de inscrição: *uma chamada no Zoom de uma hora uma vez por semana!*) e custava mil e quinhentos dólares. Pelas minhas estimativas, considerando o número de mulheres que participou da primeira reunião de apresentação no Zoom, dava para dizer com tranquilidade que Tammy tinha batido sua cota mensal.

Na primeira reunião, eu imaginava encontrar uma tela de computador repleta de mulheres como aquelas com quem eu tinha feito faculdade: sagazes, inteligentes e violentamente progressistas. Em vez disso, o Zoom revelou uma galeria de mulheres iguais a mim. Foi a primeira vez que notei que o ramo de influenciadores não era um chamado secular. Quase todo mundo tinha um colar com cruz reluzindo no pescoço, exceto por uma mulher de cabelos cacheados de Nova Jersey, Rachel Weissman, que foi parecendo cada vez mais incomodada ao longo dos primeiros minutos da chamada, até que finalmente desligou a câmera.

A gente sempre rezava no início e no fim de cada encontro. Nos módulos, dezenas de versões minhas me encaravam, com nomes como MamãeJesus e OGOrgânico. Eu não conseguia distinguir se elas eram mais jovens ou mais velhas do que eu, mas notei de cara o tipo de comunidade das quais vinham. Notava em suas apresentações, na maneira como riam, franziam o rosto e choravam no momento certo. Notava pela forma como falavam de suas famílias no minuto que tinham para fazer uma breve apresentação de quem eram. *Oi, pessoal, sou a Natalie Heller Mills. Sou mãe de três e estou com o quarto a caminho! Meu marido, Caleb, cuida de nossa fazenda, que chamamos carinhosamente de Rancho Bons Tempos. Vendemos leite, queijo e legumes exóticos orgânicos. Mas chega de falar de mim! E vocês?*

— Vocês devem se sentir *orgulhosas* de terem feito sua inscrição hoje — disse Tammy no início. — Só de participarem desta chamada já deram o passo mais importante da jornada: o primeiro.

Ela deu uma pausa para deixar todas sentirem o peso da situação.

Tammy era o tipo de mulher que claramente vinha de *berço*. Estava fazendo a chamada em sua cozinha impecável. A cada vez que falava, movia um pouco o notebook para que uma parte diferente do ambiente ficasse em destaque. O *cooktop* de oito bocas; os dois lava-louças em inox. Os balcões reluzentes, as fileiras de recipientes de vidro cheios de pó cuja tonalidade ia do marrom-terracota ao branco-cocaína. De tempos em tempos, ela se aproximava da tela do computador, bloqueando o plano de fundo, seu rosto sem poros brilhando para a gente como um eclipse lunar.

— A coisa mais difícil para uma mãe é priorizar a si mesma. Não é? Senhoras, levantem a mão se não se priorizam há *anos*.

Centenas de mãos se ergueram. Pensei*: Isso é muito cafona, mas também vou levantar a mão e seguir o jogo.* Então me dei conta de que minha mão já estava erguida. Tammy era boa nisso.

De acordo com ela, a maior força do planeta era o poder do Feminino Divino Cristão (*patente pendente!*). Éramos uma fonte de recursos ilimitada; os *verdadeiros* coelhos da Duracell. Tudo que a gente precisava para alcançar nossos maiores sonhos era canalizar nossa própria fonte inesgotável de energia.

— Se você for *fiel* a quem você é de verdade, então as vendas virão com facilidade — continuou confiante enquanto passava os slides de uma apresentação de PowerPoint feita em casa, sem dúvida.

Os slides eram passados com rapidez e pareciam remotamente relacionados ao que Tammy estava dizendo. Uma foto de banco de imagem de uma mulher loira rodopiando num campo florido; um print de uma conta bancária mostrando o saldo de oitenta mil dólares; um desenho de uma pirâmide mostrando a hierarquia das necessidades de Maslow, junto com a imagem de uma mulher de cara fechada na parte inferior da tela.

— Nosso maior medo não é a inadequação — prosseguiu Tammy, os olhos com um brilho psicótico devido à luz da tela do computador. — Nosso maior medo é ter poder demais. — Ela fez uma pausa para dar mais efeito. — Palavras da Oprah.

Os tópicos que Tammy abordava iam rapidamente do conforto à condenação, até chegar ao júbilo. Eu quase conseguia sentir o peso psicológico coletivo de centenas de mulheres tolas tentando lidar com tantas verdades contraditórias em

suas mentes ao mesmo tempo: tudo de que elas precisavam para ter sucesso estava dentro de si mesmas, mas elas também precisavam pagar a essa mulher para alcançar o sucesso, e um ciclo de vendas bem-sucedido nas redes sociais deveria acontecer sem esforço, enquanto dormíamos, mas ao mesmo tempo tínhamos que tomar um pouco do nosso tempo com a família para nos dedicarmos, e o objetivo do curso era lembrar as mulheres de se envolverem mais com seu próprio Feminino Divino Cristão e, simultaneamente, desenvolver algumas habilidades masculinas, meninas. Estava na hora de aprender um pouco de matemática!

Olhei para a tela do computador. Estávamos havia apenas oito minutos na chamada, e algumas mulheres já estavam chorando copiosamente. Enquanto Tammy fazia um monólogo de trinta minutos sobre como usar o poder do Feminino Divino Cristão para alavancar as vendas on-line, eu tentava imitar as expressões das outras mulheres nos momentos apropriados: desconforto, fascínio e alegria contagiante. Estava com dificuldade de entender a resposta correta para cada momento. Tive que segurar a vontade de digitar minhas próprias dúvidas no chat: *Quando vamos aprender sobre as hashtags? Alguém consegue me explicar o* analytics dashboard *do Instagram? Por que algumas das minhas fotos recebem centenas de curtidas e apenas um comentário? Por que sinto uma comichão no rosto quando fico uma hora sem olhar o celular? Por que você é melhor nisso do que eu, Tammy Lane? Por que estou aqui?*

Dois anos tinham se passado desde a visita desastrosa da minha família. Nesse período, dei à luz Stetson, nosso menininho querido. No dia do seu nascimento, eu me inclinei para a frente na cama do hospital e o peguei, guiando sua cabeça de dentro de mim para o mundo. Com o Stetson, não houve puerpério nem meses de depressão, porque engravidei de novo quase que imediatamente depois. *Glória a Deus!*, escrevi na legenda do anúncio da gravidez. Nosso quarto bebê, uma menininha, viria em alguns meses.

Quanto à minha família: o divórcio de Abigail saiu poucos dias após ela dar à luz seu quinto bebê: uma menininha abaixo do peso chamada Kaitlyn. Achei que o significado metafórico de acabar com a sequência de Bs foi um exagero constrangedor, mas minha mãe ficou claramente aliviada. Abigail, seus quatro Bs e sua K estavam morando com ela agora. Dois adultos, quatro crianças e um bebê espremidos em uma casa de três quartos. E como minha irmã estava ganhando dinheiro? Bem. Eu estava certa. Ela não conseguiu um emprego, então acabou virando empacotadora, junto com os adolescentes da cidade.

Não estávamos nos falando naquele momento, o que não era um problema. Talvez fosse até o ideal. Mas também significava que eu precisava dirigir mais

quinze minutos até o mercado do outro lado da cidade a fim de evitar vê-la; também significava que eu estava livre de testemunhar minha irmã destruindo a própria vida aos poucos. Eu era ocupada demais para isso! Ocupada demais lidando com Caleb, com as crianças, com meu perfil de rede social em ascensão que documentava o dia a dia de nossa amada fazendinha. (De acordo com o e-mail de um parágrafo que recebi de Tammy Lane como uma das recompensas por comprar o pacote completo do curso, chamar o Rancho Bons Tempos de "nossa amada fazendinha" tinha sido uma boa decisão. Mais especificamente, era "acessível, íntimo e criativo!")

Agora a conta do Instagram da minha *amada fazendinha* contava com mais de mil *amados seguidores*. Apenas metade deles, pelo que parecia, era de humanos — e nenhum parecia interessado em dizer o que achava da minha *amada fazendinha*. Esses seguidores nunca comentavam em minhas fotos. Nunca mandavam mensagens no privado. Só uma pequena parte estava disposta a apertar o botão de curtir. A sensação às vezes era de estar em minha varanda de cara com um exército silencioso. *O que vocês querem?*, eu desejava perguntar. *Como faço para ativar vocês?*

Eu não fazia a menor ideia. Em pouco tempo, a conta parecia menos uma incumbência interessante e mais uma tarefa necessária, uma coceirinha constante. Se o anúncio de rede social da Tammy nunca tivesse me alcançado, eu teria desistido de vez do perfil. Certamente não teria me dado conta sozinha de que ele poderia se tornar lucrativo. Mas o anúncio chegou até mim. Mais que isso, chegou até mim na hora perfeita: cerca de uma hora depois de uma conversa por telefone com o Doug que eu vinha temendo fazia meses. Ele falou que ia reduzir o financiamento antes de sua campanha presidencial. Nosso dinheiro seria cortado pela metade.

— Esse é o problema da campanha presidencial — comentou em tom amistoso. — Ela pode levar você à falência, se não tiver cuidado.

QUER GANHAR SEIS DÍGITOS POR MÊS APENAS COM SEU PERFIL DE REDE SOCIAL???

Sim. Eu queria. Na verdade, precisava.

Por isso o curso. Por isso minha disposição de pagar mil e quinhentos dólares para a Tammy por um curso que bem poderia ter sido pensado por um aluno do oitavo ano. Por isso minha paciência com Tammy fazendo seu quinto monólogo sobre a luz divina dentro de cada um. Não importava o quanto a achasse irritante

ou genérica, eu tinha que admitir: alguma coisa ela estava fazendo direito. Havia alguma coisa que ela descobriu e que eu, por algum motivo, não consegui. Afinal, ninguém me pagaria mil e quinhentos dólares por conselhos do Instagram.

Após o longo discurso de Tammy no Zoom (ela jurou que a gente ia lidar com *números* na reunião da semana seguinte), nós nos dividimos em salas com dez a doze pessoas para dar nossa opinião sincera sobre a conta uma da outra. Na minha, dez das doze mulheres eram de Idaho, e todas moravam em fazendas. Durante uma hora, nossa mentora, uma jovem chamada Cassidy com vinte mil seguidores — e que eu descobriria, meses depois, que era sobrinha da Tammy — nos guiou numa série de exercícios espirituais para liberar as leoas que tínhamos em nós.

A primeira coisa que fizemos foi compartilhar, numa espécie de rodízio, detalhes de nossa presença em redes sociais. Uma mulher chamada Robin foi a primeira.

— Oieeee, sou a Robiiiin — ela disse num tom alegre. — E tenho uma fazenda de criação de gado.

Um coro de mulheres respondeu em uníssono, como um coro grego de uma peça sobre esquema de pirâmides:

— Oiiii, Robin!

Cassidy exibiu a conta do Instagram da Robin na tela compartilhada, e a gente visualizou coletivamente suas fotos, dizendo o que curtia e o que não curtia. Curtia: fotos espontâneas dos filhos. "Autêntica!" Não curtia: as legendas em que ela falava (*em tom de brincadeira!*) que odiaria as futuras esposas de seus filhos de doze e treze anos. "Cringe!" Curtia: a foto de uma tempestade caindo sobre as planícies combinada com uma passagem da Bíblia sobre o poder de Deus. "Apropriado!" Não curtia: a foto de Robin perto do açougueiro local, ambos sorrindo e cobertos de sangue. "Perturbador!"

— Você está no caminho certo — falou Cassidy, empolgada. — Só precisa ter um foco mais claro em sua mensagem específica. Você me entende?

A expressão de angústia de Robin indicava que *não*, ela *não* entendia o que Cassidy queria dizer, mas já estávamos seguindo em frente para a Ashley Ann, uma mulher de — isso mesmo — Idaho que ajudava seu marido em uma — isso mesmo — fazenda de criação de gado.

— Estou com dificuldades de me *destacar*.

Cassidy, nossa líder adolescente, aquiesceu com ar de sabedoria.

— É a parte mais difícil e mais importante. Você precisa olhar bem para

dentro e se perguntar: o que faz de *mim* alguém tão especial? O que tenho a oferecer que os outros não têm?

— Exatamente — respondeu Ashley Ann, balançando a cabeça em concordância.

— Quero dizer *agora* — falou Cassidy num tom gentil. — Conte agora para a gente o que faz você ser especial.

A chamada do Zoom ficou em silêncio.

— Hum… — começou Ashley Ann.

Estava bem claro que todo mundo na chamada havia se dado conta ao mesmo tempo de que estava lidando com competidoras diretas. Todas tinham algum tipo de fazenda. Todas estavam tentando vender produtos para consumidores on-line.

— Eu sou… engraçada? E gentil?

— Ótimo — respondeu Cassidy. — Então agora tudo o que você precisa fazer é mostrar isso no seu perfil!

— Mas…

— Tenho uma pergunta, na verdade — outra mulher se pronunciou, nervosa. — Alguém já chamou vocês de… parideira?

Cassidy pareceu confusa:

— Tipo, por que vocês cruzam os animais?

— Não, porque temos filhos.

Houve uma onda de desconforto. Pensei no único comentário que recebi na semana anterior, de um usuário anônimo e sem foto de perfil: A propósito, você passa uma vibe de seita.

— Vamos falar dos haters on-line no final da chamada — falou Cassidy com firmeza.

Então ela ficou encarando os rostos, tentando claramente recuperar um senso de autoridade.

— Próxima! Vamos lá… Natalie.

— Oi, pessoal! — falei para quinze rostos tremeluzentes. — Sou a Natalie. Minha conta é RanchoBonsTempos. Estou com pouco mais de mil seguidores e…

Não sei se são pessoas reais. Não sei por que começaram a me seguir. Não sei se eles gostam de mim. Não sei o que fazer com eles. Não sei por que estou aqui.

— … gostaria de conseguir mais engajamento na minha página.

Todas aquiesceram em concordância, empolgadas, uma audiência de galinhas

balançando as cabeças.

Cassidy exibiu minha conta na tela.

— Vamos ver o que temos aqui.

A sala ficou em silêncio enquanto ela rolava lentamente pelas minhas postagens. Havia minha foto sorrindo em frente ao celeiro, depois o Caleb ordenhando nossa vaca leiteira mais recente, depois a Clementine rodopiando nos campos em preto e branco.

— E então, gente — disse Cassidy. — O que achamos?

— Sua identidade está um pouco… dura — começou Ashley Ann.

Eu respondi num tom alegre:

— Como assim?

— Você parece muito cansada — comentou uma mulher.

— Você não parece muito carismática — respondeu outra mulher.

— Melhor usar a palavra *empática* — Cassidy interveio logo. — Ela não parece muito *empática*.

Cassidy parou de rolar a tela e se concentrou em uma foto minha com as crianças, Clementine encostada na minha perna, o pequeno Samuel em um braço, o bebê Stetson no outro. Ela leu a legenda em voz alta:

— O homem pode trabalhar de sol a sol, mas o trabalho da mulher nunca termina.

— Gostei da legenda — comentou Robin. — O problema é que não sei dizer bem o quê, mas tem algo… estranho?

— É o sorriso — declarou Ashley Ann.

— Isso! — Robin exclamou. — É o sorriso. Você não parece estar feliz. Parece uma careta.

Quinze cabeças fizeram que sim ao mesmo tempo.

— Mas é só meu sorriso. É assim que sorrio.

— A questão é a seguinte, Natalie. — Cassidy fez uma careta constrangedora. — Acho que o que a Ashley Ann está dizendo é que parece que você está fingindo.

Ri outra vez, embora parecesse mais uma tosse.

— Ué, mas não é isso que todo mundo está fazendo?

Ashley Ann revirou os olhos.

— Bem, sim, de certa forma, mas não é para ser tão óbvio — respondeu ela, olhando para Cassidy em busca de aprovação. — Não é?

A jovem monitora aquiesceu com seriedade.

— As emoções precisam parecer *completamente genuínas*. Por que não pratica

um pouco na frente de um espelho? Pode parecer besteira, mas funciona. Você não tem ideia de como parece para os outros.

— Mamãe?

Eu me virei. Clementine estava parada no batente da porta. Seis anos, com sua mantinha agarrada na mão. Olhos pretos e atentos. Boca pequena e corada como um botão de rosa.

— O que você está fazendo?

A chamada no Zoom tinha acabado. Era tarde da noite. Caleb estava em seu escritório no celeiro, sentado na frente do computador, e eu… bem.

— Estou treinando para ser mais carismática.

Clementine se aproximou do espelho, olhando para o próprio reflexo:

— O que é carismática?

Eu a coloquei diante de mim para que uma pudesse ver o reflexo da outra no espelho. Pela milésima vez, fiquei chocada com quanto a gente se parecia, até mesmo na cara emburrada. Senti uma pontada de irritação. *Você não tem ideia de como parece para os outros*.

— Você já é uma mocinha, Clementine. Precisa aprender a sorrir.

— Por quê?

Tive que conter a vontade enorme de apertar suas bochechas com os dedos e puxar o canto de seus lábios para cima.

— Porque isso faz com que as pessoas se sintam seguras, amadas e bem. Não quer que as pessoas se sintam seguras, amadas e bem?

Ela hesitou, então fez que sim com a cabeça.

— Então, vamos lá. Tenta sorrir.

Ela tentou. Foi horrível.

— Quase isso, mas tem que transparecer nos olhos também. Assim.

Então mostrei para ela o que eu tinha aprendido.

33

MARY TEM ANDADO ESTRANHA A semana toda, e, como resultado, a fazenda inteira está de pernas para o ar.

Numa manhã, o café atrasa em uma hora. O Velho Caleb batuca com os dedos na mesa, impaciente, enquanto a mais velha, que dormiu até tarde, prepara os ovos casualmente, de camisola e cabelo sem tranças. Em outra, ela só acorda bem depois do horário.

— Estou cansada — resmunga e me dá um tapa na mão quando tento tirá-la da cama.

O clima está pesado. O pavio de Mary, que costuma ser enorme, exceto comigo, agora parece curto por qualquer inconveniente. Ela briga com os meninos por trazerem lama para dentro de casa, mesmo sendo algo que fazem todo dia. Briga com Maeve por cantarolar, mesmo que a menina cantarole todo dia. Quanto a mim, sou completamente ignorada. Ela mal me dirigiu a palavra desde o dia em que me chamou de Natalie. E, sempre que o Velho Caleb está em casa, o olhar dele oscila entre mim e Mary. Esse homem fica observando
o pavio curto dela, a maneira irritada como a adolescente corta as batatas para o jantar, e então começa a me encarar, e é como o baque de uma bigorna caindo. Sei o que está pensando. *Faça alguma coisa.* Mas o quê?

Foram cinco dias passando por isso. Então, numa noite após o jantar, estou sentada junto ao fogo com a Maeve quando vejo pelo canto do olho: Mary, toda enrolada num cobertor, andando em silêncio pela cozinha e saindo pela porta da frente.

Abel pergunta:

— Aonde você vai?

— Vou sair. — Simples assim: *vou sair.*

Como se fosse uma adolescente prestes a subir no banco de trás do carro de

alguém, ela fecha a porta quando sai. Ao longe, através da madeira e do vidro, ouço o som da varanda rangendo sob seus pés.

— *Hunf*! — Noah resmunga.

— *Mulheres* — completa Abel, e os dois meninos balançam a cabeça.

— Vai falar com ela — ordena o Velho Caleb para mim.

Olho incomodada para ele:

— Por que *você* não fala com ela?

— Isso é coisa de mulher. Anda.

Quando saio de casa, vejo Mary sentada nos degraus, a silhueta envolta pela coberta, o rosto calmo e pálido como os campos cobertos de neve, que quase parece azul sob a luz da lua.

Eu me sento a seu lado. Estou de casaco, mas ele está remendado e puído, e logo o frio começa a penetrar meus ossos. A temperatura deve estar abaixo de dez graus negativos.

— Anda, me fala.

— Falar o quê?

A condensação de respiração preenche o ar entre nós.

— Conte para mim o que você está pensando.

Ela fica quieta por um tempo. Depois responde em voz baixa:

— Alguém já mentiu para você?

Fico refletindo sobre a pergunta, que me dá a sensação de uma camada fina de gelo sobre a água. Qualquer movimento em falso, e nós duas poderíamos cair.

Penso na minha mãe, sentada na beira da cama do hospital quando eu estava com vinte anos. *Você vai voltar a se sentir você mesma em breve*. Jovem. Eu era tão jovem naquela época! Jovem o bastante para acreditar que minha mãe estava dizendo a verdade. Mas era mentira, né? Ela sempre mentia. Só que não a culpo por isso, nem por esperar sempre até o último minuto para me contar um segredo. Faz tudo parte de um jogo decisivo, certo? Não, não é apenas um jogo. É aquele fio longo e dourado de insinceridade que une toda a raça humana: um acordo compartilhado entre as mulheres para viverem insistindo em conversas infindáveis que essa coisa para a qual passamos a vida toda nos preparando — essa coisa para a qual *nascemos* — nem de longe é o que achávamos que seria. E sabe qual é a verdade por trás de tudo? A água sob a camada fina de gelo? É que nunca acaba. Você não supera isso com a idade. Sua mãe mente para você, e você mente para as suas filhas, e suas filhas vão mentir para as delas, e então você é uma idosa, recordando a própria vida, mentindo para si mesma. Uma vida de afogamentos, aí

você morre.

— Todo mundo mente — argumento.

— Por quê? Por que todo mundo precisa mentir?

Estou prestes a responder quando noto algo tremeluzir. Não é apenas da respiração. O rosto de Mary está brilhando, quase fluorescente sob a luz da lua, seu cabelo flutua no ar ao redor de seu rosto, e é então que me dou conta: Ele está aqui.

Sinto um calafrio. *Olá, Pai.*

Sinto Sua presença na varanda. Eu O vejo nela, falando comigo. Está acontecendo: o teste.

Tudo começa a fazer sentido. A caminhada na floresta, o rosto de Mary estranhamente pálido, como tivesse uma visão extasiada — *como se uma força divina tivesse tomado seu corpo* —, e aquele momento estranho em que ela me chamou de Natalie, e como ela parecia apavorada, como se não tivesse controle do que falava.

O Senhor me visitou através de Mary.

Começo a pensar com cautela. *Por que é inevitável que as pessoas mintam?* Em teoria, a postura cristã seria dizer que as pessoas não devem mentir, mas *isso* por si só já parece mentira. Por exemplo: se minha mãe não tivesse mentido para mim sobre a maternidade, eu talvez jamais tivesse tido filhos. E isso não seria um pecado maior que o dela ao mentir para mim?

O Senhor me encara intensamente agora. Ele tem pontinhos cor-de-rosa causados pelo frio em Suas bochechas, ou talvez por Sua intensidade de sentimentos.

Responda, filha, Ele fala.

As palavras me escapam da boca como se alguém estivesse puxando uma corda.

— As pessoas mentem por diversos motivos. Mentem para machucar os outros, para ajudar e às vezes mentem porque não conseguem suportar a verdade.

O Senhor está me observando de perto agora. Sinto o calor de Seu amor em meu rosto.

Continue, filha, Ele diz. *Continue falando*.

— Não é certo mentir, mas o fazemos mesmo assim. Essa é a natureza do pecado. É por isso que nos confessamos, e o Senhor perdoa nossos pecados. Somos imperfeitos e apenas sob a luz de Sua graça podemos algum dia nos tornar inteiros.

E você tem algo a confessar, minha filha?

Um medo gelado e sombrio toma conta de mim. Faço que sim com a cabeça. Estou tremendo quando sussurro:

— Senhor, me ajuda, tenho tanta coisa a confessar.

Bem, vá em frente. Confesse.

Abro a boca, e sai um som sufocado.

Tente outra vez, filha.

— A Shannon — consigo falar. — Caleb. Meu sogro, aquele maldito, e *Clementine*…

As palavras saem de mim numa velocidade nauseante, e então me vejo vazia, vazia e com frio, e a luz ao redor de Mary se vai. Seu rosto parece opaco e sem vida, sua boca tensa e triste. Ela parece menos uma menina e mais uma fôrma de menina feita de argila.

— Clementine — repete ela após um momento. — Você acabou de dizer… Clementine?

O Senhor se foi. Estou sozinha outra vez, sentada na varanda ao lado de Mary, que me encara com uma expressão estranha de urgência no rosto. Penso em contar a verdade. Mas, em vez disso, respondo:

— Não.

— Falou, sim. Você falou Clementine. — Ela projeta o corpo para a frente, com uma expressão quase de dor. — Quem é essa? Clementine?

— Eu não disse nada. — Fico irritada.

Mary recua como se tivesse tomado um tapa. Ficamos nos entreolhando. Ela parece estar cogitando se me pressiona e pergunta outra vez. No lugar, porém, treme e se levanta, encarando a escuridão da floresta por um bom tempo. Então volta para dentro de casa, sem dizer mais nada.

Eu me levanto também e sigo essa filha que não é a minha, essa adolescente que também é minha mãe, minha raptora, minha salvadora, neste mundo frio e inclemente.

34

— OI, PESSOAL — DIZ Reena em voz alta. — Não costumo curtir esse tipo de coisa, mas queria compartilhar com minha comunidade que infelizmente perdi o emprego nessa última leva de demissões na área de consultoria e agora estou buscando uma nova oportunidade.

Eu estava sentada à mesa da cozinha quando seu vídeo apareceu no meu feed. Enquanto ela prosseguia falando do estado da economia, fiquei me perguntando vagamente se tinha aplicado botox. Parecia o estereótipo da mulher moderna: sem poros, com lábios desenhados e voz estridente. Deve ter usado um filtro no vídeo. Sua pele estava muito bege; seus dentes, muito brancos. Sua positividade era tão falsa que cheguei a sentir uma pontinha de empatia por ela. Pobre e idiota Reena. A idade não lhe trouxe sabedoria. E a culpa era toda dela.

— … então, se alguém tiver alguma indicação, por favor, me avise! Estou morando em Nova York, mas voltaria feliz para a Costa Oeste pelo trabalho perfeito.

Que constrangedor! Quanto desespero expor seu fracasso on-line dessa forma! Fingir que estava numa boa com o rumo de sua vida, quando claramente queria se trancar no banheiro e gritar em…

Parei.

Eu e Reena não éramos parecidas.

Não. Com certeza, não.

O que *ela* estava fazendo — quase implorar pela atenção e dinheiro dos outros — era degradante, uma completa humilhação, e o que eu estava fazendo era…

Larguei o celular no balcão. Sorri para meus filhos.

Olhando em retrospecto, parece obra divina que o dia em que Reena anunciou ter perdido o emprego dos seus sonhos foi o mesmo em que eu enfim fui contratada, digamos assim, no meu trabalho dos sonhos.

Eu e Reena estávamos com vinte e seis anos. Eu tinha três mil seguidores e estava grávida de nove meses do meu quarto bebê. Clementine estava sentada quietinha na outra ponta da mesa, desenhando. Seus irmãos estavam brincando em uma colcha aberta no chão da cozinha; Samuel, com dois blocos de montar nas mãos, batendo um no outro de tempos em tempos; e o bebê Stetson deitado de bruços e levantando a cabeça de tempos em tempos, como um lagarto velho e sábio.

Então Caleb escancarou a porta, deixando entrar uma rajada de ar primaveril.

— Anda, vem logo!

Suspirei.

— O que foi dessa vez?

Estávamos nas nossas quinta e sexta vacas leiteiras. Caleb tinha decidido recentemente que elas viveriam mais se estivessem em pares, mas, a julgar por sua expressão, imaginei que uma ou ambas estivessem mortas.

— Não é isso — bufou ele. — É… e *nós*… e *você*…

— Pelo amor de Deus, Caleb. Respire um pouco. Você vai assustar as crianças.

— Só *vem logo para o celeiro*.

Eu disse para Clementine:

— Fique de olho nos seus irmãos até eu voltar.

— Não, mamãe — recusou ela no mesmo instante. — Também quero ir.

— Na próxima vez — prometi enquanto calçava meus sapatos.

Caleb desceu a colina apressado, voltando-se para trás de tempos em tempos:

— Anda logo!

— Estou indo o mais rápido que posso. — Fiquei irritada ao me arrastar sem fôlego atrás dele.

Nossa menininha, Jessa, podia nascer a qualquer momento.

Fazia mais de uma semana que eu não ia ao celeiro, e fiquei feliz de ver que ele estava limpo. No fim das baias, um mexicano mais velho estava varrendo o chão. Outro escovava um cavalo marrom e branco enorme. Enquanto Caleb caminhava depressa pelo corredor até o escritório, perguntei:

— Caleb, de quem é esse cavalo?

— Nosso — respondeu. — Comprei um dia desses.

— *Você comprou um cavalo?*

— Não temos tempo para isso! *Anda*!

Entrei no escritório de Caleb e parei.

— Ai, Caleb… você não fez isso.

O lugar era do tamanho de um almoxarifado — provavelmente já tinha sido um —, mas agora estava repleto de coisas tecnológicas que eu associava a adolescentes. Três monitores grandes, espremidos em uma mesa pequena no canto. Caleb estava agora sentado à mesa, tentando liberar rapidamente a outra cadeira para me dar espaço.

— Depressa. Sente-se aí, antes que o bloco acabe.

Eu me sentei, ainda assimilando o entorno com um buraco no estômago. Uma imagem surgiu em minha cabeça: Caleb chamando um dos trabalhadores até seu escritório para uma "conversa de negócios", tentando parecer severo em meio a seus brinquedinhos chiques.

— Esse cara está falando da sua conta há quase dez minutos.

Acompanhei o olhar do Caleb para o monitor do meio, onde acontecia uma transmissão ao vivo. Em um lado da tela, um homem corpulento, com uma barba comprida, estava sentado diante de um microfone enorme. Do outro lado da tela… eu. Sorrindo. Sobreposta em sua tela.

Meu marido apertou a barra de espaço, e o som ecoou pelos alto-falantes.

— … *esse* é o tipo de mulher que vai fazer nossa nação voltar aos trilhos. Não essas mulheres da cidade com essa palhaçada de igualdade entre os sexos. Não. Essa é uma verdadeira e tradicional esposa Ariana.

Ele mostrava minhas fotos do Instagram, criando um efeito de páginas de livro passando e meu rosto sorrindo sobre toda a fazenda. Eu em frente ao celeiro, eu diante de uma batedeira, eu sentada na varanda, acariciando minha barriga de grávida.

— Cara, se mais famílias americanas fossem como essa… pensa só. Celebrar a família nuclear, em vez de diminuí-la. Valorizar os papéis diferentes e igualmente importantes do marido e da mulher, em vez de ficar o tempo todo questionando. Comer produtos locais, trabalhar a terra, espalhar os bons valores cristãos. — O barbudo começou a rir, animado. — Sério, estou dentro! Vamos falar mais disso depois de um pequeno anúncio dos nossos patrocinadores.

Eu sumi da tela, dando lugar a uma imagem de três potes de proteína em pó. Enquanto o homem lia um script — "CardioChocoBum comprovadamente aumenta sua massa muscular em seiscentos por cento" —, eu me virei para Caleb e perguntei:

— O que está acontecendo?

— Esse é um dos programas diários mais populares da internet. É uma coisa *muito* importante, e ele achou sua conta graças a mim. Sabe meus amigos da internet?

— Claro que sei.

"Os amiguinhos da internet", repetiu minha mãe perfeitamente, resumindo a palestra de quarenta minutos de Caleb. "Machosfera." Aquela mulher tinha a paciência de um santo.

— Então, *esse cara* é um deles! Eu não fazia ideia, porque todos os nomes de usuários nos fóruns são anônimos, mas ele estava lá! O tempo todo! Conversando comigo e com os outros caras como se fosse uma pessoa comum! Acredita nisso?

Olhei outra vez para o cara barbudo, que parecia uma pessoa bastante comum para mim.

— E você falou de mim nos seus… fóruns?

Caleb fez que sim com a cabeça, entusiasmado.

— Falei sobre nosso rancho e compartilhei uma foto do seu perfil. Aquela do oitavo mês de gravidez, sabe?

Concordei com a cabeça. Aquela foto gerou bastante engajamento na minha conta. Algumas centenas de curtidas, alguns comentários animados e genéricos sobre fazenda, vindos de outras contas igualmente animadas e genéricas sobre fazendas. #vidademãegrávida

Caleb pareceu notar que eu não estava processando essa informação como ele esperava, então disse outra vez:

— Natalie, isso é uma coisa enorme. Esse cara tem *muitos milhões* de inscritos. Aposto que você já deve estar ganhando centenas de novos seguidores.

Peguei o celular no exato instante em que o cara barbudo voltou do anúncio.

— Então, como eu estava dizendo — retomou ele, mas acabei não ouvindo o restante da frase, pois tinha acabado de ver meu número de seguidores: dez mil.

— O que cada homem precisa para fazer *seu* trabalho é uma esposa que faça o trabalho *dela*. Essa aqui, a Natalie Heller Mills? Essa é uma esposa que faz a parte dela. Quer dizer, olha só para ela. Fazendo o próprio pão, ordenhando as próprias vacas, mantendo as crianças *saudáveis, seguras* e *cuidadas*…

Atualizei minha página outra vez: quinze mil seguidores.

— Olha só como essa mulher trabalha sem parar. Olha como ela parece exausta e bonita. *Isso*, amigos, é o verdadeiro sonho americano. Não aquela rodinha de hamster horrorosa das cidades. Não se deixem enganar pela imprensa…

Finalmente encontrei minha voz:

— *Caleb.*

Ele olhou para mim e lhe entreguei o celular.

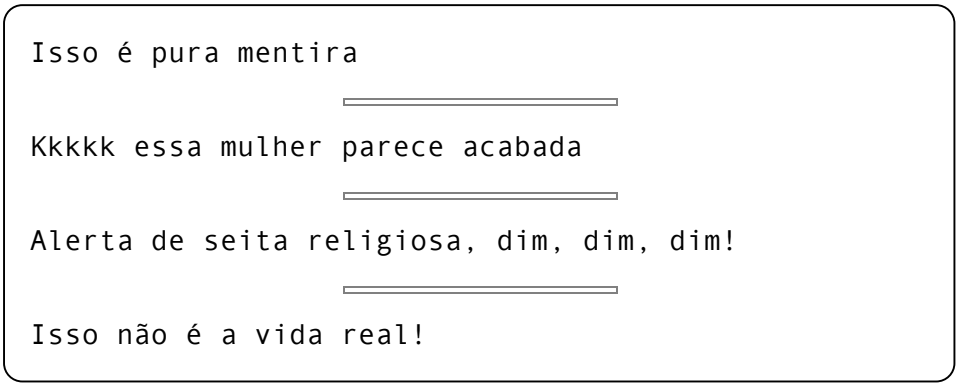
— Puta merda — sussurrou meu marido.

Vinte mil seguidores.

Enquanto Caleb atualizava a página de novo — vinte e dois —, de novo — vinte e quatro — e de novo — vinte e oito —, eu estava começando a processar o que aquele homem tinha dito. *Exausta e bonita*: eu parecia exausta? E por que isso era algo positivo? E ele tinha dito que eu fazia nosso pão do zero? Eu podia contar nos dedos da mão o número de vezes que tinha feito isso ao longo da vida. A imagem que postei no perfil, de um pão de fermentação lenta, era de um que tinha comprado no mercado. Ele estava falando agora da minha cozinha, declarando que eu não usava micro-ondas porque eles eram radioativos e causavam câncer. Pensei no micro-ondas em nossa despensa, feio, escondido, e sussurrei:

— Acho que houve algum mal-entendido aqui.

Ao longo das vinte e quatro horas seguintes, ganhei mais de trezentos mil seguidores. Estava tão chocada com o número que levei um bom tempo até me dar conta de quantos deles eram raivosos.



Tomando café no dia seguinte, Caleb e eu rolamos os comentários em silêncio.

— Uau — disse ele finalmente. — Quanta mulher raivosa!

35

HOJE É O ANIVERSÁRIO DE treze anos do Abel. O dia em que ele se torna homem. Nós nos reunimos em volta da mesa e cantamos para ele. Ele não ganha nenhum presente. Parece tímido por ser o centro das atenções.

— Agora você já é um homem — declara o Velho Caleb.

Mas não é verdade. Sua voz ainda não mudou. Eu ainda sou um palmo mais alta do que ele.

Juntos, comemos ovos e biscoitos, e as crianças ficam tentando adivinhar o tipo de homem que Abel será:

— Corajoso! — Noah diz.

— Gentil — corrige Mary.

— *ENORME!* — Maeve berra.

Todos começamos a rir neste momento.

Depois do café da manhã, o Velho Caleb fica olhando para Abel.

— Está pronto?

Abel parece apavorado. Ele engole em seco e faz que sim com a cabeça.

Mary, Maeve, Noah e eu ficamos parados na varanda, observando em silêncio enquanto Abel e Caleb descem a colina lentamente. Abel já é velho o bastante agora para…o quê? Só o Velho Caleb sabe. O restante das crianças só repete o que ele falou para o menino. Os dois estão a caminho da *floresta mais afastada*. Estão indo para *toda parte*.

O que penso: *É fácil ir para toda parte quando é você quem coloca as armadilhas*.

— Boa sorte — grita Noah para o irmão, quando ele e o pai estão quase desaparecendo.

Abel se vira para gritar algo de volta, mas então o Velho Caleb põe o braço em seus ombros, guiando-o em frente, e logo ambos estão longe, fora de vista, a caminho de um lugar para onde apenas os homens podem ir.

Confia no Senhor, lembro a mim mesma. Por fora, estou sorrindo. Por dentro, estou me sentindo exatamente como Noah parece se sentir agora: inconsolável por ter ficado para trás.

— Bem, que manhã empolgante! — exclama Mary, que se volta para Noah e completa num tom gentil. — Logo será sua vez, sabia?

— Não vai nada — responde ele. — Vai levar anos e mais anos.

— Quando será a *minha* vez? — Maeve pergunta.

— Nunca — resmunga Noah, irritado, e agora o rosto de Maeve também murchou.

Eu me viro para as crianças e pergunto:

— O que vocês acham de fazermos algo divertido hoje? A gente pode catar umas flores, brincar de caubói e índio, ou… — Olho em volta à procura de inspiração.

O que as crianças pioneiras faziam para se divertir? Meu olhar encontra o cavalo, parado na sombra mais afastada do pasto.

— E o cavalo? Por que vocês não se revezam e andam a cavalo?

— Catar flor é coisa de menininha, e cavalos não foram feitos para serem montados — fala Noah, exasperado. — Você não entende de nada?

Começo a rir, confusa:

— Como assim, cavalos não foram feitos para serem…

Ele berra em resposta:

— Você não sabe de nada!

— Noah! — Mary diz em tom ríspido, antes que eu consiga responder. — Isso não é maneira de falar com sua mãe.

— Mas ela é uma inútil — grita o menino. Sua cara está vermelha, e ele parece desesperançoso. — É uma péssima mãe!

— Noah. Chega! — Mary parece prestes a dar um tapa nele.

Toco o ombro da mais velha e digo:

— Sério, está tudo bem. Estou bem.

Para Noah, falo com gentileza:

— Quer me ajudar a fazer um pão?

— Não! Isso é trabalho de mulher!

Mary se aproxima de Noah para repreendê-lo ou reconfortá-lo, mas ele se afasta. Parece ainda mais chateado. As lágrimas descem por seu rosto.

— Vocês são um monte de *mulheres estúpidas!* — vocifera ele, então desce correndo os degraus da varanda e vai para o celeiro.

— Deixa ele — fala Mary.

Horas mais tarde, quando o jantar está pronto, Mary vai até o celeiro. Surge com Noah nos braços, tão encolhido que parece ainda menor. Ele está coberto de feno e dormindo profundamente. Fico parada perto da pia, observando pela janela enquanto ela o carrega lentamente até a casa.

O sol está se pondo. Os homens ainda não voltaram.

36

O SUPORTE DE IPHONE QUE eu tinha comprado na Amazon não prestava. Ele devia ficar firme em qualquer superfície, um tripé dobrável com uma haste de arame parecida um tentáculo de polvo, feito para poder ser mexido de um lado para o outro e fazer foto de qualquer ângulo. O acessório perfeito para todo influenciador sério, a embalagem dizia, exceto pelos pés de plástico que deviam manter o tripé estável, mas eram muito frágeis, e pela perna do polvo, que não tinha força suficiente para manter o telefone parado. Então, toda vez que eu finalmente conseguia posicionar o aparelho direito, ele caía no chão assim que eu começava a picar a primeira cenoura. Se quisesse que ficasse firme, precisava colocar dois livros de culinária de cada lado. Isso costumava resolver o problema.

Eram cinco e meia da manhã. Eu já estava de pé havia duas horas. Tinha secado o cabelo e depois feito uma trança volumosa e bagunçada de propósito. Levei vinte e cinco minutos passando maquiagem; dominei um tutorial do YouTube de como conseguir uma pele naturalmente linda. Enquanto cortava os vegetais, mantinha a expressão o mais agradável possível, tentava me lembrar de não virar o corpo para a tábua, e me concentrava em respirar. Essas tinham sido lições difíceis. Na primeira tentativa de fazer um vídeo cozinhando, semanas antes, gravei cerca de sete horas até me dar conta de que parecia estar de cara amarrada e macilenta. Podia quase ouvir a voz enjoada da Ashley Ann: *Não está muito carismática, Natalie. Tenta outra vez!*

Fazia três meses que o sujeito barbudo tinha mostrado minha conta no seu programa. Estávamos com um milhão de seguidores. *Uau*. O crescimento foi tão brusco que o ar no Rancho Bons Tempos parecia até mais rarefeito. Como se tivéssemos literalmente nos elevado com todos os olhos em nosso *cantinho do mundo*.

Por que eu?

Era essa pergunta que ecoava em minha cabeça toda manhã quando eu

acordava e me preparava para encarar uma audiência do tamanho da população de uma pequena nação; quando eu percebi que eles queriam conteúdo em vídeo, além das imagens; quando descobri que meus vídeos não estavam à altura; quando colocava as crianças na cama e depois continuava acordada até três da manhã, lendo tutoriais sobre como fazer as coisas direito; quando passava horas navegando na internet, procurando uma receita para copiar; quando lembrava, de novo e de novo, que falhar não era uma alternativa. *Por que eu?*

Bem. Era como Doug dizia: um bom político não muda sua maneira de fazer política, só a mensagem.

Uma boa influenciadora não muda quem ela é, só muda o formato. E, enquanto Tammy Lane, Cassidy, Ashley Ann, Robin e todas as outras mulheres idiotas não tinham entendido o segredo do formato perfeito, o barbudo com certeza tinha. No dia em que fez aquela transmissão ao vivo, deu um intensivão de marketing que não tinha preço: ele me ensinou como me vender e, de quebra, ainda ensinou a audiência a como me amar.

Isso me fez pensar em algo que eu tinha lido anos antes, na época da faculdade, na noite após meu encontro com Caleb no restaurante italiano. Os copos gelados de água, aquela massa trufada. O sabor mais estranho que eu já tinha sentido. Horrível e, ao mesmo tempo, de fazer a boca salivar.

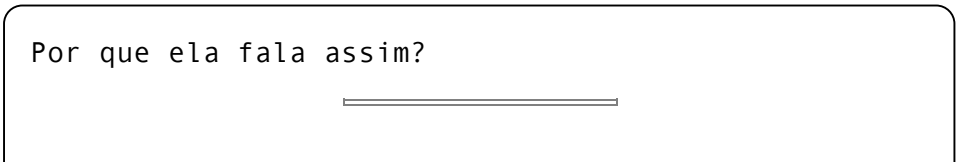
— Confia em mim — disse Caleb ao notar minha confusão. — Você vai aprender a gostar, e aí vai ficar obcecada.

Naquela noite no meu quarto, entrei na internet e aprendi sobre os porcos que eram treinados para procurar aquelas iguarias na natureza. O cheiro era tão viciante para eles que os deixava quase loucos.

As pessoas, ao que parece, não são tão diferentes dos porcos. Uma vez que descobrem que algo podre pode ser comido, vão comê-lo e ficar viciadas. Vão deixar isso enlouquecê-las.

Aquele barbudo? Foi a primeira pessoa a sentir o cheiro podre de nossa fazenda e chamar de iguaria. Aqueles fazendeiros do Rancho Bons Tempos, com a mãe cansada e o caubói bobo e sorridente? No fim das contas, não estavam podres: eram uma versão perfeitamente fermentada dos Estados Unidos.

"Uma delícia", o homem barbudo anunciou, e todo mundo veio correndo na minha direção com garfos.



sério mesmo, quando essa mulher dormeeeee

---

estou obcecada por você

---

não acredito que tem um monte de idiota acreditando nessa palhaçada que essa mulher tá vendendo

---

queria que minha vida fosse metade da perfeição que é a dela!!!!!

O objetivo de um influenciador não é ser agradável nem insuportável. O objetivo é ser as duas coisas ao mesmo tempo. Em outras palavras: viciante.

Essa foi a primeira das muitas lições que aprendi desde o dia em que viralizei. Uma outra lição? As mulheres raivosas, como Caleb as chamava, eram sobrecarregadas e mal remuneradas. Aprendi isso após muitas noites em claro fazendo pesquisa demográfica, clicando em centenas de perfis de seguidores, observando onde viviam, sobre o que postavam, quem alegavam ser. O que descobri: quase todas as mulheres tinham uns empregos horríveis, filhos ranhosos e maridos derrotados. Em algumas ocasiões, eram solteiras e viviam choramingando, deprimidas. Seja como for: essas mulheres queriam que os conteúdos que seguiam fossem superficiais e agradáveis, o oposto da vida que levavam. Essas mulheres queriam — não, elas *precisavam* — que eu fosse perfeita. Afinal, quanto mais apertada a costura, mais gostoso era desmanchá-la.

Ao mesmo tempo, as mulheres raivosas diziam que queriam *honestidade*, ou ao menos uma ilusão disso, o que na prática significava: uma mulher perfeita fazendo a refeição perfeita e de vez em quando derrubando um pouco de farinha, *opa!*; uma mãe coruja, com uma dúzia de filhos, sorrindo com expressão exausta e feliz enquanto a filha metia o dedo na tigela de cobertura, *tão querida*; uma esposa paciente revirando os olhos, cheia de adoração pelo homem que acabou de encher de terra o chão recém-lavado, que batia nela ou a repreendia ou falava mais alto até que ela se calasse. *Miau. Maridinho!*

sério mesmo, os filhos dela reclamam de alguma coisa?

@RanchoBonsTempos, onde você comprou esse vestido????

Não consigo dizer se o marido dela é um psicopata ou não kkkk

💀💀💀

Uma terceira lição: quanto menos uma mulher falar, melhor. Essa, devo admitir, eu já sabia.

Olhei para a câmera no momento certo, e dei um sorriso cansado e intimista para a lente. Terminei de picar os vegetais, coloquei todos numa tigela de cerâmica e soltei um suspiro exagerado de realização. Fiquei longos três segundos parada naquela posição. *Um, dois, três*. Isso facilitava os cortes do vídeo. Também ajudava a relaxar brevemente o rosto, era um momento para suavizar a expressão e deixar os olhos descansarem. Como se estivesse tentando me livrar do ácido lático com uma pequena caminhada entre os tiros na corrida.

Consultei a receita pela décima vez, depois fechei os olhos, fazendo uma série de cálculos matemáticos rápidos, a xícara de farinha multiplicada pelo iPhone gravando e dividida pelo horário que as crianças iriam acordar. Meu cérebro resmungou feliz com a pressão. Que alívio sentir a força galopante da minha própria inteligência outra vez! Era como se estivesse de volta à escola — não, era como se eu fosse criança de novo, um bebê, duplicando meu acervo de instintos quase diariamente. Desenvolvendo o conhecimento de uma máquina sobre como cozinhar, e assar, e produzir. Cada noite em claro me levava mais perto de dominar… *a mim mesma*, pensei. A performance de mim.
Dela.

Depois dos legumes, era hora do ossobuco. Primeiro, o barbante. Abri a gaveta de talheres, depois a de utensílios. Nada de barbante. Onde diabos aquilo estava? Fechei a gaveta com força.

— Caleb. Acorda.

Ele se virou para o lado, apertando os olhos no escuro.

— Que horas são?

— Seis horas — sussurrei.

Eu estava sentada ao lado da nossa cama, vestindo um suéter novo. Era de caxemira lilás e custava seiscentos dólares, a peça de roupa mais cara que tinha comprado na vida. A colorista que me atendeu on-line um mês antes tinha falado muito bem dessa marca; disse que o estilo deles era *a minha cara*.

— Preciso comprar barbante — falei, dobrando a manga como ela me ensinou. — Vou levar a Jessa comigo, mas você precisa acordar a Clementine, o Samuel e o Stetson, arrumá-los e dar comida para eles. Volto em meia hora. Quarenta minutos, no máximo.

— Barbante — repetiu, balbuciando. — Acordar as crianças. Quarenta minutos. Por quê?

Mas eu já tinha saído do quarto.

Dentro do carro, fixei o suporte da câmera no painel, vi como o cabelo estava e comecei a gravar.

— Bom dia, pessoal. Mais uma manhã agitada no rancho. Achei que tinha comprado barbante ontem, mas não estou achando em lugar nenhum, então preciso ir até o mercado para comprar, o que quer dizer que hoje será outro dia *muito* atarefado. Mas tenho a sorte de estar com minha ajudante preferida. — Virei a câmera para enquadrar a Jessa, com seis meses e completamente apagada em sua cadeirinha.

Então parei de gravar, dei partida no carro e pisei no acelerador.

Meu telefone começou a tocar quando peguei a estrada. Era o Doug.

— Como vai minha nora mais famosa?

— Estou bem, Doug. Como vai a campanha?

Meu sogro estava testando algumas estratégias de campanha antes da grande eleição. Uma candidatura presidencial dali a um ano e meio.

— Ah, tudo bem — respondeu, ecoando minha resposta. — Corrido. Sabe como é.

Ele deu um pigarro, e suspirei. Eu sabia o que vinha pela frente. Era a única razão pela qual Doug ligava para mim, embora ele gostasse de fingir que não.

— Escuta — começou em tom casual. — Sei que já conversamos sobre isso antes, mas acho que você poderia tirar um tempinho nas próximas semanas para…

— Você sabe que não posso falar de política na minha página, Doug.

— Não estou pedindo nada absurdo! Só, caramba, sei lá… — Ele deixou a voz diminuir de forma teatral, como se estivesse mesmo tentando pensar em uns exemplos, como se, naquele exato momento, não estivesse lendo uma lista

elaborada por um estagiário. — Você podia repostar um vídeo meu da audiência do Comitê Judiciário do Senado. Ou, que tal, sua última conta do mercado. Você pode ir lendo, linha a linha. E pode falar que *não acredita* como as coisas estão ficando caras e que se preocupa com seus filhos passando aperto daqui a vinte anos…

Doug estava desesperado para chegar aos mais jovens.

— Eu já disse com o que me sinto à vontade — respondi com firmeza. — Que é aparecer em eventos de campanha, compartilhar fotos minhas com as crianças nos seus comícios. Tratar disso como uma coisa de família. É isso aí, é pegar ou largar.

Doug começou a rir.

— Você sabe que a gente está chegando a uma encruzilhada nesse país, Natalie. As próximas eleições serão gigantescas.

— Por quê? Só porque você vai concorrer?

Doug começou a rir. Foi isso que consegui com meu perfil: eu podia enfrentar o Doug agora, e, quando o fazia, ele tinha que rir.

— Só estou tentando te lembrar de o quanto isso é importante. Não é simplesmente, ou melhor, não é *apenas*… — E parou de falar, tão frustrado com minha recusa em fazer o jogo dele, que parecia perplexo. — Olha só.

A gente está complicando as coisas. Eu só estou pedindo que você faça uma postagem dizendo que sou um grande líder. Só isso. Não tem nada de complicado nisso, Natalie. Não precisa ser uma grande questão.

— Não disse que era complicado — falei, meu tom ainda bastante leve. — Disse que não ia fazer.

— Sabe, Natalie? Não gosto de falar de dinheiro.

Coisa nenhuma. O Doug amava falar de dinheiro.

— A gente deu um monte de dinheiro para vocês. A gente ajudou a construir aquele rancho.

— Eu sei disso. E sou muito agradecida por seu apoio a mim, ao seu filho e aos seus netos.

— Bem, e se o mundo ficasse sabendo quanto dinheiro dei para vocês?

Fiquei em silêncio. Meu sogro nunca tinha tentado essa tática antes.

— Você está me ameaçando, Doug?

— Claro que não! Só estou… — Ele começou a bufar alto no telefone. — Escuta só. Tem uma guerra prestes a acontecer, Natalie. *Uma guerra enorme.* E não serei *eu* que precisarei viver as consequências dela.

— Estou sabendo.

A guerra civil era o assunto da vez nos fóruns da internet. Caleb passou um tempo falando direto sobre isso, tagarelando toda noite sobre a inevitabilidade de uma ruptura nacional, da necessidade iminente de milícias locais e armas caseiras, até que finalmente me virei para ele e soltei: "Pelo menos assim você tem a chance de ser um soldado e um ferreiro ao mesmo tempo, como sempre sonhou." Isso aí bastou para calá-lo de vez.

— Olha só, Doug. Estou chegando agora ao estacionamento do mercado. A gente continua esse assunto mais tarde.

Meu sogro continuou, falando mais apressado, como se fosse o participante de um programa de TV cujo tempo está encerrando.

— Guerra civil, Natalie, está ouvindo? Acredite você ou não, vai acontecer. Limites serão traçados. *Não vai ser nada bonito.* A gente tem que se aprumar como nação, e *logo*, a não ser que você queira uma… uma… uma *guerra civil* para seus filhos e para os filhos dos seus filhos…

— Hum, eu sei. Guerra civil. Muito assustador. Escuta, estou no mercado. Podemos retomar num outro momento?

Desliguei antes que ele pudesse responder, depois dei uma olhada rápida nas minhas notificações.

Estou surtando, sério, como ela faz isso tudo

Oi, pessoal, aqui é um produtor local, e só queria dizer que as práticas deles como produtores são completamente antiéticas

---

cara, anota o que tô falando, essa mulher está na pior

Na primeira semana após viralizar, comentários como esses me desestabilizariam a ponto de mal conseguir andar em linha reta. Agora podia praticamente escrevê-los eu mesma.

Então vi um nome familiar. Parei e cliquei na solicitação de mensagem.

Oi, Natalie. É a Reena Magliotti, da faculdade. Sei que pode parecer meio aleatório, mas estou estagiando no America News e fiquei me perguntando se você toparia uma entrevista comigo? Sei que você ainda não deu nenhuma, mas poderia ser um reencontro divertido! Qualquer coisa, me fala.

Soltei um suspiro, achando graça. Coitadinha. Ela deve ter precisado engolir todo o orgulho para escrever essa mensagem. E ser estagiária aos vinte sete anos… credo!

No mercado, comecei a me mover com rapidez, pegando dois rolos de barbante e acrescentando no carrinho outras coisas de que estava precisando. Couve-de-bruxelas, suco verde, fermento fresco. Quando estava pagando, a mulher atrás de mim me deu um tapinha no ombro.

— Com licença, desculpa incomodar, mas você é a Natalie Heller Mills?

Congelei.

Não achei que isso fosse acontecer hoje. O que era uma idiotice. Podia acontecer a qualquer momento que eu saísse do rancho, mas de toda forma…

Fechei os olhos, respirei fundo e contei até três.

Isso, esse exato momento, é o que existe de mais estranho em se tornar famoso na internet: você pode ter milhões de seguidores e ainda assim passar meses sem interagir pessoalmente com um fã.

— Oi — cumprimentei. — Sim, sou eu. A gente se conhece?

Essa foi a reação que escolhi ter. Amigável e acessível. *Os famosos: eles são gente como a gente!*

— Nossa, sou muito fã do seu perfil!

Ela estava encantada com o quanto os ingredientes no meu carrinho pareciam adequados. Tão orgânicos! Uma vibe tão boa! *Anda logo e tira uma foto*, quase falei.

— Desculpa. Não acredito como você é linda na vida real.

— Você também é linda — eu disse no mesmo instante.

As coisas até que estavam indo bem. Do que tive tanto medo? Isso era divertido!

— Não, não. Não — falou ela, toda corada. — Só saí para buscar uns ovos, sei que meu cabelo deve estar horroroso.

— Bom — respondi num tom gentil —, com certeza numa próxima você vai se sair melhor.

A mulher franziu o rosto para mim. *Mandou mal, Natalie. Foi constrangedor.* Engoli um sentimento repentino de raiva por mim mesma, uma raiva que só aumentou quando a mulher olhou para mim, sua expressão agora com um ar de dúvida.

— Então… você mora por aqui?

— Na verdade, não. Quer dizer, tecnicamente, sim, mas não aqui na cidade nem algo do tipo.

O ar entre nós estremeceu. Minha resposta foi toda errada, não só no teor, mas também na forma: carregada quando deveria ter sido leve, condescendente quando deveria ter sido grata. Será que eu tinha dado a entender que viver na cidade era algo ruim? Não sei. Agora um desconforto familiar invadia meu peito, uma consciência física do horror que preenchia a mente dessa mulher: eu não era a mesma Natalie que ela amava tanto. No máximo, chegava perto. Quase isso. Um clone ou um robô. A irmã gêmea cuja existência ninguém conhecia. Uma quase Natalie. A voz mais aguda. Mais baixa do que ela imaginava.

Resumindo: eu continuava sendo eu mesma. Quer dizer que não era nada como *ela*: a Natalie da internet.

Essa era, na verdade, a razão pela qual ainda não tinha aceitado dar nenhuma entrevista, embora tivesse recebido dezenas de pedidos: eu não estava pronta.

— Bem — falou a mulher. — Foi um prazer conhecer você.

— O prazer foi meu — respondi num tom meio exagerado, enquanto entregava o cartão para o caixa. — Obrigada por me seguir.

Andei apressada pelo estacionamento, o carrinho fazendo barulho pela calçada, os olhos fixados na luz de freio do meu carro. Estava colocando as bolsas no porta-malas quando ouvi a mulher outra vez.

— Natalie! Só um minutinho.

Senti um tremor. Cogitei fingir que não tinha ouvido nada, mas descartei a ideia. Quando me virei, a mulher estava parada ali, sorrindo, ansiosa.

— Eu me dei conta de que não te agradeci. — Ela deu uma risada nervosa. — É por isso que queria falar contigo: para agradecer. Dei à luz há pouco tempo, e foi…

Ela parou de falar e olhou para o céu, piscando rapidamente os olhos. Meu Deus: estava tentando conter o choro.

— Foi muito difícil.

Fiquei me perguntando como estava minha cara naquele momento. Se eu estava passando o nível certo de compreensão e preocupação.

— Foram meses bem difíceis — continuou. — Foi bastante… sombrio. Eu não era a mesma. Mas, quando descobri sua conta, só… fiquei tão inspirada. Você parece uma mãe maravilhosa.

— Ah… Bem, é muito gentil da sua parte.

Naquele instante, um gritinho veio do banco de trás do carro, e a mulher quase caiu dura.

— Não se preocupe. É só minha menininha, a Jessa.

Ela olhou para o carro, depois para mim.

— Você deixou seu bebê no carro enquanto fazia compras?

Ih.

Ah, não!

Não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não…

Meu corpo se inundou de cortisol. Minha vista ficou embaçada. Eu mal conseguia ouvir o que respondi em seguida. Algo sobre ser rápida no mercado (resposta errada). Algo sobre criar nossos filhos como se fazia nos velhos tempos (resposta pior). Em meio à névoa do meu pânico, mal conseguia discernir a expressão da mulher.

Incomodada. Ela parecia incomodada.

De alguma forma, a conversa se encerrou. De alguma forma, comecei a dirigir de volta para casa. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu conseguia sentilas, mas não estava chorando. Estava sorrindo. Não é? Não estava sorrindo?

O que eu queria ter falado para aquela mulher: também estava incomodada. Na verdade, *incomodada* era a única palavra que descrevia o abismo gigantesco entre quem precisava ser e quem eu era atualmente. *Estou tentando melhorar*, queria dizer. *Estou tentando melhorar todo dia e toda noite. O serviço de atendimento ao consumidor está ciente do problema reportado. Estamos trabalhando para restabelecer o serviço o quanto antes!*

Enquanto seguia pelas estradas sinuosas em meio às montanhas, a caminho do rancho, eu cantarolava baixinho para acalmar o choro de fome da Jessa e tentar visualizar o restante do meu dia. Quando chegasse em casa, as crianças já estariam de pé, os meninos ficariam batendo com blocos de madeira na cabeça um do outro, e Caleb daria sua aula de meia hora para Clementine. *Deus criou os dinossauros! Arranha-céus causam câncer.* A camiseta da Clementine estaria provavelmente do avesso. A fralda de Stetson provavelmente precisaria ser trocada. Meu marido estaria doido para ir ao celeiro; a maior parte de suas lives favoritas eram transmitidas no meio da manhã. E então ele ia me deixar com as crianças, e eu pediria a Clementine que ficasse de olho no Samuel enquanto eu cuidava do Stetson e da Jessa, trocando as fraldas, passando pomada para assadura, amamentando Jessa, dando uma mamadeira de leite morno para Stetson. A esta

altura as crianças estariam doidas para sair, para brincar *lá fora*, então eu ficaria parada vendo-os rolar, brincar e rir. Esse seria um bom momento para começar a planejar a receita. Em seguida, a gente iria almoçar, depois viria a hora da soneca, e todo mundo, menos a Clementine, ia dormir por uma ou duas horas, e eu poderia deixá-la com um livro no sofá e dizer que estava na *hora de a mamãe relaxar.* Duas horas: tempo suficiente para filmar. Aí as crianças iam acordar e precisar de comida, de trocar suas fraldas e de distração outra vez, mas, sim, se eu aproveitasse a hora da soneca e não errasse a receita, conseguiria terminar de filmar às quatro horas, ou cinco o mais tardar…

— Natalie?

Eu me virei. Já era noite. Caleb estava na porta, segurando um balde e um picador de gelo. Perguntamos ao mesmo tempo:

— O que você está fazendo?

Um longo silêncio pairou entre nós.

— Clementine veio para o celeiro — disse Caleb. — Ela falou que não comeu.

No mesmo instante, minha mais velha surgiu por trás de Caleb. *Vagabunda,* pensei antes que pudesse me conter, e logo depois pensei: *Claro que não, ela é só uma criança, sua criança.* Eu estava tão cansada.

— Você se esqueceu de fazer o jantar para eles de novo, não foi?

— Eu não esqueci — afirmei e gesticulei para o assado na minha frente. — Ele está aqui. Está quase pronto.

Caleb parecia preocupado de verdade.

— São nove da noite.

Eu pisquei. O chão de madeira parecia se inclinar. Apoiei as mãos sobre o balcão a fim de não tombar para a frente. Comecei a olhar impotente ao redor da cozinha. Stetson e Samuel estavam dormindo de bruços no cercadinho. Dei uma olhada no monitor e vi Jessa no berço. *Graças a Deus*, pensei, antes que pudesse censurar meus próprios pensamentos. *Graças a Deus a coloquei no berço.*

— Devo ter perdido a noção da hora.

Ele me olhou, incrédulo.

— É só isso que você tem a declarar?

— Eu… — respondi. — Eu… eu…

— Natalie — disse Caleb, irritado.

Era raro ele me chamar pelo nome.

Parei. Então falei uma coisa horrível, algo em que vinha pensando fazia

semanas.

— Acho que a gente precisa… de uma babá.

— Nossos filhos não precisam de babá — respondeu meu marido no mesmo instante. — Eles precisam da mãe.

Xeque-mate. Não tinha como contra-argumentar. Concordei com a cabeça, devidamente envergonhada. Ele tinha razão, é claro. Que tipo de mãe não consegue cuidar dos próprios filhos?

— Nada de babá — repetiu Caleb.

Então sua expressão se abrandou, e ele também apoiou a mão sobre o balcão, como se estivesse tentando se segurar, e percebi que ele também estava exausto. Que estava precisando de um tempo para se recuperar do papel constante no qual atuava — não do papel que achei que ele assumiria (*olá, caubói!*), mas de algo mais sutil e, por isso mesmo, mais desgastante: o papel de um homem cristão embrutecido. Caleb não brincava mais com as crianças, não como costumava brincar. Às vezes eu o pegava olhando para elas meio melancólico, especialmente para o pequeno Stetson e para a neném, Jessa, mas não dava mais vazão a seu desejo. Não podia. Homens de verdade não fazem esse tipo de coisa.

— A gente pode ter alguém para ajudar com as crianças em tempo integral, acho — comentou, cansado, esfregando o olho. — Nisso não vejo problema.

Clementine estava ao lado da assadeira, comendo uma cenoura assada, quietinha. Atravessei a cozinha até meu marido e o abracei. Nosso primeiro abraço em anos. Então comecei a chorar.

A mulher dos vídeos, com seu catálogo de sorrisos? Era uma Natalie da internet, e ela foi feita para ser boa em se manter viva. Nada era difícil para ela: nem a maternidade, nem o casamento, nem os negócios, nem a dedicação ao servir a Deus. Para ela, tudo isso era como uma série de tarefas a serem cumpridas a cada dia, na hora certa, na ordem certa.

A Natalie da internet começava cada manhã agradecendo a Deus por tudo que Ele lhe dera. Toda manhã, dava um bom-dia amoroso para os filhos. Toda noite, transava com o esposo. Vivia cansada, mas nunca estava feia, irritada ou amargurada. Como se não bastasse, ficava ainda mais bonita.

E ela estava ali, não é? Parada, sorrindo, acenando. Qualquer hora dessas eu ia puxá-la pelo pescoço e fazer com que tomasse meu lugar.

37

OS ÚLTIMOS DIAS NO RANCHO foram muito tranquilos. O humor de Mary melhorou. Abel parecia ter curtido sua viagem com o Velho Caleb e saiu com ele várias vezes desde então. No primeiro dia, voltou sorrindo e disse para Noah: "Conto quando você tiver idade para isso." Agora Noah fica andando com um olhar atordoado, levemente extasiado, como se soubesse o dia da própria morte.

E quanto a mim? Acho que o Senhor está contente comigo. Consigo sentir Sua presença por toda a parte, mais forte do que nunca. Às vezes, quando estou lavando roupa ou pegando ovos no galinheiro, viro o rosto para o sol de inverno e juro que posso sentir Sua respiração em meu rosto.

Quando eu era pequena, pensava em Deus como outras meninas da minha turma pensavam em seus crushes. Imaginava os contornos de Seu rosto toda noite antes de dormir. Rabiscava seu nome em letra cursiva, cheio de corações, usando caneta com tinta de gel e glitter rosa. Eu me perguntava se Ele pensava em mim tanto quanto eu pensava Nele. E, às vezes, como retribuição por pensamentos tão puros, acho, Ele entrava em meu corpo e me enchia de tanto prazer, um sentimento de comunhão tão profundo, bestial e satisfatório que me deixava molhada e ofegante quando acabava.

Parei de ter esses momentos no dia em que me casei. Mas, agora, o milagre dos milagres: o sentimento voltou. Sentia Sua presença em toda parte. No ar. No chão sob meus pés. Também sinto Sua presença nas noites em que o Velho Caleb puxa meu quadril sob a colcha. Um prazer inimaginável. Como se estivesse num estado constante de ascensão.

Pela primeira vez na vida estou sendo devidamente saciada por um homem.

Não estou sozinha. Não estou presa, nem perdida, nem esquecida, tampouco estou sendo punida. Estou aqui, uma escolhida, com Ele, e vou continuar aqui, seja lá onde *aqui* seja, até que Ele decida me levar para outro lugar.

Às vezes, quando tenho tempo para mim, fico de joelhos e deixo a gratidão sair em ondas. Choro histericamente, abalada pela magnitude de Seu poder e Sua glória.

Imagine como você se sentiria se o Senhor criasse um universo inteiro só para você. Uma parábola customizada; uma nova história bíblica sendo forjada. Quem sabe um dia eles falem de mim na escola dominical. Santa Natalie. Gosto de como isso soa.

Os dias vão passando. Um borrão de exaustão divina. Outra semana se passa, e mais uma. A temperatura cai ainda mais. O jantar começa mais cedo. A gente se amontoa ao redor do fogo logo no começo da noite. Mary pega o par de meia mais surrado do Velho Caleb — um tão gasto que nenhum remendo consegue dar conta dos furos nos dedos — e o transforma em fantoches para Maeve, com olhos de botões diferentes. Maeve já tem dois fantoches. Tem implorado à irmã por um terceiro par. Mary pede que tenha paciência, e a garota, muito boazinha, consegue sossegar por uns bons trinta minutos antes de voltar para a mesa, olhando o trabalho manual de Mary com um interesse que beira o desespero. Por fim, Mary termina e entrega o terceiro par de fantoches para Maeve, que fica tão animada com o presente que começa a chorar copiosamente. É uma cena tão adorável, que começo a rir, e, em meio a tanta alegria, penso: *Sim, consigo aguentar esta vida. Às vezes posso até gostar dela.*

E então, no mesmo instante, começo a pensar nos meus outros filhos — aqueles que estão lá, em algum lugar, nesta vida, em outra vida —, e o riso morre em meu peito. As meninas notam a mudança na temperatura e se afastam imediatamente. Os meninos me observam desconfiados do outro lado da sala, e passo o restante da noite olhando emburrada para o nada.

E então, numa manhã, acordo e me dou conta de duas coisas ao mesmo tempo: fazia quase dois meses que o Velho Caleb tinha me dado um tapa naquela manhã sombria e fria; e eu não tinha menstruado.

38

Louise Crenshaw chegou à fazenda em uma manhã de primavera de muito vento, vestindo um casaco de lã e carregando uma mala antiga na mão. Fiquei animada com o quanto ela parecia se encaixar na estética do papel que precisava desempenhar. *Nossa própria Mary Poppins!*

— Olá — disse ela para Clementine, estendendo a mão.

A gente estava no canto da sala onde as crianças deixavam os brinquedos.

— Olá — repetiu Clementine, apertando a mão de Louise.

A mais velha gesticulou com formalidade em direção aos seus brinquedos.

— Gostaria de tomar chá comigo?

A babá Louise concordou com a cabeça.

— Mas é claro que sim.

Ela se agachou, deixando as crianças se reunirem à sua volta como se fossem citadinos encontrando um estrangeiro vindo de terras distantes.

— Então — falou, enquanto Samuel a observava, com o rosto quase colado no dela, com um olhar investigativo. *Como é difícil acreditar que meu menino mais velho já está com quase quatro anos!* — Minha agência disse que você é uma influenciadora, certo?

Dei uma boa risada.

— Mais ou menos. Não *penso* em mim como influenciadora, mas acho que tecnicamente é verdade.

Ela deu uma cutucada na barriga do Samuel, que começou a gargalhar. Stetson veio engatinhando e ofereceu a própria barriga. *Como é difícil acreditar que meu menino mais novo está com quase…* pera, não, já falei isso. Bem: Stetson estava com dois anos. Louise cutucou a barriga dele, e os meninos deram um grito de deleite aterrorizado. Enquanto os dois riam, ela perguntou:

— O que você vende?

— Bem, até agora fiz apenas algumas publicidades, mas estou planejando uma

linha de utensílios de cozinha. Tigelas, tábuas, conservas. Esse tipo de coisa. Direto para o consumidor. Dá *tanto* trabalho planejar isso!

Fiz uma careta autodepreciativa e mantive a expressão, paciente, até ela se virar e me olhar. Então meu rosto se transfigurou num sorriso leve outra vez, e Louise riu educadamente também.

Estava dando certo. Minha primeira interação longa com um desconhecido desde aquele dia horrível com a mulher do estacionamento, e dessa vez eu estava conseguindo fazer direito. Sendo a Natalie da internet na vida real.

A babá Louise não parecia estar *empolgada* comigo, mas não tinha importância. Eu não ligava se ela gostava de mim. Só me importava que ela acreditasse que eu era verdadeira.

— Bem, vou deixar você trabalhar, então. — Era melhor parar enquanto estava me saindo bem. — Ah, e qual é seu perfil no Instagram? Adoraria te seguir.

— Ah. Na verdade, não tenho Instagram.

— Ah, sim. Bom, deixa para lá.

Essa era a coisa estranha de ser famosa na internet. Eu tinha um milhão de seguidores, podia acessar mais pessoas em um único momento do que qualquer rei europeu nos últimos mil anos, e então alguém poderia acabar com todo meu reino sem qualquer esforço, apenas dizendo uma simples frase: "Não tenho Instagram."

— E, se estiver tudo bem para você — acrescentou a babá Louise—, gostaria de ficar fora do conteúdo que você publica on-line.

— Claro. Entendo bem esses limites.

Fiquei me perguntando se ela leu o e-mail que enviei para a agência — "as babás NUNCA aparecerão na conta e devem assinar um contrato que estipule isso" — ou se essa era apenas uma coincidência perfeita.

Clementine estava servindo uma xícara de chá imaginária para Louise. Ela pegou, provou educadamente, então perguntou por cima do ombro:

— Quem está cuidando da educação escolar deles até o momento?

— Ah, meu marido.

— E você sabe o currículo que ele escolheu para as crianças?

— Claro que sei.

Isso só era verdade em partes. Era forçar a barra chamar de currículo o que o Caleb ensinava às crianças, mas de tempos em tempos eu o via no sofá com Clementine e um notebook, a tela aberta em algum site com uma formatação sofrível. Pelo que pude entender, tinha alguma coisa a ver com aprender matemática através da moral dos Dez Mandamentos. Não dividirás por zero, e por

aí vai.

— Tem um forte teor ideológico — disse a babá Louise. — Só queria me certificar de que você está ciente disso e de acordo.

— Ah, com certeza. Totalmente de acordo! — Sorri para minha filha, que me encarava séria. — Bem, Clementine, o que você acha? Quer brincar com a babá Louise um pouquinho…

— Na verdade, pode me chamar só de Louise.

— Como é?

— Você me chamou de babá Louise. Mas pode ser só Louise.

Bem. Isso não ia funcionar. Eu estava empolgada para chamá-la de babá Louise. Parecia mais mágico, como se vivêssemos em um livro de contos. *Não importa*, disse a mim mesma, *ela não vai aparecer on-line, as mulheres raivosas nunca a verão* — mas importava, sim. Importava para mim.

Esses momentos aconteciam com frequência ultimamente. Passava tanto tempo on-line que às vezes me via desconfortável, quase revoltada com a confusão da minha vida offline. As pilhas de louça na pia. O olhar observador e silencioso da minha filha, sem nenhuma música sobreposta às nossas interações. E agora: "Pode ser só Louise." Péssimo. Como esfregar o veludo no sentido errado.

Eu me recompus e falei num tom firme:

— Prefiro chamar você de babá Louise.

Houve uma breve pausa. Então ela deu de ombros.

— Está bem. E sua caçula? Onde está?

— Jessa! Nossa espoleta. Está dormindo. Quando der três horas, eu a trago para você.

Jessa mal tinha um ano, não tinha nada de espoleta, estava mais para uma geleca cheia de necessidades e vontades. Mas eu precisava de uma maneira de diferenciá-la na internet, uma forma para que as mulheres raivosas a conhecessem e se lembrassem dela, e ela *andava* mesmo muito exigente ultimamente, então o apelido acabou pegando.

— Ótimo — respondeu Louise, voltando outra vez a atenção para as crianças.

Deixei a sala, atravessei a cozinha e fui até a despensa. A tensão em meu peito passou de maneira tão repentina e com tanta intensidade que me agachei no chão, sentindo a onda de prazer atravessando meu corpo.

Eu nunca mais teria que ficar a sós com meus filhos.

Que época boa para estar viva! Estávamos na primavera. O rancho estava transbordando de vida. Os campos estavam repletos de flores azuis. Num dia si-

lencioso, sem vento, podia-se inclinar o rosto para ouvir o barulho do rio fluindo e espumando com toda a neve derretendo das montanhas. Mas era o tipo de beleza impossível de capturar ao vivo. Organizar esse momento na tela do telefone não era uma mera opção, mas uma necessidade. Era a melhor maneira de viver aquilo.

Se pelo menos minha mãe concordasse.

— É que parece muita… ostentação — comentou ela, quando nos encontramos uma semana antes para tomar café. — Quer mesmo que tanta gente veja a Jessa de fralda?

Dei levemente de ombros. Tinha bastante certeza de que minhas crianças estavam mais seguras na internet — com suas melhores versões preservadas entre as paredes do meu telefone, como pequenos insetos presos no âmbar — do que jamais estariam no mundo real. Pensei na mulher do mercado, sua expressão incomodada. Nem o pior comentário que eu tinha recebido on-line chegava aos pés da lembrança de seu rosto.

— Acho que você não entende como funcionam as redes sociais.

— Mas e se alguém acabar ficando obcecado por eles? Ou por você?

— Tipo, um sequestrador ou algo assim?

Ela fez que sim com a cabeça, nervosa.

— Mãe, duvido bastante de que eu seja tão importante a ponto de alguém querer me sequestrar. Sabe quantas contas têm *dezenas* de milhões de seguidores, sem falar nas que têm *centenas de milhões*?

A ideia pareceu desnorteá-la.

— Não sei — respondeu e me deu um olhar vacilante e desorientado. — Umas cinco, talvez?

Foi nesse dia, durante o café, que minha mãe me contou também que a Abigail estava saindo com alguém.

— Um pastor, na verdade. Ele está ajudando sua irmã a estudar para o supletivo!

— Um pastor — falei e comecei a rir. — Que tipo de pastor sairia com uma *mãe solteira*?

— Bem. — Ela deu uma bicada no café. — A gente está frequentando uma igreja nova, na verdade.

— Uma igreja nova? — Minha mãe tinha frequentado a mesma igreja a vida inteira. — Como assim uma igreja nova?

— Ela é muito… descolada. O pastor se chama Ben e não acredita que o

divórcio seja pecado. E ele acha que… bem. — Aproximou-se e continuou baixinho. — Ele acha que os gays deveriam ser bem-vindos, assim como qualquer outra pessoa.

Fiquei em silêncio. Apenas a encarei, aguardando que minha mãe desse *sua* opinião — que certamente era diferente da dele. Essa, afinal de contas, era a mulher que agarrava minha mão e me arrastava para o outro lado da rua em nossa cidade sempre que a gente passava pela livraria pertencente a um homem que, em suas palavras, *andava saltitando demais*.

Em vez disso, ela deu de ombros e disse em tom inocente:

— Os argumentos dele são bem convincentes.

Cada pessoa de meu círculo pessoal respondia à minha fama repentina de maneira diferente. Doug estava obcecado pelo novo acesso que eu tinha às mentes das mulheres americanas. Minha mãe estava preocupada com as crianças. Minha sogra ainda não tinha dado opinião; desde que terminou a reabilitação em Wyoming, suas tentativas de conversa diminuíram pela metade. Nas poucas vezes que a vi desde então, ela só falava em rompantes curtos e roucos, e vivia lambendo os lábios, como se estivesse morrendo de sede.

E quanto à minha irmã?

Durante o café com minha mãe, eu me dei conta de que não fazia ideia do que Abigail pensava de eu ter viralizado. A gente mal se falava para além da conversa fiada no grupo da família. Entrei em sua conta no Instagram e tomei um leve susto: ela não me seguia mais.

Voltando da cidade, liguei para minha irmã, que atendeu depois de o telefone tocar oito vezes.

— Natalie, que surpresa.

Ela estava do lado de fora; eu conseguia ouvir o som de pássaros e crianças gritando ao longe, pontuadas pelo apito de um árbitro.

— Como posso ajudar?

— Preciso de um motivo para falar com minha irmã?

— *Você*, sim.

Foram as palavras mais duras que ela tinha dito para mim, e ainda assim sua voz parecia bem alegre. Fiquei me perguntando se estava rodeada de gente, talvez até o pastor Ben. Se fosse o caso, a voz da minha mãe certamente estaria ecoando em sua cabeça: *Nunca faça um escândalo!*

— Bem — respondi. — Não parece muito justo.

— Está bem. — Eu conseguia ouvi-la dar de ombros pelo telefone. — Falha

minha. E aí? Como você está?

— Estou bem. — Fui pega no flagra.

Não queria provar que a teoria dela estava certa, mas ainda assim precisava saber, então as palavras saíram da minha boca antes que pudesse contê-las.

— Por que você não me segue no Instagram?

A linha ficou em silêncio por um tempo.

— É por isso que está me ligando?

— Não é nada de mais. Só fiquei curiosa.

— Ah, sabe, não passo muito tempo lá.

Era verdade. Seu perfil tinha apenas quatro fotos, todas de família. Tinha menos do que cem seguidores.

— Vivo sempre tão ocupada, com as crianças, a escola de enfermagem e o Ben, que não tenho tempo para essas *coisas*.

— Isso não é exatamente uma resposta, né?

— É só que… — Soltou um suspiro.

Ouvi-a dizendo "Só um minuto" para alguém. Então começou a andar, e as outras vozes foram sumindo enquanto ela falava baixinho ao telefone:

— Olha, não quero brigar. Sei que a gente já discutiu muito ao longo dos anos, mas estou apenas tentando… simplificar minha vida. Você entende?

— Claro que entendo. — Não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— Mas é muito confuso, tá? A forma como você age na sua conta, parece que estou tendo um derrame. Como se alguém tivesse roubado o corpo da minha irmã.

— Você está sendo um pouco dramática, Abigail.

— Está bem. Talvez esteja. Mas é assim que me sinto. Sabe, estou fazendo terapia, e eu…

— Terapia?

— Sim. Terapia. Falei que a mamãe também devia fazer, e ela respondeu que ia pensar.

— Quem está pagando por essa terapia? É esse homem com quem você está saindo? O Ben?

— Natalie…

— Você confessa todos os seus segredos para um sujeito aleatório e acha que o que *eu* estou fazendo é estranho?

— É uma mulher.

— O quê?

— A terapeuta para quem estou confessando todos os meus segredos —

respondeu num tom tedioso. — É uma mulher. E ela disse que não tem problema eu não te seguir. Enfim, preciso ir, Natalie. Manda um abraço para as crianças e para o Caleb, está bem?

E então Abigail desligou.

Revoltante. Eu estava me preparando para uma briga, mas ela era como água. Não conseguia segurá-la.

E então, é claro, tinha o Caleb.

— Acabou que a gente ganhou uma boa grana mês passado — afirmou ele um dia.

Estávamos na cozinha. Era o finalzinho da tarde. A babá Louise estava morando conosco fazia uma semana.

Quando meu marido falou, eu estava sentada à mesa com meu caderno, planejando o tutorial de uma torta de ruibarbo. Parei e olhei para ele:

— Foi, é?

— Sim, um comprador chamado DinheiroRápido nos mandou oitenta mil. Acredita nisso? Mas preciso ligar para os contadores, porque não tenho certeza se *comprou* algum legume nosso. Deve ser um erro de processamento.

Caleb estava atento, me olhando. Estava me estudando. Era um olhar que não existia em seu inventário de olhares quando nos casamos. Mas, assim como meu catálogo de sorrisos, Caleb tinha expandido o próprio leque de expressões: mil variações de desconfiança. Era isso que ensinavam nos fóruns: a desconfiar de tudo. Vi Caleb passar a desconfiar das escolas, depois do céu, depois do mundo; e agora, eu percebia com surpresa, ele estava começando a desconfiar de mim.

— Você sabe o que é DinheiroRápido, Nat?

Fingi incerteza.

— *Acho* que é o nome do sistema de processamento de pagamentos do Instagram.

— E nós estamos ganhando isso tudo no Instagram?

E pronto: a palavra que eu tanto temia. *Nós*.

— Acho que este mês ganhamos! — respondi com o máximo de energia de dona de casa idiota que consegui. — Uau!

— E no mês anterior?

— Ah. — Meu olhar começou a vagar pela cozinha, como se a resposta certa pudesse se apresentar para mim. — Não tenho certeza. Acho que preciso entrar no site e ver.

— Bem. Conversei com nossos contadores, e eles falaram que o dinheiro,

esses oitenta mil, estavam programados para serem depositados em alguma conta aleatória à qual não tinham acesso, o que deve ser algum erro. Não é?

Caleb estava me olhando de forma dura. Como se não acreditasse que eu era real.

Idiota. Que ideia idiota. Tão inconsequente e imoral. No que eu estava pensando? Que tipo de mulher tenta esconder dinheiro do marido?

Só havia duas respostas para essa pergunta, e nenhuma delas era aceitável:

1) Uma mulher que não confia no marido.

2) Uma mulher que não quer dividir.

— Isso — respondi, enfim. — Que burrice a minha. Cérebro de grávida!

Cérebro de grávida. A última frase que eu vinha testando e que, se a raiva que as mulheres raivosas sentiam era um indício, tinha sido fermentada à perfeição.

— Foi o que pensei — comentou Caleb, rindo. — Cérebro de grávida. Enfim, pedi para eles verem se teve mais alguma transferência para essa conta, e veja só: teve! Todas as entradas do DinheiroRápido nos últimos quatro meses foram transferidas para essa conta. Duzentos e vinte mil no total. — Ele começou a rir. — Haja cérebro de grávida!

Eu estava começando a sentir muito frio.

— Enfim, eles resolveram tudo, então daqui para a frente o dinheiro vai cair direto na nossa conta corporativa.

— Obrigada por… resolver isso. Sabe… vou rapidinho ao banheiro…

Não olhei para trás, mas senti seu olhar em mim até virar no corredor.

Quando estava segura no banheiro, abri a torneira e me olhei no espelho. Estava muito enjoada e um pouco zonza.

— Para com isso — falei, baixinho. — Para de se sentir assim.

Mas o enjoo não passava, e a pressão no peito era insuportável. Estava com dificuldade de respirar.

Talvez a perfeição da minha vida cause enjoo.

Parei. A pressão no peito diminuiu um pouco. Meus sensores de Natalie da internet se acenderam, e me inclinei para a frente, zonza.

Às vezes realmente me dá náuseas o quanto minha vida é satisfatória…. não, o quanto minha vida é perfeita, e como sou boa em vivê-la.

Isso. Isso ia bastar.

O problema é que não dava para confiar em Caleb quando o assunto era dinheiro.

Sério, não dava. Ele torrava tudo num monte de coisa idiota de fazenda. E é por isso que liguei para o suporte do Instagram naquela noite, esperei quarenta e cinco minutos para falar com um humano e pedir para separar os pagamentos antes que caíssem na minha conta.

Sim, disse para eles, sussurrando. Era isso mesmo: queria dividir os pagamentos entre a conta atual e uma nova que eu tinha acabado de abrir.

Por Caleb, claro. Estava fazendo isso por ele.

39

LEMBRA QUANDO FALEI QUE NÃO iria engravidar? Lembra como implorei a Deus, *qualquer coisa, menos isso?*

Pois é. Eu também.

Como é mesmo aquela expressão sem graça que mulheres sem graça adoram repetir umas para as outras quando a vida delas toma um rumo inesperado?

Se você quer fazer Deus rir, conte a ele seus planos!

Ha! Hahahaha! Hahahahahhahahahahaha!!!

Só que não estou gargalhando. Não estou sorrindo. Não consigo nem achar uma forma de elaborar uma oração a Deus que faça o mínimo de sentido.

Tento me manter calma. Ando por aí todo dia como uma boa dona de casa, e faço minhas tarefas de dona de casa, e faço meu pão horrível caseiro, e tento engolir o pânico que ameaça me sufocar cada vez que respiro.

O Senhor me escuta? Consegue me ver aqui, apavorada? Sem rir?

Oi, Deus. O Senhor pode me explicar qual é a lição, agora?

Olá, Deus! Só vou incomodar um pouquinho. Olha, estou tendo dificuldades com minha missão. E estava pensando se o Senhor não teria alguma outra missão para mim em vez dessa?

O Senhor não responde.

Não há mais dias bons, aparentemente. Só os ruins. Quando viro o rosto para pegar a luz do sol, não sinto mais Sua respiração em meu rosto. Não sinto mais nada. Estou começando a me sentir como uma mulher que engravidou de um homem que não atende mais a suas ligações.

É um teste, lembro a mim mesma. Por dias, minha mente não para de pensar numa pergunta: *o que acontece se eu falhar no teste?* No entanto, agora, quando faço a pergunta, ouço o eco de outra: *o que acontece se eu passar?*

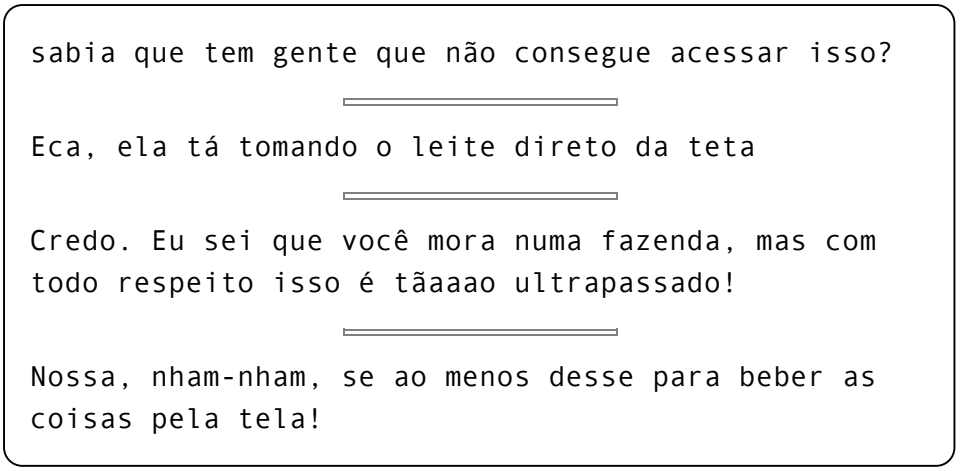
40

NUM DIA QUENTE DE JUNHO, encontrei a produtora Shannon em um café na cidade. Nossa entrevista estava marcada para o início da tarde. Ela já estava lá quando cheguei, sentada numa mesa no canto com dois cafés. Seu cabelo era rosa-chiclete e estava preso com duas tranças bagunçadas. O piercing no nariz tinha o formato do símbolo da paz.

— Pedi puro — disse ela empurrando um café para mim. — Sei que você só usa creme se for das suas vacas.

— Ah — respondi, surpresa. — Obrigada.

É verdade, eu não usava laticínios industrializados, mas só tinha mencionado isso uma vez no meu Instagram, e fazia mais de um ano.



Então Shannon vinha me acompanhando com atenção fazia algum tempo. Essa garota era jovem, mas não era nenhuma criança.

E quanto a mim? Estava com trinta anos. *Praticamente uma senhora!* Tinha acabado de engravidar pela quinta vez. *Junebug*. Minha conta tinha acabado de bater a marca de dois milhões de seguidores. Eu havia começado a cogitar a

possibilidade de expandir para outras plataformas. Semanas antes, abri uma chamada para o cargo de produtora em minha página do Instagram. Recebi centenas de inscrições. Quase todas de mulheres que se pareciam comigo. E então apareceu a Shannon. Quando entrei em sua página no Instagram, tive certeza de que não podia passar de algum erro, que ela acabou colocando o link do perfil errado ou algo do tipo. Mas não, lá estava ela, de jeans rasgado e óculos escuros como os do John Lennon, sorrindo cheia de atitude para a câmera, a ponte do Brooklyn bem ao fundo. O último tipo de mulher que eu esperaria querer trabalhar com alguém igual a mim.

— Então, vamos falar da sua conta — falou, segurando o café com as duas mãos e se inclinando para a frente, com um brilho nos olhos de hipster. — Acho que existe algo de radical no que você faz, Natalie.

Tive que conter a vontade, tão instintiva quanto um espasmo, de pedir que ela me chamasse de senhora Heller Mills.

— Ah, é?

— Claro. Todo mundo na minha faculdade te ama. As mulheres lá acham que você é um ícone feminista.

Por um momento, baixei a guarda. Eu me recostei e soltei o ar.

— *Sério?*

Ela começou a rir.

— Com certeza! Quer dizer, não conheço ninguém que queira desperdiçar sua única e preciosa vida sendo capacho de um babaca bilionário do ramo das tecnologias só para ter acesso a um plano de saúde horroroso e conseguir poupar cinco dólares por mês para a aposentadoria.

— Só para ter que amamentar num quartinho um dia — acrescentei logo.

Conhecia esse jogo.

Shannon apontou o dedo para mim, como uma arminha.

— Exato. Elas querem o que você tem, Natalie.

— Que é o quê, exatamente?

Ela sorriu e respondeu, num tom gentil.

— Liberdade, é claro.

Ora vejam. Essa era novidade. Esse tempo todo achava que havia apenas dois tipos de mulheres que me seguiam: as liberais que me odiavam e as boas cristãs que me amavam. Mas agora me deparava, surpresa, com uma terceira mulher abrindo a porta da minha mente e perambulando: jovem, radical, instruída.

— Então sou o quê? Uma espécie de catarse para garotas da sua idade?

— Não é uma catarse. É mais como se fosse uma guia.

Ela falava com aquele senso de urgência e seriedade que só alguém de vinte e poucos anos tem.

— Sabe isso que você está fazendo na sua fazenda, cuidando de tudo e cultivando a própria comida e mantendo seus filhos afastados da tecnologia? Criando um negócio com seu marido, sendo dona de *todos* os meios de produção e fazendo isso tudo do conforto do seu lar? Isso é o futuro, Natalie. É a única saída.

— Saída do quê?

— Ah — disse ela, como se fosse algo óbvio. — Do labirinto.

Era assim que Shannon e suas amigas da faculdade chamavam. O labirinto. Quando participavam de alguma feira de empregos e passavam pelo estande de consultores de recrutamento militar ou da faculdade de direito, cutucavam-se com o cotovelo e sussurravam: "Anda, um bilhete só de ida para o coração do labirinto." Quando mandavam textos umas para as outras nos seus grupos, artigos de opinião sobre como era impossível sustentar filhos sendo uma mãe da classe trabalhadora: "Essa menina está presa no labirinto."

Sabe o que as mulheres jovens queriam hoje em dia?

Não ser mães nem trabalhar, pelo menos não no sentido mais tradicional. Certamente não ser as duas coisas ao mesmo tempo.

O que elas queriam era fazer o que, pelo visto, eu tinha feito: recuar um pouco, e mais um pouco. Queriam voltar aos poucos até a entrada do labirinto e então se virar e sair. Apenas dizer "Não quero participar disso" e em seguida sumir.

O que não contei para a Shannon é que desaparecer era um truque de mágica caro. Essas garotas tinham recursos para isso?

Em vez disso, o que falei foi:

— Continue.

Quando voltei para o rancho naquele dia, desliguei o carro e fiquei sentada em silêncio, observando minha própria casa e tentando vê-la pela perspectiva da Shannon. O que foi mesmo que ela falou sobre labirintos? Sua fala foi tão inebriante, tão inacreditável, que eu já estava tendo dificuldades de repetir para mim mesma. Pensei em ligar para Shannon e pedir que repetisse palavra por palavra, para eu lembrar. No lugar, mandei uma mensagem:

Você está contratada.

Uma semana após sua entrevista, ela apareceu na fazenda com duas malas grandes.

— Não acredito que estou aqui — ficava dizendo depois que a abracei na entrada de carros. — Não acredito que este lugar *existe mesmo*.

Abri bem os braços, dei uma volta e depois fiz uma reverência. Nos últimos tempos, eu vinha experimentando jeitos de ser *excêntrica*. Pelo que podia notar, era preciso dizer coisas como *ops,* rodopiar em vestidos de camponesa, jogar a cabeça para trás e rir histericamente de coisas que não eram engraçadas de verdade.

— Em nome das montanhas, e das galinhas, e das vacas, e da couve, e das crianças — falei em tom pomposo —, seja bem-vinda ao Rancho Bons Tempos.

— Cacete — respondeu Shannon, rindo. — Fiquei toda arrepiada agora.

Dei de ombros e fiz outra mesura.

— Gostaria de fazer um tour?

As crianças ainda estavam em sua aula com a babá Louise, então a casa estava silenciosa enquanto eu guiava Shannon. Um dos primeiros vídeos que queria fazer com a produtora era um tour oficial da casa, e esse parecia o ensaio perfeito.

— Não é nada muito elegante — comentei por cima do ombro enquanto atravessávamos o corredor até a sala —, mas é perfeito para nossa família, que está crescendo.

Shannon não disse nada. Sua cabeça ia se movendo enquanto observava todos os ângulos que tinha testemunhado pelo celular e agora estavam bem diante dela. *Objetos no espelho estão mais próximos do que às vezes aparentam.*

— Ao vivo é bem menor. — Ela fez uma pausa, parecendo notar o que havia acabado de falar. — Mas não de uma forma ruim, só quis dizer…

— Não tem problema! A casa é *mesmo* pequena.

Lá no fundo, soterrada por várias camadas da Natalie da internet, minha voz interior resmungou para ela. *Você conseguiria bancar algo "pequeno" assim, Shannon?*

Shannon concordou com a cabeça, o olhar ainda perdido.

— A gente devia destacar mais isso nos seus conteúdos. O consumismo é um problema, e esta é uma mensagem bem importante: você não precisa morar numa megamansão para ter uma família grande e feliz.

Concordei com ar de sabedoria:

— Detesto desperdício.

Ela fez um som de aprovação, e meus indicadores da Natalie da internet ficaram verdes. Eu tinha pensado em levá-la para o quarto do bebê em seguida, mas não me parecia a hora certa para a Shannon ver as caixas de produtos do

Rancho Bons Tempos empilhadas contra a parede, os moletons, os globos de neve e os kits para fazer pão, as traidoras etiquetas douradas coladas na caixa: MADE IN CHINA. Tínhamos acabado de lançar a loja on-line, todos os produtos já estavam esgotados, e todos os dias recebíamos mensagens raivosas sobre as compras.

Oi, comprei um globo de neve há dez dias, e tá dizendo que ainda não foi enviado???

Eu só precisava de alguém — Shannon, quem sabe — que pudesse cuidar dos pacotes e dos envios. Mas isso ficava para depois. Definitivamente. Mas agora:

— Vamos descarregar suas malas!

Mostrei o apartamento que ficava sobre o celeiro, onde ela moraria.

— A sala de aula fica de um lado do corredor e do outro é o seu quarto.

Chegamos ao topo da escada e entramos no quarto.

— E aqui estamos! — Abri a porta, e a babá Aimee olhou para nós no beliche de baixo. — Babá Aimee, essa é a Shannon.

— Oi — disse a babá Aimee.

Eu parei. Havia uma menininha esquisita ao lado da cama, brincando com os sapatos da babá Aimee.

— Mamãe — falou ao me ver.

Isso. É claro. Era minha menininha, Jessa. *Está crescendo tão rápido!* Não a reconheci devido ao lugar e ao cabelo, que estava trançado diferente, e…

Cérebro de grávida!

Eu me agachei e abri bem os braços.

— Olá, meu amorzinho!

Ela atuou brilhantemente, correndo para meus braços e explodindo em risadas. Dei um abração e um beijo, ignorando o cheiro — estava na hora de trocar a fralda ou de tomar banho —, e a mandei de volta para a babá Aimee. Entrei no quarto e apontei para o beliche em frente ao das babás. Meu sorriso diminuiu um pouco: já era para as babás terem arrumado a cama, mas havia uma pilha de lençóis embolados sobre o colchão.

— Desculpa — comentou a babá Aimee, lendo minha mente. — Eu já ia arrumar. Só estava ocupada com a Jessa. Ela fez um cocozão, aí a troquei, e ela fez de novo. Não foi, Jejé? A gente tem que te trocar de novo? Tem, sim!

Babá Aimee era uma grande decepção como funcionária. Chegou meses antes, vestindo short jeans e um tomara que caia justinho, toda rouca e mascando chiclete. Quando liguei para a agência (com o intuito de reclamar), falaram que

estavam com poucas opções. Ninguém mais estava querendo trabalhar.

— Não sabia que você tem duas babás — comentou Shannon, dando uma risada nervosa. — Não sabia nem que tinha *uma*.

A babá Aimee ficou olhando para nós com frieza, quase sem piscar, como um gato preguiçoso do alto do seu nicho iluminado pelo sol.

— A gente liberou as três gavetas de baixo para você — comentou, apontando para a cômoda.

Jessa começou a imitá-la, rindo e apontando. Eu tinha acabado de notar que ela estava com uma mancha de cocô seco na coxa.

Shannon não falou nada. Estava observando o beliche.

— Pode limpar a Jessa? — pedi à babá Aimee. — Já voltamos.

Então fechei a porta para que Shannon e eu ficássemos a sós no corredor.

— Está tudo bem?

— É só que… — Ela gesticulou, impotente, para a porta fechada. — É um quarto bem pequeno. Nem sei se minhas malas cabem.

— Bem — respondi, um sorrisinho aparecendo em meu rosto, menos por escolha e mais por reflexo. Como se tivesse sido forçada. — A questão é que estou pagando um salário ótimo para você.

Não estava, mas o que uma menina de dezenove anos sabe sobre salários?

— Não estou nem cobrando pelo quarto e pela alimentação. Você vai poupar tudo o que receber.

— É verdade — respondeu Shannon depois de um tempo.

— Além disso, vai adorar as babás. Provavelmente acabou de arrumar duas melhores amigas para a vida.

Continue, a Natalie da internet gritou.

— Vamos ver os campos!

Era meio-dia, e o sol estava queimando sobre nós enquanto Shannon e eu caminhávamos até os pastos mais afastados, onde Caleb estava trabalhando.

— É bom usar repelente o tempo todo — falei para Shannon, minha voz quase sumindo com o som das cigarras. — Esse lugar é cheio de carrapato no verão. A gente tem umas latas de DEET no celeiro, e você pode usar.

— Pensei que vocês eram contra o uso de químicos?

— Caleb — gritei quando chegamos ao alto da encosta. Ele desligou o motor do trator assim que nos viu. Enquanto ele saltava de lá e começava a atravessar o campo em nossa direção, eu me virei para Shannon, sorrindo de orelha a orelha.

— E então? O que acha?

O que a produtora devia dizer depois era algo como: "Não acredito no tamanho das suas terras." Ou: "Não acredito no quanto este lugar é lindo." Em vez disso, ficou olhando com um ar distraído para o outro lado do campo, onde os trabalhadores da Home Depot estavam, bem ao lado de uma carreta John Deere, fazendo a pausa do almoço.

Tinha se passado tempo de mais. Meu sorriso estava colado no rosto como uma cutícula.

— É uma operação e tanto — disse ela por fim.

E então Caleb chegou e nos cumprimentou com aquele sorrisão de caubói.

— Prazer, Brooklyn — falou com a voz arrastada.

Tive que conter a vontade de socar sua boca.

— Ah. Na verdade, é Shannon.

O sorriso do meu marido murchou. Ele abandonou o sotaque.

— Eu sei, é só… um apelido. Tipo, garota da cidade grande? Você é do Brooklyn, não é?

— Ah, *haha*. Sim. Agora entendi.

Ela deu um chutinho na terra e olhou na direção do sol.

— Enfim, aposto que você está feliz de ter saído de Nova York — Caleb comentou. — E aqueles ratos?

— Como é?

— Tem mais rato em Nova York do que gente. Por isso todo mundo vive doente. Por causa dos ratos.

— Não sei se…

— Bom, você certamente sabe que os nova-iorquinos sempre tiveram um fluxo de oxigênio péssimo para o cérebro. Por isso a população é tão burra. Por anos, os cientistas não conseguiram descobrir o *porquê*, até finalmente se darem conta do que era. — Caleb deu uma pausa intencional.

Shannon arriscou, receosa:

— Os ratos?

— Isso. Os ratos.

Shannon me olhou, impotente, e tentei forjar meu maior sorriso de "somos todos filhos de Deus".

— Caleb tem várias teorias fascinantes sobre o mundo. Com certeza vai te deixar por dentro delas em outro momento. Agora que vocês já se conheceram, gostaria de voltar…

— Na verdade, posso perguntar uma coisa?

— Ah. — De jeito nenhum. — Mas é claro!

Por favor, Deus, que não seja sobre os ratos.

— Quantas pessoas trabalham aqui?

Caleb e eu nos entreolhamos.

— Eu diria que são umas vinte pessoas em meio período aproximadamente, mas isso muda bastante dependendo da estação.

Muito bem.

— Uau — respondeu Shannon. — Que interessante.

Ali estava mais um momento que devia ter se desdobrado de outra forma — Shannon devia sorrir alegremente: "Mal posso esperar para começar!" —, mas acabou indo na direção oposta: ela pegou uma câmera na bolsa e apontou para os trabalhadores do outro lado do campo. O som metálico em seguida foi ensurdecedor: clique.

Foi então que percebi que cometi um erro.

41

ESTAMOS EM MEADOS DE DEZEMBRO, acho. Está um dia gelado, nublado e bem ruim. Estou no galinheiro, colocando isolamento para as mocinhas. Então me viro e me esqueço de respirar.

O Velho Caleb e Abel estão andando pela estradinha com outros dois homens.

Ambos têm barbas cheias, como o Velho Caleb, e estão vestidos como ele, mas são bem mais novos. E ali está: um lampejo de reconhecimento, seguido por um estalo na cabeça e uma sensação terrível de calor.

Eu me volto novamente para o teto cheio de palha, o coração disparando. Minha cabeça parece um disco rígido superaquecido. Um computador com a ventoinha quebrada. Enfio mais palha nos vãos entre as vigas, dando umas espiadas sempre que preciso descer para pegar mais um pouco no fardo.

Espiada: eles estão chegando ao alto da colina.

Espiada: estão perto de casa, o Velho Caleb aponta para as pilhas de lenha recém-cortadas.

Espiada: estão vindo na minha direção.

Viro-me sem olhar para trás. Sinto, nas entranhas, uma necessidade de dar um grito horripilante. Quero correr deles e também quero me lançar contra eles.

Mordo o lábio até a boca ficar com gosto metálico. Os homens passam pelo galinheiro sem se dirigir a mim. Apenas um deles, o mais alto, olha para mim. Seu olhar se demora em meu rosto, completamente inexpressivo.

A sensação é que meu cérebro está se partindo em dois.

Se isso era um teste do Senhor, os testes estão cada vez mais difíceis de suportar. Se não era um teste, posso ter perdido minha única chance de ser livre.

Eu me curvo e vomito o café da manhã.

42

NA MANHÃ APÓS A CHEGADA de Shannon, eu acordei sabendo que precisava demiti-la.

Mal consegui dormir na noite anterior. Não parava de pensar em todas as expressões em seu rosto ao longo do tour: a decepção quando ela resmungou "Ao vivo é bem menor"; a confusão quando perguntou: "Quantas pessoas trabalham aqui?" O som condenatório do clique da câmera quando fotografou os trabalhadores, feito o som da tranca do portão da prisão sendo fechada.

Quando dei conta de descer, já estava elaborando o discurso de despedida na cabeça. *Infelizmente, acho que não foi uma boa combinação. Claro, vamos pagar sua passagem de volta. Ah, e pode me entregar aquele rolo de filme antes de ir?*

Então virei na cozinha e parei de repente. Shannon estava tomando café da manhã com as crianças e as babás.

— Bom dia — eu disse.

O coro foi se avolumando ao responder, preguiçoso:

— *Bom dia, mamãe.*

Fui rodeando a mesa, pousando a mão sobre a cabeça de cada um dos meus filhos. No geral isso me trazia paz, fazer minha rotina da manhã, entrar no modo Natalie da internet, mas hoje parecia errado, apertado, feito um suéter lavado de um jeito errado. Movi os ombros para trás instintivamente, como se pudesse retomar minha forma, mas ainda assim parecia que tinham enfiado o pescoço no buraco do braço.

— Shannon — falei —, você não precisa se levantar tão cedo! Só começa a trabalhar às nove.

Agudo demais. Alto demais. Diminua o tom de voz.

A produtora apontou para a pia da cozinha, onde o equipamento já estava preparado.

— Pensei que seria bom a gente tentar gravar os vídeos de manhã cedo, se possível. A luz é melhor.

— Ah. Bem, acho que não vou ficar pronta a tempo hoje.

— Sem problemas. Podemos só ensaiar. Bem informal.

Ela sorriu para mim. Sorri de volta.

— Está bem — respondi então. — E quanto ao quarto, está tudo bem?

— Ah, você tinha razão. A Aimee e a Louise são incríveis. A gente passou a noite conversando sobre tudo. — Ela deu uma olhada sapeca para as babás, que pareceram conter os risos. — De verdade — acrescentou, dando um olhar bastante satisfeito para a babá Louise —, foi como se eu vivesse há anos aqui.

Eu me arrumei e desci as escadas de novo. A esta altura as crianças já estavam em aula, e Shannon estava sozinha na cozinha.

— Vamos tentar um conteúdo sobre pão?

Estiquei-me para pegar o *levain*.

— Vira o queixo uns dez graus na minha direção.

Dei uma pausa. Não tinha me dado conta de que contratar uma produtora significava receber ordens dela. Virei o queixo em dez graus, como uma marionete, a expressão congelada de alegria.

— Ótimo — murmurou Shannon. — Agora olha pela janela quando você puder, como se estivesse procurando as crianças. Só uma olhadela… isso, perfeito. Um sorrisinho, depois talvez uma leve franzida no rosto, porque o que você faz é *difícil*, exige *esforço*…

Pela janela, olhei para o nada. Sorri para crianças invisíveis. Voltei o olhar para a tigela e suspirei, contente.

— Continue — sussurrou Shannon. — Bem assim.

Algumas horas mais tarde, Shannon me mostrou uma edição bruta da filmagem. O vídeo era exatamente como os que eu vinha fazendo nos últimos meses, só que uns vinte por cento melhor. De alguma forma, a luz do ambiente parecia rarefeita, quase granulada; dava para ver pontinhos de poeira flutuando num feixe de luz enquanto meus dedos entravam e saíam do feixe de luz. A sensação era como a do som de um piano: suave, natural, meticuloso.

— O que acha?

— Está muito bom — admiti.

— Achei que você diria isso — respondeu ela, animada.

E lá estava aquela sensação estranha de novo: a sensação de estar numa

gangorra com essa jovem. Para cima, para baixo, para cima.

Não a demiti naquele dia, claro. Na manhã seguinte, outra vez acordei certa de que ela precisava ir embora, e outra vez ela já estava munida de uma ideia quando desci as escadas.

— Quer gravar alguma coisa no galinheiro?

Fomos até lá. Sussurrei meu "Olá, mocinhas" de sempre, e ela perguntou:

— Por que você não fala isso diante da câmera?

— Falar o quê?

— O que acabou de dizer. "Olá, mocinhas."

— Você não acha um pouco… kitsch?

Shannon deu de ombros.

— Acho que ficaria bom.

E ficou. Ficou muito bom.

No dia seguinte, a produtora falou que a gente devia envolver um pouco mais as crianças nos conteúdos.

— Seus tutoriais de cozinha são tão legais, mas acho que traria um elemento mais orgânico e caseiro se as crianças participassem de verdade, em vez de aparecerem ao fundo.

— Não vai funcionar — respondi. — Já tentei isso.

Expliquei a ela como as crianças ficavam descontroladas quando eu tentava filmá-las, como o humor de Clementine mudava rapidamente do interesse ao tédio e depois à irritação, como uma vez ela atirou uma tigela de farinha na cozinha, fazendo a cerâmica se estilhaçar.

— Vamos pelo menos tentar — pediu Shannon. — Faz esse agrado para mim. Só desta vez.

— Está bem. Só desta vez.

— E então gravamos um tutorial de torta de mirtilo feita do zero por mãe e filha, e fiz o máximo que pude para manter um sorriso no rosto enquanto Clementine e Jessa grasnavam, crocitavam e guinchavam ao meu redor como duas gralhas.

— Viu só? — falei, desesperada, por cima do som do choro repentino de Jessa. (*Ela* queria quebrar o ovo, mas a Clementine já tinha feito isso.) — Foi um desastre.

— Na verdade, acho que estamos conseguindo uma ótima gravação — a produtora comentou. — Continue.

Mais uma vez, ela estava certa: na manhã seguinte, uma edição de vinte segundos de maternidade tranquila apareceu na minha caixa de entrada. Chegava a ser quase irritante o quanto os vídeos de Shannon eram melhores que os meus. Eu achava que minhas fotos e vídeos eram bons, mas agora via como eram amadores. Era engraçado, na verdade: queria que o mundo enxergasse o Rancho Bons Tempos através de meus olhos, mas tudo ficava melhor através dos olhos de Shannon.

No fim da semana, tiramos a Clementine da sua lição depois do almoço para poder utilizá-la em um vídeo de piquenique na encosta, um momento perfeito entre mãe e filha, bem na hora em que a luz da tarde ficava fraca e dourada. Inicialmente, Shannon hesitou em tirar Clementine da aula.

— Ela não precisa… estudar ou algo assim?

Três meses depois, um comentário desses faria com que eu me contorcesse. Precisaria me controlar para segurar a vontade de gargalhar e responder em tom divertido: "Ora, ora, se não é o sujo falando do mal lavado, srta. Larguei
A Faculdade?"

Mas naquele dia não pensei duas vezes:

— Não tem problema — disse com leveza. — Sério, eles recebem tanta atenção individualizada, que todos estão adiantados. Se Clementine frequentasse a escola pública, estaria muitos anos à frente dos colegas.

Seria errado falar que Clementine era uma menininha desobediente. Ela era bem obediente, fazia as tarefas, ajudava os irmãos mais novos e quase nunca reclamava. Só havia uma coisa em relação à qual ela sempre se recusava a dar o braço a torcer para mim: sorrir. Mas, naquela tarde com Shannon, Clementine não parava de sorrir. Ela chegou até a rir de algumas das piadas da produtora. A filmagem daquele dia acabou se tornando nosso conteúdo mais duradouro, sendo reutilizado várias e várias vezes: de alguma forma, Shannon filmou a gente num ângulo que parecia que a Clementine estava sorrindo e gargalhando comigo.

Depois que terminamos de filmar, ficamos sentadas na encosta, comemos queijo e biscoitos de água e sal, e ficamos vendo o pôr do sol. A certa altura, Clementine se levantou e foi pegar flores; queria fazer uma coroa. Enquanto ela pegava as flores ali por perto, virei-me para Shannon e perguntei:

— Você achava que a gente fazia isso tudo sozinhos, né?

Ela se virou para mim:

— Achava.

Tentei lhe dar um olhar sensato. Um olhar de quem diz: "Você não entende porque ainda não é mãe."

— Ninguém consegue fazer isso tudo sozinho.

— Mas… — começou ela, parando em seguida.

— Anda, pode falar.

— *Mas* — continuou ela —, você faz parecer, de propósito, que dá conta de tudo sozinha.

Eu estava esperando por esse momento.

Luzes, câmera…

— Nunca falei que a gente não tinha ajuda. Sério, não acho que o que faço aqui no rancho, que é mostrar as melhores partes dele, seja diferente do que todo mundo faz nas redes sociais. É uma compilação de melhores momentos, Shannon. Nunca afirmei o contrário. — Ela voltou a ficar em silêncio. Meus sensores ficaram verdes. Continuei: — Há milhões de mulheres que contam comigo agora, e levo essa responsabilidade muito a sério.

— Mas você está mentindo para elas.

— Não é mentira. Mas também não é a verdade completa.

— E por que não oferece a verdade completa?

— Porque elas não querem. E, além do mais, dou coisas mais importantes.

— Como o quê, exatamente?

— Uma fuga momentânea.

As meninas com quem Shannon estudava, aquelas que me amavam? Elas nunca conseguiriam fazer o que eu fazia. Nunca conseguiriam deixar o labirinto. Eu sabia disso, e agora Shannon sabia também. Mas o que eu — o que *a gente* — oferecia era a segunda melhor opção: pequenos momentos da vida de outra pessoa. Pequenos lampejos de imaginação. *É assim que as coisas seriam se você fosse tão rica, bonita e esforçada quanto eu. Nunca será assim para você*. Lá no fundo, eu sabia que esse era o verdadeiro produto, porque essa também era minha relação com o perfil. Distante, imaginária, inalcançável.

Dá um jeito de alcançar, a Natalie da internet sussurrou.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Shannon não falou mais nada, mas era nítido que estava pensando no que eu tinha dito, decidindo se concordava. Clementine voltou com a mão cheia de flores e se jogou entre a gente, mexendo o bumbum até estar recostada no peito da produtora.

— Vou fazer uma tiara de flores para você.

— Parece ótimo — respondeu Shannon.

— Será que a gente filma? — perguntei, esperançosa.

Mas Shannon deu de ombros.

— Já temos bastante material. Acho que podemos só curtir isso.

— Quando você vai ter filhos? — Clementine perguntou.

— Hum. Não sei se quero ter, mas, se eu tiver, provavelmente ainda vai demorar bastante.

Eu e Clementine franzimos o rosto.

— Que boba — disse minha filha. — Toda mulher se torna mãe quando cresce.

— Na verdade, Clem, nem toda.

Quando foi que Shannon passou a chamar minha filha de Clem? E que palhaçada era essa de mulheres sem filhos?

Se ela notou meu desconforto, não demonstrou.

— Tem tantas outras coisas que agora são mais importantes para mim! Por exemplo, viajar. Nunca vi o Oceano Pacífico. Quero visitar a Califórnia e dirigir na Highway One, talvez viver em uma das cidades costeiras.

— Oceano — repetiu Clementine de repente, olhando para nós duas. — O que é isso?

A conversa morreu.

— Clem — respondi num tom leve, experimentando o apelido dado por Shannon. — Com certeza a babá Louise já falou para você dos oceanos. Eles são grandes massas de água.

— Não — Clementine me corrigiu. — Isso é o rio.

— Mas existem vários tipos. Você sabe do que a gente está falando. Claro que sabe! Atlântico, Pacífico, Índico… — Parei ali.

Não lembrava o nome dos outros. Havia outros, né? Sete? Ou isso eram os continentes?

Minha filha de onze anos me deu um olhar desconfiado. Então se virou para Shannon e perguntou:

— O que é um oceano, Shannon?

— Bom — começou ela sem jeito. — Acho que é onde toda esta terra termina, e a água começa…

Enquanto a produtora continuava, eu me peguei olhando para o céu, para o sol flamejante que se punha por trás das montanhas e, bem ao longe, para duas águias sobrevoando alguma carniça.

Foi assim por um ano. Para cima, para baixo, para cima. Mais vezes do que podia

contar, acordei e pensei imediatamente, antes de qualquer outra coisa: *Tenho que demiti-la.* E várias noites, deitada no escuro enquanto meu marido roncava ao lado, eu pensava: *Por que ela não se demitiu?*

A única conclusão a que eu chegava era a seguinte: apesar de todas as nossas diferenças e pequenas rusgas — e apesar das mentirinhas que fluíam por minha fazenda como cursos de água que se cruzavam —, ela gostava mesmo de mim. Ou queria gostar.

E por que eu não a demitia?

Senhor.

Eu também queria que ela gostasse de mim.

Nossa quinta criança, Junebug, chegou ao mundo numa manhã fria de outono. Era meu primeiro parto em casa. Eu estava inacreditavelmente calma. Fiquei de quatro numa piscina inflável, com água morna nos joelhos enquanto me balançava e gemia, e as crianças observavam, caladas, do outro lado da sala. Estendi a mão, e a parteira e Caleb vieram correndo na minha direção.

— Não — gemi baixinho, dando um tapa em suas mãos. — Vocês não. A Shannon. Preciso da Shannon.

Caleb foi correndo buscar a produtora no celeiro. Ela chegou, parecendo apavorada.

— O quê? O que houve? Como posso ajudar?

Senti outra contração. O que a Bíblia dizia sobre partos? Algo sobre as mulheres terem que sofrer. Alguma coisa sobre merecer a dor.

— Pega a câmera — falei entre os dentes cerrados. — *Filma.*

43

NÃO DEVIA IMPORTAR O FATO de que havia outras pessoas em Bons Tempos. Sei disso. Sei que não devia ligar; sei que devia focar meus próprios afazeres e me concentrar em ser mãe, esposa e serva de Deus zelosa.

Mas o problema é que não consigo. Eles voltaram mais duas vezes desde que os vi pela primeira vez, os dois homens jovens. Estão ajudando o Velho Caleb a substituir algumas partes da cerca que estão podres.

Tudo que mais desejo é que eles vão embora. Lembro que fui enviada para esse lugar pelo próprio Senhor, portanto apenas Ele pode me libertar.

Ainda assim, não consigo parar de olhar.

44

No dia em que Doug anunciou a candidatura à presidência, o clima no comício era menos de um evento político oficial e mais de um festival, ou talvez uma daquelas feiras elisabetanas a caráter. Havia vendedores perambulando e anunciando pipoca, cachorro-quente, raspadinha. Uma longa fileira de lojas de lembrancinhas separava o estacionamento do local do evento. Cada loja vendia uma versão colecionável diferente do meu sogro: enfeite de Natal do Doug, camiseta do Doug, prato do Doug, adesivo do Doug. Pelo visto, todas as lojas tinham decidido usar a mesma foto oficial, na qual ele estava bem mais bronzeado e jovem do que na vida real. Além dos estandes de lembrancinhas, uma fila enorme de mulheres e homens aguardava para usar o banheiro químico. Uma mulher usava óculos de sol de plástico no formato do nome DOUG, com as letras O e U nas lentes; outro homem usava uma camisa com uma mensagem em letras garrafais: A GUERRA CIVIL ESTÁ CHEGANDO.

O homem estava com os braços cruzados. Estava jogando conversa fora com a mulher dos óculos escuros do DOUG, que estava à frente na fila. Os dois olharam para alguma coisa do outro lado da rua, e acompanhei seus olhares para me deparar com um homem de barba comprida em pé sobre um caixote de plástico virado ao contrário. Ele desenrolava um cartaz com uma mensagem escrita de canetinha, em letras maiúsculas: VOTEM NO MILLS PARA SALVAR A ALMA DOS ESTADOS UNIDOS.

— *Arrependam-se* — gritou para as pessoas que passavam —, pois Ele decidiu o dia em que vai julgar o mundo com justiça por meio do homem que Ele escolheu. E esse homem, senhoras e senhores, é Doug Mills.

A mulher com os óculos escuros do Doug deu um gritinho. Um grupo de homens ali perto com jaquetas de motociclistas combinando aplaudiu, e um deles falou:

— Isso aí, cara!

O homem sobre o caixote de plástico começou a berrar sobre as pragas vindouras.

— Vocês vão ouvir falar de guerras e rumores de guerras, mas não se assustem! Essas coisas devem acontecer, mas o fim ainda está por vir. Nação se levantará contra nação, e reinos contra reinos… Tudo isso é apenas o início das dores do parto!

Senti um tapinha no ombro. Eu me virei. Era a Shannon.

— Oi. A fila do banheiro está uma *loucura*. Os meninos estão quase acabando.

Ela seguiu meu olhar para o homem do cartaz, que agora berrava sobre heroína na água.

— Os comícios do Doug são sempre assim?

— Não — murmurei. — Isso é novidade.

Naquele instante, uma jovem mãe passou com a filha adolescente, e ouvi parte da conversa das duas:

— …bem, e, se você parar para pensar no que significa viver numa cidade repleta de roedores infectados…

Ah.

Olhei a multidão com uma consciência renovada. Era como se estivesse atravessando cautelosamente o portal da tela do computador do Caleb e entrando num universo alternativo e estranho de suas salas de bate-papo. Então era dessa gente que meu marido falava quando mencionava os colegas da internet. Então era sobre essas coisas que conversavam: gafanhotos, sapos e ratos. Uma grande praga purificadora.

Parece que Doug enfim encontrou uma mensagem que ecoava.

Shannon perguntou:

— Ouviu o que aquela mulher falou sobre os ratos?

Dei de mamar para Junebug no banheiro VIP, depois a entreguei para a babá Louise. Ela e Aimee saíram com as crianças para dar uma voltinha do lado de fora, e Shannon e eu voltamos para a sala VIP, que estava lotada. Todos os filhos de Doug estavam presentes com as respectivas famílias. Doug abriu os braços para mim e fui até seu abraço. Ele me apertou bem forte e deu um tapa tão forte nas minhas costas que cheguei a tossir. Dei um passo para trás e o observei com curiosidade. Ele tinha feito uma plástica, pelo visto, e os dentes… Doug tinha colocado lentes neles?

— É muito bom te ter aqui — falou de forma estranha. — Todos vocês, na verdade.

Meu sogro deu uma pequena volta.

— Que beleza, que beleza, que beleza.

E então apontou para Amelia:

— Está com fome, querida? Quer uma água?

A mãe de Caleb estava numa cadeira dobrável vestindo um terninho laranja que parecia grande demais para ela. Parecia uma fruta murcha. Desidratada. Enrugada e se desfazendo.

— Estou bem — respondeu num tom áspero.

Por um momento o que vi não foi um rosto, mas uma caveira, um monte de ossos sob uma tela de pele gasta. A impressão era que minha sogra estava morrendo de fome; como se estivesse fazendo greve de fome havia semanas, mas seu carcereiro ainda não tinha notado.

— Jonathan — falou Doug com um dos seguranças na porta —, pegue um pouco de água para a Amelia.

Nunca o tinha visto assim, tão nervoso, tão… ansioso. Não que eu não entendesse. Após anos se preparando, Doug estava enfim pronto para ser outra pessoa e ia ter que manter aquele disfarce — não apenas até o fim daquela noite, mas o próximo ano todo. Pelos próximos cinco anos, caso vencesse. Pelos próximos nove, caso conseguisse se reeleger. Ocorreu a mim que eu talvez fosse a única pessoa ali que conhecia aquela sensação tão bem quanto Doug. Fiquei me perguntando se ele sobreviveria ao ordálio ou se morreria de exaustão, tamanho o esforço.

— É um dia importante, pai — disse um dos irmãos. — Empolgante.

— O começo de uma grande aventura — uma das esposas completou.

Doug concordou lentamente com a cabeça, o rosto paralisado com um sorriso triste.

— Um dia importante — repetiu. — Com certeza. E sabe do que mais? Fizemos a coisa toda: os testes, as pesquisas, os estudos... e *sabemos* que é o momento certo.

Seus lábios se abriram mais.

— E se não for…

— Não diga isso, pai — dois dos irmãos intervieram ao mesmo tempo.

Mas Doug não parecia ter ouvido. Ele se sentou com um gemido. De repente, parecia que ia vomitar.

A sala ficou em silêncio.

— Sério — disse meu sogro de repente. — Não importa se eu ganhar ou não. São as mesmas organizações que financiam todo mundo. Malditos. Falei para

eles: se querem que eu ganhe, deem o dinheiro todo para mim, mas não é assim que eles fazem. Eles gostam de garantir suas apostas. — Deu uma fungada. — De toda forma, conseguirei o que quero. A única diferença é que, se eu vencer, vou levar o crédito.

— Pai, você vai vencer — Caleb afirmou.

Doug olhou para cima, prestes a responder algo, e então parou. Estava olhando para mim. Não, para a Shannon.

— Você… você está *me filmando* agora?

Minha produtora estava parada com os braços cruzados e o celular contra o peito de forma estranha. Ela empalideceu.

— Claro que não.

— Está, sim — retrucou Doug, incrédulo. — Você está me filmando.

No mesmo instante, meia dúzia de corpos vieram na direção de Shannon e na minha. Num instinto rápido, ou talvez numa possessão, dei um passo adiante, ficando na frente e bloqueando o caminho.

— Ela trabalha para mim — gritei. — Está sempre filmando. A gravação não vai a lugar nenhum.

Naquele momento, um jovem de terno entrou na sala.

— Senhor? Vão te chamar em cinco minutos.

Doug se levantou. Estava com uma expressão de determinação sombria e apavorada.

— É isso aí — falou baixinho, parecendo que estava se preparando para a cadeira elétrica.

Enquanto acontecia a rodada final de votos de *boa sorte* para Doug, dei uma olhada para Shannon. Ela moveu os lábios sem som, como quem diz: "Está tudo bem."

Quando Doug estava deixando a sala, Amelia exclamou, do canto:

— Acaba com eles, querido!

Doug acenou em resposta e sumiu, e todos ficamos ali, como se estivéssemos em um depósito de marionetes, piscando um para o outro enquanto esperávamos a escuridão repentina.

— Estados Unidos! — Doug berrou um minuto depois, sua voz ecoando em mil alto-falantes. — Há quanto tempo aguardamos por um novo amanhecer?

Naquela mesma noite, mais tarde, as análises dos noticiários e os editoriais concordariam: foi aquele tipo de momento perfeito que reanima uma campanha

moribunda. Doug era um triunfo retumbante. O tipo certo de cara para colocar o país de volta nos trilhos. E a família dele: não era a coisa mais adorável?

> Natalie, acabei de ver você no comício do seu sogro, e você é linda pessoalmente!
>
> OBCECADA PELA FAMÍLIA MILLS, MEU DEUUUUS
>
> Algum comentário sobre o discurso do seu sogro hoje???
>
> Pera, ela é nazista? Kkkkk
>
> Pelo visto hoje qualquer um é chamado de nazista por qualquer coisa!!!!! Ninguém pode mais celebrar a feminilidade tradicional que já é taxado de nazista!!!!! Você não pode nem apontar fatos simples tipo que nossas fronteiras estão sendo envadidas, sem uma vadiazinha de merda te chamar de…

Duas horas depois, estávamos caminhando de volta para o carro, andando lentamente junto com a multidão, pessoas com cadeiras dobráveis, garrafas térmicas com sopa e bandeiras dos confederados enroladas sob os braços.

— Assustador — sussurrou Shannon para mim.

Dei uma risada.

— Nem me fala. Imagina ser da família dele.

— Não. Natalie, o *discurso* foi assustador. Quer dizer, sei que seu sogro é… intenso, sempre soube disso, mas isso… você não achou que foi diferente?

Olhei para trás. Caleb estava caminhando com os irmãos, a empolgação da noite proporcionando um breve momento de camaradagem entre eles. As babás estavam a uns trinta metros da gente, com as crianças. Clementine estava montada nas costas de Aimee. Louise estava com a Junebug presa no canguru e falava alguma coisa para um dos menores — não dava para distinguir qual na multidão —, e, pelo seu olhar, deu para perceber que a criança estava chorando.

— *Natalie*.

Virei-me de volta para Shannon.

— O quê?

— Conta para mim o que você acha. — Ela gesticulou bastante. — Sobre isso tudo!

Suspirei. Tentei me lembrar do discurso. Não sei o que lá das cidades costeiras. O mundo claramente se desviando. Famílias nucleares se desintegrando, e as crianças — *as crianças*, minha mãe sussurrou em minha mente, *as crianças, as crianças!* —, e as mulheres, e com certeza os homens, mas Doug falou tão depressa e o sistema de som, ecoando e reverberando, distorcia tudo tão depressa. *Os Estados Unidos*, Doug ainda gritava em minha cabeça. *Estados Unidos, Estados Unidos… há quanto tempo nós… quanto tempo até… Estados Unidos… ó, onde Você*

está?

Era uma mistura de milhares de conversas que ouvi ao longo da vida. A única diferença, na minha mente, é que foi um pouco emburrecida e talvez um pouco exagerada nos extremos.

— Ele vai vencer, Natalie — afirmou Shannon, quando não respondi nada. — Você entende isso, né? Que ele vai vencer?

Revirei os olhos.

— É tudo uma encenação, Shannon. É um teatro político. Não é real.

— Como uma eleição não é real?

— Não foi *isso* que eu quis dizer, é só… — Gesticulei para a multidão em volta. — Isso tudo. Esse espetáculo. Essa bravata.

— Acha mesmo que essa encenação não tem consequências?

— Olha só. Você sabia desde o início quem era meu sogro…

— Sim. — Ela se irritou. — Mas você é a pessoa que eu não sabia quem era.

Parei de falar. Olhei para ela.

— Essa gente fala as mesmas asneiras que o Caleb — comentou Shannon. — Essa merda toda de ratos. E, então, o que o Doug disse no palco, sobre voltar aos "bons tempos de antes". Ele estava praticamente citando a bio do seu Instagram, palavra por palavra.

— Não faço ideia do que você está dizendo — respondi na mesma hora, e não fazia mesmo.

Notei como Doug vinha mudando sua mensagem para se adequar à atmosfera dos fóruns do Caleb, claro que sim, mas eu não tinha notado, nem sequer cogitado, que um dia me plagiaria.

Ele não seria capaz.

— Nunca tive tanta certeza de algo na vida — declarou Shannon.

Minha produtora parecia frustrada e falava alto. Algumas pessoas em volta estavam começando a sussurrar a apontar para a gente quando ela continuou:

— Isso é muito *sério*, Natalie. É *errado*.

Acalma essa garota. Controle a situação, a Natalie da internet dizia, bem no momento em que uma adolescente atrás de mim falou:

— Meu Deus, é a Rancho Bons Tempos!!!

Meu estômago revirou. Eu estava exausta. Isso já tinha se repetido umas vinte vezes naquela noite. Ainda assim, ajeitei a expressão e me virei para conhecer outra fã, meus sensores todos acendendo a luz vermelha. *Pouca bateria.*

Olá! Sim… ah, você é muito gentil… muito obrigada por… imagina, eu é que agradeço por…

Quando me virei de novo, Shannon não estava mais lá. Eu estava sozinha na multidão, cada vez mais gente me reconhecia e falava meu nome — *é a Rancho Bons Tempos!* —, pedia uma foto, tocava minhas mãos, braços, cintura, iam me cercando…

— Com licença — pedi, com a garganta fechando de medo —, será que posso só… preciso mesmo achar meus filhos…

Uma lição que demorei demais para aprender: às vezes o amor dos desconhecidos pode ser muito mais assustador que o ódio.

Eu não tinha me dado conta de quantas vagas de estacionamento havia no comício, e fiquei perdida por quinze minutos. Quando finalmente vi a van parada na vaga certa, estava com os olhos marejados pelo excesso de atenção e por aquele monte de mão me pegando. Meu corpo estava dolorido. Estava meio apavorada e meio aliviada por Shannon ter desaparecido. Talvez fosse melhor assim, a parte aliviada do meu cérebro repetia. Eu já queria demiti-la desde quando chegou, e com certeza a gente conseguiria uma produtora do mesmo nível. Mas o lado apavorado discordou: ela tinha total controle de nosso conteúdo àquela altura — não apenas acesso à minha senha, mas também à nossa agenda, ao nosso e-mail corporativo, aos nossos arquivos de criação de fotos. Podia me impedir de acessar minha própria conta. Podia postar uma mensagem ou vídeo. Podia arruinar minha vida em cinco segundos. Bastavam alguns cliques.

Ela jamais faria isso.

Mas, tecnicamente, podia.

E então vi Shannon sentada na fila do meio, com o cinto de segurança, de braços cruzados enquanto as babás acomodavam as crianças em volta dela.

— Shannon, podemos conversar? — perguntei baixinho, apoiando-me na porta aberta do veículo.

Ela soltou o cinto de segurança e passou agachada por mim.

— Com licença — resmungou. — Estou enjoada.

Em seguida, passou pelo canteiro, entrou e se sentou no banco do carona, onde eu costumava ficar. Caleb olhou surpreso, mas não falou nada.

— Prontinho — disse a babá Louise do banco de trás. — Estamos prontos para partir.

Hesitei. Será que devia mandar Shannon sair do meu lugar? Não. Seria muito agressivo. Fui para a primeira fileira, perto das babás. Enquanto Caleb ligava o veículo, Shannon se virou e olhou para ele, a silhueta iluminada pela luz amarela

barata dos faróis.

— Caleb, pode me falar mais sobre os fóruns?

O rosto do meu marido se iluminou na escuridão. Era a primeira vez naquela noite que alguém lhe pedia alguma coisa.

— O que você quer saber?

45

— **Acho que devíamos convidar** os vizinhos para o jantar — diz Mary. — Nunca oferecemos uma refeição para eles, né? Não é algo muito educado.

Já é noite. Estou dobrando roupas perto do fogo. A mais velha está picando batata para o jantar. Ou melhor, *deveria* estar picando batata para o jantar.
O que ela está fazendo mesmo, quando olho para ela, é espiar pela janela da cozinha, observando os homens que trabalham na cerca. Seus olhos acompanham o vizinho mais alto, enquanto ele está martelando. A mão dela paira sobre a tábua de cortar, o dedo indicador parado perto do lado mais fino da faca. A expressão em seu rosto não é aquela de uma dona de casa cansada e embrutecida, como de costume. É a expressão, vou notando aos poucos, de uma menina apaixonada.

Seu rosto tem uma expressão de anseio tão grande! E logo Mary, que comanda esta casa com a disciplina dura de uma freira. Fico pensando uma coisa fútil. *Mary está apaixonada!*

Na outra vida, eu começaria a provocá-la. *Mary e o Senhor Barbado estão namoraaaaando, estão namoraaaando!* Na outra vida, ela ficaria corada e começaria a rir. Diria: "Ai, você é ridícula, mãe."

Nesta vida, eu me ouço falando, num tom gentil:

— Você é jovem demais para se casar, Mary.

E ela se vira e olha para mim, séria:

— Falei casamento ou jantar?

A adolescente sai pela porta antes que eu consiga responder. Fico observando pela janela enquanto caminha na direção dos campos, até parar e começar a chamá-los a uns quinze metros de distância. Os homens hesitam. O Velho Caleb diz algo para Mary. Ela aponta para as nuvens escuras e distantes perto das montanhas. Está argumentando que o tempo está feio.

Mary está apaixonada. Sinto meu coração se aquecer. Ela daria uma mãe e uma esposa excelentes.

Fico curtindo essa onda rara de alegria genuína quando um pensamento inocente — *Mary é uma ótima mulher* — leva a um perigoso: uma boa mulher em algum momento acaba se casando e tendo sua própria família.

O que significa que Mary pode ir embora algum dia.

Não… Mary *vai* embora algum dia. E não deve demorar. Afinal, boas cristãs se casam jovens.

Somos duas mulheres vivendo sob o mesmo teto e ainda assim estamos em estruturas labirínticas completamente diferentes. Para agradar a Deus, Mary deve deixar este lugar e se tornar esposa e mãe em outra casa. Maeve também. E, para agradar a Deus, eu sempre devo ficar aqui.

Exceto que não consigo sequer me imaginar sobrevivendo a um dia neste rancho sem as meninas.

A porta é escancarada.

— Está decidido — declara Mary. — Os vizinhos vão ficar para o jantar.

Os homens são jovens e quietos, perturbadoramente educados. Comem curvados sobre as tigelas, tomando o ensopado depressa, sem deixar uma gota cair na mesa. Enquanto comem, observo-os com atenção. A maior parte do rosto deles é coberta por barbas compridas e cheias, mas os olhos são familiares. Lá está aquela sensação de zumbido na minha cabeça; o chiado irritante de uma engrenagem superaquecida.

Eu adoraria que esse jantar acabasse.

O problema é que estava claro que Mary queria que esse jantar durasse para sempre. Ela organizou tudo para que a gente comesse em etapas — primeiro os biscoitos, depois a sopa, depois a torta — e parecia determinada a saber cada detalhezinho sobre marcenaria. Em teoria, é uma coisa linda de testemunhar: uma adolescente desabrochando como uma flor, desesperada para sentir no rosto o calor da atenção de um homem. Mas isso não é teoria, então fico encarando meu ensopado com uma sensação de decomposição no estômago. A certa altura, olho para a frente e vejo o Velho Caleb observando Mary com uma expressão que parece a minha. De incômodo.

Uma sensação de medo vai aumentando em mim.

Pouso o garfo e olho para o rapaz mais alto.

— O que achou da sopa?

Sinto Mary me encarando. Não retribuo, tampouco me viro para o Velho Caleb, embora possa sentir que ele também está olhando para mim. Era a primeira coisa que eu falava no jantar que não *por favor*, *obrigada, não, obrigada, sim*.

— Está uma delícia — responde o vizinho mais alto. — Muito obrigado, senhora.

— Onde é mesmo sua fazenda?

Os olhos do vizinho mais alto brilham com alguma coisa.

— Descendo a colina.

— Qual colina?

A mesa está toda em silêncio. Maeve usa a colher para ficar movendo uma ervilha pelo prato. Os meninos ficam encarando seus pratos vazios. Não consigo ver a expressão de Mary, mas consigo sentir sua energia, uma vibração enfurecida.

— Cerca de uma hora de caminhada — fala o vizinho mais alto, enfim.

— E o que existe depois dela?

— O restante do mundo, acho. — Ele dá uma risada nervosa.

O vizinho mais baixo começa a rir também, e direciono meu olhar para ele.

— O que tem de tão engraçado?

O mais baixo para de rir.

— Senhora?

— Quem vocês são, de verdade? — A pergunta sai antes que eu consiga parar.

E então lá está, flutuando sobre a mesa, para todos vermos. É o que basta: cinco palavras, uma pergunta, para uma vida de fé se desfazer.

— Senhora…

— Estou presa aqui contra minha vontade. Esse homem não é meu marido de verdade. Essas crianças não são minhas. Fui raptada. Tirada de casa. *Sequestrada.*

Silêncio.

Olho com intensidade pela mesa, embora ninguém me encare nos olhos.

— Vocês vão me ajudar? Ou são parte do grupo que está me mantendo presa aqui?

E aí está, o grande momento da minha vida. Acabou num instante.

Fico esperando o Velho Caleb se levantar e me arrastar até o quarto, enquanto grito e esperneio, para depois me espancar até a morte. Quando isso não acontece, fico esperando que ele soque a mesa e diga: "Basta." Mas isso também não acontece. Ele não faz nada. Só fica me olhando com uma expressão estranha no rosto.

O vizinho mais alto olha para o Velho Caleb.

— O galinheiro está ficando bom, não acha?

— Está, sim. Está ficando ótimo — concorda o Velho Caleb, dando um suspiro lento e demorado. — Mary, pode me passar as ervilhas?

46

PRIMEIRO, TENTEI ME CONVENCER DE que estava vendo coisas. Vi Shannon cochichando alguma coisa com a babá Aimee na sala, as duas trocando olhares conspiratórios, e disse para mim mesma: "Não é nada." Eu a via dando longas caminhadas com Clementine pelo campo e pelo bosque nos dias de folga e pensava: *Que legal!* Eu a via almoçando sozinha com Caleb na varanda — primeiro apenas uma vez ou outra, depois virou uma rotina quase diária — e pensei: *Não esquenta*. Vi a maneira como o Caleb encarava minha produtora quando ela revirava os olhos e ria de alguma idiotice que ele dizia, e notei como os dedos dos dois se tocavam às vezes quando almoçavam, e desviei o olhar.

Ignorei tudo isso e mais porque precisava; porque estava grávida de quatro meses esperando meu sexto bebê e ganhava trinta mil seguidores por semana; porque, para ser sincera, Shannon era menos uma funcionária e mais meu braço direito; porque ela podia impedir meu acesso à minha própria rede social, se quisesse; porque a regra mais básica das redes sociais, tão fundamental quanto a lei da gravidade, é: não se pode deixar a qualidade cair.

Por esses e outros motivos, não era algo que eu me sentia muito inclinada a questionar: por que Shannon de repente passou a se empenhar tanto em seduzir todo mundo no rancho, menos eu?

A coisa continuou assim por meses. Clementine começou a falar sobre oceanos e cidades. Queria ir para a Califórnia. Queria ver o Pacífico. Para tentar chegar a um meio-termo, passei a levá-la à Target uma vez no mês. Então as babás um dia vieram me pedir um aumento, e, embora minha vontade fosse arrancar na base do tapa o brilho labial daquelas carinhas ingratas, concordei na mesma hora. *Era só vocês terem pedido!*

Por fim, um dia, Caleb veio e comentou:

— A gente precisa mesmo de duas babás?

E ali eu soube que outra mulher estava controlando o Rancho Bons Tempos.

Ainda assim — *misericórdia* —, não a demiti. E então, uma noite, Caleb entrou em nosso quarto tarde, depois da última ordenha do dia (*ahá*, e que ordenha, eu pensaria depois), e falou:

— A gente precisa conversar.

47

— A GENTE PRECISA CONVERSAR — diz Mary.

Ela está ao lado da minha cama. Resmungo e puxo a colcha acima dos ombros. Achamos que a vantagem de viver presa num rancho no meio do nada é ter um pouco de paz e silêncio, mas não. Um filho é sempre um filho. Em todo o mundo, em todo cenário possível, eles são programados para nos esgotarem.

Para o azar de Mary, não estou com vontade de ser esgotada hoje. Ontem foi um dia terrível, um dos piores dias de que me lembrava nos últimos tempos: alguma coisa entrou no galinheiro e matou todas as galinhas, menos uma. Abel acha que foi uma raposa. Noah acha que foi um lobo. Seja como for: a capitã Ova foi a única sobrevivente. Quando Maeve e eu chegamos de manhã para pegar ovos, a galinha veio bamboleando e se queixando, tristinha, direto para os braços da Maeve. Pobrezinha, tão assustada. E Maeve — a maneira como ela ficou olhando ao redor do galinheiro imundo, com a ave tremendo nos braços, todo aquele sangue, e penas, e restos de vísceras, e músculos refletindo em seus olhos —, e todos os retalhos de tecido dos chapeuzinhos…

Acho que nunca vou esquecer aquela carinha pelo restante da minha vida. Não se deveria exigir tanta bravura de menininhas.

Entre isso e o jantar com os vizinhos e a constatação de que Mary está prestes a partir, decidi que entrarei em greve. Farei um sindicato de uma mulher só. Não vou sair da cama até que o cenário melhore. Acho que tenho boas chances de ter minhas reivindicações atendidas, sendo elas: que me deixem quieta no meu canto. E acho que consigo isso sem tomar uma surra, já que o Velho Caleb está todo atarefado reconstruindo o galinheiro.

— Maeve está doente — comenta Mary.

— Ela não está doente — respondo, paciente. — Está de luto. As amigas dela estão todas mortas, Mary. Tenha um pouco de respeito.

— Ela não para de tossir!

— Então dá um daqueles seus tônicos estranhos para ela.

— Não estão funcionando. E se ela pegou algum tipo de infecção das galinhas? Por causa de todo aquele… sangue?

— Isso não existe — argumento, embora não faça ideia se isso é verdade.

Essa cama é totalmente incompatível com o conceito de conforto, mas penso que, se conseguir ficar quentinha e parada, posso me imaginar em outro lugar. Enterrada sob cobertores em um resort de acampamento cinco estrelas. Isso, é lá que eu estou. Tirando um cochilo em algum Ritz-Carlton de Montana, e não em uma conversa sobre possíveis infecções por sangue de ave em uma propriedade decadente.

A voz de Mary ganha um ar de desconfiança:

— O que você tem? Está doente também?

— Estou bem. — É tudo que digo.

O que não pretendo falar para Mary é: em algumas semanas, estaremos no meio do inverno, e vou ficar presa aqui. Presa neste rancho enquanto minha barriga cresce, cresce, cresce, até que não tenha mais como esconder. Isso significa que está na hora de partir.

Perdão, Senhor, tentei o máximo que pude, mas não aguento mais.

Sim. Em vez de a Mary partir e eu ficar, vou me antecipar. Sou eu quem vai partir, e ela quem vai ficar.

Esse é o verdadeiro objetivo da minha greve de cama, para ser sincera: estou poupando energia. Pensando na minha estratégia. Preparando-me para uma última e incrível fuga. Meu tornozelo está mais forte agora. A pele já está quase boa. As cicatrizes parecem agora suaves veias saltadas e rosadas.

— Ela vai ficar bem. Você é ótima cuidando dela. Não precisa da minha ajuda. Vai ficar bem sem mim.

Viro para o lado e fecho os olhos, esperando que ela saia.

Vocês todos vão ficar bem quando eu for embora.

48

Na noite em que Caleb me contou o que aconteceu com Shannon, eu estava grávida de seis meses, esperando nosso sexto bebê, e mal preguei os olhos. Fiquei ali no escuro, olhando para o teto enquanto meu marido roncava tranquilo a meu lado. O barulho me fez soltar fumaça pela orelha. Mas é claro que ele estava dormindo tranquilo. Assim que Caleb me disse o que estava acontecendo, *o que estava acontecendo bem debaixo do meu nariz*, passou o problema para mim. Era assim, afinal de contas, que os bons casamentos funcionavam. Meu marido levava a vida de forma instintiva, fazia o que dava na telha e não fazia o que não queria, e eu — *uma esposa feliz com uma vida feliz* — seguia na frente e atrás dele, varrendo o chão em que ia pisar e depois imediatamente limpando as marcas de suas pegadas.

Foi isso que falaram que eu devia fazer, não é? Aquelas mulheres todas que vieram antes de mim? *Seja mãe, seja esposa e mantenha a casa limpa*.

Mentirosas. Toda cristã que conheci foi uma grande mentirosa. Que Deus tenha piedade de suas malditas almas mentirosas.

Às cinco, Caleb se levantou e saiu para ordenhar as vacas. Às seis, eu me levantei e fui até a cozinha, ignorando as crianças e as babás que estavam à mesa. Fiz um café expresso, saí pela varanda e me sentei em uma cadeira de balanço enquanto o céu ainda começava a clarear. O café esfriou enquanto eu fui ficando ali, balançando-me, com uma manta de lã em volta dos ombros. Fiquei me perguntando onde minha família teria parado se não estivéssemos neste rancho. Aquelas opções não eram satisfatórias, no entanto, nem como um devaneio, e então voltei mais um pouco e me perguntei onde eu estaria se não tivesse me casado com Caleb. Uma série de filmes mudos passou diante dos meus olhos. Fiquei acompanhando com uma leve decepção. Se não tivesse me casado com Caleb, teria me casado com outra pessoa.

Caleb estava apaixonado por Shannon. Foi isso que ele me contou na noite anterior. Estava apaixonado, *apaixonado mesmo*, pela primeira vez na vida. Naquele momento de seu pequeno monólogo, eu me encolhi, assumo. Não que ele tenha notado. Estava ocupado demais desferindo o último golpe:

— Vou me mudar para Nova York — declarou no escuro, quase sem ar, de tanta empolgação. — Vou começar uma nova vida. Ela realmente me *desafia*, sabe? Questiona minhas ideias. Nossas conversas são incríveis. Você sabia, Natalie, que a coisa do rato não é verdade?

— Sim — respondi, baixinho. — Eu sabia que a coisa do rato não era verdade.

Ele deu uma pausa.

— Por que você nunca falou nada, então?

Não respondi.

— Desculpa — disse Caleb. — Sei que vai ser difícil. Mas é melhor assim, Natalie. Realmente acho. Você e eu não fomos feitos um para o outro. Sabe disso, não é? Acho que sempre soube.

Mudar-se para Nova York. Começar uma nova vida. Com a Shannon.

Eu não acreditava. Não mesmo. Não havia a menor chance. Caleb não conseguiria se afastar nem cinco quilômetros deste rancho antes que uma garota igual a Shannon enjoasse dele. Meu marido era como um bicho da fazenda ou um sofá bem caro de veludo. Dava muito trabalho. E pouco retorno. Cuidar de um homem como esse, gerenciá-lo, exigia muito sacrifício e disciplina. Shannon não era esse tipo de mulher.

Perguntei:

— Ela está grávida?

Caleb ficou calado. Estava muito escuro para ver sua expressão, mas eu podia imaginar direitinho suas sobrancelhas franzidas, enquanto estava pensativo.

— Não sei — respondeu finalmente. — Mas, se estiver, quero que ela tenha o bebê.

Meu marido, senhoras e senhores! Que príncipe.

Às sete em ponto, bati à porta do quarto de Shannon e ouvi um "Pode entrar" abafado. Abri a porta e vi Shannon em pé, apenas de camiseta e calcinha, ao lado do guarda-roupa, pendurando um vestido no armário compartilhado.

— Ah — falou ela. — Desculpa, pensei que fosse uma das babás.

Aguardei, desviando os olhos, enquanto ela vasculhava seu cesto de roupas até achar uma calça jeans e vestir depressa.

— O que houve? Está tudo bem?

Entrei no quarto e fechei a porta. Sorri gentilmente.

— Com certeza você deve saber por que estou aqui.

E lá estava: o mundo revirando em sua expressão. Um longo instante se passou, e então ela se sentou na cama.

— Sim. Acho que sim.

— Ele falou que vocês vão se mudar para Nova York.

— *Jesus* — resmungou Shannon. — Isso é… credo.

— Meu marido é… — comecei e parei.

Levei um tempo para me recompor, para conter a raiva.

— Ele pode ser muito ingênuo. Então, se em algum momento houve…

Fiz outra pausa. Eu precisava ter cuidado. Ela podia estar gravando nossa conversa. Não era provável, mas também não era impossível.

— Sei que isso é inapropriado. Ele é seu patrão e, se você foi pressionada ou se ele prometeu dinheiro…

— Ele não me pressionou. — A calça de Shannon ainda estava aberta, e uma flor cor-de-rosa na renda de sua calcinha me encarava como um olho maligno. — Olha, é…

Ela soltou o ar lentamente e tentou outra vez.

— Está bem. O lance é o seguinte. Eu estava irritada depois do dia do comício. E me sentia tão… impotente. Aí apostei comigo mesma para ver se conseguiria fazer alguma diferença na minha própria vida. Algo prático. Algo pequeno. E pensei que podia tentar desmascarar alguma das idiotices nas quais o Caleb acredita. — Pausa. — E então, não sei… as coisas… acabaram acontecendo.

— Acontecendo — repeti. — É assim que você explica?

Ela olhou para mim.

— Caleb falou que você não ligaria.

Eu estava enjoada. Esperava que não desse para ver.

— E você acreditou nele.

— Sim — respondeu ela simplesmente.

Apenas *sim*.

Havia alguma coisa naquela cena que não fazia sentido para mim, uma mancha preta no meio da lente. De um ponto de vista objetivo, era claro que eu conduzia a conversa, mas a sensação não era essa, nem de longe.

— Desculpa. Só não consigo acreditar que isso esteja acontecendo justo agora. Não acredito que estou falando com uma mulher que admitiu ter seduzido

meu marido e que se recusa a demonstrar um pouquinho de remorso.

— Seduzi? — Shannon parecia verdadeiramente surpresa. — Acha que eu o seduzi?

— Você não acha?

Shannon levou a mão ao rosto. Parecia estar com dificuldades para se recompor. Quando voltou a falar, a voz estava falhando.

— Sabe, Natalie, vejo como você trata o Caleb. Você o trata como se ele fosse idiota. Como se ele fosse uma criancinha que precisa ser protegida ou algo assim. — Shannon me olhou. — Ele não é tão burro quanto você pensa. Na verdade, acho que é bem inteligente. Olha isto.

Ela gesticulou impaciente para o quarto, mas eu sabia que ela se referia ao todo: ao celeiro, às galinhas, às vacas, aos rios, às montanhas e às cercas.

— Caleb achou uma forma de você criar um sonho para ele viver e achou uma forma de fazer você acreditar que a ideia foi sua. E agora ele apenas… *existe* neste globo de neve psicótico que você criou. E, apesar disso tudo, você continua achando que foi tudo um plano seu. Que você está no controle.

— Mas *foi* um plano meu.

— Sabe por que o Caleb gosta tanto de mim? Porque sou a única pessoa nesta fazenda que o trata feito gente, não feito um projeto. Ouço o que ele fala. Faço perguntas. Repreendo as besteiras que diz. Converso com ele como se eu fosse uma pessoa de verdade. Como se *ele* fosse uma pessoa de verdade… e, se ele pegou essa experiência e achou que significa que a gente está apaixonado, então isso só prova o quanto ele entende mal os relacionamentos.

Tive a plena certeza de que estava diante do momento mais incrível da minha vida.

— Você não se sente mal por nada. É uma vadia. Uma destruidora de lares. E nem se importa.

Shannon ergueu as sobrancelhas. Foi a única parte do seu rosto que se moveu.

— Na verdade — continua ela em tom baixo —, não sou. É isso que estou tentando dizer, Natalie. Para eu ser uma destruidora de lares, você teria que ter um lar para ser destruído, mas você não tem. Não tem nem uma família. O que você tem é um negócio. Suas babás sabem disso. Seus trabalhadores do campo sabem disso. Seu marido sabe disso. E algum dia seus filhos também vão saber. E acho que vão te odiar por isso. Acho que nunca vão te perdoar.

Deus, Senhor, me ajude.

— Sua puta — sussurrei, quase em tom de adoração.

Eu me sentia transtornada. Não sabia o que fazer, como agir, o que falar.

Online, offline. Nenhuma versão minha estava pronta para aquele momento. Minha cabeça estava zonza, descontrolada, parecia um pião. Eu me ouvi dizer, como se fosse uma péssima imitação de uma mulher desconhecida:

— Foi bom, Shannon? Foi bom ser comida por um homem que não consegue nem ficar com o pau duro?

Era para ela parecer chocada ou envergonhada. Mas, em vez disso, pareceu preocupada.

— Meu Deus, Natalie… ele não fica duro quando transa com você?

Zunido.

O que uma dama deve fazer ao sentir o chão despencar sob seus pés?

Resposta simples: fechar os olhos. Imaginar um chão onde não existe nenhum. Fingir que o tremor na vista é porque dormiu pouco.

Preocupar-se. Mulheres se preocupam.

Fiquei a noite toda me preocupando, acho!

Boas cristãs eram ótimas se preocupando. Mas não eram boas com confrontos, no entanto. Agora, bons cristãos? Tinham nascido para isso.

Um bom marido e um pai cristão nunca teria problema em calar uma vadiazinha mentirosa, adúltera e imunda. Um bom cristão se levantaria, atravessaria o quarto num movimento breve e daria um tapa com a mão espalmada na cara de Shannon. *"Porém, nenhum castigo parece ser prazeroso para o castigado, mas angustiante; contudo, posteriormente, produz um fruto pacífico de justiça para aqueles exercitados por ele…"* Ele apertaria o pescoço daquela vadia egoísta com as próprias mãos e apertaria até deixar a putinha sem ar, enquanto sua esposa, em casa, estaria limpando os balcões. Pensando no marido. Ficando preocupada.

Realmente senti como se estivesse caindo. Olhei para minhas mãos, tentando entender por que estavam agarradas ao pescoço de Shannon. Eu estava sentada em cima dela na cama, e ela estava se contorcendo desesperada sob mim. Chutando. Sua pele estava quente sob minhas mãos suadas. A calcinha de flor agora estava à mostra. O jeans estava na altura da coxa, acho que por causa de todo o movimento. Ela estava fazendo um barulho de choro horrível, e seus dedos tremiam frenéticos em volta da minha mão.

Minha mão.

Minha mão?

Não. Não pode ser.

Mas era. Eu estava apertando o pescoço dela com tanta força que os nós dos

meus dedos estavam brancos. Foi essa percepção, mais que qualquer outra coisa, que me fez parar. Shannon começou a tossir. Eu me sentei enquanto suas mãos tocavam o local onde as minhas estavam, como se tentasse sentir as marcas que deixei.

Bom dia, pessoal. Vocês não vão acreditar na manhã que eu tive…

Saí da cama e arrumei a blusa, dobrando o colarinho e esticando o tecido amassado. Um dos botões tinha sumido. Deve ter caído quando eu estava… ou melhor, quando ela…

Não importa. Era um botão perdido. Uma blusa amassada. Essas coisinhas sem importância. O botão, a blusa. Tudo isso podia ser substituído.

— Você está chateada — falei enquanto Shannon chorava, apavorada. — Vou te dar um pouco de espaço. Você é muito importante para nós, Shannon. De verdade.

Ela estava falando alguma coisa, mas eu não conseguia entender direito. *Este rancho é alguma coisa.*

— O que foi, Shannon? — perguntei, paciente. — O que você está tentando dizer?

Este rancho, este rancho.

— Desembucha! — pedi, alegre. — Não tenho o dia todo.

Shannon me olhou com uma cara assustada, debulhando-se em lágrimas.

— Este rancho — falou, com uma lentidão determinada — é amaldiçoado.

Eu me permiti pensar por um longo momento: *Devia ter te estrangulado até a morte*. Então dei um sorrisão, e o pensamento se foi, como um pedacinho de papel flutuando à beira de um penhasco.

— Sinto muito que você se sinta assim. Por que não tira metade do dia para si mesma? Relaxe, tire uma soneca. Você pode vir me encontrar na cozinha uma hora da tarde.

Inclinei a cabeça como uma boa chefe, uma chefe generosa. *Não há de quê.*

Estava me virando para sair quando me lembrei de algo.

— Ah, eu estava querendo perguntar: você está grávida?

Se ela estivesse, é claro que a gente teria que se livrar disso. Levá-la até outro estado. Levá-la a algum médico de confiança. Doug saberia como encontrar um. Era uma pena. *Meu coração se partiu só de pensar nisso!* Mas Deus certamente entenderia.

— Não — respondeu Shannon, ainda esfregando o pescoço. — Não estou

grávida.

Ela secou as lágrimas do rosto, olhando feio para mim, como… como… como minha própria filha, notei, no instante em que ela completou em voz baixa.

— Não seria tão idiota de ter um filho com esse homem.

Quando saí e peguei a luz do sol, eu estava sorrindo com tanta força que meu rosto doía. Um enjoo repentino tomou conta de mim.

Às vezes me dá náuseas o quanto é perfeita minha… e como sou boa…

Dei um passo para trás, e outro, até estar encostada na parede do celeiro.

— Mamãe, o que houve?

O mundo estava tão claro que parecia com defeito, como uma lâmpada sem sombra. Franzi o rosto, tentando ver melhor. Forcei a vista e vi dois meninos me olhando. Olhei para cima e enxerguei dois celeiros, duas casas, dois pares de babás brincando com dois grupos de crianças. Pisquei rapidamente, levantei a cabeça e avistei dois sóis com olhos de serpente, que queimavam enfurecidos em um céu de dupla hélice.

— Mamãe.

Ele não é tão burro quanto você pensa.

Mamãe?

Eles nunca vão te perdoar.

Mamãemamãemamãemamãemamãe…

Não seria tão idiota de ter um filho com esse homem.

Meu olhar vagueia pela paisagem, passando pelas montanhas, pelos pastos e pelos celeiros e repousando de novo sobre meus menininhos. Não, era só um menino. Meu filho. Samuel. *O futuro homem da casa!* Tentei sorrir e engoli um grito.

Mamãe?

O homem pode trabalhar de sol a sol…

Levante-se, Natalie.

Em nome do pai, do filho e da piranha destruidora de lares…

Doug atendeu à minha ligação depois de tocar sete vezes.

Eu estava sentada na despensa, no escuro, só uma frestinha de luz entrando por baixo da porta fechada. Estava encostada de forma desconfortável nos potes de plásticos que guardavam o material de confeitaria.

— Está na hora do Caleb concorrer a uma eleição.

— Como é que é?

— Ele precisa se eleger. Quanto antes.

Pensei naquilo ao caminhar apressada de volta para casa. O que foi mesmo que Doug me disse há quase uma década na propriedade Mill? *Ele pode ser ótimo na política algum dia… uma das poucas funções envolvendo poder em que não pensar muito pode ser bom.*

— Ele ameaçou me deixar ontem à noite, Doug. Falou que está apaixonado pela Shannon.

— Entendi — respondeu Doug depois de um bom tempo. — E qual é o status dela neste momento?

Era fácil imaginar Doug em pé, no meio de um escritório agitado, com um cartaz enorme da campanha atrás dele (A GUERRA CIVIL ESTÁ CHEGANDO), com meia dúzia de estagiários reunidos ao redor, em semicírculo, cada um segurando bloquinhos de anotação para repassar suas próprias mensagens urgentes. A minha, é claro, era a mais urgente de todas, então provavelmente meu sogro estava com a mão erguida para os outros, com o indicador pedindo que parassem.

— Eu a confrontei hoje de manhã. Não foi… não correu muito bem.

Deixei escapar um choro.

— O que você quer dizer exatamente?

— Ela não quer fugir com Caleb. Mas rolou… rolou um desentendimento.

— Ah — ele suspirou animado. — Agora estou começando a entender o que você falou. Isso *é* muito interessante. Deixa só eu ir para um lugar mais calmo…

Fiquei ali sentada na escuridão da despensa, ouvindo Doug se afastar impaciente pelo escritório, respondendo "Agora não" e "Preciso de cinco minutos" para os estagiários sem rosto que continuavam em sua cola. E então ouvi o barulho de uma porta se fechando, o ruído do escritório de campanha sumindo e a voz de Doug mais próxima e rouca em meu ouvido, cada palavra ecoando alto nos meus tímpanos, feito gotas em uma caverna.

— Conte exatamente o que aconteceu.

— É difícil descrever.

— *Dá um jeito.*

Na escuridão, tudo que eu conseguia ver era a sombra dos recipientes na parede em frente a mim, alinhados em fileiras organizadas. Pareciam membros de um júri me observando com atenção.

Sempre estou sendo observada, pensei tranquila. *Nunca vou escapar.* E o Senhor: a pressão de Sua atenção pesava tanto sobre meus ombros que parecia que a gravidade da Terra tinha dobrado.

— Eu meio que… bati nela — contei para os potes, para Deus e para Doug. — Ou a ameacei. Fisicamente. Mas não foi…

Fiz uma pausa e afastei o telefone do rosto, chorando em silêncio no tecido do casaco.

— Eu tentei… mas *não tive a intenção*… eu a segurei, Doug. Apertei seu pescoço.

O telefone ficou mudo. O pote de açúcar mascavo se aproximou do de farinha: *acredita na coragem dessa vadia?*

O Senhor continuou em silêncio. Meu sogro também.

— Doug, está me ouvindo? Você está aí?

A farinha deu de ombros. *Essas mulheres têm muito tempo livre, então acabam perdendo a cabeça.*

— Só estou pensando. — Doug se irritou. — Me deixa pensar.

Nós, os membros do júri de potes da despensa, temos um veredicto unânime…

Cobri os olhos com a palma da mão fria.

Culpada. Culpada. Culpada.

Por fim, Doug voltou a falar.

— A família dela tem dinheiro?

Fiquei tentando lembrar o que eu sabia.

— Shannon com certeza não é pobre.

— Está bem. Vamos dar uma promoção e um bônus. Um novo contrato.

— Acho que ela não vai aceitar.

— Claro que vai — disse Doug, impaciente. — Geralmente é preciso acontecer alguns episódios como esse antes que alguém decida se demitir de verdade.

É claro que Doug já lidou com isso.

— Escuta só — prosseguiu. — Tem uma eleição importante na Califórnia agora. Um representante do legislativo do estado morreu de câncer, e sua esposa está disputando como a grande favorita para ocupar o cargo. A gente conseguiria vencer, sem esforço, mas precisa se preparar para as consequências disso. O que me leva a uma pergunta importante: acha que o Caleb está pronto para vencer?

Claro que não achava. Claro que ele não estava. Mas eu preferia dar acesso aos códigos nucleares do país para meu marido idiota a me tornar *mãe solteira*, sem lar e divorciada com seis filhos e um sétimo a caminho. A ter minha reputação destruída. Sem um tostão furado.

Bom, talvez com alguns tostões. Da última vez que verifiquei minha conta privada, estava com setenta mil dólares. Estava crescendo tão lentamente que eu

podia tirar apenas um percentual mínimo a cada mês e pensei… bem, é claro que a conta é para o Caleb, nunca pensei em usar o dinheiro de verdade, e…

Enfim. Não era dinheiro o suficiente.

— Sim. Caleb está pronto para ganhar.

— Está bem. Se vamos fazer isso, temos que ser rápidos. Dar um jeito na Shannon. Dar a ela dinheiro e um acordo revisado. Quanto melhor a tratarmos, mais vai parecer que um processo traria dor de cabeça. Nesse meio-tempo, faremos Caleb anunciar sua candidatura, coisa de uma semana ou até menos. Estamos caminhando sobre uma fina camada de gelo. Devemos estar atentos às rachaduras. Falando nisso, você tem uma agência de relações públicas ou um representante? Ou precisamos de uma?

— Não preciso disso. Posso falar por mim mesma.

Doug soltou uma gargalhada.

— Claro que precisa. Tem noção do quanto é necessário ser carismática para fazer uma coisa dessas dar certo?

Quem você pensa que é para falar que não sou carismática o bastante? Seu homem horroroso, imbecil, cuzão. Se não fosse por mim, seu filho estaria morto numa vala por aí!

O telefone ficou em silêncio por um bom tempo.

Demorou cerca de dez segundos para me dar conta do que tinha acontecido.

— Desculpa, Doug. Não queria dizer isso… Foi… — *Não era minha intenção falar isso em voz alta, não sei como as linhas se cruzaram.* — Desculpa. É só que… estou tão chateada!

Outra pausa longa.

— Bem, como falei: você com certeza precisa de ajuda com RP.

Eu estava encarando a escuridão, apavorada. Isso nunca me aconteceu antes, mas, agora que tinha acontecido, tive uma clareza aterrorizante do quanto era tênue a linha entre o que eu pensava e o que dizia. Será que havia rompido alguma espécie de lacre que não poderia ser recuperado?

— A gente se fala em breve.

— Desculpa — eu me apressei em repetir, mas meu sogro tinha desligado.

49

MAEVE SE SENTA FRACA NO meu colo enquanto Mary dá uma colherada de xarope de cereja em sua boca, tendo cuidado de não derramar nenhuma gota na roupa da menininha. A mais nova está tão quentinha em meus braços que comecei a suar só pelo contato com o calor de seu corpo. Ela está mesmo doente. Demora um tempo até engolir o remédio, então joga a cabeça para trás, claramente exausta pelo esforço. Estava apertando com força, na mão suada, uma pena iridescente. Foi a única lembrança que restou de sua galinha favorita, Senhorita Princesa das Malhas, cujas vísceras foram espalhadas pelo galinheiro como se fossem confete. Prometi que vamos fazer o devido funeral quando Maeve estiver se sentindo melhor.

Que todas as mocinhas, cada uma delas, descansem em paz.

Mary se senta de frente para mim, observando com atenção o fogo refletindo em seus olhos.

— Olha o peito dela — fala baixinho. — Olha como a respiração está pesada.

Velho Caleb e Abel entram na casa naquele instante, o primeiro olhando em volta da cozinha com o cenho franzido.

— A janta não está pronta?

— Maeve está doente — responde Mary, prestes a cair no pranto. — Mal consegue respirar.

— Vem cá, Maevinha — diz o Velho Caleb. — Deixa eu sentir sua temperatura.

Você não pode vir até ela?, quase solto irritada. Mas me seguro e então a menina desce do meu colo e vai se arrastando até o Velho Caleb, que a pega no colo e a coloca sobre a perna. Ela encosta a cabeça em seu peito e olha vagamente para mim, de um jeito que fica claro que não está me vendo. Sinto uma sensação horrível no peito.

É possível alguém morrer neste rancho?

Não consigo imaginar ninguém desta família morrendo. Fariam um funeral? Será que o Velho Caleb iria pregar uma pilha de ripas de madeira para fazer um caixão pequeno com suas próprias mãos? Então olho para as minhas, apoiadas sobre a barriga. A imagem me sobressalta. Se é possível nascer neste mundo, então com certeza é possível morrer.

E se a morte for a única saída daqui?

O Velho Caleb pressiona as costas da mão na testa da filha, da mesma forma que eu tinha feito um minuto antes.

— Está com febre — declara, como se fosse uma informação nova. — Vai começar a suar, e isso vai passar.

Ele bagunça seu cabelo com carinho, então a põe de volta no chão. Maeve fica sentada ali, próxima aos pés dele, com o rosto rosado e o olhar perdido, como uma bonequinha de pano.

— Ela vai melhorar em alguns dias.

— Já se *passaram* alguns dias — dizemos eu e Mary ao mesmo tempo, e ela me olha surpresa.

O lance é o seguinte: se alguém nessa família deveria poder deixar este rancho, esse alguém deveria ser eu. Não vou aceitar qualquer alternativa. Mary não pode ir antes de mim, nem Maeve.

Preciso ir, e logo. Mas não consigo parar de pensar na Maeve, com sua dificuldade de respirar, e na Mary, com seus olhos apavorados. Não posso deixá-las sozinhas agora. Não é certo.

Quando o Velho Caleb sai para buscar mais lenha, encaro Mary. Observo os meninos, que agora estão à mesa, tentando consolar Maeve com histórias inventadas sobre monstros que enfrentaram hoje: gigantes, índios e espíritos malignos, *pá-pá*! Diminuo o tom da voz para que não me ouçam.

— Se eu dissesse que queria encontrar um médico para a Maeve, você sabe onde achar?

É uma pergunta, mas também um teste.

Confia em mim.

Ela hesita. Olha para a porta. E sussurra:

— Sei.

50

NO ÚLTIMO DIA DA VIDA que imaginei para mim, acordei e implorei ao Senhor que não me tirasse tudo o que Ele havia me dado.

O mugido distante de Sassafrás. *Aquele homem era bom.* Cocoricó. Ruídos brancos. *Obrigada pela herança.* Uma onda de enjoo — um lembrete de que devia estudar as perguntas que a agência de relações públicas do Doug me mandou. *Por que você não mostra toda a ajuda existente por trás da cena?* Suco de laranja caseiro. Um coro de anjos: *bom dia, mamãe.* Shannon no canto, com olhos escuros, inquieta. Sonhos com monstros. Cérebro de grávida. *O que é uma esposa tradicional?* Sorriso bem grande. Caleb — meio-homem caubói criança monstro — me inclinando para trás e me beijando enquanto as crianças comemoram. *Você não entende nada de mulher mesmo.* Jantar Natural. As babás idiotas. O passeio para a Target. Vanessa, aquela hipócrita de boca fina, fofocando sobre os pesticidas em meu celeiro ao mesmo tempo que comprava pesticidas para dar aos próprios filhos. *Vadia.* Outro pedido de perdão a Deus. Outra mulher raivosa. Outro gracejo forçado, *que bom te ver.* Outro dia me perguntando por que era mais fácil manter um sorriso no rosto do que tirá-lo. Outro caminho demorado para casa, pelas montanhas e através das fazendas, passando por aquela estrada longa de terra até o pesadelo — digo, sonho — que construí, o mundo que criei com minhas próprias mãos. Marido de massinha, filhos de massinha, vida de massinha. *Xis*!

Última pergunta, senhora Heller Mills: gostaria de dizer algo sobre aquelas alegações terríveis?

Destruidora de lar.

Apenas para constar: não acho que você seja má pessoa. Só acho que está confusa.

Putinha egoísta.

— Está na hora de concorrer.

Meu marido, aquele morde e assopra idiota e limitado das cavernas, ficou olhando para mim com um orgulho despudorado. Realmente pensando que o pai

confiava nele.

— Vamos rezar.

Desesperada para o dia acabar. Desesperada para que aquela sensação na minha cabeça acabasse, aquele barulho suave, o som de uma casa de palafitas apodrecida sobre ondas agitadas. Juntei as mãos, baixei a cabeça, pressionei a testa com força, usando os polegares. Tentei ignorar a raiva que borbulhava e espumava no estômago. Tentei engolir o medo subindo pela garganta como se fosse gás mostarda. *Estamos caminhando sobre uma fina camada de gelo.* Tentei respirar. Respire. Respire.

A voz de Clementine em minha cabeça tilintando, tilintando: *O que é uma esposa tradicional?*

Uma hora depois, Caleb estava roncando e eu encarava a escuridão, meus pensamentos a todo vapor. *Por favor, Senhor, mostre o caminho para mim.*

Não conseguia deixar de achar que tinha perdido alguma coisa.

51

NA MANHÃ SEGUINTE, MARY COMEÇA a arrumar as coisas apressada. Fico observando enquanto coloca e tira as mãos ágeis do pequeno saco que vou levar comigo na viagem. Dois cantis de água, um pedaço do meu pão caseiro horroroso, três pedaços de peixe salgado, uma lata grande de pêssego em calda.

— As peras não são um pouco pesadas?

— Você vai gostar de ter um doce.

Embora preferisse não carregar esse peso todo, noto que para ela é importante que eu leve, então não digo nada. Enquanto ela se move pela cozinha, fico sentada à mesa, tentando memorizar seu rosto.

Algo de que me dei conta, desde que comecei a arrumar o que vou levar: nunca mais vou pisar nesta casa. Vou fazer o melhor para ajudar a Maeve, vou tentar achar o médico — vou mesmo —, mas prefiro me matar a voltar para este lugar. Isso significa que este momento é um adeus.

— Segue pela floresta. Tá ouvindo? Não pode ser vista — alerta Mary.

— Mas e as armadilhas?

Ela não olha para mim quando responde, baixinho:

— Bem… só tinha aquela.

Dou uma inspirada rápida:

— *Mary*.

Ela me olha angustiada.

— Se soubesse disso, mamãe, teria fugido de novo, e você estava com um *humor péssimo*, foram *dias tão ruins*, e eu só… — Ela deixa escapar um gemido de frustração. — Só queria te manter a salvo. É assim tão terrível?

Eu podia ter escapado meses atrás. Antes de o frio chegar. Antes de engravidar. Esse tempo todo, enquanto ficava encarando a floresta, imaginando dezenas

(talvez centenas) de armadilhas, não havia nada. Apenas folhas. Minha vontade é dar um tapa em Mary, *matá-la*, mas também sinto um carinho enorme por ela.

Olha só que coração mole eu me tornei. Uma manteiga derretida. Acho que é porque estou partindo, e porque nunca mais verei seu rosto novamente, que sou capaz de sentir tanto amor por ela. *Garota boba e idiota*, penso com carinho. *Você me prendeu aqui com tanta facilidade, sua criança engenhosa, sua vadia inacreditável.*

E lá está, bem na ponta da língua, um instinto de dizer "Eu te amo".

É verdade. Eu a amo. Amo demais essa jovem mulher tão estranha. Amo a Maeve também, e os meninos. Nunca falei isso para nenhum deles. Cogito falar agora.

Em vez disso, digo:

— Me mostra o caminho.

É isso que Mary vinha escondendo de mim.

Há trilhas por toda a parte. Bem utilizadas, sinalizadas e conservadas pelo Velho Caleb e pelos vizinhos. As sinalizações que devo buscar são triângulos, entalhados no tronco de bétulas. Elas vão me levar direto para a casa do vizinho. (É incrível: num fluxo repentino de palavras, Mary transformou o labirinto deste mundo em um mapa organizado.) Vai levar muitas horas, ela me alerta, talvez até mais. Da última vez que foi, era mais nova, e parecia uma eternidade até chegar lá. A mais velha não confia na sua própria noção de tempo, e, de toda forma, ainda ando muito devagar. Eu devia me preparar para passar o resto do dia fora, no mínimo.

— Vou fechar a porta do quarto e dizer para o papai que você também está com febre. Ele não vai querer pegar, tem pavor de ficar doente. Isso vai lhe dar pelo menos um dia, talvez até mais.

— Então você já esteve lá? Na casa do vizinho?

— Uma vez. Ou pelo menos acho que já. — Ela para e franze o rosto. — Eu me lembro de uma casa parecida com esta, mas diferente. Era melhor. Deve ser a deles.

Na varanda, Mary pergunta:

— Você vai voltar, né?

Eu me viro a fim de olhar para ela. Seus olhos estão límpidos e marejados. Então ela sabe, ou ao menos imagina, o que estou pensando. Fico me perguntando o que vai acontecer com aquela menina quando eu me for. O que vai acontecer com todos eles. O que vai acontecer com a galinha, a vaca e o

cavalo. Com os fantoches de meia. Com as facas da cozinha.

— Claro. Claro que vou voltar.

— Que bom. — De repente Mary se ocupa em amarrar as cordas do meu saco. — Porque a Maeve morreria de saudades, se você fosse embora.

Fecho os olhos. Uma lágrima escorre pelo meu rosto. *Espero que essas meninas não sejam uma alucinação*. E, com a mesma intensidade: *Espero que sejam*.

Um dedo seca a lágrima do meu rosto.

— Vai.

Abro os olhos. Faço o que ela mandou: vou embora. Desço os degraus, sigo pelo galinheiro, depois pelo celeiro, e então o rancho todo fica para trás. Passo pelo trecho de terra onde o Velho Caleb me bateu, em seguida passo pela base da colina onde Noah correu para longe de mim aos berros, e então estou mais distante do que jamais estive. Não me viro, mas sinto que Mary está me observando. Está me empurrando adiante com o olhar.

52

NA MANHÃ SEGUINTE, ABRI OS olhos e disse:

— Foi a Shannon.

A meu lado, Caleb fungou como um porco. Virou de lado, num sono pesado. Ainda faltava muito para amanhecer. O quarto estava um breu total.

— Foi a Shannon que contou para a Clementine o que é uma esposa tradicional, porque precisava da ajuda dela.

Ronco.

— Ela estava juntando provas, Caleb. Esse tempo todo, foi isso que ela fez. Por isso ficou.

— Só mais três minutinhos — balbuciou Caleb.

— A Shannon deu uma *porra de um telefone* para nossa filha.

Nada. Sempre isso.

Fiquei deitada na escuridão, enfurecida.

Da noite para o dia, a última peça do quebra-cabeça se encaixou. Eu estava olhando para o nada, no escuro, minha mente num tique-taque, quando me lembrei: a Shannon me pediu um celular novo. Falou que o dela tinha quebrado.

Mentirosa.

O telefone não caiu numa poça. Além disso, esses aparelhos novos não eram resistentes à água? Não: Shannon comprou um novo para dar o velho a Clementine. *Quer conhecer os oceanos, Clem? Quer saber por que a mamãe passa tanto tempo no telefone? Quer saber do que as outras crianças chamam suas mães? É de mãe. Quer chamá-la de mãe?*

Fiquei me lembrando de todas as vezes em que fiquei ali como uma idiota, sorrindo, enquanto a Shannon filmava os horrores que aconteciam a meu redor. Os trabalhadores nos campos: clique. As crianças gritando e chorando: clique. Os adesivos de *Made in China*: clique.

Eu vinha observando a Shannon de perto fazia alguns meses. Mas e minha filha? Mal tinha olhado para Clementine, e ela podia ter acesso a todos os cômodos. Estava me observando de perto, registrando cada movimento meu nos últimos doze anos. Não foi a Shannon, mas a Clementine, que sabia exatamente como me capturar.

Pouco depois das seis, bati à porta do quarto de Clementine.

— Entra.

Quando fiz isso, as luzes estavam acesas. Ela estava sentada na cama, arrumada para o dia, com a coberta dobrada. Estava com um livro no colo, que tinha deixado de lado quando entrei; não consegui ler o título.

Clementine estava com treze anos. *Uma Natalie em miniatura*, como Amelia gostava de dizer. Mas agora, pela primeira vez, vi uma estranha expressão de julgamento no olhar da minha filha e vi meu sogro em seu rosto também.

— O que foi? — perguntou, em vez de dar um bom-dia. — O que quer?

Ela sempre falou como um adulto.

— Preciso conversar com você sobre uma coisa importante. — Dei um passo, em seguida me virei para fechar a porta e parei.

Senti uma onda de enjoo. Resolvi deixar a porta entreaberta.

— Shannon me disse que te deu uma coisa antes de ir embora.

Clementine parecia entediada, igual a uma típica adolescente.

— Não sei do que você está falando.

— Sabe, sim. Ela te deu um telefone. E você sabe que isso é contra as regras.

— Por que a Shannon me daria isso?

— Porque sim — respondi e então parei. — Bom, como é que vou saber por que ela faz as coisas?

— Então ela contou que me deu um telefone, mas não contou por quê? — Clementine fez uma careta para mim. — Que estranho.

Senti uma onda de desespero e pânico. Ela sabia. Sabia o que eu estava fazendo. Se quisesse encontrar o telefone, precisaria fazer um escândalo, e não havia nada que eu odiasse mais que fazer um escândalo. Clementine sabia disso.

— Clementine — falei num tom leve. — Anda, entrega para mim.

— Entregar *o quê*?

— O celular.

— Mamãe, você está começando a me assustar.

— Chega! Sou sua mãe. *Entrega o telefone para mim*.

Clementine fez uma cara ensaiada de confusão.

— Sabe o que não entendo? Você passa o dia todo com a cara nisso, então por que a ideia de eu ter um te deixa tão apavorada?

— Você está de castigo — falei, porque não fazia mais ideia do que responder.

Esperei que ela fosse choramingar. *Mas por quê?* Em vez disso, inclinou-se para a frente e falou apressada, com uma voz que me machucou como um elástico arrebentando:

— Isso quer dizer que não tenho mais que aparecer nos seus vídeos idiotas? Ou que tenho que aparecer ainda mais?

Naquele instante, Caleb chamou meu nome do corredor.

— Só um minuto — gritei.

— Não. Agora!

Meu quarto estava todo bagunçado quando voltei. As luzes estavam acesas, os lençóis e travesseiros estavam no chão, e Caleb estava parado perto da cama, com o rosto mais branco que nossos lençóis. Parecia que tinha acordado com uma tarântula ao lado. Mas não havia nenhuma aranha, só o celular dele, que meteu logo na minha mão, afastando-se em seguida. A tarântula agora estava se contorcendo entre meus dedos. Mal tive tempo de ler a prévia do primeiro e-mail — *Espero que esteja bem. Estou entrando em contato em nome da revista* Pop Weekly *para saber se você tem algo a dizer sobre a acusação de agressão que recentemente…* — antes que outro aparecesse na tela de notificação — *Gostaria de alguma declaração* — e depois outra — *Investigação jornalística!*

— Natalie, você tem que acreditar em mim. Não machuquei a Shannon. Não fiz nada com ela, *juro*…

— Cala a boca — resmunguei.

Não havia tempo para explicar a Caleb tudo o que tinha acontecido. *Enquanto limpava sua bagunça, meu bem, a mamãe acabou fazendo besteira também.* Joguei o aparelho no peito do Caleb. Acertei, e ele soltou um gritinho de medo.

— Liga para seu pai — sibilei, então entrei no banheiro e bati a porta.

Até o fim da semana, estávamos com uma equipe completa de advogados contratados. Ou, para ser mais específica, estávamos com a equipe do *Doug*, o que significava que estávamos pagando milhares de dólares por hora para cinco nova-iorquinos engomadinhos perambularem pela cozinha com seus ternos caros em tom grafite e alternarem entre olhar para o celular e olhar de esguelha para mim, nervosos, como se fossem uma matilha de galgos esperando o sino para disparar.

Quando Doug chegou ao rancho, os advogados pareciam aliviados por ver que seu dono estava ali. Empolgados, fizeram festinha quando ele tirou o blazer, os cinco falando ao mesmo tempo para mostrar como estavam preparados, como tinham trabalhado enquanto meu sogro não estava ali. Precisei conter a vontade de jogar uma porção de petiscos na cara deles.

Naquela noite, nós nos sentamos à mesa — os advogados, Doug, Caleb e eu — e elaboramos um plano de ataque.

— Ela deve vir com tudo — disse o advogado principal, um homem careca chamado Paul, que costumava falar gesticulando. — Nossas fontes falaram que é mais provável que seja televisionado, e não uma matéria de revista.

— Isso significa que ela tem presença — respondeu Doug para mim e Caleb. — Acham que ela pode ganhar a opinião pública. Mas nem todas as entrevistas na TV são iguais. Ela pode conseguir dois minutos entre as atualizações sobre a guerra e a previsão do tempo.

Caleb lançou um olhar preocupado e culpado para o pai:

— Você está preocupado com a campanha?

Paul começa a digitar no notebook.

— Não deve ser um problema.

— Não?

— Não. Os eleitores de Doug vão apoiá-lo. A região central dos Estados Unidos tem muita simpatia por pais bem-sucedidos com filhos que os decepcionam. Isso cai como uma luva para a mensagem de Doug, na verdade: as crianças hoje em dia são mimadas, ninguém mais sabe trabalhar com garra, o sonho americano morreu. Esse tipo de coisa.

Paul franziu o rosto com algo que viu no notebook, então digitou mais um pouco, sem perceber ou dar bola para o rubor repentino no rosto de Caleb.

— Na verdade, ia *realmente* nos ajudar se um de vocês dois tivesse problema com drogas. — Ele olhou esperançoso para Caleb e depois para mim. — Algum de vocês tem? Problema com drogas?

— Não — resmungou Caleb.

— Não — repeti com os dentes cerrados.

— Ah. — Paul deu de ombros. — Sem problemas.

— Deve dar tudo certo — acrescentou Doug —, desde que a gente lide com isso da forma correta.

— Está bem. E então, descobrimos alguma coisa relevante sobre a Shannon? — perguntei aos advogados.

— Acho que retratá-la como *nada* confiável seria forçar um pouco a barra,

mas com certeza podemos dizer que ela não é *tão* confiável. — Paul começou a contar nos dedos. — Não terminou a faculdade. Tem uma irmã lésbica. Um de seus pais foi pego dirigindo alcoolizado no último verão.

— Isso é tudo que vocês conseguiram? — Olhei furiosa para os advogados. — Estou pagando dois mil dólares por hora, e o melhor que conseguiram foi que a irmã dela é lésbica?

Dois dias depois daquela reunião, a entrevista em horário nobre da Shannon foi anunciada durante um giro de notícias do canal favorito de Doug.

— E, a seguir, uma acusação de agressão contra a família fazendeira favorita dos Estados Unidos — anunciou um âncora ruivo.

Ele olhou para sua colega, uma mulher loira com sombra nos olhos que ia até as sobrancelhas.

— É isso mesmo, Sean. Se você é um dos milhões de seguidores do Rancho Bons Tempos, então provavelmente conhece e ama Natalie Heller Mills, sua família, que não para de crescer, e a vida linda que eles levam nas montanhas de Idaho. Se você não segue o Rancho Bons Tempos, talvez conheça o sobrenome. Sim, é isso mesmo: é a mesma família Mills do candidato à presidência e líder das pesquisas Doug Mills. Natalie Heller Mills é casada com Caleb Mills, o filho caçula da dinastia Mills, que, entre o celeiro vermelho e a operação da fazenda da família, tem uma conta no Instagram bastante americana.

Fiquei sentada no sofá, petrificada, enquanto uma montagem com uma série de vídeos do meu perfil era exibida. Eu ordenhando a Sassafrás. Eu em pé no galinheiro com Jessa e Junebug sorridentes aos meus pés. Eu e Caleb nos beijando no campo, iluminados pelo pôr do sol.

— Heller Mills tem milhões de seguidores dedicados, com quem compartilha imagens e vídeos de seu dia a dia. Ao mesmo tempo, o que é um pouco irônico, ela é bastante reservada e nunca concedeu uma entrevista. Agora uma produtora que viveu no Rancho Bons Tempos por cerca de dois anos chocou a comunidade de fãs com uma denúncia de agressão, e não foi contra o marido de Natalie, Caleb, mas contra a própria Natalie.

A âncora parou, dando espaço para o choque se instalar nas salas de todo o país. Caleb estava sentado a meu lado no sofá. Até onde eu entendia, Doug deu para o filho o mínimo possível de detalhes sobre meu desentendimento com a Shannon. Caleb ainda não tinha dito nada sobre isso para mim.

— Na próxima semana, nosso correspondente cultural vai se sentar com essa produtora e conversar sobre o tempo que ela viveu no Rancho Bons Tempos. A

conversa vai se concentrar na denúncia de agressão, mas soube que também existem imagens de bastidores incríveis de como as coisas funcionam no Rancho Bons Tempos, e, pelo que ouvi, não são *exatamente* como parecem. É uma entrevista que você não pode perder. — O âncora organizou seus papéis e disse numa voz amigável, prestes a mudar para um assunto mais leve. — Eu não sabia que eles tinham funcionários trabalhando na fazenda, você sabia, Sarah?

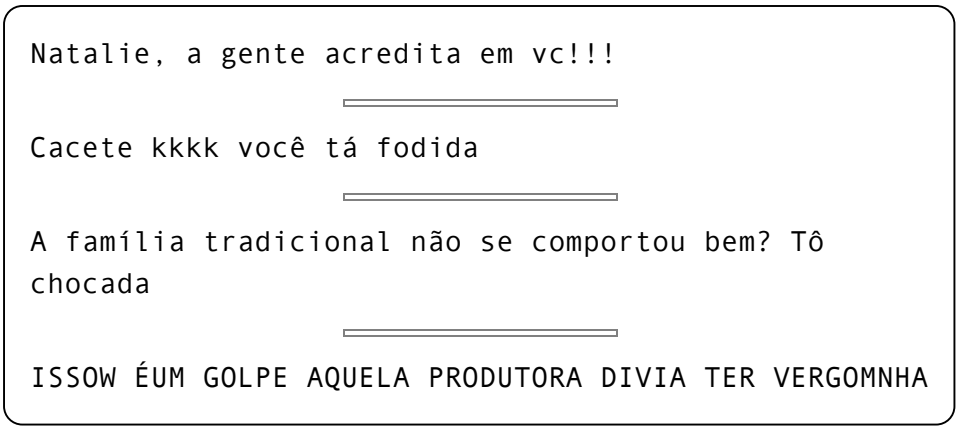
— Com certeza, não! — respondeu ela num tom alegre, e a tela da TV apagou.

Doug largou o controle remoto.

— Deram para Shannon um bloco inteiro em horário nobre — falou meu sogro, com um olhar admirado e rancoroso. — Não é uma coisa fácil de conseguir.

— O que isso significa?

— Que ela vai arrasar.



Os dias que antecederam a entrevista da Shannon passaram como um borrão em meio à preparação. Doug e os advogados se hospedaram num hotel na cidade; toda manhã, às nove em ponto, eu via seu Escalade preto subir a colina lentamente e me preparava para outro dia tenso de planejamento. A sensação era que a gente estava se preparando para um desastre físico: cada vez que eu entrava na cozinha, havia outra dúzia de Gatorade na despensa, e as cortinas de todos os cômodos do primeiro andar eram fechadas, dando um ar de proteção à casa. Não sei por que Doug insistia em manter as cortinas assim. Talvez tivesse medo de que os fotógrafos tivessem aquelas lentes com um zoom tão poderoso que conseguem captar estrelas no espaço. Talvez ele também estivesse seguindo algum instinto animal de querer desaparecer. Eu entendia o sentimento: sempre que surgia um momento livre no dia, eu ia para o quarto e me enfiava sob as cobertas até alguém

me chamar.

Mamãe!

Durante aqueles dias, eu vivia esbarrando em combinações curiosas de pessoas reunidas em lugares igualmente curiosos. Isso também dava uma sensação de tempestade, como um flamingo do zoológico que podia aparecer numa piscina depois de um furacão. Por exemplo: Amelia sentada com Clementine na cama da neta, sussurrando. *A vovó nunca passa tempo com as crianças no quarto delas*. Ou: dois dos advogados mais novos brincando de adoleta no chão com Jessa e Junebug. *Isso aí vai contar como tempo de trabalho?* Talvez, o mais preocupante: Doug falando baixinho com Caleb perto da despensa uma noite, olhando para a parede e conversando aos sussurros, mas sem se virarem um para o outro, parecendo alguém que contempla um quadro no museu.

Só consegui captar algumas frases da conversinha deles — *precisa cuidar das coisas… pensar fora da caixa* — e então meu sogro deu um tapinha no ombro de Caleb e disse:

— Acredito em você, filho.

— Acho que está todo mundo contra mim, mamãe.

Outra vez, eu estava na despensa no escuro, meu novo escritório durante aqueles tempos. Era tarde da noite. A casa estava mergulhada em silêncio. Pelo telefone, conseguia ouvir o barulho contínuo da agulha de tricô da minha mãe. Fiquei aliviada quando ela atendeu o telefone, mas não surpresa. Ela raramente dormia antes de uma da manhã.

— Como assim, contra você?

— Eu… é difícil de explicar. Mas… aconteceram umas coisas. Coisas para as quais você precisa se preparar.

Os potes na prateleira do lado oposto deram uma risadinha. *Que eufemismo!*

Minha mãe não estava ouvindo com toda a atenção. Havia um barulho ao fundo.

— É a Natalie. — Ouvi-a falar. — Estou conversando com ela.

Então ela voltou, dizendo:

— Desculpa, querida. O Brandon estava procurando a pasta de amendoim. Esses pré-adolescentes e sua fome monstruosa! Agora me conta de novo. O que está acontecendo?

Fiquei encarando a parede.

— As pessoas estão mentindo para mim, mamãe. Gente da família. Eu sinto. Eu… eu *vejo*.

Silêncio.

— Bem — respondeu minha mãe, baixinho. — Não esperava que você fosse descobrir assim.

Parei.

— O quê?

— Não me surpreende que você tenha sentido, Nat. Com certeza estou agindo… diferente.

Ela não estava, nem um pouco… ou, pelo menos, eu não tinha notado.

Minha mãe continuou:

— Estou fazendo terapia, e minha terapeuta me incentivou a contar para vocês… — Ela soltou o ar, nervosa. — Bom. Escuta. Só contei para a Abigail antes porque ela estava em casa e a gente se vê muito!

— Fala logo. — Saiu alto demais.

Minha voz ecoou na despensa.

— É sobre seu pai.

Meu coração acelerou. Sussurrei:

— Como assim, meu pai?

— Bem, você sabe que ele não está… — E ela diminuiu o tom de voz, falando num sussurro, como eu. — *Morto*.

Olhei, tensa, para o nada.

— Sim, mãe. Sei que ele não morreu.

— A questão, Natalie, é que… — E parou novamente. Em seguida, respirou fundo ao telefone e concluiu, num fôlego só: — Ele não me deixou porque me traiu. Ele me deixou porque eu o traí.

Não entendi. Aquilo não fazia sentido.

— Do que você está falando?

— Eu estava entediada, tá? Essa é a mais pura verdade: eu estava entediada. Queria ter uma explicação melhor, mas não tenho. Um dos advogados do escritório. O nome dele era Dan, mas você não o conheceu. Ele foi para o escritório de Boise depois de tudo… da confusão… bem, ele sabia dançar salsa. Salsa! Você tinha que ver como movia os pés e as mãos…

Sua respiração estava pesada — ou pelo esforço de confessar, ou pela lembrança das mãos habilidosas do Dan.

— Eu traí seu pai — repetiu — e, quando descobriu, ele queria ficar, tentar resolver, mas o mandei ir embora. E, quando ele se foi, percebi que preferia assim. Ficar sozinha. Então percebi que, se contasse para vocês que tecnicamente ainda era casada, vocês não iam me pressionar para me casar de novo.

Fiquei sem palavras.

— Senti muita culpa por isso e sinto muito, muito, muito por enganar vocês. Não foi certo. Mas… — E aqui ela respirou fundo outra vez, como se estivesse se preparando para o que vinha depois. — Também não me arrependo. Nadinha. E sei como você deve estar se sentindo. Mas conversei com Ben sobre isso…

— Ben, o *namorado* da Abigail? Por quê?

— Ora, querida. Ele é um pastor. Tem o ouvido de Deus. E sabe o que o Ben fez quando contei?

— Não.

Estava ficando bastante claro para mim que eu ia odiar o pastor Ben ao conhecê-lo.

— Segurou minhas mãos nas dele e disse que Deus me ama mesmo assim. E me agradeceu por criar a Abigail como uma mulher tão forte e amável. E pensei, bem, pensei que era muita gentileza dele dizer isso. — Ela deu uma pausa para limpar a garganta. Quando voltou a falar, estava com um tom de voz mais leve, mais casual. — Os dois vão para Sun Valley no fim de semana que vem, sozinhos. Vão passar o fim de semana esquiando! Que divertido! O Ben planejou tudo. Acho que ele é o homem mais legal que já conheci. Você precisa ver a Abigail quando eles estão juntos. Ela está apaixonada.

Meus olhos não conseguiam enxergar na escuridão. Como se minha vida não pudesse piorar ainda mais neste momento, agora tinha ficado bem claro que um grupo de mentirosos e golpistas conspiraram para fazer uma lavagem cerebral na minha irmã e na minha mãe. Uma terapeuta, um pastor moderno. Dois trambiqueiros: incentivando o divórcio, minimizando a infidelidade.

— Essa gente está se aproveitando de você, mãe — falei baixinho. — Estão tirando proveito da sua fraqueza. É tão óbvio! Você sempre foi boa demais.

Um longo silêncio.

Eu esperava que minha mãe fosse enrolar, que argumentasse, *Ah, Nat, não é bem assim*. Mas então ela fez o completo oposto. Respondeu devagar e com um claro desconforto.

— Quer saber, Natalie? Eu… eu não acho que sou boa demais. Na verdade, tenho orgulho do quanto sou boa. Acho que isso é algo positivo. E, sendo bem sincera, estou muito decepcionada com você, por *não ser boa*.

— Mãe! Você não faz ideia de como as coisas estão difíceis agora. Então, se puder *me escutar*…

E foi aqui que o momento mais estranho de toda a minha vida aconteceu: minha mãe, aquela boa cristã, surtou.

— Não! — gritou ela com tanta força que precisei afastar o telefone do ouvido. — Escuta aqui, mocinha. Esse é seu problema! Sempre foi! Você acha que a bondade é uma virtude boba e secundária, quando na verdade é a porra que mais importa!

Nunca tinha ouvido minha mãe falar um palavrão.

— Mãe — gaguejei de novo. — Eu só…

Ela berrou de volta, sua raiva vibrando no telefone como se fosse um tipo de feitiço:

— *POR QUE PARA VOCÊ É TÃO DIFÍCIL SER BOA?*

53

ESTA TERRA NÃO É COMO me lembro. Ou melhor, esta terra não é como a imaginava. Quantas vezes caminhei por essa floresta coberta de neve nos anos em que morei na fazenda?

A resposta é: nenhuma. Nem uma vezinha sequer.

Passa tão rápido. É isso que se deve dizer quando alguém ou alguma coisa o força a pensar em todos os erros de gerenciamento de tempo cometidos sendo mãe ou pai, todos os aniversários esquecidos, todos os momentos lindos em que se esteve presente, sim, mas sem realmente estar.

O que posso dizer? Passa tão rápido. Você pisca, e eles já cresceram, saíram de casa, se foram.

É verdade. Eu pisquei, e eles se foram.

Clementine, *a criança que me fez mãe,* e Samuel e Stetson, *meus homenzinhos queridos*. E Jessa, *nossa espoleta!* E Junebug… bem, eu não tinha passado tempo suficiente com ela para encontrar um traço de personalidade de destaque. Cada nova criança parecia mais distante de mim. Quando tento lembrar o rosto delas, só consigo ver com clareza o de Clementine. Se me esforçar muito, talvez veja também os traços dos meninos, mas Jessa e Junebug? São menos memórias e mais ideias. Hieróglifos antigos pintados nas paredes distantes da minha mente.

Enquanto caminho pelas folhas, passando os dedos nos galhos das bétulas, que parecem pergaminho, e nos sulcos calcificados dos troncos de ácer, penso em todos os rascunhos da minha vida. Em tudo que quis fazer, mas não fiz.

Eu queria ter conhecido a personalidade de Junebug. Queria ter caminhado por esta floresta. Queria ter ido pescar em nosso rio com os meninos; queria ter pescado salmão aos montes e depois deitado nas pedras quentes de sol, ouvido o barulho da água. Queria ter deixado o telefone desligado. Queria ter cuidado do pomar de maçãs que tanto tinha me empolgado quando compramos a propriedade. Queria ter aprendido a cuidar de verdade da fazenda, a semear

coisas; não queria só ter tido filhos ou conta no Instagram, e sim ter plantado cenoura, criado bezerros, tirado seiva de árvores também. Queria ter construído um império midiático. Revistas, programas de TV e um escritório grande em alguma cidade distante. Queria ter cultivado jardins imensos, com hectares de extensão, por todo o rancho. Queria saber o nome de cada flor nativa de Idaho. Queria ter aprendido sobre ervas medicinais, tônicos e infusões. Também queria ter encontrado mais gente pessoalmente — *de verdade, queria, estava quase pronta* —, mas então pisquei, e tudo acabou.

Isso significa que é a primeira vez que caminho por esta floresta. Nada me parece familiar, nem o trio de rochas que parecem toupeiras pelas quais passo, nem a curva ampla e em declive da trilha. Não tenho uma sensação estranha de déjà-vu nesta floresta, nenhum clique de confusão igual ao que sinto quando olho para as crianças, o cavalo, o celeiro.

Esta floresta nunca foi minha.

Caminho pelo que parece ser muito tempo. A neve encharca a bota, e em pouco tempo meus dedos estão latejando de frio. Por fim, acabo vendo. À distância, quase impossível de enxergar em meio às árvores: uma pequena cabana de troncos. Estranho: o percurso que estou fazendo parece me afastar dela. Talvez vá me fazer sair do outro lado, mas de repente sinto que tenho pouco tempo, então saio da trilha e caminho direto para ela, depressa. Meus pés estão dormentes, e sigo tropeçando e cambaleando nas raízes, então logo estou na frente da cabana, no meio de uma clareira enorme aberta pelo homem, e é aí que vejo, quase escondido por trás da cabana, um azul metálico e artificial.

Eu me ouço sussurrar — não, a choramingar — alto, igual a uma criança, como se estivesse nascendo outra vez:

— Caminhonete.

Fumaça está saindo pela chaminé. Sobre a porta da frente, uma palavra gravada no batente: MACHOSFERA.

Então é para cá que os homens vêm.

54

SHANNON TINHA FEITO LUZES NO cabelo. Não usava mais piercing no nariz. Estava usando um vestido de camponesa de uma das marcas que costumavam me mandar um monte de roupas. Parecia menos ela mesma e mais uma menina do Brooklyn que revirou o guarda-roupa da amiga antes de ir a um jantar com os pais do namorado do Meio-Oeste.

A âncora sentada diante dela era a mesma da semana anterior. Erin não-sei-o-quê. Estava com menos sombra nos olhos, e sua postura tinha mudado de uma compostura alegre de um giro de notícias noturno para uma atitude mais séria e investigativa. Uma *mulher em busca da verdade*. Ela projetou o corpo para a frente, tocou o joelho de Shannon e olhou para a jovem com extrema solidariedade.

— Shannon, quero começar nossa conversa perguntando algo pessoal: qual é a sua idade?

Shannon se ajeitou na cadeira.

— Tenho vinte e um anos.

— E qual era sua idade quando começou a trabalhar no Rancho Bons Tempos?

— Dezenove.

Erin olhou de lado para a câmera por um bom tempo. Todos se ajeitaram, desconfortáveis. Caleb, Doug, Amelia e eu estávamos todos espremidos num sofá modular. Os advogados estavam sentados em cadeiras atrás da gente. As babás estavam com as crianças, após receberem instruções firmes: "Fiquem longe da sala." Eu tinha passado o dia todo esperando por esse momento, e ainda assim me sentia despreparada e um pouco zonza. Meu telefone não parava de apitar fazia dias. Minha mãe era uma mentirosa. Minha irmã era uma vadia imprestável. E as mulheres raivosas, bom…

— Você era muito jovem — Erin constatou.

— Era. Parece que foi há muito tempo. — Shannon projetou um pouco o

lábio inferior, como quem faz um beicinho.

Impressionante. A garota era rica, nossos advogados descobriram. O pai era do ramo financeiro. A mãe era advogada de direitos civis. Shannon, no fim das contas, já tinha ido a mais países do que a maior parte das pessoas visita ao longo da vida. *Nunca vi o Oceano Pacífico!* Ah, *pelo amor de Deus*, ela já tinha praticamente visto todos os outros, e agora algum assessor de imprensa a arrumou e preparou para fazê-la parecer uma menininha de cinco anos, órfã e vulnerável. Só faltava ela estar de maria-chiquinha.

— E qual é a idade de Caleb, seu patrão?

— *Eu* sou a patroa — falei, no mesmo instante em que Shannon respondia com ar de arrependida:

— Trinta e cinco anos.

A imagem cortou para cenas gravadas de Shannon andando pesarosa por um campus universitário na cidade. A narração de Erin era sóbria:

— Shannon era uma estudante brilhante, com o mundo todo pela frente, quando viu um anúncio de vaga para ser produtora da conta do Rancho Bons Tempos. Os professores do curso de cinema a descreveram como alguém sagaz e com senso crítico. Então, quando Shannon anunciou que estava largando a faculdade pelo que dizia ser uma oportunidade incrível, eles acharam que a jovem estava se mudando para Hollywood. Não podiam estar mais enganados.

Como é que é? Ela já tinha abandonado a faculdade antes de aceitar trabalhar comigo. Estavam bagunçando a linha do tempo toda.

— Shannon, você diria que abriu mão de muita coisa para trabalhar para Natalie Heller Mills?

— Diria.

Erin deu outro olhar de lado para a câmera. Minha cabeça estava fervendo, literalmente; se caísse uma gota de água na minha testa, teria evaporado no mesmo instante. Agora a jornalista estava perguntando sobre Caleb: como os dois se conheceram e quando as coisas mudaram de uma relação profissional para algo que "com certeza não era profissional".

— O Caleb é um cara ótimo — respondeu Shannon. — É inteligente, gentil e um ótimo pai.

— Mas talvez não seja um marido tão bom — comentou Erin, e Shannon ficou corada, parecendo se sentir culpada na medida certa.

— Talvez, não — concordou e começou a chorar.

— Vamos mudar de assunto — disse Erin em tom gentil.

Minha ex-produtora assentiu, aceitando um lenço que a âncora tinha tirado

do nada.

— Shannon, em seu processo, você menciona várias outras coisas… desagradáveis, digamos assim, sobre aspectos da vida no Rancho Bons Tempos. Há algumas menções a supostos maus-tratos aos animais.

— Que absurdo! — Caleb gritou.

— Eles estariam relacionados ao número de vacas leiteiras que a família teve, por exemplo. Shannon, é verdade que a família vivenciou pelo menos quatro mortes de vacas leiteiras por causas não naturais nesses dois anos em que você trabalhou lá?

Ela fez que sim.

— Não sei se é normal, mas achei bem esquisito o fato de as vacas *sempre* se chamarem Sassafrás.

— É um ótimo nome — reclamou Caleb. — E é completamente normal animais de fazenda morrerem!

De rabo de olho, vi Doug pousar a mão no ombro de Caleb, que se calou. Então meu sogro se deu conta de que eu estava observando e escorregou a mão do ombro do filho para o encosto do sofá.

— E, Shannon, é verdade que as crianças não querem ser filmadas?

Ela aquiesceu.

— Detestam ser filmadas.

Putinha mentirosa.

— Você tem vídeos para nos mostrar, Shannon?

Ela acenou.

Então meu cérebro parou de tentar formar pensamentos coerentes, porque eu estava assistindo ao rosto de Clementine na tela, pixelado e sério, olhando para mim. Era um vídeo recente, pois ela tinha passado pelo estirão, mas ainda assim: ao longo do último ano me peguei pensando com frequência no quanto minha filha parecia crescida, quase adulta… e agora a verdade estava sendo esfregada na minha cara: era tão novinha! A tela mudou para outra imagem: Jessa chorando no celeiro, balbuciando "Mamãe, mamãe", as mãos e a blusa sujas de lama, ou era cocô de vaca? E então mudou logo para Samuel e Stetson nos pastos, com seus chapeuzinhos de caubói iluminados por um céu azul. Os dois estavam brigando por uma pistola de pregos. E então a imagem voltou para a Clementine, balançando a cabeça em desaprovação para… mim. Lá estava eu, de pé na cozinha, falando alguma coisa dura para minha filha. Apontando para ela e depois para as irmãs. Junebug estava no chão, agarrada à perna de Clementine. Eu provavelmente estava mandando que ela ficasse de olho nos irmãos. E a mais

velha estava respondendo baixinho várias vezes: "Não." E agora eu estava dizendo, sem sombra de dúvidas: "Sim."

Quando foi isso? Não me lembrava desse momento. Enquanto me via na tela, sentia que estava assistindo a uma outra mulher que eu conhecia. A Natalie offline. Feia, e rude, e inapropriada, e velha, como uma bruxa de contos de fada. O que ela estava fazendo aqui? Quem deixou essa mulher aparecer na internet?

E então eu estava vendo… a escuridão. Sombras. Barulho de carros. Portas se abrindo e fechando, som de cintos de segurança. Onde a gente estava?

De repente uma voz muito aguda preencheu a escuridão. Do outro lado do sofá, Amelia saltou com o barulho.

— Vanessa, *aquela puta*, com certeza vai correr para casa e postar sobre mim em um daqueles fóruns idiotas e irritantes: "Aposto que vocês não imaginavam que alguém igual à Natalie faz compras na Target!!!" E depois eu vou ter que aguentar uma semana inteira de comentários on-line, e a Shannon! Que audácia! É inacreditável o tamanho da cara de pau dessa mimada sem educação, moralmente falida, essa filha da…

Eu não conseguia respirar. Minha mão estava paralisada sobre a barriga enorme, mas a bebê não estava se mexendo. Ao longe, estava me perguntando se ela também prendia a respiração naquele momento.

— Sim. — Minha voz continuava sem dó na escuridão. — Era uma boa ideia. Eu podia apenas postar sobre isso e cortar as asinhas da Vanessa… Meninas, o que vocês ganharam durante nosso passeio especial para a Target hoje?

Não, era tudo que eu conseguia pensar.

— Para de me filmar — disse Clementine.

— Não sabia que você não gostava de ser filmada, Clementine. Sempre falei para me contar caso se sentisse assim, não é?

A imagem cortou para uma montagem de vídeos da Clementine, centenas deles, rápidos, começando quando ela ainda engatinhava e continuando até o presente. Outono, inverno, primavera, verão. Bebês brotando em volta dela. E sua cara, *meu Deus*; terrível, terrível, terrível.

Depois a imagem voltou para a entrevista, e Erin estava entregando um lenço para Shannon, que fungava e falava o quanto amava as crianças, as babás e os funcionários da fazenda, o quanto me amava e se preocupava com todos os envolvidos.

— Sei que é difícil entender, considerando tudo que… aconteceu, mas é verdade.

— Shannon, devo admitir que estou surpresa de te ver demonstrar gratidão

por Natalie depois do que ela supostamente fez. — Erin deu uma pausa, fazendo uma cara de âncora perfeita. — Podemos conversar sobre o incidente?

Shannon fez que sim com a cabeça. Inclinei o corpo para a frente.

— O que você precisa entender — disse Shannon em tom baixo — é que a Natalie não está bem.

— *Supostamente* — completou Erin, nervosa. — Ela *supostamente* não está bem.

Minha ex-produtora começou a descrever, vacilante, um mundo completamente diferente daquele em que a gente vivia. Um mundo às avessas. Uma viagem direta para o inferno.

— … me chamou de coisas horríveis… montou em mim… minha calça estava arriada… gritando…

Doug perguntou de repente:

— O que é isso?

— Fiquei tão assustada, e ela não me soltava…

— Natalie, do que ela está falando?

— Eu me senti tão violada…

— *Natalie*.

— Falei para ela sair de cima de mim, estava *gritando* para ela sair de cima de mim…

Ela não gritou.

Caleb olhou para mim. Amelia olhou para mim. Doug e os advogados olharam para mim. Eu não queria ter dito aquilo em voz alta, mas era verdade, não é?

— Ela não gritou — falei, na defensiva —, porque não tinha motivo para gritar. É mentira dela. É claro que é. Quer dizer…

Ao fundo, Erin continuava:

— … com certeza *parece* um momento… de natureza erótica…

Eu estava me sentindo louca. Comecei a rir, ou pelo menos tentei.

— Não posso falar da sexualidade dela, mas o que sei é que me senti muito violada…

A meu lado, Caleb repetia baixinho, quase que para si próprio.

— Não entendi.

No segundo andar, meu celular não parava de vibrar. Eu sentia em minhas veias uma onda de comentários enchendo o chip do computador, ameaçando um curto-circuito. Milhões de opiniões crescendo em meus ouvidos, um coro mortal.

Peguei o controle da TV e apertei o botão de desligar. Shannon e Erin

sumiram.

— Ei! — Doug se irritou. — A gente tem que ver isso.

— Ah, pelo amor de Deus. É ridículo. Ela tá falando um monte de mentiras! — Tentei forçar uma risada. — Alguém aqui acha que eu sou gay?

Um dos advogados pigarreou, desconfortável:

— Bem, acho que algumas pessoas podem pensar isso, sim.

— Isso é um problema — falou Doug. — Um problemão daqueles. E gosto de *estar plenamente ciente* dos problemas.

Meu sogro se esticou por cima das pernas de Caleb e tirou o controle das minhas mãos, ligando a TV bem na hora em que Erin perguntou:

— Tem algo que você gostaria de dizer para a Natalie, se pudesse?

Shannon olhou para a câmera, para mim, deu um sorriso perfeito, perfeito mesmo. Suave, inteligente, feminino. A santíssima trindade.

— Eu te perdoo, Natalie.

Senti uma onda de raiva tão forte e repentina que todos os meus pensamentos ficaram desnorteados, transbordaram em minha mente.

Mentirosa. Vadia escrota destruidora de lares…

— Natalie — falou Caleb. — Pelo amor de Deus. Para.

Eu congelei.

— Bem, acho que podemos encerrar por aqui, hoje — Erin declarou. Muito obrigada, Shannon, por ter participado e contado sua verdade…

Doug mutou a TV, e a jornalista se calou. Então ele se virou para mim e falou:

— Você não me contou tudo. E agora, mocinha, estamos todos fodidos.

Meu sogro se levantou e disparou pela cozinha; os advogados foram correndo atrás dele. Em seguida, Caleb também se levantou. Parecia confuso.

— Preciso pensar.

Eu o observei andar devagar até a entrada, abrir a porta e sair para a varanda. Ele ficou ali por um tempo, olhando nossa propriedade. Então fechou a porta, e ficamos só eu e minha sogra, que estava com uma cara de espingarda engatilhada.

— Que Deus tenha piedade da sua alma — falou ela baixinho, como se estivesse terminando uma oração por mim.

Então se aproximou e ficou tão perto que dava para ver os pedaços de pele morta descascando de seus lábios rosa-Barbie:

— Menina má.

Se ao menos meu marido tivesse estuprado nossa produtora! Foi basicamente o

que Doug disse naquela noite — o que ele *berrou* — por horas, enquanto um elenco de personagens secundários se revezava (eu, depois Amelia, depois finalmente apenas os advogados) no olhar perdido para o nada. Se pelo menos o idiota do seu filho tivesse estuprado nossa produtora idiota. Se isso tivesse acontecido, tudo terminaria e seria esquecido em duas semanas. Mas uma mulher predatória? Inacreditável. Uma boa mãe e esposa cristã que (supostamente!) achava outras mulheres atraentes? Que pegou o que queria na marra, sem pedir?

Matem a bruxa. Queimem.

No segundo andar, eu me sentei no chão do quarto e vi a tela do celular se acender várias vezes na mesa de cabeceira, parecendo sequências de código Morse.

Vai para o inferno

Vadia idiota

Tomara que a assistente social leve seus filhos embora

Ele não parava de vibrar. Por fim, fui até a mesinha e peguei o aparelho. Hesitei, minha mão flutuando sobre ele, que tremia Parecia estar sofrendo.

Eu podia desligá-lo. Jogá-lo na fogueira. Deletar minha conta. Mas nada faria isso acabar. Toda aquela energia furiosa precisava ir para algum lugar, e eu conseguia senti-la, mesmo agora, vibrando em ondas pelo ar, espalhando-se igual a uma neblina, sendo absorvida por minha pele, inundando minha corrente sanguínea com toxinas. Eu podia sentir fisicamente o ódio se multiplicando dentro de mim como um câncer. A Natalie da internet foi otimizada para gerar ressentimento, adoração, inveja, obsessão… mas ódio? Pena? Nojo? Eram coisas insuportáveis para ela. Para mim. Para nós.

Não aguentava mais. Peguei o celular e comecei a ler as notificações. Enquanto rolava pelas ondas de fúria, eu me vi incapaz de distinguir as mulheres progressistas que me odiavam e as boas cristãs que me odiavam. Pela primeira vez elas estavam alinhadas na ira. E então havia as mensagens de texto.

Da minha mãe:

Natalie, liga agora pra mim, por favor

Da minha irmã, um turbilhão de raiva com erros de digitação:

Sóacho mt engraçado q vc me julgsva taaaaanto por me divorciar e ser uma “pecadora”, e esse tempo todo…

De um número desconhecido:

Vou cortar sua garganta no meio da noite, sua puta sapatona idiota

E então mais números desconhecidos, dezenas, empilhando-se no celular como envelopes saindo pela caixa de correio.

Vou fazer uma oração a Deus por seus pecados horríveis

Vc vai arder no inferno por isso

Sapatão, vadia nojenta

Fiquei olhando ao meu redor, sem parar. Como essas pessoas conseguiram meu número? Que outras informações conseguiram? Elas iam acabar vindo para a fazenda?

Anda, Natalie. Foge.

Mas fugir para onde? Eu tinha seguidores fanáticos no Brasil, na Nova Zelândia, na Mongólia. O mundo todo era um holofote. Até *minha fazendinha querida* estava armada contra mim, grampeada com telefones, cheia de crianças ingratas e trabalhadores desleais. Não havia para onde correr. Nenhum lugar era um refúgio seguro. Uma sensação terrível de afogamento tomou conta de mim. Qualquer segurança que eu podia sentir na vida agora estava atrelada ao passado.

55

MENINAS, VOCÊS SABEM COMO AS *pessoas iam de um lugar para o outro no passado? Elas caminhavam. Sim, é isso mesmo. Elas caminhavam por vários quilômetros. Se tivessem um pouco de dinheiro, poderiam ter um cavalo, talvez até uma carroça coberta para ele puxar. E, se dessem sorte, podiam até ter uma caminhonete!*

Pera… isso não pode estar certo.

Não. Isso com certeza não pode estar certo!

Giro a maçaneta, e a porta da frente da cabana se abre sem fazer barulho. Passo pela porta e entro em uma cozinha pequena de madeira. De repente me vejo diante de um porta-retratos da minha própria família, pendurado na parede.
É bastante antiga: eu, Caleb, Clementine, Samuel e Stetson ainda bebê. Não lembro quando tiramos a foto, mas me lembro da legenda da imagem, quando a postei on-line: *Deus se alegra quando as famílias trabalham juntas*.

Meu coração não passa de uma coisa morta e úmida no peito. Meu olhar passeia lentamente pelo ambiente. Vejo um chão empoeirado e uma mesa. Sobre ela: um prato ainda quente. Perto do prato: três pacotes plásticos de miojo. Sob a mesa: um frigobar com um fio ligado a uma tomada elétrica.

E então ouço um rádio no outro cômodo, oscilando.

Consigo sentir o ar frio entrando e saindo de mim, mas não consigo ouvir… não consigo ouvir meu coração, minha pulsação ou minha respiração. Só consigo ouvir o rádio, que está ficando cada vez mais alto, porque de alguma forma estou atravessando a cozinha, passando pelos legumes, pelo miojo e pela foto, e então estou passando para outro cômodo, vazio, a não ser por uma televisão desligada, um sofá velho (caindo aos pedaços) e uma pilha de cobertores no canto — três sacos de dormir, três travesseiros. Atravesso esse cômodo e entro em outro, onde acabo parando.

Pela janela desse ambiente vejo o para-lama frontal de uma caminhonete. E, diante dessa janela, há outra mesa, sobre a qual está o rádio, e, na frente do rádio, sentado em um banquinho de plástico dobrável, há um homem. Perto de seu pé está uma pilha de legumes saindo de um velho caixote de plástico. Batata, cenoura, aipo, beterraba. Como os que Mary pica, fatia e coloca na sopa. Eles estão cheios de adesivos de mercado.

Médico, penso. *Você veio procurar um médico.*

É o vizinho. O mais baixo. Ele está olhando para o outro lado, assobiando baixinho uma música que reconheço. "Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo…"

Demoro um pouco para notar o que ele está fazendo: tirando legumes de um caixote, arrancando os adesivos e jogando em outro.

Fala.

Um feito impossível; como tentar assobiar quando se está pulando de paraquedas.

— Socorro. — É o que acabo conseguindo dizer.

O vizinho para no mesmo instante.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo…

O vizinho olha para trás. Seus olhos estão arregalados.

— Mamãe. — Ele deixa escapar.

Dou um passo para trás, e mais um.

— Doutor — sussurro.

— *Mamãe* — ele repete.

Seu rosto está contorcido em êxtase ou talvez em agonia.

Ele se levanta, derrubando a cadeira, e dou um grito. Os instintos assumem o controle; enquanto aquele homem vem na minha direção, eu me viro e começo a correr. Passo pelo cômodo com a TV e pela cozinha, vou para fora, passo pela clareira e entro na floresta. Desta vez, não caio.

56

O AJUDANTE DA MAMÃE...

O ajudante…
Ajudem-na.
Ajude.
Mãe, por favor a ajude.

Bem. Deus sabe como tentei por muito tempo ser o tipo de cristã que minha mãe é. Dei tudo de mim, e aonde cheguei? Só me fodi. Sozinha no quarto, quase embriagada de ler tanto palavrão, xingamento e ameaças de morte em um curto período.

Talvez fosse o momento de, finalmente, tentar outro caminho.

O frasco de comprimidos tinha oito anos. Eles estavam na minha cômoda na propriedade dos Mills um dia após Amelia me encontrar no corredor. *Família é para isso!* Não havia rótulo nem nome. Só uma mensagem com canetinha preta: *Tomar um a cada doze horas.*

Mas com certeza o prazo de validade já tinha acabado. Peguei três comprimidos brancos na mão e engoli no seco mesmo. Em seguida, fechei os olhos e fui jogando a cabeça para trás até encostar na parede do banheiro. Pensei em Clementine e em como deveria puni-la pelo que fez. Podia colocá-la de castigo, dar um tapa nela ou trancá-la no quarto. Ou podia não fazer nada, simplesmente nada, podia perdoá-la sem que ela se desculpasse, e ser tão boa que ela começaria a se sentir culpada pelo que fez. Isso. Essa parecia uma boa alternativa.

O tempo passou. Em algum momento, ouvi uma batida na porta do banheiro. Abri os olhos e vi a cabeça de Caleb aparecer na fresta.

— Posso entrar?

Fiz que sim com a cabeça. Assim que a movi, senti. Os comprimidos. Observei sem dizer nada enquanto Caleb vinha até mim e se sentava, tão perto que nossos joelhos quase se tocavam.

— Posso perguntar uma coisa?

— Sim — respondi após vários minutos de tentativa.

Falar parecia difícil, mas bom.

— É… é por isso que você odeia tanto transar? Porque você é lésbica ou algo assim?

Eu ri. Que cara engraçado.

— É você que nunca quer transar.

Caleb me deu um olhar amigável.

— Qual é, Natalie. Fala a verdade. Você quer transar comigo tanto quanto quer esvaziar a lava-louça.

— Bem… — Ri e encostei a cabeça na parede, mantendo os olhos fixos nele. — Talvez, se você conseguisse ter uma ereção como uma pessoa normal, eu gostasse um pouco mais.

Ele perdeu o olhar amigável.

— Bem… — disparou meu marido, imitando o que falei. — Se transar com você não fosse como transar com um cadáver, talvez fosse mais fácil eu ficar de pau duro.

Um tipo de terror fascinante tomou conta de mim. Era como se meu corpo tivesse passado anos à beira do ralo e agora estivesse finalmente escorrendo para uma escuridão fria.

Eu disse, sem pensar:

— A morte parece tão boa.

Caleb estava com a cara franzida.

— Qual é seu problema?

Não respondi.

— Você me humilhou. Sabia? O que você fez com a Shannon… foi humilhante.

— Meu amado esposo — afirmei, lentamente —, você não passa de uma grande humilhação desde o dia em que nos casamos.

Caleb se levantou num salto, olhando para mim enquanto se afastava, como se eu pudesse surtar se ele não tivesse cuidado. Parecia não perceber que eu não conseguia me levantar.

— Você sempre me menosprezou. — Sua voz estava trêmula. — Mas quer saber? A Shannon não me menosprezava. A Shannon *não me menospreza.* Você a

ouviu hoje: ela me acha inteligente, gentil e…

— Shannon! — falei e comecei a gargalhar. Era realmente engraçado. — Sabe o que a Shannon me contou quando a gente conversou? Que preferia se matar a ir a qualquer lugar com você.

Era mentira? Com certeza o sentido da mensagem era esse, ou algo assim. Caleb ficou processando essa informação devagar, depois declarou:

— Não acredito em você.

Mas ele acreditava. Eu sabia que sim. Então não comentei nada, só fiquei observando a luz tremeluzir em seus olhos e depois se apagar. Meu marido sussurrou:

— Todas as mulheres são tão horríveis quanto você?

Eu me sentia maravilhosa, agora. Três comprimidos vencidos tinham sido a dose perfeita.

— Até diria para você perguntar à sua mãe, mas aí ela pode parar para pensar por um segundo na própria vida, e quer saber, Caleb? Acho que, se ela fizesse isso, ia acabar se matando.

O tapa veio do nada. Meu marido deve ter se aproximado para me alcançar, mas não notei ou não me lembrava de ter notado enquanto encarava o azulejo do chão do banheiro, minha vista no olho esquerdo subitamente borrada. Pressionei a mão sobre a bochecha. Não conseguia sentir nada. Mas imaginei que minha pele ardia. Que estava vermelha. Eu me peguei pensando no meu pai, pela primeira vez desde a conversa com minha mãe ao telefone. Não me permiti pensar nele hora nenhuma, até então. Por onde ele andava? Será que havia se casado? Tido outros filhos?

Tudo teria dado certo se eu tivesse crescido com uma figura paterna forte, ponderei, serena. No entanto, assim que refleti sobre isso, senti que não era verdade.

— Sabe o que pensam de você na internet? — perguntou Caleb, parado diante de mim. — Acham que você precisa ser disciplinada. Que perdeu o controle. Que sua cabeça é grande demais para seus ombros e que eu devia ter puxado suas rédeas há anos. E estão certos, sua vadia do demônio. Meu pai tinha razão: eu devia ter me divorciado de você quando tive a oportunidade.

Olhei para Caleb.

— É isso que Doug quer? Que você se divorcie de mim?

Ele se afastou de mim, respirando com dificuldade.

— É o que *queria* que eu fizesse. Mas quer saber o que ele quer agora?

Senti um gosto metálico na boca. Meus lábios estavam sangrando.

— Não faço a menor ideia.

— Quer matar você.

Balancei a cabeça para o lado, devagar.

— Para de palhaçada.

— Não estou de palhaçada. Meu pai disse que um acidente de carro seria o mais fácil. Essas estradas sinuosas nas montanhas, uma queda tão abrupta… — Caleb deu de ombros; era sua vez de me observar absorvendo a informação. — Ninguém jamais suspeitaria.

Lentamente voltei a me sentar. Era uma informação grande demais para meus neurônios, como se estivéssemos tentando passar um sofá por um batente muito estreito. Ainda assim, ia entrando aos poucos, arrancando as dobradiças enquanto entrava. Matar. Eles querem me matar. Que absurdo. Que engraçado! E também: que prático. Mesmo que nunca cheguem às vias de fato, que forma inteligente de me manter presa a este rancho, de fazer com que eu nunca queira ir embora. Agora nunca mais sairia daqui de novo sem me perguntar se *aquele* seria o *dia*.

Afinal, o que eram os bons cristãos, se não especialistas em fazer suas boas esposas cristãs desaparecerem do mundo?

Que chatice. Era tão injusto! Fiz tudo que se esperava de mim. Tive filhos, me casei com o cara, criei um universo para vivermos, e o que eu recebia em troca?

Assassinato, pelo visto. Uma menção em um documentário futuro sobre a última grávida que quebrou o pescoço numa vala por aí. Caleb talvez fosse preso por um ou dois anos. É provável que não fosse. Independentemente disso, estaria casado de novo em menos de dez anos. Teria uma segunda leva de filhos.

— Caleb, você não quer concorrer nas eleições.

Ele parou.

— O quê? Do que está falando?

Repeti:

— Você não quer concorrer nas eleições.

Eu estava me comunicando e pensando com mais clareza agora. O choque do efeito dos comprimidos tinha passado, ou talvez a onda de adrenalina que a ameaça de morte do meu marido me fez sentir tenha criado um coquetel químico no meu corpo. Seja como for, conseguia me mover com mais facilidade. Parecia que tinha mudado da caminhada para a patinação no gelo: tudo de que precisava era pegar impulso com cada palavra.

— E, só para constar, você não quer se mudar para Nova York. Provavelmente ia detestar aquele lugar.

— Não ia nada.

— Ia sim.

Caleb não respondeu. Estava ouvindo. E o que eu estava fazendo? Patinando. Improvisando por minha vida, o que significava que agora precisava desmanchar aquilo que passei a vida toda tricotando.

— O que você quer, meu esposo querido, o que você *sempre* quis foi que te deixassem em paz.

— E você acabou com isso. Agora nunca vão me deixar em paz. Não mais, agora que você… e com o mundo todo… — Ele se agachou, fazendo uma careta e cobrindo os ouvidos com as mãos. — Meu Deus. Parece que estou sufocando.

— Pode deixar, vou resolver as coisas — falei enquanto ele respirava, apavorado.

Ao olhar para mim, Caleb estava com a expressão de uma criança. Meu marido sempre foi uma criança.

— Como?

— Vou falar com seu pai.

— Ele vai matar você, Nat. Estou falando sério. Ele quer você morta.

— Doug não me quer morta — respondi, num tom gentil. — Só quer me consertar.

Uma hora depois, eu caminhava lentamente pelo corredor, tateando as paredes, sentindo meus pés ao mesmo tempo mais leves e mais pesados do que o de costume. Não estava claro se eu estava indo em direção à minha própria salvação ou à morte iminente. *Não olhe para trás*, tentei lembrar a mim mesma. *Não olhe para trás, não olhe para trás.*

Imaginei Caleb e meus filhos virando sal. O rancho em chamas. Meu mundo queimando, o céu repleto de cinzas.

Mas e as mulheres da Bíblia que olham para a frente? O que acontece com elas?

Era uma pergunta mais fácil de responder aos trinta e três anos do que aos dezessete.

57

CAMINHO NA NEVE POR HORAS. Não segui a trilha ao sair correndo, então agora minha perna dói, e estou perdida na floresta. Por um tempo, ouço o rio à distância e tento andar na direção do som, mas logo a sensação é de que o rio está por toda parte. Pouco depois, o som desaparece e a floresta fica completamente silenciosa, exceto pelo farfalhar das árvores.

Ando, ando e ando. Às vezes passo por uma pedra grande e seca o bastante para me sentar, parar e descansar. Faço isso várias vezes.

Ando, descanso, ando, descanso.

A certa altura, tarde da noite, cogito a possibilidade de estar andando em círculos e não estar a mais de dez minutos da cabana. Parece ser pedir muito que eu tenha caminhado em linha reta, me afastado da cabana e do rancho e chegado talvez a poucos minutos da estrada, onde posso sair da floresta e ficar na beira de uma via movimentada, sacudindo os braços, em desespero. *Socorro!*

Acabo nunca alcançando essa estrada.

Em vez disso, eu me vejo saindo cambaleando de um matagal e chegando à base da colina onde Noah saiu correndo de mim aquele dia. Deixo escapar um gemido baixinho. Estou de volta ao ponto de partida. Nunca vou conseguir fugir deste lugar.

Subo a colina sentindo cansaço, morrendo de fome, com o pé dormente; percebo a casa e o celeiro surgindo aos poucos diante dos meus olhos. O Velho Caleb está parado na entrada do celeiro. Ele fica observando enquanto me aproximo com o rosto vermelho e sem fôlego.

— Olá — digo quando estou perto o bastante.

Ele me dá um olhar semicerrado. Não parece furioso, e sim exasperado.

— Aonde você foi?

— Saí para caminhar.

Espero parecer calma. Preciso de um tempo em casa, na segurança do quarto,

com as cobertas sobre a cabeça, para acalmar a respiração e pensar.

— Bom — diz o Velho Caleb. — A febre da Maeve passou.

— Ah. — Claro que passou. — Que bom.

— Estava com medo de que você a tivesse levado.

Encara o céu, projeta o corpo para a frente e cospe. Olha de lado para mim:

— Sabe que ela não é vacinada.

Estou prestes a responder, e um som estranho me interrompe. O som de um motor. Um carro está se aproximando. Não era um caminhão azul, era um Subaru vermelho, subindo a colina, vindo lentamente pelos declives e falhas na estrada de terra esburacada, até chegar ao celeiro e estacionar.

O motor para.

Uma mulher desce do carro.

Ela é meu clone. É igualzinha a mim, exceto o cabelo, que é mais curto. Mas todo o resto é igual: o rosto duro, os olhos castanho-escuros. Até a maneira de andar é idêntica.

Fico ali parada e vejo essa mulher, essa versão bizarra de mim, se aproximar. Ela passa pelo caminho, depois pelo galinheiro e de repente está a três metros de nós.

Coloca a mão no rosto para proteger os olhos do sol.

— Bem. Adorei o que vocês fizeram com este lugar.

Chegou o Dia do Juízo Final.

PARTE TRÊS

O FUTURO

ESTE É O ÚLTIMO DIA da vida que imaginei para mim.

Este é um dia que imaginei para mim.

Este é um dia que imaginei.

Este é um dia.

Imagine.

Este é um dia que…

— Clementine — digo.

Minha filha crescida não sorri ao ouvir seu nome.

Natalie da internet, Natalie offline.

Dias bons, dias ruins.

Sujo, limpo.

Perdido, achado.

Olá, mocinhas!

Não vejo o cabelo de Clementine assim tão curto desde que ela tinha dois anos. Está com um corte Chanel. Tem uma tatuagem, algum tipo de símbolo, no pulso. Tem a mesma altura e peso que eu. Sua postura é igual à minha: reta e imóvel como uma vara. Está vestindo um casaco de inverno que parece caro, jeans escuros e botas à prova d'água. Ao ver tantas roupas modernas, meu coração dispara. Então observo o rosto da minha filha e fico sem ar.

Essa é a minha filha, *a criança que me fez mãe*. Uma mulher adulta. Sem aliança nos dedos. Sem filhos. Não sei explicar como sei disso. Apenas sei. A mãe sempre sabe.

Eu me viro para meu marido.

— Ora, vejam — fala ele. — Que surpresa boa!

Clementine inclina a cabeça, fazendo uma expressão engraçada para o pai, algo que me diz que os dois não estavam tramando por minhas costas. Ele não a convidou para vir. Está tão surpreso de vê-la quanto eu. Que bom.

— Quando se vive sem telefone nem internet, tudo deve ser uma surpresa — responde no mesmo tom.

Um barulho vem da varanda. Nós três nos viramos na direção da casa. Mary está olhando pela janela. Ela nos vê e logo some de vista.

Eu me viro para encarar Clementine, que agora está olhando a casa com uma expressão bastante emotiva. Seu primeiro sinal de aflição.

Corre, Natalie. Tenta a sorte. Dá um empurrão nela, pega as chaves, entra no carro e vai.

Em vez disso, ajo com polidez:

— Gostaria de entrar?

É um prazer, senhora Heller Mills. Sou Lucy, uma das produtoras que vai preparar você para a entrevista de amanhã. Mas, antes de começarmos, está confortável? Quer alguma coisa? Café? Água? Kombucha?

E, já que estamos conversando… talvez seja um pouco rude, pode dizer se for, mas queria saber: é bom ter acesso a tantas escolhas depois de tantos anos de uma vida tão restrita? Ou você se sente sobrecarregada?

— Então é assim que vocês vivem — fala Clementine.

Ela está parada no batente da porta. Projeta o corpo para a frente a fim de dar uma boa olhada na cozinha, mas mantém os pés na soleira da porta. Faz igual a Shannon, há muitos anos, com medo de dar um passo para dentro do próprio quarto, com medo de ser sugada para o vórtex deste rancho. Essas mulheres têm bons instintos.

Fico parada perto do balcão da cozinha, vendo o mundo pelos olhos da minha filha. Esta pocilga horrorosa. O fogo no canto; os fantoches de meia da Maeve na mesa da cozinha. As rachaduras no teto, os pequenos pedaços de céu azul. Noto, aliviada, que hoje não está tão frio; a casa parece mais aquecida que o de costume. Espero que ela não precise ir ao banheiro. Eu teria que lhe mostrar a casinha.

Clementine começa a tremer. Fecha o zíper até o queixo. Balança a cabeça, triste, ou talvez descrente. Então olha para mim, e sua expressão se contorce de raiva.

— Meu Deus, mãe, é sério que você continua rindo o tempo todo? Para quê?

Para *quem*?

Tudo que posso fazer é… bem.

Você sabe.

A produtora Shannon. A babá Louise. *Uma boa esposa não fala assim com o marido.* A escola dominical, a água morna de piscina. O Caleb Jovem, o Velho Caleb, o Caleb inteligente, o Caleb idiota (*um peixe, dois peixes, peixe vermelho, peixe azul!*). Um terninho comprado na internet para uma audiência à qual eu nunca compareceria. *Você jura dizer a verdade, nada além da verdade, em nome de Deus?* Tênis azul-claro, um sorriso senatorial. *O que é um oceano?* Batom da bandeira dos Estados Unidos. Benditas luzes de rodeio.

Shannon nos processou, Shannon está nos processando, Shannon vai nos processar.

Um milhão de vozes respondendo ao mesmo tempo: *Peça desculpas*.

> Acredito que você já foi preparada para os tópicos da entrevista, então vou só relembrar rapidamente o que a gente pretende abordar amanhã. Estamos curiosos com o que aconteceu depois que sua produtora acusou você de agressão. Sua presença nas redes sociais mudou bastante depois daquilo. Foi se tornando cada vez mais… intensa, acho que podemos falar assim, em termos de estilo de vida. E então, quando você decidiu deletar sua conta do nada… bem, digamos que seus seguidores estão cheios de perguntas! Hoje vamos passar um tempo falando sobre aquela época, depois podemos comentar a derrota do seu sogro na campanha presidencial, e então… bem, você pode conduzir essa parte da conversa. O que acha?

— Clementine — diz Caleb. — O que você veio fazer aqui?

Ah, penso distraída. *Isso. Boa pergunta, idiota!*

— Por que *você* está aqui, pai? Ao menos já se perguntou isso? Por que ainda está aqui, depois de todo esse tempo?

— Estávamos tentando ser bons cristãos. De verdade. Tentando mesmo. Bons cristãos.

Só então percebo que estou falando, então continuo, tropeçando e gaguejando como uma estação de rádio entrando e saindo de frequência. Alguma coisa sobre ser uma boa esposa, uma boa mãe. Alguma coisa sobre Deus. Alguma coisa sobre o amor.

Clementine me observa com uma expressão de desagrado enquanto vou deixando minha voz morrer, e então se vira para o pai:

— Ela está sempre assim agora?

Caleb para, então responde num tom diplomático que deixaria seu pai orgulhoso:

— Tem dias bons e outros ruins.

Dias bons, dias ruins, sujo, limpo…

Bem-vindo, pessoal!

Nos dias bons, eu me mantenho calma. Acredito que, se fizer um trabalho bom, se provar ao mundo que estou realmente vivendo aqui como uma mulher honesta, uma boa cristã, uma esposa tradicional, então as mulheres raivosas vão acabar me perdoando, e as coisas vão voltar a meu favor outra vez, e o estado de Idaho vai abandonar todas as acusações, aquelas que os advogados me alertaram que viriam antes de Doug pagar para que sumissem: assédio sexual, agressão qualificada, condições de trabalho impróprias, fraude eletrônica, maus-tratos contra animais, maus-tratos contra crianças.

Vocês entendem? Se enfim eu conseguisse me tornar aquilo que disse ser por tanto tempo, ninguém poderia mais me chamar de mentirosa. Uma mentirosa. Uma mentirosa. Uma mentirosa. Uma mentir…

E então temos os dias ruins. *Você não precisa saber sobre eles, Clementine. Não precisa saber dos ataques de pânico e das teorias da conspiração, dos testes de Deus, dos produtores nas árvores, das pedrinhas, dos microfones, das manhãs em que acordo e me sinto tão desnorteada que acredito ter sido raptada.*

— Estamos tão felizes que você veio! — Deixo escapar.

O rosto de Clementine se contrai, e sinto um peso no coração. Tinha sido a coisa errada a dizer. *Natalie má.* Meus sensores da Natalie da internet chiam e começam a piscar.

— Ela toma comprimidos às vezes — fala Caleb. — Para se acalmar.

— Comprimidos — repito. — Comprimidos?

— A gente macera no tônico — continua ele para Clementine. — Ajuda, mas o remédio vive acabando. Samuel traz quando consegue, mas, com todo o escrutínio de fora, tem sido necessário racionar.

— Então ela vive entrando e saindo de um transe farmacêutico — afirma Clementine. — Que ótimo. Que maravilha.

— Clementine — pergunta Caleb outra vez —, o que você veio fazer aqui?

— Stetson me ligou. Falou que a mamãe apareceu na casa dele, divagando sobre precisar de um médico, e depois saiu apressada. Ele estava apavorado.

— Não, não, não — respondo. — Não foi assim. Quer dizer… foi, é claro… — Faço uma pausa. — Você falou "Stetson"?

Esse é um nome que eu não me permitia pronunciar em voz alta fazia

bastante tempo.

Mas minha filha não está mais olhando para mim. Eu me viro e vejo Mary, parada na porta do quarto, olhando Clementine como se tivesse tido um vislumbre do além.

> Vamos ver se entendi direito: seu sogro resolveu o processo de Shannon fora do tribunal e pagou a imprensa para largar a história. Qualquer um que especulasse sobre você nas redes sociais recebia dos advogados dele uma ordem judicial para não tocar mais no assunto. Ele intimidou as autoridades a abandonar o caso que tinham contra você, e então você, Natalie, recomeçou do zero. Arrancou as tábuas corridas, renovou as paredes e o teto, e tirou qualquer traço de modernidade do celeiro e das plantações. Você decidiu viver como antigamente… mas para quê? Para provar alguma coisa? Para se proteger dos problemas legais?
>
> Você precisa nos ajudar a dar sentido a isso, Natalie. Precisa nos ajudar a entender.

O fato de Mary e Clementine estarem próximas uma da outra agora é demais para mim. Pela primeira vez em meses, ou talvez na vida, vejo Mary com um olhar crítico: ela é baixa para a idade, malnutrida, sua cara é suja e pálida. Seus dentes são amarelos e tortos. Mesmo a lívida feição de pânico parece antiquada; Mary parece uma mulher vitoriana que se deparou com um fantasma. Em contraste, Clementine parece inacreditavelmente moderna. Sua expressão é tão radiante e penetrante, suas roupas tão limpas e coloridas, que de repente tenho a sensação de estar olhando direto para o sol. O que estou pensando, o que estou tentando evitar pensar é: *Elas são tão parecidas!*

— Sou a Clementine — apresenta-se à Mary. — Sua irmã.

Olho para Mary, que olha para Clementine. Por uma fração de segundo, os dois compartimentos da minha mente se tornam um.

Minha criaturinha marinha.

— Mary — digo.

Minha sexta criança, minha quarta menina, me encara da mesma forma de sempre: como se eu fosse sua mãe. Como se estivesse decepcionada com isso.

Então desvia o olhar de mim para a janela da cozinha e sussurra.

— O que é aquela coisa?

— É um carro — responde Caleb, limpando a garganta, e nós três nos viramos para observá-lo. — Você já viu um antes. Mas era muito novinha.

Tenho uma lembrança rápida: eu e Caleb, nos primeiros dias do experimento, explicando a brincadeira para a pequena Mary. Era assim que a gente chamava na época. Uma brincadeira, um experimento, *só um teste divertido!* Foi uma coisa

gradual. Às vezes de forma deliberada, às vezes instintiva. Como damas. Como xadrez. Caubóis e índios. A casa dos sonhos da Barbie, mas ao contrário. *A gente vai fingir que é antigamente, meu amorzinho.* Os tempos dos pioneiros! *É tudo faz de conta!* Só uma atividade de verão. Só uma forma criativa de a família estreitar os laços em torno de valores tradicionais, enquanto nos escondemos do mundo lá fora e criamos um plano. Só, só, só. Havia um plano maior, juro. Mas, em algum momento ao longo dos anos, e não lembro quando, o plano passou a ser viver escondido. O início e o fim.

Mas e as roupas? Foram o início ou o fim? Foi no inverno que dei à luz Mary. Eu passava as horas amamentando, encomendando pelo telefone pilhas e mais pilhas de roupas dos tempos dos pioneiros. Pedi que fossem enviadas para o rancho. Tudo cem por cento algodão, a etiqueta dizia. Tingido à mão para durar mais tempo!

Etiquetas. Não pensava nelas havia anos. Tinham sido arrancadas fazia tanto tempo, e todas as peças chegaram ao limite de tanto remendo e bainha. Estão autênticas. Agora realmente estão autênticas.

Outra lembrança surge, tão vívida que parece um animal se contorcendo em minhas mãos:

— É divertido — eu falava cheia de raiva à noite, esfregando irritada uma panela idiota de ferro, enquanto meus filhos choramingavam pedindo um passeio até a Target, ir ao rodeio no fim de semana, qualquer coisa que os tirasse de casa, e Caleb olhava para o fogo, seus olhos vivos e mortos ao mesmo tempo.

Ninguém havia se dado conta de que aqueles dias tinham acabado de vez.

— Isso é divertido — eu gritava para eles no escuro. — Vocês não perceberam que a gente está se divertindo?

As crianças foram embora quando Clementine fez dezesseis anos. Um mês antes, finalmente tínhamos vendido o carro, o único item de modernidade ao qual ainda nos agarrávamos. *Hora de viver do que a terra oferece, meninos!*

Clementine deve ter percebido o que estava acontecendo. Ela levou os meninos para passearem numa manhã e não voltou mais. Conhecia bem a floresta, melhor que qualquer um. Era fácil encontrar a saída.

De repente eu e Caleb éramos pais de apenas uma criança, uma menininha.

Isso, claro, até a gente acabar tendo mais filhos.

Apenas para constar: não recomendo parir nos tempos dos pioneiros.

— As meninas — digo, pensando em Jessa e Junebug. — Elas estão bem?

— De certa forma — responde Clementine, num tom monocórdio. — Não estão bem, mas estão vivas. E, quanto aos meninos, bem… eles estão aqui.

Não sei como responder a isso. Há universos inteiros dentro daquela resposta, mas cada neurônio meu está se debatendo contra a ideia de perguntar mais alguma coisa. Então não falo nada, e Clementine, que está me observando cautelosa, solta uma bufada e dá um sorriso irritado — como se tivesse apostado consigo mesma segundos antes e estivesse decepcionada por ter vencido.

— Onde você está morando? — Caleb indaga a Clementine.

Ela dá de ombros e responde simplesmente:

— Por perto. Todos nós moramos perto daqui.

E agora estou pensando numa coisa que minha mãe falou nos meus primeiros dias de maternidade, quando a Clementine era só uma coisinha: "Eles observam cada passo que você dá." É verdade. Por décadas meus filhos têm me observado. Foram os únicos que nunca pararam.

Minha primogênita se vira para me encarar. Sua atenção é quase insuportável.

— Fala. O que você contou para a Mary? Para onde disse que fomos?

Mary está olhando para mim com o rosto franzido e cauteloso. Como se estivesse se lembrando de algo pela primeira vez em muito tempo. Lembrando-se do que falamos.

Mortos. Dissemos que estavam mortos. No paraíso. Ela era tão novinha! Quase um bebê. Bafinho de leite, cérebro moldável. Foi fácil. Mal entendia o que estávamos dizendo, e logo — *obrigada, mãe, pela inspiração* — não falávamos mais que eles tinham morrido, apenas que não estavam mais entre nós.

Primeiro estavam mortos, depois não estavam mais entre nós, depois só não os mencionávamos mais e em pouco tempo passamos a viver cada dia como se nunca tivessem estado aqui, para começo de conversa.

Crianças são criaturas incrivelmente flexíveis. Capazes de viajar séculos, de se ajustarem a novas condições, de se transportarem para novas realidades com uma facilidade impressionante. Nossa pequena Mary foi tão flexível, tão capaz de se ajustar a esta nova vida — onde não era a caçula, e sim a filha mais velha; onde não era filha de uma mulher famosa, e sim a filha de uma família de fazendeiros no século XIX. *Boa menina*, eu dizia quando ela não chorava, nem gritava, nem olhava para tudo que é canto da casa vazia, como se estivesse rodeada por fantasmas. *Olha como você tá crescidinha.*

Para cada detalhe de sua vida que roubávamos, também criávamos algo para

preencher o vácuo. Eu a ensinei a fazer sabão e biscoitos, a brigar com as crianças quando elas não faziam a própria parte. Inventei receitas falsas de tônicos fajutos. Dei-lhe irmãos, uma irmã e muito trabalho para fazer. E o Caleb? Contava histórias de batalhas distantes para eles, histórias de caubóis e selvagens, do bem contra o mal.

— Preparem-se para a batalha. A guerra civil está chegando.

Juntos, ensinamos nossos filhos a fazer de conta.

E sabe do que mais? Se eu tivesse sido tão flexível quanto a Mary, tudo teria dado certo. Mas eu não era, e ao longo dos anos, dos anos, dos anos, dos anos, dos anos, dos anos…

Para, Natalie. Respira fundo. Tenta de novo.

Ao longo dos anos, meu cérebro começou a chiar e soltar fumaça com toda aquela pressão, até que acabou se partindo em dois, como um galho.

Não havia mesmo outra opção.

Você acredita em mim, né? Que não havia alternativa?

Doug comprou a ideia, mas depois voltou atrás. Não acreditava que a gente tinha vendido o carro. Um dia veio nos visitar e viu Caleb cavando um buraco para uma casinha. Disse que tínhamos pirado. Mas já era tarde. O buraco que cavamos era fundo demais. Então ele voltou pela colina e nunca mais nos visitou.

Quanto à minha mãe, não nos falávamos muito àquela altura. Quando ela percebeu o que estava acontecendo… ela estava… e a gente estava…

— Foi aos poucos — digo. — A transição. Começar a acreditar. Foi tudo tão devagar e aí…

E aí?

E aí o quê, Natalie?

— E aí percebi que estava grávida de novo. Tudo mudou, e percebi que precisava ir embora.

A sala fica em silêncio.

— Eu não podia, *não posso*, ter outro filho neste lugar — acrescento com

firmeza, olhando para todos. — Da última vez…

Deixo a frase morrer, ficando enjoada do nada.

A última vez. A última vez, com a Maeve, foi horrível.

— Ah, mãe. — Clementine suspira.

— Você está falando… — Caleb balança a cabeça. — Você está falando que acha que está *grávida*, Natalie?

— Estou dizendo que *estou* grávida. E preciso… bem, preciso me livrar disso.

Paro de falar, deixando o peso do choque se assentar. Eles devem estar chocados de ouvir a mãe conversar abertamente sobre aborto. Que moderno da minha parte. *Viu, querida? Olha só o truque que este cachorro velho aprendeu!*

— Sei que é horrível. Mas eu só… bem, só preciso me livrar disso, e o quanto antes. Já devo estar com doze semanas a esta altura.

— Mãe, você tem cinquenta anos — declara Clementine. — Você não está grávida.

Agora é minha vez de me calar. *Como é que é?*

— A gente ter conseguido a Maeve já foi inacreditável — murmura Caleb. — E *isso* foi há dez anos.

Sim. É verdade. *Desculpa!* São tantos compartimentos na minha cabeça, tantos espelhos sorrindo de volta para mim, que é fácil perder a noção… nem sempre consigo encontrar meu…

Maeve, essa fofura, tem dez anos. Isso. Tem razão. Aquela criança adorável, *minha sombra*, tem… como uma mulher moderna diria? *Minha filha tem déficit cognitivo. Minha filha tem dificuldades de desenvolvimento. Minha filha nasceu com o rostinho azulado, ficou minutos sem respirar, e meu marido não é uma parteira, e eu não sou médica, então perdemos um tempo importante gritando um com o outro, com uma criança morta no chão entre nós, até que a Mary, no alto de seus oito anos, pensou em soprar na boca da irmãzinha.*

— Não vou dar à luz aqui de novo — comento, pela segunda vez.

— Você não está grávida, mãe — responde Clementine. — Está na menopausa.

Outro longo silêncio. Então Mary questiona, hesitando:

— O que é menopausa?

Um dia você não vai mais poder ter filhos.

Foi isso que minha mãe me contou sobre menopausa quando lhe perguntei durante a juventude. Na ocasião, a ideia me assustou e me encheu de medo, mas ela me garantiu que essa fase de decadência estava bem longe; que eu tinha tempo

suficiente para ter vários bebês. *Uma vida inteira pela frente.*

Bem. Aqui estou, do outro lado da vida inteira. Quando era pequena e fui forçada a pensar num mundo onde uma mulher adulta não podia ter filhos, senti um peso enorme no peito, uma tristeza devastadora. Mas, agora que estou aqui, eu me sinto leve. Como se um peso que carregava nos ombros desde a infância tivesse finalmente sido retirado, décadas depois.

Bem-vinda ao além-vida.

Eu me largo em uma cadeira. Sem bebê, sem gravidez, nunca mais vou parir neste mundo. Que sensação é essa na garganta?

Gargalhada. Estou com vontade de gargalhar.

Mas isso seria inapropriado, porque a Clementine está perguntando ao pai sobre a comida.

— Você realmente planta alguma comida? Ou continua péssimo fazendeiro, como sempre?

Ele olha feio para a filha.

— Você se tornou uma pessoa detestável. Uma mulher rancorosa.

— Vou interpretar isso como um não — responde minha primogênita, num tom descontraído. — Interessante… eu sabia que os meninos tinham uma cabaninha bizarra por aqui, sabia que ainda viam vocês às vezes, mas não sabia que eram eles que estavam mantendo vocês *vivos*.

Mary começa a falar antes que Caleb possa dizer algo. Ela ergue a mão. Sua expressão tem uma carga emotiva tão intensa que de repente ela parece um espelho de Clementine.

— Você está dizendo que os vizinhos são meus irmãos?

Você acha que tem alguma doença mental, Natalie?

E seu marido?

E seu sogro, seus filhos, que ajudaram você a manter essa fantasia por mais de uma década?

E seus seguidores, aqueles que achavam que sua vida fosse assim desde o início?

Os vizinhos são nossos filhos. Samuel, Stetson. São eles que, há anos, têm nos abastecido com legumes, frutas e nacos de carne enormes congelados do açougue, quando as armadilhas não pegam nada e os peixes não mordem a isca.

Essa é a parte que eu nunca soube, nem mesmo nos recantos mais distantes da minha mente mal iluminada. Nunca soube. É uma delícia poder dizer isso, para

ser sincera. *Meritíssimo, você está me ouvindo? Eu realmente não sabia!* Creio que uma pessoa normal teria se perguntado como o incompetente do marido tinha conseguido prover comida ano após ano, mas, se quer saber, eu nunca me perguntei. Eu me tornei — *ouçam só* — a porra de uma boa mulher cristã. Não pergunto, não mais, coisas que meu marido não quer escutar, e meu marido — ah, sim, um ótimo homem cristão — não me fala coisas que não preciso saber.

Com alguma frequência durante a maior parte desses dez anos, Caleb saía de casa e ia até as plantações, e eu o via ir. Dizia para mim mesma: *Ele está indo trabalhar no campo*. Mas, na verdade, o que ele estava fazendo durante esse tempo todo era andar, andar, andar na floresta, até chegar à cabine a mais de um quilômetro e entrar, batendo o sapato para se sentar no sofá e ver algum jogo de futebol americano. Então arrumava um caixote de plástico do mercado, com legumes cheios de terra, e os trazia para casa, para a gente. *Tudo isso num dia de muito trabalho*.

Não é de espantar que Abel estava rindo de orelha a orelha quando voltou para casa naquele primeiro dia. Que segredo delicioso para um rapazinho!

Desde que chegou, o rosto de Clementine tem se mostrado uma máscara perfeita de desinteresse. Agora ela olha para mim como se eu fosse a criatura mais digna de pena no mundo.

— Você nunca suspeitou mesmo?

Sei o que ela está pensando: no quanto sua mãe é cega e burra. No quanto é louca. Minha filha é tão moderna, então provavelmente está tentando pensar no diagnóstico certo para mim. É isso que mulheres liberais fazem ao se deparar com algo que não conseguem compreender. Bipolaridade, talvez. Esquizofrenia. Transtorno de múltiplas personalidades.

Piranha, penso. *Fedelha mimada*.

— Não sei como responder a isso — digo, animada.

Estou rindo como se fosse a apresentadora de um *game show*.

Ela olha para Caleb.

— Por que você deixou isso continuar?

— Não queria deixar sua mãe e as crianças sozinhas aqui — diz ele num tom passional. — Eu não tinha escolha, Clem. Você precisa acreditar.

Reviro os olhos. Se existe algo que sei, é que isso é mentira. *Seu pai concordou com isso porque era um bom negócio para ele. Bom, não: ideal. Porque lhe permitia fugir da pressão, da crítica e da decepção que sempre o perseguiram ao longo da vida patética dele. Porque enlouqueceu, virou um teórico da conspiração lunático esperando pelo apocalipse e porque sempre sonhou com um mundo onde podia não fazer nada sem que ninguém*

pudesse reclamar, e eu, sua esposa adorada, ofereci isso a ele em uma bandeja de prata enorme, até que chegamos ao grand finale. *Shannon, no fim das contas, estava coberta de razão: ele tinha tão pouco para abrir mão e tanto a ganhar. E, se eu parar para pensar, ele sempre foi um babaca idiota, para início de conversa.*

Caleb está prestes a continuar, parece pronto para um fazer um discurso batido, mas Clementine ergue a mão.

— Quero conversar com a mamãe. A sós.

Essa talvez seja, de tudo o que ela já disse, a coisa que mais me chocou.

Mary se tranca no quarto com Maeve e os meninos, e Caleb fica à espreita do lado de fora, bisbilhotando pelas janelas de tempos em tempos, enquanto preparo o almoço. Clementine fica me observando da mesa. Não parece ter pressa. Com as mãos trêmulas, corto o pão e passo manteiga nos pedaços. Ponho o prato de pão sobre a mesa. Minha primogênita olha para ele. Sei o que ela está pensando: está longe das refeições elaboradas que eu costumava fazer, que toda vez acabavam ficando prontas só depois que ela dormia.

Dá uma mordida no pão com manteiga. Começa a mastigar.

— Meu Deus. Está horrível.

> Alguns dos seus filhos, depois de adultos, se tornaram ativistas contra a exploração de crianças nas redes sociais. Como você se sente com isso?

— Mãe, você se lembra da Shannon? — Clementine pergunta quando termina de comer.

Sorrio.

— Claro que lembro.

Piranha destruidora de lares maldita.

— Eu e ela… mantivemos contato, digamos assim, ao longo dos anos. Quando contei que ia tentar encontrar você, sabe o que ela falou?

Não respondo nada. Só de ouvir falar na Shannon, fico tão furiosa que tenho medo de acabar desmaiando.

— Ela me disse para pegar leve contigo. Disse que me ver, ver como segui em frente, seria difícil para você.

Faço que sim com a cabeça, mas não estou ouvindo de verdade. Estou presa em Shannon, que deve estar com trinta e tantos anos. Incrível. Pela primeira vez em quase vinte anos, percebo algo estranho: o mundo não parou quando o abandonamos. Clementine não morreu. Ela cresceu. E a Shannon…

E o mundo…

Balanço a cabeça. Clementine, e Shannon, e o mundo, e Clementine, e Shannon…

— Guerra civil?

Clementine não fala nada. Só fica olhando para mim, como se pensasse em um jeito de responder. Por fim, inclina-se para a frente, apoiada nos cotovelos, e pergunta com seriedade, num tom que não é hostil:

— Mãe, sabe qual foi a parte mais difícil de deixar vocês?

Não digo nada.

— Não foi andar pela floresta com as crianças ou esperar um carro parar. Não foi ter ido viver com a vovó, nós cinco espremidos no mesmo quarto. Foi quando, meses depois de sair, eu me dei conta de que tudo o que você me contou do mundo era uma mentira. — Suas mãos estão trêmulas, e ela olha para os próprios dedos ao continuar. — Era tudo tão… *melhor* do que achei que seria. As pessoas eram mais gentis. As cidades, mais limpas. Eu estava certa: era melhor viver com a vovó e a Abigail do que com você. E quando elas nos levaram para ver o oceano…

Clementine para de falar, a respiração de repente falhando. Ela inspira fundo, solta o ar e continua:

— Eu não conseguia entender. Não conseguia entender por que minha família nunca quis fazer parte daquilo. — Seus olhos encontram os meus. — Por que você nunca quis ser parte daquilo?

POR QUE É TÃO DIFÍCIL VOCÊ SER BOA?

— Continua — digo. — Continua?

E assim, do nada, sua raiva dá lugar à tristeza.

— O tempo só anda em uma direção, mãe.

Então Caleb abre a porta, assustando a nós duas.

— Acabou o momento das meninas — anuncia.

Ele está agitado. Devia estar soltando fumaça lá fora, espumando de pensar no que a gente estava falando dentro de casa, sem ele. *Bem-vindo à damasfera: para onde as mulheres vão!*

Caleb aponta o dedo para Clementine e declara:

— Acho que está na hora de você ir embora.

Nossa primogênita parece completamente tranquila.

— Concordo — responde, levantando-se. — Cadê as crianças?

Caleb e eu falamos ao mesmo tempo:

— As crianças?

— Ah, sim. Será que me esqueci de mencionar? Que boba! Não vim aqui para almoçar. Vim buscar as crianças. — Ela retira um papel dobrado do bolso da jaqueta. — Tenho um mandado, se quiserem dar uma olhada.

Entrega-o para Caleb, que não lê, e só sacode o papel e pergunta:

— O que é isso?

— Algo que eu queria fazer havia muito tempo, mas não podia até o dinheiro de Doug acabar, Stetson ligar para a polícia e reiterar tudo que eu venho dizendo há anos. — Clementine olha para mim. — Então, obrigada, mãe, por lembrar meu irmão do quanto você é louca.

Abro a boca, mas não sai nada. *Pensa, Natalie, pensa.* As crianças vão embora. As crianças… embora. Isso significa…

Nem fodendo. Não vou ficar neste rancho sozinha com meu marido.

— Bem — respondo num tom leve —, um mandado é um mandado. Não há nada que se possa fazer. Só vou fazer minha mala, e aí podemos…

— Ah, não, mãe. Você não vai com a gente.

Meu sorriso se desfaz.

— Por quê?

Ela dá de ombros. Seus olhos estão vermelhos, mas nenhuma lágrima cai.

— Porque eu disse que não.

— Você não pode me deixar aqui. Clementine. *Clementine*. Escuta. Você não pode me deixar aqui, sozinha. Não pode me deixar aqui *com ele*.

Minha filha inclina a cabeça, e vejo uma pitada de simpatia em seu olhar.

— Foi você quem construiu este lugar, mãe. Você não precisa da ajuda de ninguém para ir embora.

É tudo tão rápido que parece que estou derrapando pela superfície da minha própria vida. Clementine, no corredor, bate à porta de um quarto e pede que as crianças saiam. Apresenta-se com delicadeza para Maeve, Abel e Noah, e então os conduz até o carro. Em questão de minutos, todos estão no carro, prendendo o cinto de segurança, atordoados e assustados demais para lutar. Caleb e eu ficamos na lateral, impotentes. É como se a força da presença de Clementine tivesse dado curto-circuito na família inteira.

— É bom vocês virem se despedir dos seus filhos — fala Clementine para Caleb e para mim, quando os quatro estão no carro. — Provavelmente não os verão por um bom tempo. Talvez nunca mais os vejam.

— Não entendo — diz Caleb.

Mas eu entendo, então vou até o carro e abro a porta de trás. A pequena Maeve olha atenta para mim.

— Mamãe?

Os meninos estão do outro lado, desanimados em seus assentos, pálidos de medo. Eles passaram a vida inteira preparando-se para uma batalha, tinham esperado, desejado e planejado intrusos, e, agora, num único instante, a batalha aconteceu e acabou. Perderam antes de ter a chance de desembainhar suas espadas imaginárias. Agora são prisioneiros do vencedor, ou talvez, penso apática, sejam prisioneiros que se viram libertos do nada.

Tento me livrar desses pensamentos, me afastar dos meninos e olhar para Maeve. Parecia uma brincadeira de mau gosto o fato de que minha última filha tenha sido aquela que amei com mais facilidade.

— Amo você, Maeve — digo.

Minhas lágrimas molham o rosto de Maeve enquanto beijo suas bochechas, testa e nariz. Tento agarrar o Noah ao lado dela, mas ele se distancia.

— Eu amo vocês, amo, amo. Não é minha culpa. Ouviram? Não acreditem no que disserem para vocês. Ouviu, Maevinha? Não dê ouvidos a eles.

Maeve não responde nada. Não vai se lembrar disso. Eu sei. É novidade demais ao redor da menina. Quando me afasto, ela está olhando o interior do carro com uma expressão vazia, como se toda a emoção lhe tivesse sido arrancada. Por fim, seu olhar encontra o meu, e ela parece perceber, pela primeira vez, que não estou ali junto.

— Mamãe, vem — pede ela e começa a chorar.

— Eu te amo, meu bem. Ouviu? Eu te amo muito.

Ao fundo, sinto Mary e Clementine me observando em silêncio.

Fecho a porta, acenando alegre para Maeve. Agora Clementine conduz Mary até o banco do carona e a ajuda a entrar. Os olhos de Mary estão mais arregalados do que nunca. Clementine fecha a porta do carona. Observo minha filha se inclinar para a frente, sem dizer nada e passar os dedos delicadamente pelos botões do rádio.

Em pouco tempo, todas as crianças no banco de trás estão chorando. Consigo ouvi-las pelo vidro: os meninos chamando pelo pai, Maeve gritando pela mamãe. Mary está sentada no carona, o rosto tão branco quanto o céu do inverno.

De repente me sinto enjoada. Digo para mim mesma que Mary vai conseguir algo melhor; que algum dia, não muito distante, vai passear por algum shopping a céu aberto, rindo e dando gritinhos com outras meninas da idade dela. Que vai ser uma menina normal, com problemas normais e uma vida normal.

É mentira, é claro. Mary nunca será normal. Todos os nossos filhos vão sofrer, mas Mary, penso, é quem vai sofrer mais.

E então eles vão embora.

Num momento, Clementine está me falando que o centro de controle de zoonoses virá em pouco tempo para uma busca e apreensão, e no seguinte o carro está descendo a colina: Clementine olha para trás a fim de dar a ré, Mary olha para o nada, e as três crianças mais novas fungam no banco de trás. Por fim, quando estão prestes a sumir de vista, eu me dou conta do que deveria estar fazendo. Mudo a expressão para um sorriso e ergo a mão no ar. Aceno para meus bebês. Grito cheia de amor:

— *Adeus!*

E, então, estamos sozinhos.

Caleb está parado a meu lado com sua roupa ridícula de pioneiro. Por incrível que pareça, parece estar tão perdido quanto eu.

— As crianças foram embora — afirma ele. — Não acredito que as crianças simplesmente… foram embora.

Fico me perguntando: a quantos desaparecimentos uma família consegue sobreviver?

Olho para meu marido, que parece mais pesaroso do que jamais o vira, e penso: *Galinha*, *ovo*. Deus, estou tão cansada de pensar em galinhas e ovos.

Senhor. Faço uma pausa. *Onde está o Senhor*? Inclino a cabeça para o céu e me esforço para ouvir.

Nada. Não ouço nada. Que estranho. Agora que paro para pensar, não consigo nem lembrar como é a voz Dele.

— Acho que você tinha razão, Caleb.

Ele continua olhando para o alto da colina onde o carro de Clementine desapareceu de vista. A poeira continua flutuando no ar.

— Razão quanto a quê?

— Acho — respondo lentamente — que a gente devia ter se separado há muito tempo.

Ele se vira para me olhar.

— Acho que te odeio.

— Acho — diz ele devagar, num tom de voz perplexo — que talvez eu te odeie também.

Eu me viro para encarar a casa. Desse ângulo, ela parece mesmo uma casa de

papelão. Como se eu pudesse dar um passo e derrubá-la, se quisesse.

— Acho que precisamos ir — anuncio de repente.

— Ir? Para onde?

— Embora.

Sim. É isso mesmo. Faço que sim com a cabeça, decidida.

— Preciso ir embora deste rancho antes que eu… bem, antes que eu enlouqueça de novo.

Posso sentir: a força da chegada de Clementine acabou magnetizando e pondo meus pensamentos temporariamente em ordem, e sinto com a mesma força que essa ordem temporária já está começando a estremecer e ruir.

Se eu for embora, haverá consequências. Mas nenhuma é maior que as consequências de ficar.

— E então? — pergunto, impaciente. — Quer vir comigo ou não?

Um longo instante se passa.

— Sim. Acho que quero.

Estendo a mão para ele, e caminhamos juntos.

EPÍLOGO

CINCO ANOS DEPOIS

ESTA NÃO É A MINHA casa. É menor, bem menor, e a cozinha está toda errada.

— Tem certeza? A gente está no lugar certo?

A produtora me disse seu nome há alguns minutos, mas já esqueci. Era algo inofensivo, acho, como Lucy.

— Tenho certeza — responde ela e me leva até a mesa da cozinha, que se parece com a minha, mas definitivamente não é.

Ela puxa uma cadeira e me ajuda a me sentar. É difícil manter o equilíbrio com as algemas nos tornozelos, ainda mais pelo modo como fico me virando, distraída com cada detalhe. Os integrantes da equipe de produção passam apressados, ajeitando luzes e telas. Disseram que estamos atrasados.

— Não faz sentido ter um vaso de flores aqui. E esses muffins… quem escolheu isso?

Um jovem vestido de preto a alguns metros de distância olha para mim, depois para os muffins, parecendo nervoso.

— Pesquisei tanto — fala ele para todos no recinto. — Nos tempos dos pioneiros, faziam essa receita, então achei…

Lucy responde baixinho:

— Eles nunca tiveram uma casa historicamente correta, John. Eu comentei isso com você no e-mail da semana passada.

O rapaz parece apavorado.

— Ninguém me mandou não fazer muffins!

— A gente nunca fez muffins — declaro em voz alta. — A gente fazia biscoitos. E esta não é a casa certa, estou dizendo, a disposição está toda errada!

Lucy dispensa o garoto com um olhar duro, então se volta para mim:

— Natalie, posso perguntar uma coisa? Quando a gente estava vindo para cá, você olhou pela janela?

Hesito e em seguida respondo:

— Sim.

— Então viu que a gente entrou na sua antiga rua de terra batida?

Sempre detestei jogos, e isso está parecendo com um.

— Sim.

— E viu as montanhas e o celeiro vermelho?

— Sim.

— Então me ajuda a entender: como é que esta *não* é sua casa?

Abro a boca e logo depois a fecho. Subitamente me sinto à deriva.

— Entendeu minha confusão, Natalie?

— Bem, entendi. Mas…

E então sou salva por uma comoção: Reena Magliotti entra pela porta da frente em uma enxurrada de tons terrosos e saltos ruidosos, um casaco de caxemira largado nos braços de um assistente, revelando uma blusa de seda que, percebo e aprovo, não tem um amassadinho sequer. Vejo-a falando com vários membros da equipe, observando tudo com olhos maravilhados até finalmente eles pousarem em mim.

— Natalie. Meu Deus…

Ela parece… sim. Estupefata.

De repente tenho dezenove anos outra vez, estou grávida, esperando meu primeiro bebê, e Reena está de ressaca, parada diante de mim com o mesmo olhar perplexo na cara. Então pisco outra vez e estou com cinquenta e cinco anos, encurralada, presa. Literalmente.

— Reena.

Por instinto, como quem ergue um fosso para se preparar para a batalha, os cantos dos meus lábios se levantam.

Ela é âncora de um jornal local, depois de anos de promoções lentas na imprensa. Está morando em Chicago. Está longe de ser um nome conhecido.

— Não acredito que é você. Não acredito que estou aqui.

Ela olha ao redor outra vez, processando os muffins, as câmeras, as luzes; os caules das flores espalhados sobre a tábua de corte, o pote de *levain* posicionado *perfeitamente* perto da janela.

— Acho que esse deve ser o dia mais estranho da minha vida — afirma.

— Da minha, não — respondo, alegre. — Já tive dias bem mais estranhos. Mas, Reena, temos um problema.

Seus olhos se voltam para mim.

— Que problema?

— Esta não é a casa certa.

Ela franze o rosto:

— Ãh?

— E a Lucy aqui… — Lucy parece tentar atrair o olhar de Reena desesperadamente. — Ela fica tentando me convencer de que esta *é* a minha casa. Mas está mentindo para mim.

Reena mantém o contato visual comigo e ignora os braços de Lucy acenando para ela.

— Ah, entendi.

Ela puxa uma cadeira perto da minha e se senta.

— Natalie — fala, olhando com bastante atenção para meu rosto —, ainda quer dar a entrevista?

— Por que não daria?

— Só quero me certificar de que você está… confortável. Na sua melhor forma. — Ela se inclina para a frente e sussurra: — Quero garantir que não foi coagida ou algo do tipo.

— De jeito nenhum. Meus advogados falaram que essa é a melhor maneira de os Estados Unidos conhecerem a verdadeira Natalie Heller Mills — recito palavra por palavra. E, erguendo as mãos no ar para fazer sinal de aspas: — Que é assim que vou "ganhar a simpatia" do público. Falei para eles que, se era assim, só havia uma pessoa que poderia me entrevistar: Reena.

Eu me inclino para a frente, confiante.

— É você.

— Está bem — responde ela, sorrindo. — E, Natalie, desculpa, mas você sabe que esta entrevista vai ser vista por bastante gente?

— Ah, com certeza — uma operadora de câmera complementa. — É quase certo que vai viralizar.

— Viralizar é uma maldição — digo em tom suave para a menina e então me volto para Reena. — Mas, sim, sei como essas coisas funcionam. Não sou idiota, você sabe.

— Claro que não. Eu só…

— Meu Deus, Reena… você sempre foi *tão* irritante. — Fico estudando sua cara confusa. — Sempre fui mais bonita, mas tenho que dar o braço a torcer: você está ótima para sua idade.

— É muita gentileza da sua parte.

A entrevista comigo é um grande passo na carreira de Reena. Estou surpresa que ela ainda não tenha me agradecido.

— Conta para mim: você chegou a constituir família? — pergunto enquanto alguém passa um lenço para tirar a oleosidade de seu nariz.

— Ah — diz ela, mantendo-se imóvel. — Não sei se temos tempo para falar disso.

— Vamos continuar — acrescenta um produtor. — Ou vamos perder a luz boa.

Reviro os olhos.

— Passei muito tempo na vida buscando a luz correta. — Em seguida, pergunto para Reena, que acabou de receber um punhado de cartões com anotações: — Mas e aí? Você se casou? Teve filhos?

Ela hesita e então responde:

— Tenho uma família, sim, mas provavelmente é diferente do que alguém como você imaginaria.

— O que isso quer dizer? — insisto.

Ela dá um tapinha nos cartões de anotações sobre a perna.

— Que tal: eu respondo a todas as suas perguntas depois da entrevista, pode ser? Eu te conto tudo.

Em pouco tempo, estamos rodeadas de luzes. Reena está sentada de frente para mim. Ela solta o ar lentamente enquanto o produtor começa a contagem regressiva.

— Entramos ao vivo em cinco, quatro…

— Não fique nervosa — digo baixinho. — Você vai arrasar.

Reena me olha como se não soubesse se estou tentando zombar dela ou encorajá-la. *Somos um time*, tento dizer com o olhar. *Precisamos uma da outra.*

A luz vermelha acende.

Reena olha para a luz branca.

— Meu nome é Reena Magliotti. Sou âncora do jornal noturno da *WUBZ Chicago* e fui colega de quarto da Natalie Heller Mills na faculdade. — Sorriso confiante. — Há alguns meses recebi uma ligação da *ABC News* com um pedido incomum: eles queriam entrevistar a Natalie, que atualmente cumpre pena de trinta anos por crimes de abuso infantil qualificado, entre outras acusações menores. Falaram que ela só aceitaria conversar se fosse comigo. Dizer que esse pedido me surpreendeu é eufemismo. Hoje, quero entender *por que*, exatamente, Natalie me escolheu, entre tantas pessoas para entrevistá-la.

Estou pronta para essa pergunta. Esperei a vida toda para responder a essa pergunta. *Olá, mulher raivosa.*

— Mas vamos conversar sobre isso mais tarde. Antes, o tópico vai ser a notícia do livro que incendiou os Estados Unidos na semana passada.

Franzo o cenho.

— Natalie, você sabe de que livro estou falando?

— Não, não sei.

O que é isso? Um clube do livro?

— Bem, por causa desta entrevista, tive a sorte de receber uma cópia antecipada.

Alguém entrega o livro para Reena. Ela se aproxima e o passa para mim.

Olho para o livro sobre minha perna, passo os dedos pelas letras em alto-relevo do título: *O livro de Mary*.

— São as memórias da sua filha — explica Reena. — O livro será lançado esta semana. Pela pré-venda, parece que vai ser um best-seller. Sabia disso?

— Não — respondo baixinho. — Bem, sim.

Meus advogados comentaram alguma coisa, mas nunca achei que fosse… não achei que poderia…

De repente me sinto muito autoconsciente do meu próprio corpo: o suor nas mãos, o calor da luz da produção no rosto e pescoço.

Esta não é a minha casa.

— Abre. Lê o que está escrito.

Abro a capa e folheio algumas páginas em branco. Por fim, meus olhos param nas primeiras palavras impressas:

Para minha mãe.

Olho para Reena.

Esta não é a minha cozinha. Estes não são os meus filhos. Esta não é a minha vi…

— Fiquei me perguntando se você podia ler o prólogo hoje.

— Agora?

— Isso. Agora.

— Lê você.

Logo penso nos meus advogados, que sempre me falam para ser educada, e penso na minha mãe, que sempre me mandou ser gentil, então acrescento depressa:

— Por favor.

"Era uma vez uma menininha que vivia nas montanhas, em uma cabana pequena no pé de uma colina, rodeada por florestas. Não havia cidades por perto. Não

havia outras famílias. Mas a menina nunca se sentia sozinha, porque tinha sua mãe, seu pai, seus irmãos, sem falar na sua amada vaca, no seu galinheiro cheio de galinhas e no seu cavalo de confiança.

Era uma vida calma e simples. A menininha nunca queria nada. De manhã, ia até o galinheiro e pegava ovos para o café da manhã. Ao longo do dia, fazia as tarefas que uma garotinha conseguia fazer. E à noite se sentava perto do fogo com a família, ouvindo histórias de terras distantes. Eles só comiam o que caçavam ou cultivavam. As únicas histórias que a garotinha ouvia eram as que seus pais contavam, sobre lobos, caubóis e índios, sobre grandes batalhas do bem contra o mal que estavam sendo travadas além da floresta, em um lugar muito distante dali. Às vezes a menininha tinha sonhos estranhos, sonhos que quase pareciam memórias. Quando acordava aos berros, seu papai e sua mamãe a faziam se lembrar de que nenhum daqueles pesadelos era real. Ela estava a salvo, insistiam. Segura, aquecida e escondida no mundo que construíram só para ela. Nunca deixariam os lobos entrarem.

Então a menininha cresceu e percebeu que a mãe estava doente. Quando tinha idade para entender, o pai lhe contou que a mamãe estava possuída por espíritos malignos. Disse que agora era tarefa dela cuidar da casa e dos irmãos. Falou que ela precisava se tornar mãe da própria mãe. E foi isso que ela fez.

Anos se passaram. Logo a garotinha não era mais uma criança, mas uma jovem mulher. E um belo dia estava caminhando pela floresta, procurando açafrão, quando viu um anjo nas árvores.

Uma mulher, imóvel como uma vara, com roupas tão brilhantes que parecia estar brilhando. Primeiro a garota achou que fosse sua mãe, que sua mãe tinha recuperado a saúde. Então o anjo falou.

Ela contou uma história assustadora para a menina, terrível demais para acreditar. O anjo afirmou que os pais da garotinha não eram pais, mas lobos. *Se deseja uma vida melhor*, o anjo disse, *você e seus irmãos devem vir comigo*.

Mas a menina não queria uma vida melhor. Nem sequer sabia o que isso queria dizer. Começou a pensar que essa mulher não era um anjo, então voltou correndo para casa e jurou que nunca mais voltaria para a floresta.

Um belo dia, porém, não muito distante da primeira vez que se encontraram, o anjo reapareceu na cozinha da casa da garota. O pedido agora era uma ordem: *Está na hora de você vir comigo*. E ela foi.

A garotinha na floresta era eu. Mary Heller Mills.

Faz cinco anos que deixei o Rancho Bons Tempos. Moro em Santa Mônica

agora, num apartamento pequeno com minha irmã mais velha, Clementine; minha irmã caçula, Maeve; e meus irmãos, Noah e Abel. Foi ideia de Clementine a gente vir morar aqui. Ela sempre quis morar perto do oceano, mas se recusou a ir embora até encontrar uma forma de nos salvar dos nossos pais. No dia em que a gente deixou o Rancho Bons Tempos, ela rescindiu seu contrato do aluguel. Estava na hora de recomeçar, afirmou.

Nos últimos cinco anos, minha vida mudou totalmente. Um dos policiais que conheci no dia em que deixamos o rancho me deu um diário e falou que eu devia anotar tudo, porque ia acontecer tanta coisa, e tão rápido, que seria bom ter um registro dessa época. Ele se sentiu bastante culpado quando contei que só sabia escrever os nomes dos meus familiares, então me deu um gravador de voz. Um dia, segundo ele, eu ia conseguir *escrever* tudo, mas, por enquanto, já que não conseguia escrever, podia falar.

Estou feliz que ele tenha me dito isso. Se eu não tivesse aquele gravador, talvez nunca tivesse conseguido escrever este livro.

A história que você vai ler é, em muitos aspectos, bastante triste, então quero contar o final logo: estou bem. Sobrevivi. Tenho minha família verdadeira comigo: minhas irmãs e meus irmãos, uma avó que eu nunca soube que tinha e uma tia que me liga toda semana. Faço aulas de escrita e leitura no centro comunitário. A maior parte dos meus colegas são pessoas tentando aprender a falar inglês. Todos são bem pacientes comigo, mesmo eu sendo a mais atrasada da turma.

Aos sábados, trabalho empacotando compras no Whole Foods da nossa rua, e aos domingos vamos para a igreja em Ocean Park. Durante o culto, nosso pastor fala sobre um Deus que é bem diferente do Deus que meus pais me apresentaram. Estou começando a achar que a igreja talvez seja só outra palavra para pessoas. Depois do culto, se está fazendo sol, a Clementine compra donuts, e então vamos para a praia. Estamos morando aqui há anos, e ainda assim ela não consegue ver o Pacífico sem começar a chorar.

Clementine diz que nossa mãe nunca lerá este livro, mas sei que ela vai, um dia. Então queria falar diretamente com ela agora, antes de contar minha história, minha história completa, de como foi crescer no Rancho Bons Tempos e depois fugir dele.

Olá, mamãe. Estou com saudades.

Não é engraçado? Mesmo depois de tudo, sinto saudades. Sinto saudades do seu temperamento, das suas piadas e do seu humor estranho. Sinto saudades da sensação que eu tinha nos raros momentos em que um sorriso verdadeiro

iluminava seu rosto. Quero que saiba: sinto muito que você tenha se perdido tanto no rancho. Não sei se foi culpa sua, mas não acho que isso importe tanto quanto algumas pessoas dizem. Sei que foi difícil para você de uma forma ou de outra.

Muitas coisas da nossa vida me deixam triste, mas sabe o que me deixa mais triste, mamãe? Quanta beleza você perdeu. Porque é lindo de verdade esse futuro que você rezou tanto para que a gente nunca visse. Acho que você gostaria dele, se desse uma chance. Mas existe uma coisa que aprendi ao longo destes anos, desde que deixei o rancho: não dá para mudar alguém que se recusa a mudar; só é possível amar essa pessoa, então aqui está, todo o amor que tenho a oferecer, impresso nas páginas deste livro. Espero que o leia algum dia, até o final, porque, no fim das contas, o lugar onde sua vida termina é exatamente onde a minha começa: no momento em que vi o mundo e quis fazer parte dele.

Aconteceu quando alcançamos o fim da nossa rua de terra batida. O carro reduziu de velocidade até parar. Tentei entender o que estava diante de mim.

— É uma estrada — falou Clementine. — Isso é o que a gente chama de estrada.

As crianças estavam chorando no banco de trás. Elas não entendiam. Fiquei olhando para a rua cinza e lisa, depois gritei quando um caminhão barulhento passou, sacudindo o carro. Pensei que ia morrer.

— O carro vai começar a ganhar velocidade agora — explicou Clementine. — Vai andar muito mais rápido do que vocês estão acostumados. Mas preciso que confiem em mim quando digo: vocês estão seguros.

Um trio de carros passou em alta velocidade, um após o outro. Como é que não batiam um no outro? Que espécie de mundo era esse? Como a gente ia sobreviver?

E ainda assim: o único futuro que me assustava mais do que aquele onde pegávamos a estrada era aquele onde dávamos meia-volta.

— Confio em você — respondi, porque precisava confiar.

Ela pegou minha mão trêmula.

— Segura firme.

Concordei com a cabeça e fechei os olhos. Apertei seus dedos. E me preparei para o impacto, mas não houve impacto nenhum. Só um som abafado de aceleração e um frio no estômago.

Um momento depois, abri os olhos. A gente estava voando, disparando a toda velocidade para o futuro, rumo a um mundo que eu não conseguia sequer

começar a imaginar.

Pela primeira vez na vida, sorri."

Agradecimentos

Este livro e sua autora têm uma gratidão eterna por Lisa Grubka, agente extraordinária. Obrigada por conseguir enxergar tudo desde o início.

Agradeço também a Emma Finn, Kristina Moore, Orly Greenberg, Melissa Chinchillo, Sophie Baker, Samori Cullum, Yona Levin e ao restante da equipe da UTA/Curtis Brown por levar esta obra para o mundo.

Agradeço a Jenny Jackson e Katie Bowden por me ajudarem a moldar este mundo no formato de um romance, enquanto também arrumavam tempo para revirar cada pedra e afrouxar (sim, afrouxar) cada parafuso. Um agradecimento profundo também, e não necessariamente nesta ordem, a Harry Sherer, Tiara Sharma, Nora Reichard, John Gall, Emily Murphy, Nicola Webb, Olivia Marsden, Laura Keefe, Matthew Sciarappa, Tricia Cave, Jane Alison, Stuart Nadler, Erika Veurink, Natalie Warther, Puloma Ghosh, Suleika Jaouad, JJ Elliott, Carinn Jade, Heather Lazare, Hannah Beresford e Katie Gatti Tassin. Obrigada especialmente a Hollyn Huitt, por seus olhos no início, e a Jayson Greene, por seus olhos no final.

Quando este romance não passava de um primeiro rascunho, tive o privilégio bizarro e não merecido de fazer uma oficina com alguns dos maiores artistas e pensadores vivos. Minhas conversas com Anne Hathaway foram particularmente fundamentais para dar vida à Natalie. Agradeço às equipes da Somewhere Pictures, Entertainment 360 e Amazon Film por sua paixão, curiosidade e defesa incansável deste romance.

Nem há agradecimentos suficientes no mundo para meus pais, para minha irmã e para a família Strand/Pels.

E obrigada, é claro, a Riley.

Alguém me disse uma vez que o que caracteriza uma boa carreira é conseguir aquele tipo raro de trabalho importante para você a ponto de justificar o tempo que acaba sendo necessário passar longe das pessoas amadas. Que privilégio enfim ter esse trabalho, de certa forma… mas o trabalho precisa (*deve*) empalidecer

diante da vida que o cerca. Obrigada, Riley, por essa vida. Obrigada por me apoiar na melhor parte desta década, enquanto eu escrevia. Obrigada por acreditar tão lealmente que isso um dia daria resultados, e obrigada, acima de tudo, agora que deu resultado, por me dar a vida para a qual estou sempre doida para voltar quando o trabalho acaba. Neste exato momento, enquanto escrevo, você está assobiando na cozinha, fazendo café da manhã para nós. Mantenha o café quente, por favor. Vou terminar já, já.

Ah, e se um dia eu tiver uma filha: minha querida, escrevi o final pensando em você.

Título original
YESTERYEAR

Copyright © 2026 *by* Caro Claire Burke LLC

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem a autorização prévia, por escrito, do editor, não podendo, de outro modo, circular em qualquer formato de impressão ou capa diferente daquela que foi publicada, tampouco pode ser utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa; sem as condições similares, que, inclusive, deverão ser impostas ao comprador subsequente.

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
ANA C. MOURA

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Edição digital: agosto, 2026.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B973b
Burke, Caro Claire
Bons tempos [recurso eletrônico] : yesteryear / Caro Claire Burke ; tradução Anna Carla Castro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2026.
recurso digital

Tradução de: Yesteryear
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-502-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Castro, Anna Carla. II. Título.

26-105666.0 CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
10/06/2026 11/06/2026

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

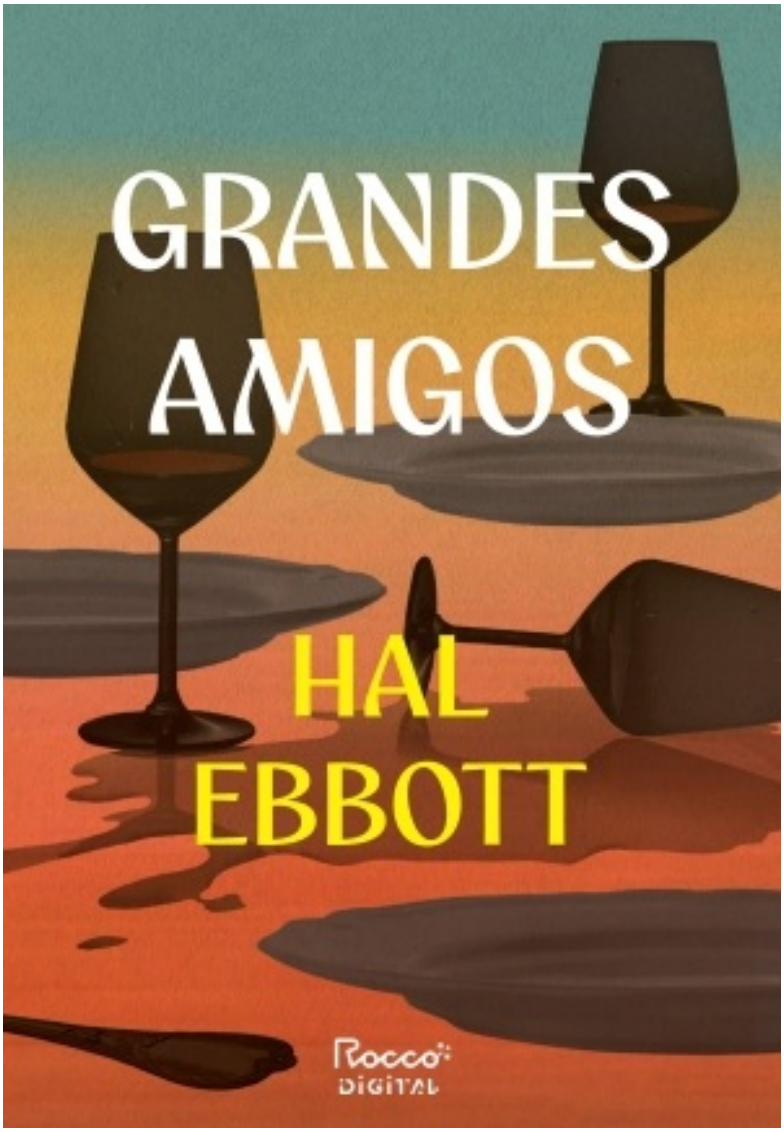
A Autora

Caro Claire Burke formou-se em Belas Artes pelo Bennington Writing Seminars e é co-apresentadora do podcast sobre política e cultura *Diabolical Lie*. *Bons tempos (Yesteryear)* é seu romance de estreia e será adaptado e estrelado por Anne Hathaway para o cinema.

Índice

Capa
Folha de rosto
Sumário
Parte um: O passado
Parte dois: O presente
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Parte três: O futuro
Epílogo: Cinco anos depois
Agradecimentos
Créditos
A Autora



Grandes amigos

Ebbott, Hal
9786555954968
288

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma vida perfeita, mas uma traição pode mudar tudo.

"À sua maneira, cada um se lembrará dessa viagem. Vão se admirar com sua banalidade, vasculhá-la em busca de sinais. Já estava acabado? Já estava perdido? Vão se perguntar. Não terão ideia."

Em um fim de semana de outono, em uma confortável casa no interior de Nova York, duas famílias, amigas de longa data, se reúnem para celebrar o aniversário de cinquenta e dois anos do anfitrião.

O grupo forma um invejável retrato da meia-idade: as esposas e os maridos são amigos há mais de trinta anos, suas filhas adolescentes cresceram juntas, e os jantares, jogos e rituais que compõem seus dias refletem os profundos laços entre eles.

Entretanto, esse fim de semana traz algo diferente, e uma inesperada explosão de inveja e ressentimento culmina em um ato impronunciável, cujas consequências vão expor as rachaduras que se alastraram por essa bela fachada ao longo do tempo. O que começou com uma comemoração dá lugar à traição e à dor, abalando a confiança entre as duas famílias.

Escrito com elegância e precisão, *Grandes amigos* examina os conflitos dentro do santuário de uma relação determinante, colocando à prova temas como classe social, casamento, amizade, poder e as coisas que dizemos a nós mesmos para preservar nossos mundos meticulosamente construídos.

"Cada frase te deixa esperando o próximo soco no estômago." **— Miranda Cowley Heller, autora de *O palácio de papel***

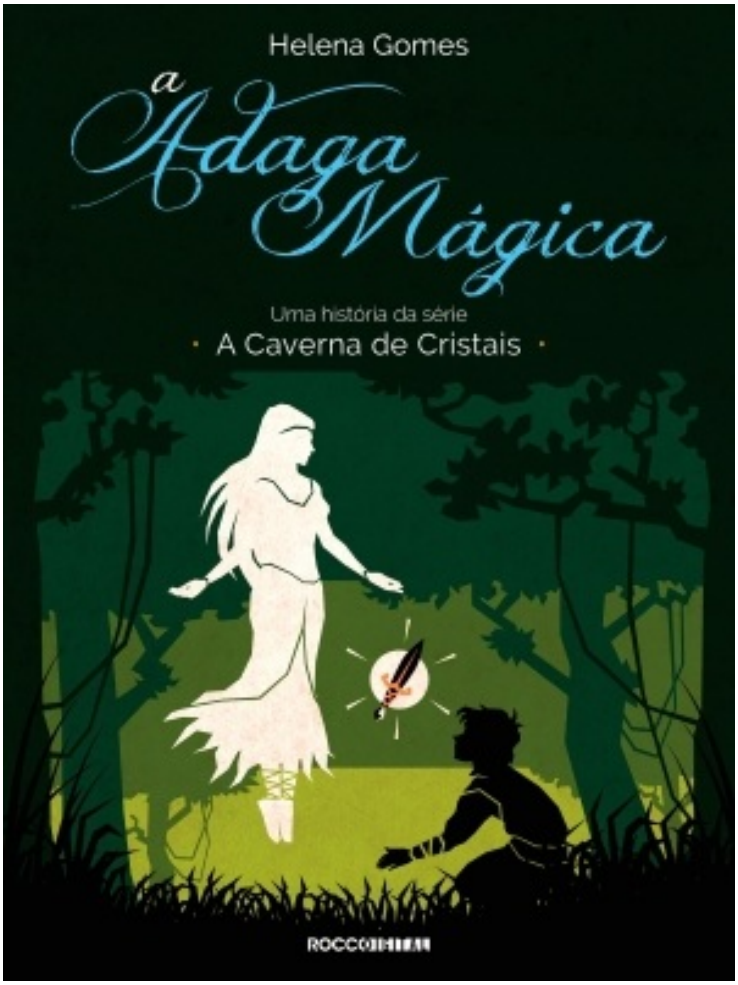
"Um romance firme, perspicaz e belamente escrito." **— Financial Times**

"Tem um impacto emocional enorme. Impossível parar de ler." **— Daily Mail**

"Já estou implorando para meus amigos lerem para que possamos discutir o final." **— ELLE**

"Grandes amigos *é um retrato surpreendentemente honesto, comovente e íntimo de dinâmicas familiares abusivas e enganosas. É perspicaz e astuto, ao mesmo tempo passional e implacável, e transforma a vida de seus personagens de maneira tão cruel e reveladora que é difícil não sentir prazer ao ver essa fachada finalmente ser destruída."* **— The Guardian**

Compre agora e leia (Publicidade)



A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265

Compre agora e leia (Publicidade)

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20

Compre agora e leia (Publicidade)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no

futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



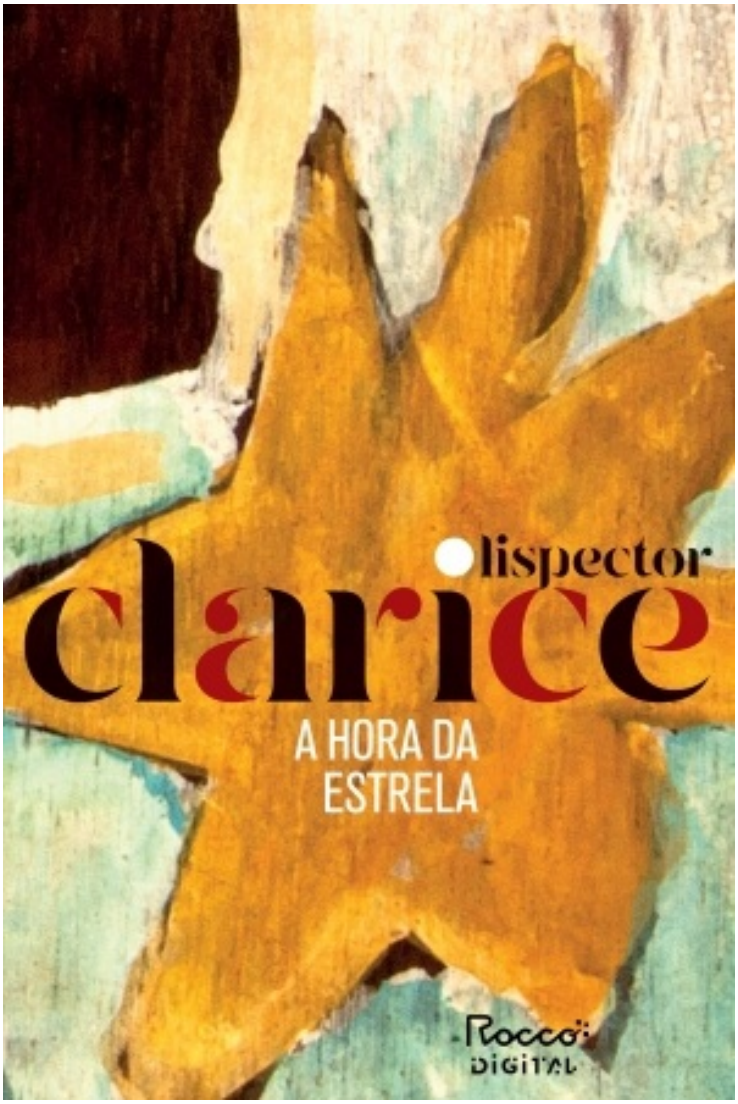
O primeiro guerreiro

Gomes, Helena
9788581224671

Compre agora e leia (Publicidade)

Conheça a história de Kirian, o primeiro dos guerreiros eloras que renasceram no reino medieval de Britanya. Filho de Couchet, última bruxa da Ilha Média, e tendo como mentor o misterioso elfo, Razeel, o rapaz terá seu primeiro e definitivo confronto com os temidos nergals. *O primeiro guerreiro,* sequência de *A herança da bruxa,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



A hora da estrela

Lispector, Clarice
9786555950236
88

Compre agora e leia (Publicidade)

Pouco antes de morrer, em 1977, Clarice Lispector decide se afastar da inflexão intimista que caracteriza sua escrita para desafiar a realidade. O resultado desse salto na extroversão é *A hora da estrela,* o livro mais

surpreendente que escreveu. Se desde *Perto do coração selvagem,* seu romance de estreia, Clarice estava de corpo inteiro, todo o tempo, no centro de seus relatos, agora a cena é ocupada por personagens que em nada se parecem com ela.

A nordestina Macabéa, a protagonista de *A hora da estrela,* é uma mulher miserável, que mal tem consciência de existir. Depois de perder seu único elo com o mundo, uma velha tia, ela viaja para o Rio, onde aluga um quarto, se emprega como datilógrafa e gasta suas horas ouvindo a Rádio Relógio. Apaixona-se, então, por Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino, que logo a trai com uma colega de trabalho. Desesperada, Macabéa consulta uma cartomante, que lhe prevê um futuro luminoso, bem diferente do que a espera.

Clarice cria até um falso autor para seu livro, o narrador Rodrigo S.M., mas nem assim consegue se esconder. O desejo de desaparecimento, que a morte real logo depois consolidaria, se frustra.

Entre a realidade e o delírio, buscando social enquanto sua alma a engolfava, Clarice escreveu um livro singular. *A hora da estrela* é um romance sobre o desamparo a que, apesar do consolo da linguagem, todos estamos entregues.
— **JOSÉ CASTELLO**, *Jornalista, escritor e Mestre em Comunicação pela UFRJ*

"Esfinge, feiticeira, monstro sagrado. O renascimento da fascinante Clarice Lispector tem sido um dos verdadeiros eventos literários do século 21. Ninguém soa como Clarice. Ninguém pensa como ela. Ela não apenas parece dotada de mais sentidos do que os cinco conhecidos, mas também curva a sintaxe e a pontuação de acordo com sua vontade. Ela vira o dicionário de cabeça para baixo, soltando todas as palavras de suas definições, espalhando-as de volta como quer e não é que a língua parece melhor?" — **THE NEW YORK TIMES**

Compre agora e leia (Publicidade)